GRAHAM BOWLEY

# MORTE E VIDA NO K2

## O RELATO DE UM DOS MAIORES DESASTRES NA HISTÓRIA DO MONTANHISMO



"A narrativa hábil e cuidadosa de um dia turbulento, contada em tempo real. Fatalidade por fatalidade... devastador." — *The New York Times*

OBJETIVA

GRAHAM BOWLEY

# MORTE E VIDA NO K2

## O RELATO DE UM DOS MAIORES DESASTRES NA HISTÓRIA DO MONTANHISMO

*Tradução*
Carlos Leite da Silva

OBJETIVA

© 2010, Graham Bowley
Todos os direitos reservados

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
*No Way Down: Life and Death on K2*

Capa
Adaptação de Pronto Design sobre design original

Imagem de capa
© Lars Flato Nessa

Mapas
Matthew Ericson, 2010

Revisão
Fatima Fadel
Cristiane Pacanowski
Bruno Fiuza

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Filigrana

PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B783m

Bowley, Graham
Morte e vida no K2 [recurso eletrônico] : o relato de um dos maiores desastres na história do montanhismo/ Graham Bowley ; tradução Carlos Leite da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
recurso digital

Tradução de: *No way down: life and death on K2*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-390-0517-8 (recurso eletrônico)

1. Alpinismo - K2, Montanha (Paquistão). 2. Montanhas - K2, Montanha (Paquistão). 3. Alpinistas - K2, Montanha (Paquistão). 4. Alpinismo - Acidentes - K2, Montanha (Paquistão). 5. K2, Montanha (Paquistão) - Descrições e viagens. 6. Livros eletrônicos. I. Título.

13-02929 CDD: 796.522095491
CDU: 796.525(549.1)

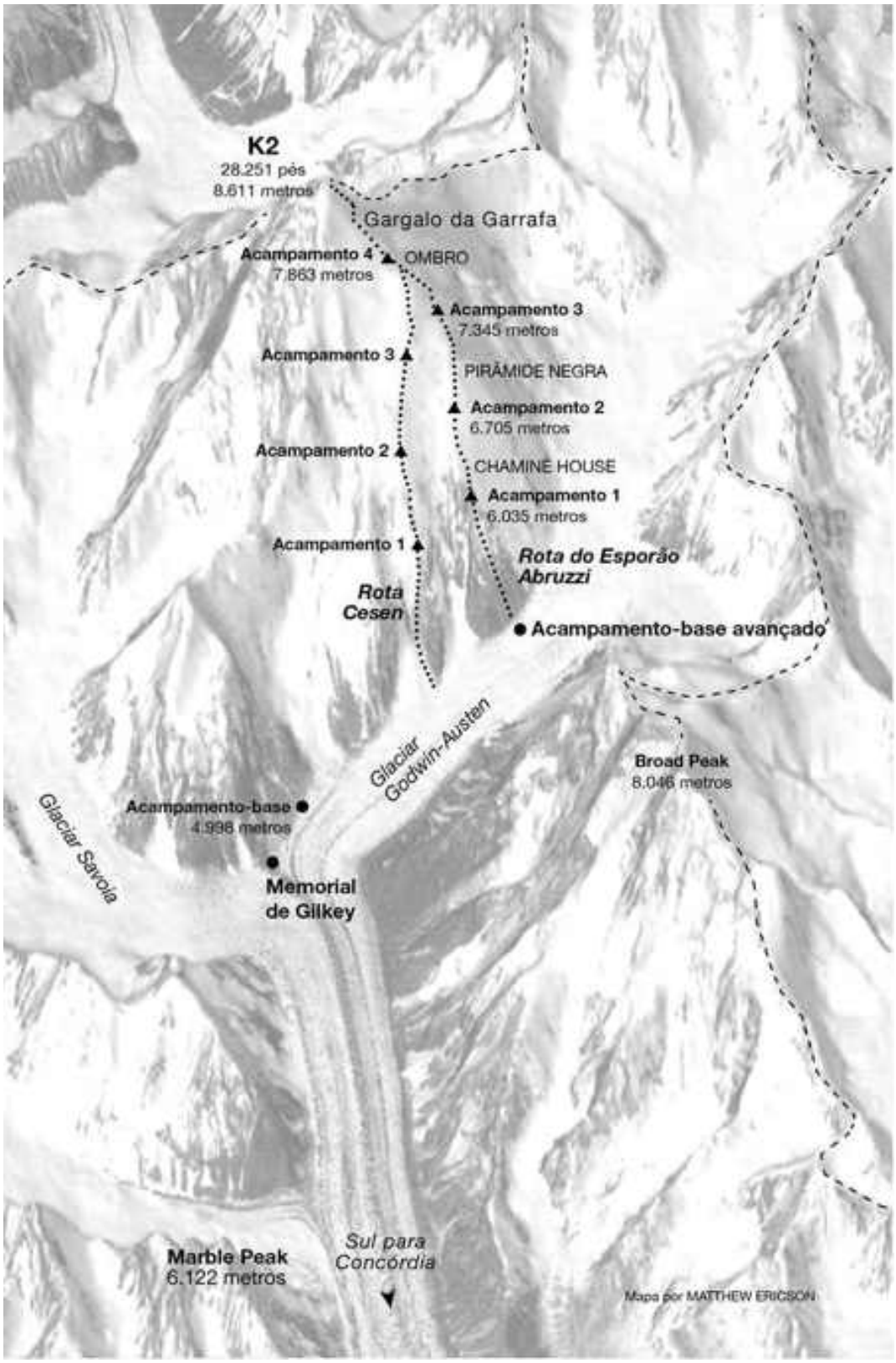
*A minha mãe, meu pai*
*e Chrystia*

"Cuidado com o homem cujo Deus está no céu."
– George Bernard Shaw, *Homem e super-homem*

"Atenta para voares pelo caminho do meio."
– Conselho de Dédalo a Ícaro, Ovídio, *Metamorfoses*

"Eu anseio por cenários onde o homem nunca tenha pisado."
– John Clare


CONTROLADO PELA
CHINA
CONTROLADO PELO
PAQUISTÃO
Glacier
Younghusband
MILHAS
1
2
NORTE


K2
28.251 pés
8.611 metros
Gargalo da Garrafa
Acampamento 4
7.863 metros
OMBRO
Acampamento 3
7.345 metros
Acampamento 3
PIRÂMIDE NEGRA
Acampamento 2
6.705 metros
Acampamento 2
CHAMINÉ HOUSE
Acampamento 1
6.035 metros
Acampamento 1
Rota do Esporão Abruzzi
Rota Cesen
Acampamento-base avançado
Glaciar Godwin-Austen
Broad Peak
8.046 metros
Acampamento-base
4.996 metros
Glaciar Savoia
Memorial de Gilkey
Marble Peak
6.122 metros
Sul para Concórdia
Mapa por MATTHEW ERICSON

# SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Mapa

Nota do autor

Alpinistas

Prólogo

Parte I - Cume

  Capítulo um

  Capítulo dois

  Capítulo três

  Capítulo quatro

  Capítulo cinco

  Capítulo seis

  Capítulo sete

Parte II - Descida

  Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Parte III - Serac

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Parte IV - Resgate

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Os mortos

Epílogo

Agradecimentos

Notas

Caderno de fotos

# NOTA DO AUTOR

A história de como um grupo multinacional de alpinistas ficou preso por uma avalanche no topo do K2 surgiu em minha tela na página do *New York Times* em 5 de agosto de 2008. Quando houve a confirmação de que 11 alpinistas tinham morrido ao cederem à paixão por esse caro esporte e que três deles finalmente desceram congelados, mas vivos, depois de passarem várias noites a céu aberto, minha primeira reação foi: Por que deveríamos nos importar com isso?

Quando meu editor sugeriu que eu escrevesse para o jornal sobre essa experência penosa, rejeitei a ideia – montanhismo nunca tinha me interessado –, embora na manhã seguinte minha história tenha aparecido na primeira página do jornal.

Foi somente após o site do *Times* ter sido inundado por comentários de leitores fascinados e após eu viajar ao exterior uma semana e meia depois para o funeral de um dos alpinistas que comecei a cogitar a possibilidade de que talvez houvesse mais a dizer sobre a história. Entrevistei alguns dos ainda abatidos sobreviventes, vi seus ferimentos e, devo admitir, fiquei inspirado pelo carisma dos aventureiros que haviam pisado em um mundo que eu não conseguia compreender e que tinham enfrentado a morte.

Comecei a entrevistar o maior número possível de alpinistas das expedições, assim como suas famílias e os especialistas em montanhismo que já haviam ido ao K2. Ao conversar com os sobreviventes, suas histórias eram frequentemente perturbadoras, dolorosas e às vezes incompreensíveis. Diante disso, um repórter de 39 anos que nunca tinha estado na cordilheira de Karakoram era um candidato inadequado para compreender o fascínio e os perigos do montanhismo moderno. No entanto, algumas das considerações que aparentemente poderiam me desqualificar, na verdade, jogaram a meu favor. Nesse ponto, os relatos já estavam se contradizendo e estava claro que a memória tinha sido afetada pela esmagadora experiência da altitude elevada, pela violência da experiência vivida pelos alpinistas e, em alguns poucos casos, talvez por vanglória, responsabilização e culpa. Eu me dei conta de que uma das vantagens que eu tinha para entender a história era minha objetividade e distância dos acontecimentos. E alguns dos alpinistas pareceram concordar. Em Stavanger, na Noruega, depois de passear por três horas pela cidade com Lars

Nessa, um incrível jovem alpinista norueguês, ele se virou para mim e disse: "Achamos que você é a pessoa certa para contar nossa história."

De qualquer modo, a essa altura eu já estava fisgado. Com esses homens e mulheres eu havia pisado num mundo estranho, em algum lugar acima do glaciar de Baltoro, e não podia voltar.

Quando comecei a trabalhar neste livro, queria escrever uma história que soasse dramática, como uma ficção, só que verdadeira. Eu daria vida ao K2 pelos olhos dos corajosos alpinistas que estavam em busca de seus sonhos nesse incomparável pico no Himalaia. Recriar os últimos dias de 11 pessoas que jamais voltariam do K2 apresentava alguns desafios. O livro que escrevi se baseia em centenas de entrevistas com as muitas dezenas de pessoas envolvidas direta ou indiretamente na tragédia. Quando não conseguia determinar exatamente o que tinha acontecido nos desfiladeiros, entrevistava os alpinistas que estiveram próximos em momentos cruciais, ou pessoas experientes que tinham passado por situações semelhantes, ou familiares e amigos que conheciam bem os alpinistas. Em nenhum momento me baseei em conjectura; nos casos em que os relatos de primeira mão não eram possíveis, usei em meu conhecimento da personalidade dos alpinistas ou no máximo de evidências que consegui reunir ao longo de um ano.

Como meu objetivo era escrever um livro que recriasse as experiências dos alpinistas envolvidos na tragédia, eu precisava relatar diálogos. Com apenas algumas poucas exceções, os diálogos me foram relatados diretamente pelos envolvidos. Em muitas das cenas importantes, eu voltava para confirmar tudo, de modo a assegurar a exatidão, e isso com frequência estimulava as memórias ou levava as pessoas a repensar. Logo de início eu soube que seria essencial entrevistar os alpinistas o mais breve possível, antes que as lembranças desvanecessem, mas em alguns poucos casos, principalmente naqueles em que os alpinistas não sobreviveram, recriei o diálogo com base em minhas impressões das pessoas durante as entrevistas.

Conduzi pessoalmente a maioria das entrevistas, com conversas complementares por telefone ou e-mail. A partir desses materiais, escrevi o relato mais completo possível de uma história que envolve múltiplos pontos de vista. No final, porém, simplesmente não consegui resolver certas questões. Minha abordagem foi expor da forma mais precisa possível relato de cada alpinista, mesmo quando as histórias se contradiziam. Alguns dos aspectos mais cruciais da tragédia giram em torno desses pontos de conflito. Toda a

verdade do que efetivamente aconteceu naquelas neves de agosto, a 8.534 metros de altura, talvez nunca seja conhecida.

Num dia de junho, segui a trilha dos alpinistas do K2 e por algumas horas permaneci sob o sol frio no glaciar Godwin-Austen. Olhei mais de 3 quilômetros para o alto, na face sul, depois subi 60 metros até o Memorial de Gilkey, o monumento aos mortos do K2. Vendo de perto o pico, o Grande Serac (bloco de gelo gigante) e o Gargalo da Garrafa, contemplando sua beleza e seus desafios, pude começar a compreender por que esse corajoso grupo de homens e mulheres arriscaria suas vidas para escalá-lo.

# ALPINISTAS

Os nomes que aparecem em negrito indicam os alpinistas que realmente tentaram chegar ao cume em 1º de agosto de 2008.

EXPEDIÇÃO NORUEGUESA AO K2 – 2008
**Rolf Bae**
**Cecilie Skog** (líder)
**Lars Flato Nessa**
Oystein Stangeland

EXPEDIÇÃO HOLANDESA INTERNACIONAL AO K2, PATROCINADA PELA NORIT – 2008
**Wilco van Rooijen** (líder)
**Cas van de Gevel**
**Gerard McDonnell**
Roeland van Oss
**Pemba Gyalje**
Jelle Staleman
Mark Sheen
Court Haegens

EXPEDIÇÃO ITALIANA AO K2 – 2008
**Marco Confortola** (líder)
Roberto Manni

VOJVODINA – EXPEDIÇÃO SÉRVIA AO K2 – 2008
Milivoj Erdeljan (líder)
**Dren Mandic**
**Predrag Zagorac**
**Iso Planic**
Shaheen Baig
**Mohammed Hussein**
Mohammed Khan
Miodrag Jovovic

EXPEDIÇÃO AMERICANA INTERNACIONAL AO K2 – 2008

Eric Meyer
Chris Klinke
Fredrik Strang
**Chhiring Dorje**
Paul Walters
Michael Farris (líder)
Chris Warner
Timothy Horvath

FLYING JUMP – EXPEDIÇÃO SUL-COREANA AO ESPORÃO DE ABRUZZI DO K2

**Kim Jae-soo** (líder)
**Go Mi-sun**
**Kim Hyo-gyeong**
**Park Kyeong-hyo**
**Hwang Dong-jin**
**Jumik Bhote**
Chhiring Bhote
"Grande" Pasang Bhote
**"Pequeno" Pasang Lama**
Lee Sung-rok
Kim Seong-sang
Son Byung-woo
Kim Tae-gyu
Lee Won-sub
Song Gui-hwa

ALPINISTA INDEPENDENTE BASCO
Alberto Zerain

EXPEDIÇÃO INDEPENDENTE AO K2, COM LIDERANÇA FRANCESA

**Hugues d'Aubarède** (líder)
**Karim Meherban**
Qudrat Ali
Jahan Baig
Nicholas Rice

Peter Guggemos

ALPINISTA INDEPENDENTE SÉRVIO
Joselito Bite

OUTROS ALPINISTAS INDEPENDENTES
Nick Nielsen
Christian Stangl
George Egocheago

EXPEDIÇÃO FRANCESA "TGW" AO K2 – 2008
Yannick Graziani
Christian Trommsdorff
Patrick Wagnon

EXPEDIÇÃO SUNNY MOUNTAIN AO CHOGORI
George Dijmarescu (líder)
Rinjing Sherpa
Mingma Tunduk Sherpa
Mircea Leustean
Teodora Vid

EXPEDIÇÃO DE ALTA MONTANHA AO K2
Dave Watson
Chuck Boyd
Andy Selters

EXPEDIÇÃO DE CINGAPURA AO K2 – 2008
Robert Goh Ee Kiat (líder)
Edwin Siew Cheok Wai
Ang Chhiring (Xerpa)
Jamling Bhote

EXPEDIÇÃO ITALIANA AO BROAD PEAK [K3] E A NANGA PARBAT
Mario Panzeri
Daniele Nardi

# PRÓLOGO

**Sexta-feira, 1º de agosto de 2008, duas da manhã**

Eric Meyer ergueu o corpo cansado de dentro da barraca dos americanos e saiu para o golpe de 20 graus negativos da manhã.

Usava um macacão vermelho, e a boca e o nariz estavam cobertos pela máscara de frio para grandes altitudes fornecida por seu patrocinador. Alguns metros a sua frente estava o sueco Fredrik Strang, colega de Meyer na equipe americana; seu 1,88 metro volumoso em uma roupa de escalada roxa, e a mochila pendia com a câmera de vídeo Sony de quase 6 quilos.

Estava um breu. Não havia lua. Meyer colocou os grampões nas botas e sussurrou um pedido. *Mantenha-me seguro.* "Vamos dar o melhor de nós", disse em voz alta a Strang.

Os dois homens assentiram com a cabeça e então fincaram as botas nas trilhas de neve firme. As trilhas levavam montanha acima, onde podiam ver as lanternas de cabeça dos 29 alpinistas das oito equipes, pontos brilhantes no Ombro da montanha.

– Não baixe a guarda – disse Strang. Ele lançou seu piolet no ar e o agarrou, apenas para ter certeza de que estava acordado.

Esperaram por esse momento por quase dois meses. Agora estavam prontos.

A mais de 600 metros acima deles, o cume ainda estava oculto na noite, o que provavelmente era algo bom. Logo o sol se ergueria sobre a China. Os dois homens entraram na fila acima do acampamento 4, a cerca de 7.900 metros, o último acampamento antes do cume; a respiração estava ofegante no ar de baixa pressão e os ventos dos últimos dias tinham desaparecido, exatamente como suas previsões haviam prometido. Seria uma manhã perfeita no K2, e Meyer, um anestesista de 44 anos de Steamboat Springs, Colorado, estava confiante de que suas habilidades em enfermidades e ferimentos de alta altitude não seriam necessárias.

A equipe de Meyer era uma das oito expedições internacionais que estavam partindo para o último dia de subida do K2, com 8.611 metros, a segunda maior montanha da Terra. O K2 é quase 244 metros mais baixo que o Everest, o pico mais alto do mundo, mas é considerado muito mais difícil e mais mortal.

Ele é mais íngreme e suas faces e cristas tombam abruptamente em todos os lados sobre glaciares quilômetros abaixo. Fica a 8 graus de latitude ou 888 quilômetros mais ao norte que o Everest, e estende-se pela fronteira entre o Paquistão, a sudoeste, e a China, a nordeste, e, longe do ar quente do oceano, seu clima é mais frio e notoriamente mais imprevisível. Ao longo das décadas, levara dezenas de alpinistas iludidos a se perderem em fendas ou simplesmente os varria de seus flancos, sem qualquer aviso, durante tempestades repentinas.

No entanto, a mortalidade do K2 era parte da atração. Para um alpinista sério e ambicioso, o K2 era o prêmio maior. O Everest foi infestado por expedições comerciais, por pessoas que pagavam para serem içadas pelas encostas, mas o K2 continuava com sua aura de mistério e perigo e a ser a montanha do alpinista. As estatísticas provavam isso. Apenas 278 pessoas tinham conseguido chegar ao cume do K2, em contraste com os milhares que haviam chegado ao topo do Everest. De cada dez alpinistas que conseguiram chegar, um não sobreviveu à dura experiência. No total, o K2 tinha matado pelo menos 66 alpinistas que tentavam escalar seus flancos, um índice de morte muito superior ao do Everest. E dos que presumivelmente tocaram as neves do cume, apenas 254 conseguiram descer vivos.

Aguardando em sua barraca no acampamento 4 na noite anterior, Meyer tinha experimentado algumas sombrias horas de inquietação, quando os xerpas gritaram que as outras equipes tinham se esquecido do equipamento que haviam prometido trazer; podia ouvi-los vasculhando as mochilas atrás de cordas, parafusos de gelo e mosquetões extras. Embora houvesse cordas fixadas na montanha desde a base até o acampamento 4, as expedições ainda tinham de fixá-las na parte mais importante, uma ravina de neve, gelo e o Gargalo da Garrafa. Os xerpas tinham acabado de descobrir que um dos melhores carregadores de altitude (HAPs, em inglês) paquistaneses, que deveria conduzir a equipe avançada de fixação de cordas, tinha tossido sangue no acampamento 2 e já tinha descido.

Finalmente os xerpas ficaram em silêncio, e Meyer supôs que tivessem encontrado o que precisavam. A essa altura, todos já estavam acordando. Nas barracas ao redor, os despertadores tocavam, havia som de pessoas tossindo, se espreguiçando, fechando as roupas, e de parafusos de gelo tinindo e lanternas de cabeça sendo ligadas. O pânico tinha acabado.

No entanto, quando a equipe avançada finalmente partiu, ao ouvir o barulho das botas sobre a neve do lado de fora da tenda, Meyer teve a

impressão de que já estavam atrasados, e tempo era a última coisa que queriam perder na montanha.

Passava das cinco da manhã quando Meyer e Strang subiram juntos o Ombro, uma crista de elevação constante e neve espessa, com cerca de 1,5 quilômetro de comprimento. Picaram a neve com seus piolets. A neve, compactada, não rachou. Ladearam as fendas iluminadas pelos fachos de luz das lanternas; algumas gretas tinham metros de largura. Mais à frente, no escuro, havia uma fileira de varas de bambu com fitas vermelhas atadas na ponta. As estacas tinham sido colocadas ali para guiar os alpinistas na volta ao acampamento 4, mais tarde naquela noite. Mas havia apenas um punhado delas.

Os dois homens não falavam muito, mas de poucos em poucos minutos Meyer fazia questão de chamar Strang, para verificar sinais dos efeitos da grande altitude: um tropeço ou um resmungo.

– Como você está?

– Estou bem! – dizia Strang em voz alta.

Depois de meia hora, chegaram ao início das cordas colocadas pela equipe avançada. Os dois homens ficaram surpresos ao encontrá-las num ponto tão baixo da trilha. *Estranho.* O Gargalo da Garrafa ainda estava muito distante e essas encostas não eram tão perigosas para um alpinista experiente. As cordas obviamente tinham sido colocadas ali para guiar os alpinistas no caminho de volta. O primeiro grupo deve ter calculado que teria corda suficiente para chegar ao ponto onde ela era realmente necessária.

Meyer carregava sua própria aljava de varas de bambu, que ele pretendia fincar a intervalos para orientar a viagem de volta. Strang tinha trazido mais de 900 metros de linha de pesca Spectra fluorescente para atar entre as varas. Mas agora deixaram o equipamento em suas mochilas. *Não era necessário.*

Encolhendo os ombros, Meyer e Strang continuaram a caminhar. Às 6h30 o sol se levantou, revelando o Gargalo da Garrafa. Era a primeira vez que viam a ravina tão de perto. Era assombrosa, mais assustadora do que podiam ter imaginado. A cerca de 270 metros à frente deles, sua base elevava-se do Ombro, subindo depois mais algumas centenas de metros num ângulo de 40 ou 50 graus e estreitando-se entre escadas de rochas marrons, sujas e quebradas, em ambos os lados, esquerdo e direito.

Meyer podia perceber que aquela era uma mistura de rocha, gelo e neve não confiável. A outros 150 metros à frente, elevava-se para a esquerda, em direção

a uma ala horizontal chamada de Travessa, uma íngreme face de gelo que se estendia uns 60 metros ao redor da montanha, exposta a uma queda de milhares de metros abaixo.

Diretamente acima do Gargalo da Garrafa estava o serac – a extremidade saliente de um glaciar suspenso –, uma onda congelada cintilante e vibrante ao bater contra a encosta, uma montanha de gelo suspensa com mais de 180 metros de altura, altas como edifícios de Manhattan e com cerca de 800 metros de comprimento. Alguns trechos eram lisos, mas outros, grandes, eram repletos de rachaduras e fendas.

Esse era o caminho para o cume, e por todo o Gargalo da Garrafa e pela maior parte da Travessa os alpinistas tinham de escalar sob o serac. Havia outros caminhos para o cume do K2 – pelo lado norte da China, por exemplo, ou por uma trilha lendária e quase impossível pela face sul, chamada Linha Mágica –, mas a trilha pelo Gargalo da Garrafa e sob o serac era a via mais consagrada, mais fácil e, possivelmente, mais segura, desde que o serac permanecesse estável.

O glaciar movia-se à frente lentamente, ano a ano. Quando atingia um ponto crítico, partes da face de gelo desmoronavam, derrubando grandes blocos pelo Gargalo da Garrafa abaixo. Nenhum alpinista gostava de imaginar o que aconteceria se estivesse no caminho. Nas últimas décadas houvera muitos relatos de avalanches no glaciar, mas nos últimos anos o Grande Serac do K2 estava calmo.

A luz do dia ganhava força e revelava as formas e texturas mutantes do glaciar, transformando suas cores do cinza ao azul e ao branco conforme as sombras frias recuavam. Ela revelava a Meyer e Strang a verdadeira natureza do serac, algo que os primeiros alpinistas não teriam visto porque tinham entrado no Gargalo da Garrafa ainda na escuridão. A Meyer pareciam cubos de gelo gigantes, empilhados uns em cima dos outros, e o gelo tinha fissuras profundas de cima a baixo.

– Cara, isso está quebrado! – disse Meyer amedrontado.

Eles tinham examinado fotografias no acampamento-base, tiradas um mês antes, que mostravam rachaduras, mas aquilo estava muito pior.

Quando o contorno da montanha emergiu no amanhecer, Meyer conseguiu ver claramente, pela primeira vez, a sinuosa fila de alpinistas acima. Esperava encontrar uma procissão ordenada de corpos movendo-se ravina acima e já

passando pela Travessa. Em vez disso, viu algo que o fez se deter: um feio congestionamento de gente ainda nos trechos inferiores do Gargalo da Garrafa.

Apenas um alpinista parecia ter avançado bem. Ele estava sentado próximo ao topo do Gargalo da Garrafa, num casaco vermelho, esperando que a confusão se resolvesse lá embaixo.

O que tinha causado o atraso? Quando Meyer e Strang se aproximaram, gritos acima pediram mais corda.

– A corda acabou!

Finalmente, a situação se esclareceu: o grupo avançado ainda não tinha conseguido fixar as cordas até o alto da ravina e os alpinistas que seguiam atrás já o tinha alcançado.

Durante as duas semanas anteriores, as expedições haviam feito reuniões de cooperação nas barracas no acampamento-base. Tinham feito um acordo detalhando a sequência de quem escalaria e quando. O excelente grupo de liderança, com cerca de uma dezena dos melhores xerpas, carregadores de altitude e alpinistas de cada equipe, fixaria cordas ao longo do Gargalo da Garrafa, e o restante das expedições seguiria rapidamente através da ravina, sem demora. O arranjo tinha a intenção de evitar superlotação no Gargalo da Garrafa. Sabiam que era essencial sair de baixo do serac o mais rápido possível.

*Bem*, pensou Meyer, *tanta coisa para dar nisso.*

Todos pareciam se olhar e pensar no que fazer em seguida. Após um tempo, alguns alpinistas embaixo começaram a se curvar para cortar as cordas e passá-las para o alto. Logo a espera chegou ao fim e a fila começou novamente a subir, embora lentamente.

Até aquele momento, Meyer não tinha se dado conta do grande número de pessoas tentando escalar a montanha: uma das maiores concentrações de alpinistas a tentar alcançar o cume do K2 num mesmo dia. Uns poucos já estavam voltando – porque sentiam frio, pelo mal da montanha ou porque esse não era seu dia de sorte. Uns 27 ou mais ainda se dirigiam ao cume. Parecia mais um dia movimentado, como aqueles nas temporadas de 2004 ou 2007, quando dezenas de pessoas chegaram ao topo. Meyer imaginou as condições lá em cima. Todo mundo se metendo no caminho. Coreanos, holandeses, franceses, sérvios e uma série de outras nacionalidades. Poucos falando a mesma língua. E provavelmente estavam tão preocupados em evitarem-se uns aos outros que não estavam prestando atenção no quanto era tarde nem

estavam olhando para o glaciar ao alto para estudá-lo adequadamente. *Droga.* Não estavam vendo o quanto parecia perigoso.

Meyer observou a fila de alpinistas esforçando-se para subir e teve uma sensação de desconforto no estômago. A seu lado, Strang disse em voz alta:

– Merda, está tarde.

Tiraram as mochilas e se sentaram na neve, olhando para o serac no alto e, abaixo dele, o Gargalo da Garrafa.

– Não tem jeito de ultrapassar aquela multidão – disse Meyer. – Vamos ficar presos atrás deles.

Fizeram um cálculo. Na atual velocidade das expedições, chegariam ao cume à tarde, talvez no começo da noite. Pôr do sol. Os alpinistas estariam voltando pelo Gargalo da Garrafa no escuro.

Para Meyer, isso multiplicava o risco por mil. Aquela já era a mais perigosa escalada do mundo. Descer pelo Gargalo da Garrafa na escuridão era inaceitável. Ele sabia que todos ali tinham um limite de horário para chegar ao cume – não mais que três ou quatro da tarde. O que tinham na cabeça?

Ele sentiu a coragem ir embora.

Mas voltar era difícil, tão doloroso depois das semanas de trabalho árduo na montanha. Como todo mundo, ele tinha investido milhares de dólares e quase um ano de sua vida preparando-se para vir ao Paquistão.

Talvez pudesse retornar ao acampamento 4 e tentar novamente no dia seguinte. Mas, na realidade, subir a essas altitudes exauria tanto uma pessoa, expunha o corpo a tanta dor, que teriam de descer até acampamentos mais baixos para se recuperarem antes de tentarem novamente. No entanto, a temporada de escalada estava terminando. Eles já tinham adiado essa tentativa de chegar ao cume por causa do mau tempo. Não havia tempo sobrando. Aquela era provavelmente a única chance de Meyer. Se perdessem essa oportunidade, teriam de esperar mais um ano. E quem disse teria outra chance?

Juntos, ele e Strang analisaram todas as possibilidades. Tinham conseguido chegar ao Ombro do K2. Estariam jogando fora a grande chance de escalar a montanha de seus sonhos?

Strang pegou a câmera e começou a filmar o serac e os alpinistas debaixo dele. Meyer tirou algumas fotos. Os alpinistas no Gargalo da Garrafa mal se moviam.

Eles se lembraram da chuva que tinha caído em sua primeira semana no acampamento-base, um acontecimento estranho para o K2 em junho. Depois houve as semanas de vento, céu nublado e neve se acumulando. E hoje o sol tinha nascido num céu claro e azul. Em pouco tempo estaria escaldante lá em cima. Se o serac quebrasse, seria por causa da gravidade puxando-o para baixo. O gelo também era suscetível às diferenças entre o calor do dia e o frio da noite, o que podia fazer o gelo se expandir e depois se contrair, aumentando a probabilidade de uma avalanche. Não confiavam no serac.

Guardaram as coisas e arrastaram-se por uma hora e meia pelas neves do Ombro até sua barraca no acampamento 4. Eram mais ou menos dez da manhã. O dia estava perfeito. Ao seu redor havia centenas de montanhas estendendo-se por todas as direções, brancas e cintilando ao sol.

O acampamento estava tranquilo e silencioso. Ficava sobre um platô do Ombro e, comparativamente falando, havia espaço para todas as barracas, mais do que em alguns dos acampamentos mais baixos, onde o espaço era racionado e barracas ficavam em saliências ou eram reforçadas contra os ventos por cordas e varas.

Tinham esperado encontrar algo em torno de uma dúzia de alpinistas andando ao redor das barracas, absorvendo os raios, afiando os grampões, aguardando por ali. No acampamento-base, alguns montanhistas tinham dito que achavam que o bom tempo ia se firmar e por isso planejaram subir para o acampamento 4 um dia depois dos outros, para evitar a multidão e tentar o cume no dia 2 de agosto. A segunda equipe coreana estaria subindo em breve, junto com dois australianos: um dos colegas de Meyer e outro da expedição holandesa, que tinha sido deixado de fora da primeira subida ao cume pelo líder de sua expedição.

Mas os outros alpinistas estavam dentro de suas barracas ou ainda enfrentando as encostas do caminho do acampamento 3. Meyer e Strang viram apenas uma pessoa, um italiano. Tinha retornado mais cedo por causa do mal de montanha. Ele colocou a cabeça para fora da barraca, próxima à deles. Sua jaqueta de escalada tinha uma etiqueta "Fila" afixada e logomarcas de outros patrocinadores. Ele acenou e depois fechou a barraca.

Meyer não pôde evitar olhar para trás e vislumbrar mais uma vez o Gargalo da Garrafa. A cerca de 1,5 quilômetro, os alpinistas eram pontos distantes, subindo em fila. Agora estavam mais adiantados na ravina, a cerca de dois terços do caminho. Ainda estavam perigosamente próximos uns dos outros.

Dessa distância não pareciam estar se movendo. Com certeza logo dariam meia-volta. Será que queriam morrer?

Os dois homens entraram na barraca, que tinha apenas 1,2 metro de altura, sem espaço para se ficar de pé. Tiraram os macacões; os forros estavam úmidos de suor. Pegaram o rádio, do tamanho de uma xícara grande de café, e se jogaram sobre os sacos de dormir, que estavam estendidos no chão. Tomaram um gole de água da garrafa. Estava quente dentro da barraca. Não estavam muito a fim de conversar. Logo teriam de começar a pensar na descida. Levariam um dia inteiro.

Mais ou menos uns vinte minutos depois, enquanto ainda estavam descansando, ouviram um grito leve. Vinha de muito longe. Strang achou tê-lo ouvido de novo.

Saíram da barraca para inspecionar a montanha, mas nada havia mudado desde a última vez que tinham olhado. A fila de alpinistas ainda estava no Gargalo da Garrafa. O rádio estava silencioso.

Então o italiano falou com hesitação. Seu nome era Roberto Manni.

– Estou vendo! – disse ele, apontando para a montanha, o rosto vermelho. – Estou vendo!

A 800 metros de distância, na base do Gargalo da Garrafa, aproximadamente a 180 metros abaixo da principal fila de alpinistas, um corpo despencava pelo gelo. Um alpinista tinha caído.

A pequena figura negra foi perdendo velocidade e parou logo abaixo de algumas pedras.

Meyer e Strang correram uns poucos metros e observaram atentamente o Gargalo da Garrafa.

A figura estava com a cabeça apontada para baixo da escarpa.

Imediatamente, começou uma conversa nervosa pelo rádio.

– Foi uma queda muito feia! – Meyer ouviu alguém dizer. – Ele está vivo. Ainda está se mexendo. É um dos sérvios.

# Parte I

# CUME

**Sexta-feira, 1º de agosto**

"Quem dera todos pudessem contemplar esse oceano de montanhas e glaciares. A noite será longa, mas linda."
– Hugues d'Aubarède, K2, 31 de julho de 2008

"O K2 não é para ser escalado."
– Filippo de Filippi, do relato autorizado da expedição italiana de 1909

# CAPÍTULO UM

Siga pelo leste ao longo de trilhas poeirentas partindo do vilarejo de Askole e em três dias vislumbrará uma maravilha do mundo, o glaciar de Baltoro, polvilhado de rochas, e um desfile de montanhas de granito em ocre e preto, cobertas de neve e cingidas por nuvens.

Eric Meyer e as outras equipes passaram por essa rota em 2008, entrando no interior do Karakoram, o coração da mais alta cadeia de montanhas do mundo. A cordilheira de Karakoram faz parte do Himalaia ocidental e forma um divisor de águas entre o subcontinente indiano e os desertos da Ásia Central. Ali, quatro picos com mais de 7.900 metros ficam a 24 quilômetros um do outro. Entre um pouco mais nesse território de gelo e morena e finalmente, depois de três dias, surge, acima de todos esses imponentes gigantes, o K2, a segunda mais alta montanha do mundo.

O modo como o K2 ganhou seu nome tornou-se lenda. Em setembro de 1856, um pesquisador britânico do Grande Projeto de Topografia Trigonométrica da Índia, tenente Thomas G. Montgomerie, escalou um pico na Caxemira carregando teodolito, um quartzo e uma prancheta topográfica. Sua tarefa era determinar a fronteira imperial do Raj.

Duzentos e vinte e cinco quilômetros ao norte ele viu duas montanhas imensas, que esboçou em seu caderno em tinta, acima de sua própria assinatura ondulada e imponente. Ele as chamou de K1 e K2. O "K" de Montgomerie significava Karakoram. (Ele registrou desde o K1 até o K32 e assinalou a altura do K2 em 8.619 metros, apenas 8 metros a mais.) Mais tarde se descobriu que o K1 tinha um nome local, e ficou registrado nos mapas como Masherbrum. Mas o K2 não tinha, por esse motivo o nome de Montgomerie pegou.

Cinco anos depois da visita do tenente, outro robusto e severo construtor do império britânico, Henry Haversham Godwin-Austen, chegou mais perto do K2, tornando-se o primeiro europeu a subir ao glaciar de Baltoro. Em reconhecimento por seu feito, uma moção foi proposta, em 1888, à Royal Geographical Society em Londres, para que o K2 "no futuro seja conhecido como pico Godwin-Austen". A moção foi rejeitada, mas o nome permaneceu em alguns mapas e matérias de jornal até meados do século XX. Ele carregava

traços coloniais, no entanto, e no fim "K2" venceu, embora o nome de Godwin-Austen ainda identifique o glaciar ao pé da montanha.

Após os pesquisadores imperiais, logo apareceram exploradores e viajantes ocidentais, invadindo ainda mais profundamente esse maravilhoso reino em botas com tachas, ternos de tweed e saias. Dois visitantes proeminentes – um casal norte-americano, William Hunter Workman e sua esposa, herdeira e sufragista da Nova Inglaterra, Fanny Bullock Workman – estavam fazendo uma viagem de bicicleta pela Índia, em 1898, quando decidiram visitar o Himalaia. Anos depois, exploraram o glaciar de Siachen a sudeste do K2 e fizeram as primeiras escaladas de vários cumes do Karakoram. O casal era famoso. William era um cirurgião aposentado que acreditava que ninguém poderia sobreviver a uma noite acima de 6.700 metros, e Fanny tinha o irritante hábito de gravar suas iniciais e a data de sua passagem nas paredes das montanhas, bem como afastar o tráfego de pessoas com chicote e revólver.

Em 1902, uma expedição de seis homens, formada por suíços, austríacos e bretões, fez a primeira tentativa profissional de chegar ao K2. Entre eles estava o alpinista e ocultista Aleister Crowley, que alguns anos depois assumiria o nome de "666" e cujo estilo incomum lhe rendeu o título de "Homem mais perverso do mundo" na imprensa britânica, e um lugar, anos depois de sua morte, na capa do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles.

Após uma caminhada de nove semanas, carregando 3 toneladas de bagagem, incluindo volumes da biblioteca de Crowley, a expedição fez cinco tentativas de chegar ao cume. Ele preferiu uma rota pelo contraforte do lado sudeste da montanha, mas os alpinistas defenderam uma mudança para o cume nordeste. Chegaram a 6.400 metros pela lateral do K2. Mas o esforço fracassou quando, entre outras coisas, um dos austríacos desfaleceu com um edema pulmonar – um agudo mal da montanha que envolve acúmulo de líquido nos pulmões. Crowley, desapontado, semidelirante e sofrendo ele próprio de febre malária e calafrios, ameaçou um de seus colegas com um revólver e foi desarmado com uma joelhada no estômago. A expedição retornou transtornada, embora tivessem avançado no K2 do que qualquer um.

A montanha exercia um grande fascínio. Em 1909, sete anos após a tentativa de Crowley, foi a vez do príncipe Luigi Amedeo de Savoy-Aosta, o duque de Abruzzi. Filho do rei da Espanha e neto de um rei da Itália, Amedeo era um montanhista fanático que dez anos antes carregara dez armações de cama para o glaciar Malaspina, no Alasca. (Ele também era originário da região

da Itália que, duas décadas depois, Ernest Hemingway tornaria famosa em *Adeus às armas*.) Quando o duque visitou o American Alpine Club, no Astor Hotel, em Nova York, o salão de bailes foi decorado em sua homenagem: "grandes blocos de gelo moldados como montanhas, com homens amarrados em cordas escalando suas encostas", segundo uma matéria no *New York Times*. Ele escolheu o K2 porque era relativamente não mapeado, mas tinha outro objetivo. Queria bater o recorde mundial de altitude que, na época, era de dois noruegueses.

Cercando sua viagem de grande sigilo, ele viajou incógnito até Londres para obter suprimentos. Supostamente, o sigilo devia-se ao fato de que não queria que ninguém alcançasse o K2 primeiro. Mas, segundo alguns livros de história, ele também vinha fugindo de um romance muito público (na imprensa norte-americana) com Katherine Elkins, a filha rica, ruiva e amazona de um senador dos Estados Unidos, Stephen B. Elkins, da Virgínia Ocidental. O duque provavelmente tinha conhecido os Elkins em Roma, para onde viajaram no verão a fim de comprar antiguidades, mas as duas famílias se opunham ao romance.

O duque partiu de Marselha no *Oceana*, um navio a vapor da P&O, com 6,5 toneladas de bagagem, com destino a Bombaim e dali para o K2, para a glória da Itália e da Casa dos Savoia. Estava acompanhado por Vittorio Sella, um fotógrafo de montanhas de 50 anos cujas placas de vidro e emulsões renderiam algumas das mais belas fotos já tiradas do K2.

A equipe do duque, composta por dez homens, passou por Srinagar, onde o governador britânico do local despediu-se dele enviando uma escolta real de shikaras, ou canoas, vivamente decoradas, cada uma remada por 15 homens. Ele viajou em meio ao luxo: os sacos de dormir da expedição tinham quatro camadas, uma de pelo de camelo, uma de penugem de êider, uma de pele de carneiro e uma camada exterior de lona à prova de água. Seu primeiro vislumbre da montanha foi em Concórdia, uma zona de confluência de dois grandes glaciares a poucos quilômetros do centro de um anfiteatro de picos. O assombro do duque fica evidente em sua descrição. Era *l'indiscusso sovrano della regione*, declarou ele: "um indiscutível soberano da região, gigantesco e solitário, oculto à vista humana por inúmeras cordilheiras, zelosamente defendido por um vasto aglomerado de picos variados, protegido da invasão por milhas e milhas de glaciares."

Recebendo suprimentos de Urdukas, um acampamento vários quilômetros abaixo do glaciar de Baltoro, com um fornecimento de ovos frescos, carne, água, combustível, correspondência e jornais, o duque e sua comitiva seguiram parte do caminho pela aresta sudeste, uma nervura de rocha que se elevava diretamente acima do que viria a ser chamado de glaciar Godwin-Austen. A rota que seguiu se tornaria a principal via para futuras escaladas da montanha e levaria para sempre o nome do duque: o esporão de Abruzzi. Enquanto passava, deu nome a outros marcos do K2 em honra à sua expedição, como um Adão moderno descobrindo um novo mundo: o desfiladeiro Negrotto, nome do ajudante pessoal do duque; o desfiladeiro Sella; e o glaciar Savoia.

O duque acabou por bater o recorde de altitude ao escalar parte do caminho de outro pico próximo, o Chogolisa. Mas ficou frustrado com a inclinação aparentemente insuperável do K2 e retornou depois de atingir 6.100 metros, declarando que o K2 o tinha derrotado e que permaneceria eternamente inconquistável.

"Após semanas de investigação, após horas de contemplação tentando descobrir o segredo da montanha, o duque finalmente se viu obrigado a se render à convicção de que o K2 não é para ser escalado", escreveu Filippo de Filippi, um biólogo e médico que acompanhou o duque e escreveu o livro sobre a expedição.

Coube a outra expedição italiana provar, anos depois, que o duque estava errado.

Nos anos imediatamente posteriores à Segunda Guerra Mundial, as hostilidades podiam ter terminado ao redor do mundo, mas ainda havia as rivalidades nacionais na arena do Himalaia. Em 1950, uma expedição de alpinistas franceses foi a primeira no mundo a escalar um pico acima de 7.900 metros ao chegar ao cume do Annapurna I, no Nepal. Em 1953, o monte Everest, o mais alto de todos eles, foi conquistado pelos ingleses; a notícia do acontecimento chegou a Londres na noite da coroação da rainha Elizabeth II e foi motivo de celebração nacional.

Na primavera de 1954, foi a vez de a Itália engrandecer sua reputação nacional e reformular seu temor pós-guerra, quando uma expedição chegou ao Paquistão para conquistar as escarpas do K2.

A expedição era composta por 11 alpinistas, quatro cientistas, um médico, um cineasta, dez carregadores de altitude hunzas e quinhentos carregadores

adicionais. Juntos eles levaram nos ombros mais de 13 toneladas de suprimentos, incluindo 230 cilindros de oxigênio suplementar.

O autocrático líder da expedição, Ardito Desio, era um geógrafo e geólogo de Palmanova, no nordeste da Itália. Homem ambicioso, foi apelidado de Il Ducetto, ou Pequeno Mussolini, pelos membros da equipe. Para demonstrar sua séria intenção, antes de se aproximar a pé, Desio e três companheiros circundaram a montanha num DC-3. O exército paquistanês auxiliou sua aproximação construindo pontes sobre as ravinas, e, num eco da guerra precedente, instou seus alpinistas nas encostas, pelo rádio no acampamento-base, a tornarem-se "campeões de sua raça". Ao entrarem pelo terreno despovoado do vale circundante, alguns dos carregadores tiveram cegueira de neve depois que Desio se recusou a os equiparem com óculos de sol adequados. Os carregadores chegaram a encenar uma revolta, mas foram aplacados por cigarros e gorjetas e pela intervenção do oficial de ligação militar, coronel Ata-Ullah, embora alguns deles depois tenham roubado farinha e o biscoitos da equipe.

A escalada em si foi notável pelo uso de um guindaste de aço e 300 metros de cabos de aço para içar suprimentos pesados montanha acima. E após 63 dias de preparação – e da morte de Mario Puchoz, um alpinista de 36 anos e guia de montanha de Courmayeur, em virtude de complicações inicialmente diagnosticadas como pneumonia, mas posteriormente aceitas como edema pulmonar –, à noite de 30 de julho de 1954 dois alpinistas haviam alcançado 7.900 metros e estavam mais ou menos a um dia de escalada do topo.

À primeira luz da manhã, os dois homens, Achille Compagnoni, um alpinista da Lombardia, com 40 anos, o preferido da expedição de Desio, e seu parceiro de 28 anos, Lino Lacedelli, de Cortina d'Ampezzo, escalaram em direção ao cume. Em certo ponto, Compagnoni escorregou e caiu, mas aterrissou em neve macia. Em outro, Lacedelli, ao remover as luvas para limpar os óculos, descobriu que os dedos estavam brancos e insensíveis. Os dois homens estavam carregando pesados tubos de oxigênio. A 183 metros do cume, no entanto, sentiram tontura; o gás tinha acabado e eles tiraram as máscaras.

Acreditando que acima de 8.500 metros a vida sem oxigênio era impossível por mais de dez minutos, eles aguardaram o fim. Quando o fim não veio e eles descobriram que podiam respirar, os dois seguiram em frente, com dificuldade,

embora tivessem entrado num estado alucinatório, ambos acreditando que Puchoz, seu colega morto, os estava seguindo logo atrás.

Poucos minutos antes das seis horas da tarde, a encosta ficou plana; eles se deram os braços e, dizendo "Juntos", pisaram no cume. O K2 tinha sido derrotado. O *New York Times* publicou a história no dia 4 de agosto de 1954: "Italianos conquistam o segundo mais alto pico do mundo; o monte Godwin-Austen, na Caxemira, é escalado num esforço de 76 dias."

—

De volta à Itália, a expedição foi recebida com uma previsível onda de fervor patriótico; um selo foi emitido em homenagem aos alpinistas, e eles foram recebidos pelo papa Pio XII. Seguiram-se também décadas de ressentimento pelo modo como a chegada ao cume havia ocorrido.

Na noite anterior à chegada ao cume, Compagnoni tinha montado o acampamento final mais alto que o combinado com o resto da equipe, e o escondeu atrás de uma rocha. Ele fez isso porque havia um número limitado de equipamentos de oxigênio e ele não queria que outro alpinista, Walter Bonatti, que vinha subindo junto com um carregador hunza chamado Mahdi, tomasse seu lugar. Bonatti era um montanhista talentoso, mais jovem, e menos favorecido pelo líder, Desio, e pelas instituições de escalada italianas.

Em consequência do esconderijo, Bonatti e Mahdi foram obrigados a passar a noite a céu aberto, sobre uma pequena saliência de gelo, na lateral da montanha. Eles de fato tinham levado os equipamentos de oxigênio para o cume e os deixaram na neve. Mahdi, que não estava usando botas de escalada adequadas, teve de descer às pressas, desesperadamente, à primeira luz do dia. Ele sobreviveu, mas perdeu metade de ambos os pés em virtude de geladura, e também quase todos os dedos.

O rancor durou anos na Itália. Bonatti veio a se tornar um dos mais bem-sucedidos e respeitados alpinistas de sua geração, e os montanhistas geralmente aceitam essa versão dos acontecimentos. Nos anos 1960, Compagnoni revidou, afirmando que Bonatti tinha esvaziado os tanques de oxigênio, com isso arriscando as vidas dos dois homens que chegaram ao cume. Ele disse que Bonatti também tinha convencido Mahdi a acompanhá-lo até o acampamento final prometendo-lhe, falsamente, tentar chegar ao topo. Bonatti ganhou um processo por difamação contra um jornalista que publicou as afirmações de Compagnoni. Desio retornaria ao Paquistão em 1987 para decidir finalmente a

questão de qual pico era o mais alto, o K2 ou o Everest. (Um astrônomo da Universidade de Washington tinha anunciado que novos dados fornecidos por um satélite da Marinha mostravam que o K2 poderia ser 243 metros mais alto que o Everest; usando uma tecnologia melhor, Desio e seus colegas descobriram ser o contrário.) Ele também enfrentou perguntas sobre se tinha escondido a verdade acerca do que tinha acontecido na montanha.

Apesar do rancor, o feito da equipe italiana ainda estava de pé. Quase cem anos após o primeiro vislumbre do K2 por Thomas Montgomerie, dos Engenheiros Reais, o homem tinha finalmente chegado à neve no topo do K2.

## CAPÍTULO DOIS

### 10h30

O topo do Gargalo da Garrafa estava tão lotado que Dren Mandic ficou nervoso.

O montanhista solitário próximo ao topo, o basco Alberto Zerain, tinha subido na frente de todos pela ravina íngreme e depois desapareceu rapidamente dentro da passagem diagonal da Travessa. Alguns xerpas e uma fila de sul-coreanos tinham seguido logo atrás dele. Mas os coreanos tinham ficado lentos demais e depois de meia hora pararam de se deslocar, o que gerou esse acúmulo de pessoas lá embaixo, no Gargalo da Garrafa.

Mandic aguardava próximo ao topo da ravina. Parou sobre uma pequena saliência rochosa no lado direito enquanto esperava para atravessar para a boca da Travessa, do lado oposto. Parado, rígido e impaciente, em um macacão preto e um casaco vermelho, ele esperava em meio a um pequeno grupo de alpinistas – quatro, cinco, seis, mais – que estavam descansando, alguns sentados, com os casacos desabotoados e os freios fora da corda, aquecendo-se no calor da manhã.

Ele olhou para as costas dos montanhistas enfileirados adiante dele na Travessa. Depois da Travessa, as equipes teriam de escalar por um longo campo de neve, a cerca de 8.380 metros, que, após outras três ou quatro horas exaustivas, os levaria até o cume.

Mandic se virou e olhou para baixo, a fila ainda mais longa estendendo-se pelo Gargalo da Garrafa como peças de dominó. Os alpinistas usavam jaquetas grandes, levavam piolets e bastões de esqui e carregavam mochilas com telefones e rádios. Por trás de óculos escuros e barbas e sobrancelhas brancas de gelo, eram desconhecidos uns aos outros; alguns usavam máscaras de oxigênio.

Mandic percebeu que a multidão estava deixando os xerpas inquietos. Num lugar eles tinham enfiado dois piolets nas rochas acima de um parafuso de gelo e amarrado dois pedaços curtos de corda ao redor dos cabos dos piolets e no parafuso abaixo, para tirar algum peso de cima dele.

Os alpinistas na parte inferior da fila alguns metros abaixo ainda estavam se deslocando lentamente para cima. Enfiaram os cabos das piquetas na neve e puxaram seus ascensores – equipamentos metálicos de ascensão que se

prendem a cordas fixas. Mas logo o inevitável aconteceu e eles avançaram contra a multidão. A frustração de todos estava ficando descontrolada. O líder da expedição holandesa, Wilco van Rooijen, esbravejou.

– O que está acontecendo? – gritou.

Montanhista profissional, Wilco tinha sido um dos personagens de destaque ao longo dos últimos poucos meses no acampamento-base, um dos principais organizadores da cooperação entre equipes.Vestia um macacão laranja, e era magro, de peito largo, tinha cabelos grisalhos e arrepiados, olhos azuis e usava um brinco de prata na orelha esquerda. Era a terceira vez que tentava escalar o K2. A primeira tentativa tinha sido em 1995, mas perdera a consciência numa queda de rocha; ele quebrou o ombro e perdeu 1,5 litro de sangue. Esse ano havia retornado com uma equipe forte, com oito homens e um patrocínio de 100 mil euros de uma empresa holandesa de purificação de água, a Norit. Era um homem impaciente e queria êxito.

– Andem logo! – gritou, na cadência de seu sotaque holandês.

Acima de todos, a menos de 15 metros de Mandic, pairava a fronte do serac, azul e suando no calor. Mal chegava o meio da manhã e o sol já ardia no céu azul.

—

Mandic, 31 anos, tinha vindo para a montanha com uma equipe sérvia de cinco homens e seus três carregadores de altitude paquistaneses, uma das primeiras expedições sérvias ao K2.

Havia Predrag, ou Pedja, Zagorac e Iso Planic, provavelmente o mais experiente entre eles. Zagorac era de Belgrado e Planic, de Subotica. Havia também Milivoj Erdeljan, seu líder grisalho, que não escalava, mas orientava os encarregados como um pai a partir do acampamento-base. Sua voz tranquilizadora era sempre ouvida pelo rádio. Um quinto membro da equipe, que havia ajudado com o patrocínio, tinha se juntado a eles em julho.

Dos três alpinistas sérvios, Mandic era o menos experiente. Em Subotica ele pertencia ao clube de montanhismo Spider. Já havia escalado o monte Ararat, na Turquia, e no verão anterior tinha chegado ao cume do Broad Peak, o grande vizinho do K2, mas esta era sua única experiência no Himalaia.

Nenhum dos sérvios era alpinista profissional – poucas pessoas o são na Sérvia. Mandic trabalhava como carpinteiro em Subotica, mas estava convencido de que tinham se preparado bem. Obtiveram financiamento do

Ministério dos Esportes, bem como de empresas privadas de Belgrado. Tinham uma estação móvel de previsão do tempo e, na Sérvia, dois meteorologistas estavam de sobreaviso. Achavam que não podiam estar em melhores condições físicas. Afinal, tinham sido avaliados e aprovados no Instituto de Esportes da Província, em Novi Sad; e no acampamento-base, Erdeljan tinha mandado seus homens, na maior parte dos dias, subir e descer as íngremes fendas do glaciar Godwin-Austen para manter a forma. Os sérvios tinham trazido dez barracas para a montanha e 1.700 metros de corda.

Como a maioria das equipes daquele ano, os sérvios tinham percorrido 800 quilômetros desde Islamabad, a capital do Paquistão, até Skardu, uma poeirenta cidade no território nordeste do país. Dali seguiram num jipe apertado, numa viagem de mais um dia até Askole, um vilarejo com casas feitas de tijolos de barro e um dos povoados mais próximos do K2. Depois, tinham seguido a pé por uma semana, passando por riachos transbordantes e glaciares quebradiços, sempre esticando o pescoço para vislumbrar o pico distante. Durante a trilha de Askole, uma das mulas quebrou a perna.

Nas semanas seguintes, as diferentes expedições nacionais tinham começado a se conhecer bem. Trabalharam lado a lado nas escarpas, enfrentando desmoronamentos de pedras e tempestades, parafusos de gelo soltos, canelas arranhadas e barracas esmagadas pela neve. No acampamento-base ao pé do K2, uma pequena cidade de barracas multicoloridas assentada sobre o glaciar Godwin-Austen, 4.720 metros acima do nível do mar, bateram papo enquanto comiam carne de iaque e beberam o chá doce dos hunzas. Aprenderam técnicas uns com os outros, compartilharam histórias e se gabaram de conquistas de picos menores – Annapurna, Chogolisa, Masherbrum –, enquanto do lado de fora as rajadas gélidas do Godwin-Austen movimentavam-se e chicoteavam.

O K2 tinha dado lembretes claros de seus perigos. Devido à altitude, no acampamento-base, um dos oficiais de ligação militar paquistaneses – cada equipe tinha de ter um para se qualificar para a licença – teve um acúmulo de líquido nos pulmões; um dos carregadores dos sérvios tivera de transportá-lo, num carrinho de mão, até o acampamento militar de Concórdia. Depois, durante uma escalada de treinamento até um dos acampamentos mais altos, um desmoronamento de pedras caíra sobre os três sérvios. Mandic se deitou e colocou a mochila sobre a cabeça enquanto uma das pedras maiores – com pelo menos 45 quilos – saltou sobre ele.

Mandic e Zagorac ficavam com frequência na barraca-cozinha, onde faziam especialidades sérvias, bolinhos e rosquinhas caseiras de ameixa vojvodineanas – só que sem ameixa; tiveram de se contentar com geleia de morango. Ainda assim, eram deliciosos. Durantes as noites, Mandic ficava invariavelmente na barraca-refeitório, jogando cartas ruidosamente com os carregadores paquistaneses. Mandic, que tinha um amor especial pela natureza, contou-lhes sobre o trabalho voluntário que fazia no zoológico municipal de Subotica. Mantinha aranhas, pássaros e todo tipo de criaturas exóticas em seu apartamento, onde vivia com a namorada, Mirjana. Concluíra o serviço militar na Sérvia. Nunca se mudara de Subotica, mas era inquieto e gostava de viajar, especialmente para lugares como o K2.

Ao longo das semanas, os sérvios e as outras equipes montaram acampamentos em locais cada vez mais altos, de modo a se acostumarem à altitude e se sentirem mais confortáveis respirando o ar rarefeito. Assim as dores de cabeça provocadas pela altitude não eram tão debilitantes, pelo menos depois de tomarem um punhado de comprimidos.

Durante os dias, as equipes fixaram milhares de metros de corda às rochas e ao gelo como um corrimão, para que não precisassem encarar a montanha sem auxílio. Seguiram por duas rotas – uma sobre o esporão Abruzzi e outra chamada rota Cesen, ambas se encontrando perto do Ombro. As equipes ataram a montanha exatamente como os iaques conduzidos pelos carregadores desde Askole tinham sido atados em cordas pelos cozinheiros paquistaneses; suas gargantas foram cortadas no gelo e a carne armazenada em buracos no gelo do glaciar para os montanhistas comerem. E a dança dos carregadores baltis sob o clarão de tochas no festival de Aga Khan era como a celebração da conquista de algum animal mítico.

Então os líderes de cada expedição convocaram reuniões de cooperação, realizadas nas barracas-refeitório dos sérvios e coreanos, para discutir a logística. Os alpinistas sabiam que estavam em número grande demais para subir em movimento descoordenado. Ao redor de uma grande mesa verde, definiram quem levaria as cordas e até quem forneceria o número exato de parafusos de gelo, de varas de bambu ou de linha de pesca.

– Estamos trabalhando como uma equipe única – disse Pemba Gyalje, um xerpa nepalês da equipe holandesa que participava da reunião. Aparentemente tinham feito a multidão funcionar a seu favor, o que era uma realização e tanto em meio a tantas línguas e egos concorrentes.

Gyalje bateu com o punho para dar ênfase.

– Uma equipe – disse ele. *Não muitas.*

—

Na subida da montanha durante a investida final até o acampamento 4, as equipes escalaram as cordas e as frágeis escadas de arame de alumínio suspensas na Chaminé House, uma fissura vertical de 45 metros de altura em um despenhadeiro de pedras vermelhas abaixo do acampamento 2. Seu nome era uma homenagem ao americano Bill House, que a tinha escalado em 1938. E haviam escalado a famosa Pirâmide Negra, um grande promontório de pedras acidentadas e cascalho abaixo do acampamento 3.

A essa altura, ventos imprevistos haviam soprado. Durante a noite, as rajadas tinham quase arrancado as barracas do chão. Os alpinistas se agarraram aos sacos de dormir, convencidos de que iriam morrer. Os ventos tinham rasgado uma das barracas e lançado no precipício uma mochila cheia de equipamentos pertencente a um montanhista sérvio, independente.

O principal guia sérvio, um homem chamado Shaheen Baig, vomitou sangue em sua barraca na estreita saliência do acampamento 2. Enquanto algumas equipes, como a dos sul-coreanos, trouxeram xerpas do Nepal, de avião, os sérvios contrataram três carregadores de altitude locais – os carregadores geralmente vinham de regiões próximas ao norte, como Shimshal. Durante a tempestade, os sérvios ouviram, acima do rugido do vento, a tosse seca e intermitente de Baig. Ele possuía a valiosa experiência de ter chegado ao cume do K2 quatro anos antes. Mas não houve outra opção; Baig tivera de descer.

O resto da equipe sérvia seguiu em frente, mas na manhã seguinte os outros dois carregadores dos sérvios, Mohammed Khan e Mohammed Hussein, admitiram que durante a tempestade tinham se esquecido de empacotar a comida de todos, portanto não havia salsichas nem biscoitos para Mandic e seus colegas, embora tenham encontrado doces e sopas em uma mochila e pedido emprestado uma tigela de macarrão a Alberto Zerain. Naquela altitude, no entanto, se deram conta de que na verdade não sentiam fome.

Então, na encosta íngreme do acampamento 3, Khan se queixou de dor de cabeça. Tomou ibuprofeno e conseguiu chegar ao acampamento 4; partiu com os sérvios nessa manhã. Khan deveria carregar dois cilindros de oxigênio para eles até o topo do Gargalo da Garrafa e depois voltar. Os sérvios estavam

usando oxigênio suplementar – o aparato de respiração era um sistema de fabricação russa –, e cada alpinista tinha dois cilindros de 5 quilolitros. Mas Khan tinha parado a cerca de 45 metros do topo do Gargalo da Garrafa e se recusado a continuar, queixando-se de que não conseguia respirar. Planic insistiu para que ele continuasse, mas Mandic e Zagorac pegaram os dois cilindros de oxigênio que o carregador estava levando e dividiram sua mochila entre eles para que Khan pudesse descer. Os sérvios ficaram com dois carregadores a menos. Restava apenas Hussein.

Ao se deslocar na corda no topo do Gargalo da Garrafa, Mandic sentiu o peso extra que agora carregava. Ele e Zagorac tinham concordado em trocar para os cilindros de oxigênio cheios em algum ponto no topo da ravina. Isso se Zagorac conseguisse chegar. O amigo de Mandic estava preso, na fila do Gargalo da Garrafa.

Por que tudo estava tão lento? Não eram escarpas tão difíceis. Íngremes, sim. Cinquenta, 60 graus. Mas, na realidade, não mais difíceis do que as que os sérvios haviam escalado no Broad Peak.

Era a altitude que dificultava a escalada. Era alto, 8.230 metros. Estavam na área que os alpinistas chamavam de Zona da Morte, a região situada aproximadamente entre os 7.300 e 7.600 metros em que a pressão do ar é bem menor do que ao nível do mar e a falta de oxigênio rapidamente esgota a força muscular e o funcionamento mental humanos. Muitos alpinistas só ousavam se aventurar nessas altitudes – quase na estratosfera – com a proteção de cilindros de oxigênio nas mochilas e com o bocal das máscaras fixado sobre suas bocas e seus narizes. Outros, como as equipes americana e holandesa, preferiam confrontar a montanha sem auxílio. Queriam conquistá-la em seus próprios termos. De outro modo, para que fazer? Mesmo os alpinistas que, como Mandic, usavam oxigênio suplementar estavam conscientes de que tinham de chegar ao cume e descer em apenas poucas horas. Não podiam demorar; o tempo corria antes que seu oxigênio acabasse. A altitude afetava alguns mais que outros, mas após um curto período de tempo mesmo o mais resistente tinha dificuldade para pensar mais que uns poucos passos à frente. Os corpos se fechavam. Já não se podia mais confiar na própria mente.

E além de estar na Zona da Morte, não se podia confiar na neve. Mandic olhou para a superfície áspera sob suas botas. Era possível ver o gelo azul brilhando sob a neve. Um alpinista despreparado poderia escorregar facilmente, e a queda era longa. Provavelmente sensato era ir devagar. Esse

atraso era ridículo. A equipe sérvia tinha calculado que estaria no cume por volta das nove e meia. Shaheen Baig tinha dito que isso era possível. Mandic desejou que Shaheen ainda estivesse com eles.

Mandic olhou para o relógio. Já eram 11 horas. De macacão, mal podia suportar o calor do dia. Olhou para o mar de montanhas brancas à sua volta, as escarpas riscadas por rochas marrons e pretas e coberturas de neve, trilhas de nuvens espalhando-se por entre os picos.

Estava tão quente, observou Mandic, que uma alpinista norueguesa chamada Cecilie Skog, que estava a poucos metros, tinha tirado sua jaqueta roxa. Pequena e bonita, a norueguesa usava óculos escuros e os longos cabelos encaracolados caíam do capacete até os ombros. Originário da costa ocidental norueguesa, a alpinista de 33 anos tinha vindo para o K2 com o marido, Rolf Bae, que não estava muito abaixo na fila da corda da ravina.

Entre 6 e 9 metros abaixo da pequena saliência onde Mandic esperava, três alpinistas se deixaram dominar pela frustração e resolveram o problema por conta própria. Soltaram-se da corda e começaram uma escalada livre em um canal de neve na lateral do Gargalo da Garrafa – como se não houvesse gelo com que se preocupar e nenhuma queda abaixo deles.

– Mas o que está acontecendo? – gritou Wilco van Rooijen, subindo pela lateral e passando por alguns dos alpinistas ainda na corda. Wilco deixou claro para quem quisesse ouvir que tinha investido muito dinheiro e tempo para chegar novamente ao K2 e não tinha uma ideia muito favorável sobre a perícia de algumas das outras expedições.

Na pressa, tentou passar o colega de Mandic, Iso Planic. Nesse momento, perdeu o equilíbrio e escorregou para trás, atingindo a jaqueta do sérvio com os grampões afiados da bota. Ele foi amparado pelos braços de um xerpa parado atrás dele, que agarrou sua jaqueta pela cintura. De boca aberta, Van Rooijen olhou chocado para Planic, cujo casaco tinha se rasgado no ombro esquerdo; o tecido interno para fora. A pele do sérvio também estava cortada.

Mandic notou a pequena confusão abaixo e tentou ver o que estava acontecendo. Mas logo sua atenção foi desviada quando a fila de alpinistas de repente começou a se mover do outro lado da Travessa.

Finalmente viu sua chance e saiu da saliência de rocha onde estava e foi para a alta parede de gelo. Então, para sua frustração, em poucos minutos a fila de alpinistas parou e ele ficou preso novamente pelo acúmulo de corpos à sua frente.

Olhando para trás, viu que o amigo Planic tinha subido para a saliência junto com a multidão que esperava. Em vez de se virar para a esquerda na direção da Travessa, o colega tinha subido para o lado oposto e se dirigido a um espaço livre, onde aparentemente iria tentar trocar aparentemente cilindro de oxigênio. Já tinha começado a tirar o cilindro da mochila.

Mandic achou uma boa ideia; deixaria a multidão e se juntaria ao amigo. Mas, quando se virou, deu de cara com Cecilie Skog. Haviam solicitado mais corda na Travessa, e Skog, que carregava uma extensão de corda sobre o ombro, seguia para lá, decidida. Dois tubos de oxigênio saíam da mochila em direção ao nariz. Ela disse algo sobre querer guardar a corda na mochila para atravessar.

– Eu ajudo você – disse Mandic, verbalizando as palavras através de sua balaclava e gesticulando com a mão.

Ela assentiu com a cabeça. *Obrigada.*

Mandic soltou o mosquetão da fila, para que Skog pudesse passar por ele, e colocou-se cuidadosamente atrás da mulher enquanto ela lhe virava as costas para que tivesse acesso à mochila. Ele passou a manga pela testa, úmida de suor.

Ao dar outro passo para passar por ela, Mandic sentiu a bota escorregar no gelo sob a neve e de repente sua perna voou. Mandic caiu em cima de Skog, derrubando-a sobre o gelo, corpo mergulhando pesadamente sobre o dela.

Gritos de alarme encheram o ar. Lá de baixo, o marido de Skog, Rolf Bae, gritou: "Cecilie!"

Emaranhados sobre a escarpa de gelo, Mandic e Skog começaram a escorregar. Estavam numa escarpa íngreme e dentro de poucos segundos estariam indo rápido demais para conseguirem parar. Abaixo deles estava a queda de 90 metros do rígido Gargalo da Garrafa e suas rochas afiadas.

Skog caiu por cerca de um metro, mas seu freio ainda estava preso à corda e a deteve. Mandic, no entanto, tinha se soltado. Enquanto Skog parava, ele continuou a escorregar, rapidamente.

—

Pelo canto do olho, Pedja Zagorac viu algo caindo. Escorregou ao longo da fila de alpinistas e ravina abaixo, como uma bala.

Então ouviu a gritaria.

– É o Dren! Dren! Dren!

Observou a figura escorregar ao longo do Gargalo da Garrafa, virando e, a partir de certo ponto, dando cambalhotas durante todo o percurso. Depois de aproximadamente 120 metros Mandic perdeu velocidade e parou.

Mandic ficaria bem, um dos alpinistas assegurou a Zagorac; nos Alpes, as pessoas caíam assim o tempo todo. Não era pior do que um tombo numa encosta de esqui. Alguns disseram que desceriam para ajudar o alpinista.

Mas enquanto falavam, Mandic se levantou. Estava acenando para eles? Zagorac foi tomado pelo alívio. Graças a Deus! Na queda, o amigo não tinha batido contra pedras ou qualquer outra coisa.

No momento seguinte, Mandic pareceu se curvar e escorregou novamente. Não tão longe desta vez, talvez uns 90 metros, mas passou por algumas pedras e, quando parou, permaneceu deitado sobre o gelo, sem se levantar.

Zagorac apertou os olhos para enxergar. Alguém na fila gritou:

– Ele está se mexendo! Mexeu a perna. Eu vi.

Zagorac podia ouvir as pessoas gritando em seus rádios. *Ele está se mexendo.*

Ele próprio se viu gritando, mas não estava certo do que estava dizendo. Estava chorando. Hussein, o carregador dos sérvios que estava perto dele, também gritava a plenos pulmões. Zagorac não perderia mais tempo. Os alpinistas que esperavam à sua volta abriram espaço; ele se virou de frente para a montanha e desceu de rapel, rezando por trás da respiração e esperando que não fosse tarde demais. Concentrou-se em respirar constantemente e mexeu as pernas rapidamente. *Que eu chegue a tempo.*

Levou cerca de 15 minutos, mas finalmente chegou ao fim da segunda extensão de corda fixa, onde Mandic estava deitado na neve, o corpo apontando para baixo da montanha. Ofegando pesadamente, Zagorac se ajoelhou ao lado do amigo. Observou o rosto pálido de Mandic. A cabeça estava bastante machucada. Havia muito sangue.

– Dren!

Não podia acreditar que isso tinha acontecido como o amigo. Zagorac virou Mandic e lhe aplicou respiração boca a boca. *Ó Deus! Ajude-me. Ajude Dren.*

A pele de Mandic estava quente. Zagorac esperou que ele respirasse. Colocou novamente a boca sobre os lábios abertos. *Vamos, Dren.* Pressionou os dedos contra o pescoço de Mandic em busca de pulsação, mas não conseguiu sentir nada. No minuto em que o viu, Zagorac soube que o amigo estava morto.

Após alguns minutos, Hussein e Planic desceram de rapel para se juntar a Zagorac. Todos olhavam confusos para o corpo de Mandic, tomando fôlego e se entreolhando.

O que vamos fazer?

Estavam nauseados. Pegaram o rádio para dar a notícia a Erdeljan, que soube imediatamente o que fazer.

– Desçam imediatamente! – A voz estalou pelo rádio. – A expedição acabou! Desçam!

De uma mochila, tiraram algumas bandeiras de patrocinadores e uma bandeira sérvia que tinham intenção de levar até o cume e colocaram-nas sobre o amigo, tentando esconder seus ferimentos aos olhares.

Zagorac e Planic amarraram uma corda de 9 metros ao cinto de segurança de Mandic. Iriam descê-lo e dar-lhe um enterro decente. Era incomum e perigoso baixar um corpo de um pico de 8.500 metros; uma primeira regra do salvamento em montanha era nunca permitir que uma pessoa ferida ou morta se tornasse a causa de múltiplos acidentes. Mas não iam deixá-lo ali.

A preparação para partir demorou mais tempo do que esperavam. Sentiam-se entorpecidos e trêmulos. Sempre souberam que a morte era uma possibilidade na montanha, especialmente no K2. Mas nunca imaginaram que fosse lhes acontecer.

Hussein pegou as mochilas e começaram a descer a escarpa em direção ao acampamento 4; Zagorac e Planic davam corda, cuidadosamente. O trabalho era pesado e eles falavam pouco.

Não demorou muito e eles viram uma figura sair do acampamento 4 e começar a subir na direção deles sobre o Ombro.

Enquanto isso, no Gargalo da Garrafa, um único alpinista vestido de amarelo surgiu do grupo de pessoas que esperavam nas cordas e começou a descer. Era um carregador de altitude balti que trabalhava para o francês Hugues d'Aubarède. De perto, pareceu a alguns alpinistas nas cordas que ele estava ligeiramente desorientado, como se estivesse sofrendo do mal da montanha. Ao passar pelas equipes na fila, abrindo e fechando o pequeno grampo metálico de seu ascensor, o carregador provocou gritos de protesto por parte de alguns, que disseram que o jumar só deveria ser usado para subir.

Ele respondeu com rudeza, dizendo que sempre fazia isso, e continuou a descer desajeitadamente pela ravina em direção ao grupo que cercava Mandic.

# CAPÍTULO TRÊS

## 11h30

Como recorde de escalada da montanha mais alta de cada um dos sete continentes já tinha sido reivindicado, Fredrik Strang viajara desde a Suécia até o K2 como uma primeira parada numa tentativa de escalar o *segundo* pico mais alto de cada continente – e fazer um documentário sobre escalada. No acampamento 4, uma das primeiras coisas que fez, quando a notícia da queda de Mandic se espalhou, foi preparar a câmera e apontá-la para o Gargalo da Garrafa. Deu um close, tentando localizar o montanhista caído.

Alguns dos outros alpinistas que saíram correndo de suas barracas também se sentiram compelidos a capturar o momento, inclusive Nicholas Rice, um norte-americano de 23 anos, de Los Angeles. Cinco horas antes, Nick Rice tinha retornado de uma tentativa de chegar ao cume, depois de ter derramado neve derretida nas meias e não conseguir se aquecer novamente; e agora começava a tirar fotos. Outras pessoas ergueram suas câmeras digitais, olhando pelas lentes para ter uma visão melhor.

Praguejando no ar gelado, Strang entrevistou Eric Meyer diante de sua câmera de vídeo.

– Tem gente morrendo lá em cima e não estamos fazendo nada! – disse Strang.

Ele e Meyer interromperam a filmagem para olhar para a longa e inclinada via do Ombro. Mandic tinha caído do Gargalo da Garrafa e estava deitado de bruços na ponta inferior de um afloramento de pedras. Se estivesse morto, eles sabiam que não subiriam. Mas, se houvesse esperança de ainda estar vivo, tentariam salvá-lo.

– Parece grave – disse Meyer.

Ele esperou e observou. O casaco de escalada do médico estava aberto e ele mascava chiclete. Disse que achava poder ver movimento nos braços e nas pernas de Mandic.

Uma voz veio do Gargalo da Garrafa pelo rádio. Era Chhiring Dorje, o xerpa da equipe americana.

– Sim, Chhiring, aqui é Eric no acampamento 4. O que aconteceu?

Como Pemba Gyalje na expedição holandesa, Dorje estava na casa dos 30 anos e era um xerpa estabelecido, com sua própria empresa de guia no Nepal. Tinha vindo ao K2 como alpinista por interesse próprio e em condições mais ou menos iguais às de Meyer e outros membros da equipe americana, embora Meyer tivesse lhe emprestado vários milhares de dólares para chegar até lá.

– Foi um dos sérvios; ele caiu – disse Dorje pelo rádio. – A perna ainda está mexendo.

Com o rádio pressionado à boca, Meyer comunicou a notícia a todos que estavam na frequência.

– Podemos ver uma figura na parte de baixo do Gargalo da Garrafa. Ele está se mexendo. Câmbio.

Após alguns minutos, no entanto, o corpo parecia imóvel. As vozes pelo rádio agora diziam que ele provavelmente estava morto. Mas Meyer achou que poderiam estar errados, já que era possível não sentir um pulso nessas temperaturas.

Tentaram decidir o que deviam fazer. *Devemos subir?* Já tinham subido ao Gargalo da Garrafa naquele dia e tinham de pensar em sua própria sobrevivência nessa altitude. Por outro lado, havia um ser humano lá em cima que precisava de ajuda.

Strang voltou ao rádio e falou com os alpinistas do acampamento-base e cujas mentes não estavam tão afetadas pela altitude quanto a sua. Perguntou se seria sensato tentar um resgate. Disseram-lhe que deveria tentar ajudar. *Vá rápido. Tome cuidado.*

Sabiam que era o certo a fazer.

– Se ele estiver vivo, não terá condições de caminhar – disse Meyer a Strang.

Muniram-se de corda extra, oxigênio, fitas de náilon tubular e um protetor de colchão para servir de trenó e arrastar Mandic. Também pegaram um frasco de água morna com eletrólitos, um saco de dormir térmico e algumas barrinhas energéticas. Strang guardou a câmera Canon menor. Meyer passou mais alguns minutos em sua barraca reunindo medicamentos – anfetaminas, para ajudar contra a altitude, analgésicos, material para sutura –, por isso Strang partiu primeiro.

Estava em boa forma, então seguiu rapidamente para o Ombro, bufando, sentindo o frio rasgar seus pulmões. Algumas pessoas, ao chegarem ao Ombro, veem o Gargalo da Garrafa, depois o serac e a parte superior da montanha

além, e dizem que parece outra montanha no topo da primeira, abaixo. Strang estava feliz por não precisar subir além do Ombro para arrastar o sérvio.

Após mais ou menos meia hora, notou os três alpinistas da equipe sérvia que tinham descido do Gargalo da Garrafa. Já tinham alcançado o colega caído. Strang desejou chegar a tempo de ajudar o pobre sujeito.

—

Strang levou uma hora e meia para subir dos 7.800 metros aos 8.100 metros. Quando estava a menos de 60 metros de distância do grupo, percebeu que já estavam puxando o sérvio.

Strang respirava com dificuldade quando os alcançou. Os dois sérvios, Predrag Zagorac e Iso Planic, seguravam a corda amarrada ao cinto de Mandic, e desciam o corpo pela montanha deslizando-o à frente, ou às vezes atrás. A maior parte de seus rostos estava coberta por balaclavas e óculos. Dois metros à esquerda, Hussein, o carregador paquistanês, mantinha distância – aparentemente incapaz de olhar para o corpo.

Strang disse aos sérvios quem era, mas eles reagiram com melancolia. Também pegou a câmera para filmar a cena. Quando os sérvios olharam para ele de forma interrogativa, Strang disse que precisava do filme para registro.

– Para que isso não se repita – disse ele. – Para que a gente aprenda sobre a natureza humana.

Também queria evitar ser acusado mais tarde de fazer algo errado.

– Agora tudo está registrado – disse ele. – Cada palavra.

O grupo fez uma pausa para descanso. Bebeu um pouco de água e comeu o chocolate que o sueco lhes deu. Strang perguntou o que tinha acontecido. Ele se ajoelhou e sentiu a pele fria de Mandic, mas estava claro que o sérvio estava morto. Uma terrível fratura atravessava o crânio de Mandic. Ele estava apenas parcialmente coberto.

Um dos sérvios disse que queriam levar o corpo até pelo menos o acampamento 4, e talvez até o acampamento-base.

Strang achou ter entendido mal, ou que o sérvio estava tendo alucinações. Levar o corpo até o acampamento-base seria quase impossível. Ele preferia ter deixado o corpo onde estava, mas os sérvios insistiram e ele teve piedade. O amigo tinha morrido. Estavam em choque.

– Olha vocês estão cansados – disse Strang, tentando raciocinar com eles. Os sérvios à sua frente e Hussein agachado ao lado. Estavam numa escarpa

íngreme e as montanhas ao redor eram lindas.

– Vocês têm oxigênio, mas eu não – disse Strang. – Vamos nos concentrar em chegar ao acampamento 4 e lá daremos a ele um enterro apropriado. Até isso é perigoso.

Os dois sérvios concordaram. Strang pegou os pedaços de corda, o colchonete, a fita de náilon e o saco de dormir para enrolar o corpo. Amarrou as cordas ao redor do peito de Mandic e disse aos outros para pegarem uma ponta da corda, que ele pegaria a outra. Mas advertiu aos sérvios de que se houvesse qualquer sinal de que Mandic estava escorregando além do controle, deveriam soltá-lo, a menos que quisessem ser arrastados para fora da montanha.

– Pessoal, se vocês caírem, soltem. Está bem? É a nossa vida que está em jogo. Certo?

Enquanto descansavam, uma figura vestida em amarelo se aproximava lentamente pela escarpa desde o Gargalo da Garrafa. Os sérvios disseram que o alpinista solitário os vinha seguindo havia algum tempo, mas que tinha permanecido cerca de 30 metros atrás deles. Pelo modo como estava vestido – chapéu e botas surrados e macacão de segunda mão, ao que parecia –, acharam que devia ser um dos carregadores paquistaneses. Quando o homem os alcançou, viram que era Jahan Baig, um carregador de altitude de 32 anos de idade, um dos três que trabalhavam para Hugues d'Aubarède.

Baig um fazendeiro, tinha dois filhos e uma filha. Era primo de Shaheen Baig. Era de Shimshal, a mesma aldeia de Shaheen e vários dos outros carregadores. A aldeia era tão pequena que Jahan, Shaheen e os outros carregadores de D'Aubarède, Qudrat Ali e Karim Meherban, tinham o mesmo avô. Qudrat, o mais experiente, tinha fundado uma escola de alpinismo em Shimshal, a qual seus primos haviam frequentado. Shimshal ficava a aproximadamente 160 quilômetros do K2, próxima à fronteira chinesa. Baig fora contratado por D'Aubarède depois que uma expedição de Cingapura o demitiu por ter se recusado a carregar equipamentos para um dos acampamentos mais altos no mau tempo. Nenhum xerpa nepalês teria de subir, o que Baig tinha dito ser injusto.

A atividade comercial de guia de montanha tinha menos tradição nesses flancos ocidentais do Himalaia do que no Nepal, onde a reputação dos xerpas tinha crescido ao longo dos anos. Mas carregadores como Baig e Qudrat Ali se esforçavam para criar uma tradição local que fosse lucrativa. Era uma chance de

ter uma vida decente e trazer moeda estrangeira para uma região pobre. No entanto, os carregadores eram muitas vezes considerados inferiores aos xerpas e às vezes havia rivalidade entre os dois grupos.

Diferentemente dos outros carregadores, que com frequência demonstravam extrema boa vontade agradar os clientes, Jahan Baig era menos afável. Raramente comia com os montanhistas em suas barracas, embora isso talvez se devesse ao fato de seu inglês ser ruim. Falava principalmente em balti ou urdu.

Foi encarregado de levar cilindros de oxigênio até o topo do Gargalo da Garrafa, e, uma vez concluída a tarefa, D'Aubarède tinha permitido que Baig descesse. Ele agora parecia estar sofrendo do mal da montanha. Mais cedo naquela manhã, antes de deixarem o acampamento 4, Baig tinha se queixado de náusea.

Na altitude, quando se entra na Zona da Morte e a pressão do ar diminui, o volume de oxigênio cai. Nos seres humanos, a falta de oxigênio resulta numa condição chamada hipoxia, que tem uma gama de sintomas debilitantes, incluindo dores de cabeça, insônia, vômito, falta de estabilidade, perda de habilidades motoras e cognitivas, raciocínio fraco e até alucinações.

Naquela manhã, um carregador havia mencionado que Baig estava agindo de modo estranho. D'Aubarède, que não conhecia bem o novo carregador, não notou nada de incomum. Depois, na barraca escura do acampamento 4, Baig disse que estava com dor de cabeça. D'Aubarède lhe deu aspirina e Diamox, um remédio para combater o mal da montanha. Baig disse se sentir melhor. Mas, quando apressavam-se para partir para o cume, levou 45 minutos para colocar os grampões, mesmo com a ajuda dos outros carregadores.

– Por que você está demorando tanto? – D'Aubarède perguntou, de pé na frente dele, ficando cada vez mais impaciente. – Você sabe escalar?

Agora, ao encontrar o grupo arrastando o sérvio morto, ele olhou nervosamente para a jaqueta de Zagorac, manchada com o sangue de Mandic.

– Desculpem – disse Baig balançando a cabeça. – Eu não vim para ajudar.

Zagorac disse que tudo bem.

– Estamos bem. Não precisamos de sua ajuda. Obrigado.

– Eu nunca vi um cadáver.

Zagorac encolheu os ombros e os outros ignoraram o carregador paquistanês. Mas, quando o grupo estava partindo, Baig deu um passo à frente e disse que, afinal, queria ajudar.

Strang olhou para ele desconfiado.

– Tem certeza de que está bem?

– Estou ótimo! – disse Baig, acenando com a cabeça. Ele falava rápido, orgulhosamente, como se receasse admitir a um ocidental que havia algo de errado.

Strang estava à direita do corpo de Mandic. O sueco era um homem dramático, cujas extravagâncias de autoexaltação nas escarpas com sua câmera às vezes irritavam os outros alpinistas. Era, declaradamente, um fanático por Indiana Jones. O que admirava no montanhismo era o fato de as ações terem importância. Ali no cadinho do deserto, as decisões tinham consequências. Agora encontrava-se numa situação em que um homem tinha perdido a vida e a segurança dos que estavam levando o corpo ainda estava em risco.

Havia duas extremidades de corda de cada lado de Mandic. Zagorac e Planic seguravam as extremidades no lado esquerdo do corpo e Strang e Baig, do lado direito. Este arranjo deixava o carregador sérvio livre para levar as mochilas. Strang fez um laço na ponta de sua corda para o cabo de seu piolet e deu instruções precisas: andar lentamente, manter uma distância segura entre cada um deles e puxar no mesmo ritmo. Suas vidas dependiam de que os quatro homens trabalhassem juntos. Eles assentiram entusiasticamente, em especial Baig.

A escarpa tinha aproximadamente 30 graus, embora mais à frente se tornasse menos íngreme sobre uma depressão de gelo. Essa parte do Ombro estava cerca de 200 metros à frente e de ambos os lados ela se inclinava e terminava abruptamente sobre uma queda perpendicular, para o leste em direção à China e para o oeste.

O gelo estalava como vidro e os homens avançavam com um passo calculado por vez. Strang dava as ordens, claramente irritando os sérvios. Mas o sueco estava satisfeito porque todos trabalhavam como uma equipe, permanecendo nivelados para que o corpo não escorregasse para a esquerda ou direita. Atrás de Strang, Jahan Baig mantinha uma distância de cerca de 5 metros, exatamente como Strang lhe havia instruído.

Descendo lentamente, os quatro alpinistas formavam uma silhueta contra o grande céu azul. Eles arrastaram o corpo por 9 metros como forma de teste, depois pararam para comer chocolate. O sistema de descida parecia estar funcionando, e eles partiram novamente.

Após cerca de 45 metros, Strang sentiu algo prender suas botas. Era Baig, que de repente tinha se aproximado demais.

– Você está tentando me tirar da corda? – gritou Strang, afastando Baig com brutalidade.

– A culpa não é minha! – disse Baig, dando um passo para trás e começando a discutir.

Strang se virou, mas sentiu que havia algo estranho, algo errado na voz do carregador. Antes que pudesse protestar – *De quem é a culpa, então?* –, um peso extra pareceu cair sobre sua corda, como se Baig não estivesse mais a puxando.

– Fique atrás de mim! – gritou Strang.

Sem uma pressão uniforme em todas as cordas, o corpo de Mandic começou a descer ligeiramente mais rápido e a se mover para a esquerda.

– Pare! – gritou Strang. – Pare!

Os sérvios também estavam irritados com Baig, e gritavam, mas o carregador não parecia estar registrando. Perceberam que havia algo muito errado com ele. Obviamente estava em pior condição do que tinha admitido, do que tinha se dado conta. Estava tentando fazer a coisa certa, mas a altitude o tinha afetado. Ou também estava chocado com a morte de Mandic, como todos eles.

Strang viu que Eric Meyer estava a apenas 60 metros abaixo. Assim que os alcançasse, pensou, o colega americano poderia substituir Baig.

No entanto, de repente Strang foi empurrado para a frente. Baig tinha tropeçado na neve e batido contra as costas do sueco. Quando se virou, Baig estava estatelado sobre o gelo.

Strang estava no limite.

– Levanta – disse ele. – Levanta!

Quando Baig começou a escorregar, Strang esperou que o carregador se virasse e fincasse o piolet no gelo ou fizesse algo para parar, mas ele continuou a escorregar de costas. A corda que ele ainda estava segurando ficou presa nas pernas de Strang e começou a puxar o sueco.

– Largue a corda! – gritou Strang.

Os sérvios agora também gritavam com o carregador, mas Baig apenas olhou para eles, uma expressão desnorteada.

– Solta a corda! – gritou Strang novamente. Não se importava com o que acontecesse. Queria apenas que ele largasse. – Solta a corda!

Baig soltou-a. Em poucos segundos, deslizou 3 metros, depois 4. Estava sentado e as botas escorregavam primeiro. O gelo estava escorregadio e ele deslizava rápido. Strang não podia acreditar. Por que ele não tentava parar? Por que não fazia algo?

– Pare! – gritou Strang. – *Meu Deus! Pare! Pare!*

Em vez disso, os grampões de Baig fincaram na neve e ele tombou desajeitadamente sobre a barriga. A impressão era de que perderia impulso quando a depressão ficou menos íngreme. No entanto, Baig deslizou para a esquerda, espalhando o equipamento, o cilindro de oxigênio, as luvas e depois a mochila, ganhando cada vez mais velocidade.

Perceberam que Baig seguia na direção da lateral leste da montanha. Ao fim da escarpa havia uma borda bem-definida. Além dela, podiam ver o glaciar bem abaixo.

Todos gritavam, insistindo para que Baig tentasse parar ou ir para a direita, na direção do acampamento 4. A esta altura, Meyer tinha quase os alcançado e estava parado, gritando freneticamente também.

– Vire! – gritou Meyer. – Para lá!

Mas Baig continuou a deslizar. À beira do abismo, ele gritou. Depois desapareceu e o silêncio os envolveu.

—

Strang, Zagorac, Planic e Hussein permaneceram ao lado do corpo de Mandic, encarando o espaço entre a borda de gelo e o céu azul onde o carregador paquistanês tinha caído. As respirações estavam pesadas, tossiam e tentavam assimilar o que tinha acabado de acontecer.

Estavam todos impressionados. Ninguém queria acreditar que agora havia duas mortes na expedição ao K2.

– O que foi isso? – disse Strang debilmente, a voz ficando rouca. Ele começou a tremer. Cobriu o rosto e começou a chorar. – Um cara morreu. Eu vim até aqui para ajudar vocês.

Quando Meyer os alcançou, consideraram ir em busca de Baig, mas imediatamente se deram conta de que seria suicídio. Era uma queda de aproximadamente 300 metros até o glaciar.

– Vamos descer – disse Meyer. A voz transparecia cansaço e resignação.

Mas, como médico, primeiro tinha um dever a cumprir, e examinou cada um dos sérvios, examinando seus olhos enquanto fazia perguntas sobre como

se sentiam. Tinham passado por muita coisa e Meyer queria ter certeza de que não estavam apresentando sinais de edema cerebral. Eles respondiam com a cabeça. Não estavam muito lúcidos. Meyer enfiou a mão na mochila e entregou a todos uma barra energética com vitaminas, depois os colocou em fila e deu a cada um dos sérvios um tablete de 4mg de dexametasona, um esteroide anti-inflamatório de ação rápida. Reduziria qualquer inchaço no cérebro e seria o suficiente até que chegassem lá embaixo.

Hussein, o carregador paquistanês, seguiu na direção da borda da encosta para recolher as luvas, a mochila e os outros equipamentos que Baig tinha deixado cair. Era perigoso, e se ele tivesse escorregado teria desaparecido antes que os outros o pudessem deter, mas Hussein queria recolher os pertences do amigo, então o deixaram ir.

Agora, não parecia haver qualquer dúvida de que deixariam o corpo de Mandic onde estava. Strang amarrou a corda presa no cinto de Mandic a um piolet e cravou-o firmemente no gelo. Mandic ficaria ali para sempre, a 7.900 metros, ou até que as tempestades o arrastassem.

Meyer se comunicou pelo rádio com o acampamento-base e anunciou melancolicamente que Baig tinha morrido. Depois seguiram em fila até o acampamento 4. Os americanos queriam amarrar uma corda entre eles, mas os sérvios disseram que dariam conta sozinhos. Hussein, no entanto, estava com as pernas bambas, então Strang amarrou uma corda, por algum tempo, entre seu cinto e o do carregador.

Chegaram às barracas próximas à base do Ombro por volta das 16 horas. Várias pessoas circulavam por ali. A equipe B sul-coreana e seus dois xerpas tinham escalado o Abruzzi e estavam esperando o anoitecer e a chance de partir para o cume após a meia-noite. Estavam ali também o alpinista australiano da equipe holandesa e Paul Walters, o australiano da expedição de Meyer e Strang. Queriam ouvir o que tinha acontecido.

Strang estava arrasado. Jogou a mochila no gelo, ajoelhou-se na neve e chorou.

– Não faz sentido! – disse.

Mas então viu os sérvios sentando-se a poucos metros dele, silenciosos e inexpressivos, e sentiu vergonha. Tinham mais motivos que ele para estarem tristes. Quando um dos carregadores lhe trouxe uma caneca de chá quente, ele a recusou, sentindo-se culpado.

Os sérvios foram para as barracas fazer ligações por telefone e rádio via satélite e falar com Erdeljan no acampamento-base; ele telefonaria para a namorada de Mandic em Subotica. Strang e Meyer informaram as outras equipes.

A tarde ainda estava quente, quente o bastante para que pudessem ficar do lado de fora apenas de jaqueta quebra-vento. No alto da montanha, a fila de alpinistas que ainda subia para o cume tinha avançado e se estendia pela Travessa e pela encosta diagonal até os campos de neve do cume. Os alpinistas eram uma fila de pontos pretos na neve branca.

Mesmo depois das mortes, Strang e Meyer sentiam uma pontada de inveja e se questionavam se, afinal de contas, a decisão de voltar tinha sido acertada.

Walters, o colega de equipe, apontou para a fila distante de alpinistas e comentou que haviam feito o percurso em um bom tempo.

Meyer discordou com a cabeça.

– Eles ainda estão subindo – disse.

Não podia acreditar. Estava surpreso e desapontado. Após 14 horas de escalada, ainda estavam a horas de distância do topo.

Na barraca, os dois sérvios, Pedja Zagorac e Iso Planic, estavam sentados sozinhos. Não conseguiam descansar; não podiam evitar olhar para a jaqueta de Zagorac, manchada com o sangue de Mandic. O amigo estava morto. Nunca mais, decidiu Zagorac, participaria de uma expedição tão longa, tão longe de casa.

# CAPÍTULO QUATRO

Ao anoitecer do dia 19 de julho de 1939, Fritz Wiessner, um americano de 39 anos, nascido na Alemanha e famoso alpinista de sua era, fincou as botas com tachas, um pé à frente do outro, para chegar a 8.380 metros, três ou quatro horas de distância do cume do K2.

Wiessner estava aparentemente perto do fim de uma busca determinada para se tornar o primeiro montanhista a conquistar o segundo pico mais alto do mundo e o primeiro a escalar qualquer montanha com mais de 7.900 metros.

Teria sido um feito espantoso para um americano, que dirá um germano-americano, quando a maior parte do mundo se encaminhava para a guerra. Mas não era para ser; seriam necessários outros 16 anos antes que Achille Compagnoni e Lino Lacedelli escalassem até o cume. A expedição de Wiessner, surpreendida pela noite, viria a ilustrar a tolice de se confiar demais em logísticas complicadas, incluindo equipes de carregadores e xerpas sem supervisão. Ela faria eco na expedição de 2008, na qual, entre outras coisas, um número muito grande de alpinistas confiou num acordo de cooperação aparentemente à prova de acidentes apenas para vê-lo fracassar. A expedição de Wiessner terminou com quatro mortes, as primeiras vítimas do K2 de que se tem notícia.

Embora a noite estivesse caindo, Wiessner quis continuar até o cume. Acreditava que poderia chegar ao topo, esperar pelo amanhecer e retornar à luz da manhã. Mas seu parceiro de escalada, um xerpa chamado Pasang Lama, já estava tenso e advertiu Wiessner de que se subissem tão tarde correriam o risco de despertar a fúria dos deuses da montanha, que ele acreditava habitarem as neves do cume.

Quando Wiessner iniciou a travessia que o levaria ao topo, para o campo de neve do cume, o xerpa se recusou a desenrolar sua corda.

– Não, *sahib* – disse ele. – Amanhã.

De forma relutante, Wiessner voltou à barraca que tinha armado no topo de um pilar rochoso a 7.940 metros de altura. Estava confiante de que poderia fazer uma segunda tentativa na manhã seguinte ou em algum momento nos próximos dias. Ao longo do último mês e meio, tinha montado uma série de

nove acampamentos bem abastecidos logo abaixo. Os acampamentos eram supervisionados por uma equipe de nove xerpas e se estendiam ao longo de todo o caminho até o acampamento-base. Essa elaborada rede, acreditava, garantiria que ele continuasse bem abastecido e abrigado. Tirou o dia seguinte de folga e enquanto descansava ao sol, nu em seu saco de dormir na barraca aberta, esperou que um carregador aparecesse a qualquer momento trazendo alimentos frescos e suprimentos.

Isso não aconteceu.

Wiessner era um químico nascido em Dresden e partiu para os Estados Unidos em 1929. Era um alpinista inspirador, mas também dominador, autocrático e decidido – traços comuns a muitos dos mais bem-sucedidos alpinistas do mundo, em especial, talvez, dos montanhistas que se sentiram atraídos pelo K2.

Sua personalidade difícil foi um dos motivos pelos quais teve dificuldade para reunir os melhores talentos do montanhismo nos Estados Unidos, embora também estivesse tentando organizar uma expedição durante os anos em que aquele país sofria os efeitos econômicos da Grande Depressão e poucos montanhistas estavam dispostos a investir dinheiro para participar. No fim, sua indiferente equipe do K2 foi selecionada principalmente por ter a fortuna particular para financiar a aventura. Ela incluía dois estudantes da Universidade de Dartmouth, de 20 anos, junto com um homem de meia-idade independente e rico de Nova York chamado Tony Cromwell e, curiosamente, um gordo, desajeitado, porém rico playboy, chamado Dudley Wolfe. No último minuto, o American Alpine Club também acrescentou Jack Durrance, um estudante de medicina em Dartmouth, de 27 anos, um alpinista poderoso e competente.

Wolfe era um homem que frequentemente requeria a ajuda de guias para empurrá-lo ou puxá-lo em encostas fáceis. Mas, apesar de sua aparente falta de habilidade, era determinado, forte e dedicado a Wiessner, e tinha seguido seu líder e Pasang Lama, obstinadamente, até quase o topo do K2, até que foi impedido pelas neves profundas que cobriam um *bergschrund*, ou fenda, a aproximadamente 7.700 metros de altura. Ele esperou no acampamento 8, abaixo do Ombro, enquanto os outros dois homens foram para o acampamento 9. (As primeiras expedições ao K2 chegavam a ter oito ou nove acampamentos, mas as tentativas modernas tendem a empregar um sistema

estabelecido de quatro acampamentos ao longo das rotas principais, pois o conhecimento da montanha aumentou.)

Embora Wiessner não soubesse, sua expedição tinha começado a se fragmentar e as comunicações entre a parte inferior e superior da montanha estavam mais ou menos rompidas. Enquanto Wiessner, Pasang Lama e Wolfe ainda esperavam próximos ao cume, alguns de seus colegas descontentes no acampamento-base se preparavam para partir para os Estados Unidos (e para o semestre de outono na universidade). Cromwell, o segundo no comando, estava dando ordens para os três acampamentos inferiores serem desmontados. Pretensamente isso era para que os alpinistas de cima tivessem menos para carregar ao descer, mas o sentimento que prevalecia era de que não queriam mais participar da conquista pessoal do cume de Wiessner. Já estavam pensando em voltar para casa.

Ainda que os acampamentos mais baixos estivessem sendo desativados, os xerpas permaneciam nas barracas mais altas. No entanto, os dias se arrastavam e eles não recebiam notícia de Wiessner. Um xerpa se aventurou a subir alguns metros depois do acampamento 7. Gritou, mas não obteve resposta, apesar de Dudley Wolfe estar dormindo no interior de uma das barracas no acampamento logo acima. Não vendo marcas de pegadas na neve soprada pela tempestade, o xerpa concluiu que Wiessner, Wolfe e Pasang Lama tinham se perdido sob uma avalanche. Desceu a montanha com os demais xerpas e recolheram tudo que podiam carregar – colchões, sacos de dormir, comida, tudo que valesse a pena salvar – ou descartaram equipamentos para evitar carregá-los. A elaborada cadeia de suprimentos que Wiessner acreditava se estender logo abaixo dele era, na realidade, uma fila tênue de barracas abandonadas ou quebradas soprando vazias ao vento.

Em sua primeira tentativa de chegar ao cume, Wiessner e Pasang Lama tinham evitado a garganta – a ravina que mais tarde ficaria conhecida como Gargalo da Garrafa –, achando que ela parecia perigosa demais, e, em vez disso, tinham escalado por uma rota incrivelmente mais difícil pelas rochas quebradas à esquerda da ravina, algo que ninguém mais se atreveria a tentar novamente. Em sua segunda tentativa, Wiessner pensava em escalar diretamente o Gargalo da Garrafa. Mas, depois de esperarem dois dias e sem que novos suprimentos chegassem, Wiessner e Pasang Lama desceram até o acampamento 8. Esperavam encontrar ou carregadores ou suprimentos fartos. Ao contrário,

encontraram Wolfe, ainda sozinho, e suprimentos apenas para mais alguns dias.

– Aqueles imbecis – disse-lhes Wolfe. – Eles nunca subiram.

Não tinha fósforos para acender o fogão e foi obrigado a derreter neve nas dobras de sua barraca.

Os três homens se amarraram a cordas e começaram a descer, mas Wolfe tropeçou na corda, derrubando Wiessner, e os três homens começaram a deslizar. Foram salvos apenas quando Wiessner fincou seu piolet no gelo a apenas 18 metros de uma queda de 1.830 metros até o glaciar Godwin-Austen. Foi um salvamento incrível. No entanto, perderam o saco de dormir de Wolfe e Wiessner tinha deixado o dele no acampamento mais alto. Passaram a noite em um único saco, cheios de pensamentos indelicados sobre seus colegas mais abaixo na montanha.

No dia seguinte, Wiessner e Pasang Lama deixaram Wolfe numa barraca no acampamento 7 e desceram rapidamente para buscar ajuda. Encontraram todos os outros acampamentos desertos, até que, um dia depois, finalmente chegaram quase mortos ao acampamento-base.

Uma missão de resgate foi montada para Dudley Wolfe. Wiessner estava esgotado demais para subir, e a primeira tentativa de resgate envolvendo Jack Durrance foi abortada quando um dos xerpas adoeceu. Cinco dias depois, três corajosos xerpas – Pasang Kikuli, Pasang Kitar e Phinsoo – chegaram até Wolfe no acampamento 7. Encontraram-no quase inconsciente e deitado sobre os próprios excrementos. Ele estava acima de 6.500 metros havia mais de quarenta dias. Conseguiram tirá-lo da barraca e lhe deram chá, mas ele se recusou a descer com o grupo, que achou que não podia desafiá-lo.

Os três xerpas desceram para um acampamento mais baixo, prometendo retornar no dia seguinte. Atrasados por uma tempestade, eles subiram, mas nenhum deles nem Wolfe jamais foram vistos novamente.

Catorze anos depois, após o fim da Segunda Guerra Mundial e a partição da Índia, outra equipe americana viria a se tornar a primeira expedição a se aventurar pelas escarpas após a fatídica tentativa de Wiessner. No local dos acampamentos de Wiessner, encontraram barracas rasgadas, três sacos de dormir perfeitamente enrolados, Ovomaltine, um fogão, combustível e um pacote de chá Darjeeling enrolado num lenço azul, alguns deles os pungentes restos do último esforço dos xerpas para salvar Wolfe.

# CAPÍTULO CINCO

## Uma hora da tarde

Os 19 alpinistas na fila apertada sob o serac passaram alguns minutos inquietantes considerando se deviam subir após a queda de Dren Mandic.

Abaixo deles, os sérvios eram pontos distantes arrastando Mandic em direção ao Ombro. Os americanos estavam subindo do acampamento 4. Que mais *eles* poderiam fazer? Se descessem, só iriam atrapalhar a operação de resgate.

Alguns achavam que Mandic ainda estava vivo. E se estivesse morto… bem, eles estavam acostumados à morte. Todos tinham grandes amigos que haviam morrido nas montanhas.

Entre eles, um alpinista italiano chamado Marco Confortola estava determinado a continuar. A determinação parecia brilhar no perspicaz rosto triangular desse guia de montanha profissional de 37 anos e em seus olhos castanhos.

Confortola tinha sido criado em Santa Caterina Valfurva, uma estação de esqui a três horas e meia de Milão, na Lombardia, na fronteira com a Suíça; ele vinha do mesmo vale de seu herói Achille Compagnoni e naturalmente tinha escolhido escalar pela rota Abruzzi. Forte como um touro e vistoso, fora ao K2 para incrementar seu currículo, mas também queria conquistar o pico novamente para a Itália. Ele disse que queria "levá-lo de volta" para o seu vale.

Antes de vir para o K2, Confortola tinha trabalhado em uma estação meteorológica no monte Everest por cinquenta dias. Tinha voltado para Milão e passado uma semana em Valfurva antes de entrar em outro avião rumo a Islamabad. De Askole ele caminhou até o acampamento-base junto com uma equipe de oitenta carregadores e suas galinhas e outros suprimentos.

A subida desde o acampamento-base tinha sido mais difícil do que esperava. Suas botas ficaram molhadas. Seu carregador tinha esquecido parte da corda que Confortola deveria fornecer como parte do acordo de cooperação. Mesmo assim, agora, no grupo nas cordas sob o serac, estava determinado a continuar.

Alguns dos outros alpinistas moviam-se inquietos nas filas. O xerpa da equipe holandesa, Pemba Gyalje, disse que a queda de Mandic era um carma

ruim. Para ele, como também para Dorje, o xerpa da equipe americana, chegar ao cume do K2 seria um importante golpe de marketing para seu negócio – esses dois rivais comerciais queriam vencer um ao outro e chegar primeiro ao cume. Mas as equipes estavam atrasadas e Gyalje disse que estava preparado para retornar se mais alguém quisesse.

Quando viu que os outros ainda pareciam pensativos, Confortola disse que tinham de decidir rapidamente se iriam continuar ou descer, mas que não podiam ficar simplesmente parados esperando debaixo do serac.

Quando viraram na direção da Travessa, os que o ouviram sentiram-se meio estúpidos por sequer terem tido alguma dúvida.

Eles agora chegavam ao que, em alguns aspectos, era a parte mais desafiadora da escalada do dia. A Travessa era uma faixa íngreme de gelo e neve numa escarpa que tinha entre 50 e 70 graus. Cortava direta e horizontalmente para a esquerda por 60 metros e então a rota subia diagonalmente por mais 120 metros numa escarpa menos íngreme, com cerca de 35 a 50 graus, coberta com neve mais profunda. Olhando para o alto da Travessa, os alpinistas podiam ver que o gelo era duro e brilhante, e quando o tocaram parecia quase vivo sob suas luvas.

O serac pendia acima, enquanto abaixo, à sua esquerda, havia pilhas de pedras marrons, depois das quais não havia mais nada senão ar rarefeito e, a mais de 3 quilômetros abaixo, as ravinas e os contrafortes mais baixos do K2.

Para passar pela Travessa, as equipes se prenderam à corda com os mosquetões em seus cintos e se ergueram ao longo da face. A corda era fixada no gelo a intervalos por meio de parafusos de gelo. Havia um lugar ocasional para descansar – uma rocha protuberante ou borda de gelo contra a qual se apoiar. Mas, quando a fila de alpinistas estava em movimento, os montanhistas fincavam seus piolets, lançavam os grampos da frente de seus grampões e pisavam – piolet, grampões, passo –, a respiração ficando mais pesada. Enquanto caminhavam, evitavam olhar diretamente para o serac acima ou para as pequenas linhas do glaciar Godwin-Austen 3.200 metros abaixo.

Nesse ponto, alguns escalavam ininterruptamente havia quase 24 horas, a não ser por umas poucas horas de descanso no acampamento 4. O sol do meio-dia estava alto no céu. A Travessa estava exposta e, embora tivessem determinado suas roupas cuidadosamente para evitar se superaquecerem e desidratarem – desidratação significava que precisariam de água, e tinham

deixado os fogareiros no acampamento 4 –, dentro de suas jaquetas estavam pingando de suor.

Mas, apesar de estarem com calor e cansados, não conseguiram se concentrar em seus problemas por muito tempo. A paisagem era simplesmente linda demais. Fazia tudo parecer perfeito. À sua esquerda havia os cumes de montanhas, cintilando ao sol ou envoltos em pequenas sucessões de nuvens. O mundo estava numa escala gigantesca. Podiam ver a linha curva do horizonte da terra. *Estavam no K2.*

Essa visão, esse sentimento, essa realização – era por isso que tinham vindo. Apesar da perturbadora ansiedade em relação ao atraso e as frustrações causadas pela multidão, os alpinistas sentiam uma espécie de transcendência e paz interiores. Quando o espaço se abriu na corda e eles puderam começar a subir e atravessar a parede de gelo, sentiram-se verdadeiramente vivos. O pico estava a algumas horas acima deles. Agora, finalmente, após semanas, meses, anos de preparação e trabalho, estavam se aproximando.

Cerca de 30 metros do outro lado da Travessa, a fila parou de novo. Na frente, quatro alpinistas da equipe sul-coreana juntaram-se em pares para trocar os tanques de oxigênio. Com a ajuda um do outro, soltaram os cilindros vazios e começaram a colocar os cheios.

Com 15 membros, a expedição sul-coreana era a mais numerosa este ano. Seu nome era "Equipe Coreana Flying Jump" e suas barracas, bandeira nacional e bandeiras de patrocinadores tinham dominado o acampamento-base.

Estava dividida em duas equipes, A e B, que estavam no processo de tentar vencer todos os 14 picos do mundo com mais de 7.900 metros. A expedição era liderada por um montanhista irritadiço e ambicioso chamado Kim Jae-soo, e sua estrela feminina do montanhismo, Go Mi-sun. Kim, 48 anos, era presidente de uma empresa chamada Power Heat, que fabricava colchões térmicos e palmilhas de sapatos.

Sem dúvida, havia uma distinção entre as equipes coreana e ocidental (americanas e europeias). Na era moderna do montanhismo, as expedições ocidentais já não escalavam por seus países – isso pertencia a uma época diferente, fora de moda. Suas equipes às vezes se organizavam em linhas nacionais, porém mais que nunca eram um grupo de amigos multinacionais.

No entanto, para os sul-coreanos, a ideia de carregar uma responsabilidade nacional nestas montanhas tinha peso. Reconheciam um mandato cultural

mais amplo, e o êxito era essencial. O fracasso era humilhante e devia ser evitado.

Em geral escalavam em grupos maiores que os europeus e americanos e, certamente aos olhos das outras expedições, eram mais agressivos e se arriscavam mais. O sr. Kim tinha dito a alguns alpinistas que sua data de partida do K2 seria quando conseguisse escalá-lo.

Ele era um homem que acreditava no protocolo e na superioridade de seus alpinistas. Go Mi-sun já tinha subido com rapidez e facilidade as rochas ao lado do Gargalo da Garrafa, seguida de perto por Kim, como um guarda-costas. Mas alguns alpinistas da Flying Jump estavam se esforçando na Travessa.

A esmerada manobra com os cilindros de oxigênio causou outra aglomeração no fim da corda. Os alpinistas que estavam atrás encontraram lugares onde se empoleirar e recuperar o fôlego. Esperavam que os coreanos terminassem de escalar a qualquer momento, mas eles pareciam se mover em câmera lenta. Os minutos se arrastavam.

Finalmente, os sul-coreanos penduraram as garrafas de oxigênio vazias em um parafuso de gelo e subiram. As outras equipes passaram pelas garrafas, penduradas delicada e precariamente na lateral da montanha.

Estavam subindo outra vez, mas ainda iam devagar, e a demora fazia com que ressentimentos se acentuassem, repetindo os atritos que tinham surgido durante os meses no acampamento-base. A verdade é que o montanhismo atraía personalidades fortes, egos e pessoas excêntricas, e elas se esbarravam umas nas outras. Alguns dos alpinistas irritavam-se com a lentidão de outras expedições estrangeiras. Na aparência, se respeitavam, mas na verdade cada um considerava os outros ligeiramente ridículos – inferiores, pouco profissionais, alheios ao tipo de monstro que o K2 podia ser.

Agora se irritavam com o estado dos parafusos de gelo, com a condição da corda ou com o modo como tinha sido amarrada. Alguns integrantes dos grupos grandes se ressentiam das equipes pequenas por caírem de paraquedas no último instante de suas semanas de preparação, enquanto outros, das equipes menores e independentes, se ressentiam do espaço que as expedições maiores ocupavam na montanha e do modo como tentavam dominar as encostas.

Alguns tinham trazido apenas um piolet, em vez dos dois habituais, porque sabiam que as cordas estariam fixadas no lugar para ajudá-los a descer. Essa

prática ganhou o desprezo dos demais alpinistas, que acreditavam que dois piolets eram essenciais, principalmente porque se podia deixar cair um.

Os que escalavam sem a ajuda de oxigênio suplementar discretamente menosprezavam os que dependiam dele; e as equipes que subiam sem xerpas ou carregadores acreditavam ser alpinistas mais puros do que os que pagavam milhares de dólares para terem ajuda. Os carregadores podiam ter um dia ruim. O oxigênio podia acabar. Uma pessoa que dependesse de auxílios como esses – achavam alguns – não devia estar enfrentando o K2.

Enquanto esperavam, a maioria dos alpinistas na Travessa se deu conta de que o acordo de cooperação, que havia enchido a todos de esperança de um trabalho de equipe e partilha, tinha na realidade os reduzido a um mínimo denominador comum. Os que esperavam atrás podiam ultrapassar os alpinistas mais lentos, mas o gelo tornava a manobra perigosa. Se uma pessoa parasse para beber água ou ajustar uma mochila, todos os outros paravam. Mas, apesar dessas apreensões, uma espécie de pensamento de grupo tinha se instalado. Continuaram mesmo assim – porque todos seguiam em frente. Eles se ressentiam contra as outras equipes e, ao mesmo tempo, sentiam-se protegidos pelo grande número de pessoas. Havia uma clara falta de liderança, ninguém que lhes dissesse para voltarem.

—

Rolf Bae tinha ficado mais abalado do que Cecilie Skog por sua colisão com Dren Mandic quando o sérvio caiu.

De pele branca e barba ruiva, Bae era um bom alpinista e um explorador polar experiente. Mas hoje, na Travessa, apesar de toda a perícia, estava tendo dificuldade. O suor brilhava na barba ruiva, e ele parecia aflito.

– Não está sendo um bom dia para mim – disse aos outros da fila, retraindo-se. – Estou tendo problemas.

Como a esposa, usava oxigênio suplementar. Os tubos finos de um novo sistema de fabricação britânica – que liberava oxigênio sob demanda em vez de liberá-lo constantemente – enrolavam-se como canudos transparentes da lateral do rosto ao nariz.

Passara o começo do verão escalando as Torres Trango, um grupo de espirais de granito com 6.248 metros a cerca de 30 quilômetros do K2, do glaciar Baltoro, então tinha chegado ao acampamento-base algumas semanas depois de Skog. Talvez o Trango o tivesse enfraquecido ou talvez não tivesse se

dado o tempo suficiente para se acostumar à altura no K2, embora Skog soubesse que ele nunca se sentia realmente confortável em altitudes extremas.

Ele e Skog já tinham tentado chegar ao cume do K2 antes, em 2005, pela rota Cesen, mas tinham retornado e desta vez estavam ansiosos para chegar ao topo. Ainda assim, Bae disse que estava pensando em voltar, embora fosse tentar ir o mais longe que pudesse com Skog.

Os dois alpinistas estavam casados havia pouco mais de um ano. Tinham se conhecido na Rússia, em 2003, depois de uma expedição ao monte Elbrus. Ela tinha treinamento como enfermeira e guia, e Bae trabalhava como guia profissional. Era um homem viajado. Tinha morado nos Estados Unidos; aos 17 anos, passou um ano em Amherst, Massachusetts, vivendo com uma família local e estudando. Entre 1999 e 2001, passou 17 meses na Antártica, numa base naval na Terra da Rainha Maud.

Skog logo entendeu que era esse tipo de coisa que Rolf Bae fazia. Também era um sério observador de pássaros; conhecia seus nomes em latim e na maioria das primaveras pegava um trem até o norte da Noruega em viagens especiais de observação. Quando estavam numa expedição, adorava cantar músicas de Bob Dylan durante a trilha. No acampamento, à noite, se sentava e tocava violão ou gaita.

Uma semana depois de se conhecerem, Skog e Bae voaram para o Himalaia e passaram três meses escalando o Tibete e o Nepal. De volta à Noruega, foram morar juntos e começaram a própria empresa de viagens, a Fram Expeditions, nome do navio que levava exploradores noruegueses ao Ártico e à Antártica no fim do século XIX e início do XX. Começaram a ganhar a vida trabalhando como guia, escrevendo livros e dando palestras sobre suas expedições por lugares inóspitos. Era um jeito maravilhoso de viver, fazendo o que amavam. Tinham um pequeno apartamento em Stavanger, mas raramente ficavam em casa. Em 2005, viajaram juntos para o polo Sul. Em 2006, chegaram ao polo Norte.

Skog, apelidada de Princesa Polar na mídia europeia, tinha se tornado a primeira mulher a pisar nos dois polos e nos picos mais altos de todos os continentes, incluindo o Everest; Rolf detestava as multidões no Everest e tinha optado por não acompanhá-la. A fama dos dois estava apenas começando na Noruega, especialmente a de Cecilie.

—

Na frente de Bae e Skog na fila, Hugues d'Aubarède, o francês de cabelos escuros, agachou-se sobre uma saliência de gelo ao lado de seu carregador paquistanês, Karim Meherban. Os dois estavam preocupados com a condição de D'Aubarède.

D'Aubarède, que usava um macacão de escalada amarelo-escuro, estava ficando cansado. Aos 61 anos, era um homem teimoso, orgulhoso, nobre, bem-cuidado e culto, e tinha investido muito nessa expedição para chegar ao K2. Tinha deixado a companheira, duas filhas e um neto na França para ir atrás do sonho no Himalaia. Era sua terceira tentativa de chegar ao cume do K2 e achava que seria a última. D'Aubarède não era o homem mais velho a escalar o K2, mas estava perto – um espanhol de 65 anos tinha chegado ao cume em 2004.

Tinha sido uma subida longa desde o acampamento-base. Quando a tempestade caiu, por volta da noite de 29 de julho, algumas das outras expedições esperaram em um acampamento intermediário, forçando D'Aubarède a esperar também. Usou energia e alimento valiosos e também gás para derreter neve para água. O vento tinha entrado em seus óculos; as encostas eram íngremes demais até para parar e colocar os óculos de segurança. Precisou se esforçar através da neve que havia se juntado ao redor dos joelhos, cavando um corredor com as mãos.

Mas finalmente, no acampamento 4, após a longa escalada pelo Cesen, chegou a um espaço plano no Ombro, na tarde de 31 de julho, armou sua barraca e ficou olhando para a galeria de picos à sua volta. Pegou o telefone por satélite, enviou uma mensagem de texto para a família em Lyon. Vinha mantendo um blog de seus dias na montanha, para que todos os amigos pudessem acompanhar seu progresso.

"Quem dera todos pudessem contemplar este oceano de montanhas e glaciares", ele havia escrito, impressionado com a beleza que se estendia. "Fico extasiado com tamanha beleza. A noite será longa, mas linda."

Mas, nas 24 horas desde então, as coisas começaram a não ir tão bem. D'Aubarède estava sentindo os efeitos da altitude e do calor. Disse aos alpinistas que passaram por ele que, assim como Bae, também estava pensando em descer.

– Minha garrafa de oxigênio acabou – disse ele, balançando a cabeça com tristeza.

—

Mais adiante, a expedição holandesa estava progredindo melhor. Para Wilco van Rooijen, escalar era uma obsessão. Quando conheceu a mulher que viria a se tornar sua esposa, Heleen, contou-lhe que sua ambição era escalar o Everest sem usar oxigênio suplementar, uma façanha que ele considerava uma das mais difíceis no esporte.

Ela respondeu que jamais se casaria com ele enquanto estivesse tentando fazer isso, nem teria filhos.

Em 2004, quando Van Rooijen finalmente se sentou no cume do Everest, ligou para Heleen pelo telefone via satélite – "Você se casa comigo agora?" –, e eles se casaram no ano seguinte. Mas tão logo a lua de mel terminou ele começou a sonhar com o próximo desafio, que era o K2. Apenas sete meses antes de ele partir para o Paquistão, em 2008, seu filho Teun nasceu.

Van Rooijen se queixava de nunca haver dinheiro suficiente nos Países Baixos para o montanhismo. Não existia o mesmo patrocínio que para os jogadores de futebol, para os skatistas ou velejadores. Mas ele era patrocinado pela Bad Boys, uma linha de roupas holandesa, e para o K2 conseguiu levantar dinheiro com a Norit. A empresa fabricava sistemas de purificação de água, então a expedição ao K2 adotou o slogan "Em busca da fonte de água potável limpa", sendo a fonte em questão o glaciar de água pura no topo do K2. Da North Face ganhou barracas e sacos de dormir; e da Canon a equipe recebeu câmeras de alta definição.

Van Rooijen tentou escalar o K2 em 2006, mas voltou em meio a tempestades. Porém lá conheceu um irlandês chamado Gerard McDonnell, que trabalhava como engenheiro no Alasca, e os dois juraram retornar nesse ano numa expedição que tivesse sucesso garantido.

Enquanto Van Rooijen se concentrava em arranjar financiamento, McDonnell, de 37 anos, tentava reunir mais equipamentos para a montanha em sua cidade, Anchorage. O irlandês havia nascido em uma fazenda leiteira no condado de Limerick, no sudoeste da Irlanda, mas em 1994 ganhou um visto para os Estados Unidos e se mudou para Baltimore. Depois de tentar se estabelecer por três anos, fez uma viagem de moto pelo país até o Alasca e gostou do que viu. Percebeu que poderia estar próximo a lugares selvagens e das montanhas. Arranjou um emprego como engenheiro eletrônico na indústria de petróleo do Alasca, na Encosta Norte. Estabeleceu uma vida nova,

conheceu uma garota, Annie, e tocava *bodhran*, o tambor irlandês, em uma banda irlandesa, a Last Night's Fun. Um dia retornaria à Irlanda, dizia ele. McDonnell sonhava ter uma fazenda de mexilhões no condado de Kerry. Após as grandes escaladas pelo Himalaia, ia para casa. A família o esperava agora, nos campos verdes sob os céus cinzentos: Margaret, ou Gertie, a mãe; as três irmãs, Martha, Stephanie, Denise; e o irmão, J.J.

Visitando a Irlanda depois da conquista do Everest, foi tratado como herói e chegou a conhecer o presidente irlandês. Quando entrou em Kilcornan de carro e estacionou próximo à igreja, centenas de pessoas vieram lhe dar as boas-vindas. Caminhou pela estrada principal, acompanhado pela procissão e um tocador de gaita de foles; passou pelo santuário da Virgem Maria até a escola de Kilcornan e o salão social, onde fez um discurso e todos tentaram compreender por que estava tão determinado a deixá-los para escalar nas nuvens. Ele não escalava para ficar famoso. Normalmente preferia não falar muito sobre o que tinha conquistado nas montanhas. Porém, mais tarde, em um grande jogo de hurling em Munster, o locutor declarou pelo alto-falante que o herói irlandês do alpinismo estava no estádio, e 30 mil pessoas o aplaudiram.

Seu pai, Denis, morreu quando ele tinha 20 anos. McDonnell disse à mãe que o pai era uma das razões pelas quais escalava as mais altas montanhas do mundo. No cume do Everest, em 2003, ele correu as contas do rosário do pai por entre os dedos e mais tarde disse: "Lá em cima eu me senti perto do meu pai." A 7.900 metros, sob o colo Sul do Everest, ele pegou um *sliotar*, a bola de hurling irlandesa, e lançou-o do alto da montanha com um bastão.

No K2, ensinou a Van Rooijen e aos outros alpinistas da equipe holandesa alguns dizeres irlandeses, como "*Tiocfaidh Ar La*", uma antiga frase do Exército Republicano Irlandês que significa "Nosso dia virá". Ao subirem as escarpas, Cas van de Gevel e Wilco van Rooijen gritavam a frase para ele, de brincadeira.

No Alasca, comunicando-se com Van Rooijen por e-mail e Skype, McDonnell tinha encontrado uma corda especial de 5mm para o K2, leve e branca. Era mais forte e mais leve que a chamada corda plástica, com 10mm ou 11mm, que as expedições normalmente compravam no Paquistão ou no Nepal. Sua cor branca significava que refletia a luz do sol e então era menos provável que derretesse o gelo, formando sulcos. Também encontrou um capacete forte. Em 2006, fraturou o crânio durante uma séria queda de rochas

no K2, pouco acima do acampamento 1, e depois de descer foi resgatado da montanha por via aérea.

Ao decidirem os outros membros da equipe, McDonnell insistiu em incluir Pemba Gyalje, o confiável xerpa com quem tinha escalado o Everest, um nepalês erudito e viajado. Van Rooijen colocou um anúncio na imprensa holandesa de montanhismo, enviou um e-mail aos alpinistas holandeses e recrutou dois jovens montanhistas com cerca de 20 anos: Roeland van Oss e Jelle Staleman, ex-fuzileiro naval holandês. Eram os *jonge honde*, ou cães jovens, da expedição.

Incluíram também Cas van de Gevel, um montanhista alto, de 42 anos, de Utrecht. Ele já tinha participado de muitas expedições com o amigo Van Rooijen, mas nunca tinha escalado acima de 7.900 metros.

Anos antes, depois da universidade, Van Rooijen e Van de Gevel iniciaram um negócio juntos, basicamente consertando casas. Van de Gevel era carpinteiro, Van de Rooijen, eletricista. Ganhavam dinheiro suficiente para viajarem juntos regularmente para os Alpes no Citroën 2CV de Cas ou no Volkswagen de Van Rooijen. Um dia, Van Rooijen se viu debaixo de assoalhos e se deu conta de que já não suportava mais fazer esse tipo de trabalho; começou uma carreira como montanhista profissional, indo atrás de patrocinadores e da mídia, mostrando slides, dando palestras sobre montanhismo em empresas, numa metáfora para liderança nos negócios e trabalho em equipe, e finalmente escrevendo livros. Mas a carpintaria era o bastante para Van de Gevel – pagava suas viagens às montanhas e uma visita mensal à namorada no sul da Espanha.

Van de Gevel, McDonnell, Van Rooijen e o resto da equipe holandesa desfrutaram as semanas no acampamento-base na grande faixa de barracas sobre as rochas. Os cozinheiros iam para a direita até o gelo quebrado do glaciar, para buscar água para a cozinha. As barracas-banheiro pontilhavam as rochas à esquerda, mais perto da montanha. Os alpinistas penduravam os varais de roupa entre as barracas. O acampamento ficava a alguns metros de distância de um alpinista sérvio independente que tinha colocado uma cabeça de bode sobre uma estaca do lado de fora da entrada de sua barraca e uma placa dizendo: “Por favor, entre bem, bem devagar.”

Van de Gevel gostava da simplicidade do trabalho, o sobe e desce, o carregamento e a montagem dos acampamentos. A vida era sem rodeios. Havia oito alpinistas na expedição holandesa, além dos três cozinheiros paquistaneses.

Eles se dividiam grosseiramente em duas equipes, alternando os dias de trabalho de modo que sempre houvesse uma equipe nas encostas. Aprendendo a "cheirar" a rota: era assim que Van de Gevel pensava a coisa. Se fosse seu dia de trabalho, você se levantava cedo e trabalhava na montanha. No dia de descanso, você se levantava mais tarde, tomava café, ria com Gerard McDonnell e observava pelo binóculo o progresso dos outros homens.

Essa vida era muito prazerosa para o holandês. Sua equipe trabalhava bem, ele achava. Sua eficiência os orgulhava, mesmo que esse orgulho às vezes se transformasse num senso de superioridade sobre as outras equipes, coisa que eles nem sempre tentavam esconder. De vez em quando, ele admitia, havia entre as expedições aquela história mesquinha do tipo "você está fazendo menos do que eu", até mesmo dentro da equipe holandesa. Mas isso fazia parte da vida na montanha. Van Rooijen esperava muito de seus alpinistas e era ele quem dava as regras. Van de Gevel não se importava em deixar a organização por conta do amigo. Se ele, Cas, estivesse no comando, as coisas começariam a dar errado, ele sabia bem disso. Cas só queria escalar.

Durante o mau tempo, os colegas da equipe holandesa tinham se reunido na barraca-refeitório para assistir a DVDs e tomar pó de proteína Isostar para Jelle ganhar massa muscular; bastava acrescentar água para se ter um shake de proteínas. Azeitonas, anchovas ou pasta de amendoim sobre biscoitos para Van Rooijen. Ensinaram os cozinheiros a fritar hambúrgueres, e os cozinheiros também fizeram um saboroso mix de panquecas. Tinham comida desidratada na qual simplesmente misturavam água fervente, como guisado com pimenta ou mousse de chocolate. Não eram tão ruins. Nos acampamentos mais altos, tomaram sopas e comeram salsichas.

E teve o iaque, comprado por 55 mil rupias em Askole e conduzido pelos carregadores baltis pelas trilhas poeirentas através da grande rocha em Korophone, passando por Julah e Paiju e sobre o glaciar abaixo de Urdukas. O animal foi de má vontade, puxando a corda. Quando a expedição se cansou de *dahl** ou galinha e teve vontade de comer carne vermelha, os carregadores amarraram suas pernas e, com ele deitado sobre o gelo, cortaram sua garganta.

A lâmina era cega e levou muitos minutos para cortar a pele. Os alpinistas que se reuniram para assistir à cerimônia se encolheram de horror. Um deles, Rolf Bae, ofereceu a própria faca, mas os xerpas advertiram que nenhum homem deve entregar sua faca, a menos que queira atrair má sorte. Derramar o sangue de um animal dessa forma era desrespeitoso para com a montanha,

disseram os xerpas; em vez disso, tinham de matar os iaques e bodes em altitude mais baixa, mais abaixo do glaciar, e carregar a carne para os alpinistas no alto. No fim, o iaque sangrou até morrer; a pele foi retirada e a cabeça colocada sobre as rochas, do lado de fora da barraca do cozinheiro.

A expedição holandesa era bem organizada e ambiciosa, e quando um dos *jonge honde*, Roeland van Oss, desmaiou por envenenamento com monóxido de carbono quando usava um fogareiro numa barraca do acampamento 2 e precisou de ajuda para descer, não houve a menor dúvida de que eles permaneceriam. Mas as semanas de preparação não foram completamente tranquilas. Van Rooijen era um excelente organizador, mas não era um líder muito amado. Era ambicioso, competitivo, autoritário e arrogante com os outros. Seu jeito ríspido e autocentrado pareceu se intensificar conforme escalava. Os outros membros podiam ser úteis a Van Rooijen para carregar os suprimentos rota acima, mas ele não hesitou em eliminá-los do grupo final para chegar ao cume quando achou que sua inclusão poderia ameaçar seus planos. Isso causou atritos e chegou a aborrecer o amigo McDonnell.

Um dia, no acampamento-base, Van Rooijen teve problemas com Hugues d'Aubarède, quando irrompeu na barraca do francês para pedir que ele emprestasse seus dois carregadores à equipe holandesa para carregar e fixar cordas por todo o caminho até o acampamento 4. "O tempo está bom e vamos subir para o cume", tinha dito Van Rooijen, com determinação.

D'Aubarède negou, insistindo que os carregadores ainda não estavam acostumados à altitude e que, de qualquer modo, ele próprio precisava deles. Van Rooijen achava que os carregadores não estavam fazendo sua parte do trabalho, mas D'Aubarède se ressentiu da presunção de Van Rooijen de que podia simplesmente usar os carregadores dos outros. O holandês já havia cobrado quinhentos dólares de D'Aubarède e Nick Rice por usarem as cordas que a equipe holandesa tinha fixado na rota.

– Nós carregaremos as cordas quando estivermos prontos – disse D'Aubarède. – Precisamos economizar a energia deles para nossa tentativa de chegar ao cume.

Depois disso, D'Aubarède sentiu que Van Rooijen às vezes o ignorava propositalmente na rota e temeu que ele tivesse guardado rancor.

Embora Van Rooijen tivesse qualidades que não faziam dele querido a todos, a maioria dos colegas de equipe concordava que era isso que fazia dele um grande alpinista. Como parte de seu esforço para garantir o sucesso da

expedição, Van Rooijen havia contratado uma equipe de apoio nos Países Baixos, incluindo um médico, um webmaster, um porta-voz para a imprensa e um serviço avançado de previsão do tempo. Queria uma boa previsão para evitar uma situação como a notória série de desastres no K2 em 1986, quando 13 pessoas morreram em virtude de tempestades e avalanches durante o verão, e novamente em 1995, quando outros sete alpinistas morreram no K2 em uma única tempestade.

Maarten van Eck, o webmaster em Utrecht, vinha postando no site da equipe holandesa atualizações regulares sobre o avanço do grupo. O site tinha se tornado a principal fonte de notícias sobre o que estava acontecendo no K2 esse ano e era acompanhado pelos familiares de muitos dos alpinistas ao redor do mundo, principalmente naquele dia, que seria o dia da chegada ao cume.

Da Travessa, a equipe holandesa transmitiu informações por rádio ao acampamento-base e as notícias de seu progresso foram comunicadas aos Países Baixos. Em poucos minutos, a última atualização entrou ao vivo no site de Van Eck.

"Booooooooom dia, Países Baixos", escreveu Van Eck. "Wilco, Cas, Gerard e Pemba estão bem acima do Gargalo da Garrafa, na Travessa."

*Prato da culinária indiana à base de cereais e legumes, geralmente lentilha. (N. do T.)

# CAPÍTULO SEIS

## Três horas da tarde

De onde estavam, os alpinistas ainda não conseguiam enxergar o cume. No fim da Travessa, a grande face de gelo se curvava para a direita, sob a extremidade ocidental do serac, e então a rota se reduzia numa diagonal até o topo do campo de neve do cume.

Desta posição podiam ouvir uma voz chamando-os do alto, do outro lado da extremidade do glaciar, insistindo para que se apressassem. Perceberam que era Alberto Zerain, o alpinista basco solitário, que tinha subido o Gargalo da Garrafa mais cedo, à frente de todos. Tinha fixado a corda pela maior parte da Travessa, e depois prosseguiu. Fez a curva depois da Travessa e agora esperava, fora de vista.

– Vamos! – chamou ele. Os outros perceberam a frustração em sua voz. – Andem logo! Cuidado com os parafusos de gelo. Não estão bons.

Após algum tempo, a voz de Zerain silenciou. Os sul-coreanos à frente agora fixavam o restante da corda na encosta de gelo. Demoraram muito, forçando os alpinistas atrás deles a esperar pacientemente, mais uma vez. A rota era menos íngreme e coberta com uma neve mais profunda do que abaixo na Travessa – e alguns alpinistas a examinaram atentamente. Uma grande placa de neve tinha se soltado dessa seção do K2 apenas dois anos antes, esmagando quatro russos.

Enquanto esperavam, os alpinistas bebiam grandes goles de água nas garrafas que carregavam. Alguns tinham trazido frascos de chá quente, o que era ainda melhor. Manter os corpos bem hidratados era essencial nas montanhas – perdiam muita água em virtude do esforço e do estresse –, sobretudo porque ajudava a combater os sintomas da grande altitude. Chhiring Dorje, o xerpa da equipe americana, dividiu com Pemba Gyalje uma salsicha – quente por estar guardada em um bolso interno, próximo a seu peito.

Enquanto esperavam, havia alguns inquietos com a demora, mas ninguém estava preocupado o bastante para voltar – embora seus corpos estivessem perdendo força a cada minuto pelos efeitos da altitude, desidratação e exaustão, o dia, correndo e os tanques de oxigênio, esvaziando.

Gerard McDonnell usou o tempo de inatividade para contar a Rolf Bae e alguns outros sobre o acidente na montanha, em 2006, quando um deslizamento de pedras abriu um talho em seu crânio e ele teve de ser levado de helicóptero para o hospital militar de Skardu. Tinha sido tratado de emergência numa sala de cirurgia suja, sem anestésico, contou. Um cruel oficial do hospital o provocou, perguntando: "Onde estão seus amigos agora?"

McDonnell, Bae e os outros conversaram sobre as chances de o bom tempo continuar e se ainda tinham tempo para chegar ao cume.

McDonnell falou do prazer que sentiriam quando finalmente chegassem ao campo de neve do cume.

– Esperem até estarem lá em cima e poderem ver o topo – disse ele, falando com algum prazer. – Então vai parecer acessível. Não tem problema. – E acrescentou: – Vocês vão querer chegar lá.

As cordas foram fixadas gradualmente e a fila de alpinistas seguiu adiante, porém uma última parede vertical de gelo provou ser demais para alguns dos coreanos da frente. Dois deles bateram no gelo, lançando flocos no ar, incapazes de encontrar um ponto de apoio para seus grampões.

Os dois xerpas dos coreanos fizeram de tudo para animar os alpinistas, dando instruções frenéticas. Eram dois dos quatro xerpas menos experientes nas montanhas. Os quatro vinham da mesma região pobre no norte do Nepal. Em contraste com Pemba Gyalje e Chhiring Dorje, tinham começado o negócio de guias havia poucos anos e estavam tentando se estabelecer.

Um deles, Jumik Bhote, um homem alto, de rosto suave, tinha sido promovido recentemente ao cargo de xerpa líder da equipe sul-coreana, uma grande conquista, embora ficasse mais ocupado. Tinha escalado o Lhotse, a quarta mais alta montanha da Terra, com a equipe Flying Jump; depois retornou a Katmandu por alguns dias antes de voltar para o K2, deixando sua companheira em casa, apesar de ela estar esperando o nascimento do primeiro filho a qualquer momento. O irmão mais novo, Chhiring Bhote, também estava numa expedição ao K2. No entanto, estava em algum ponto mais abaixo, com os clientes da equipe Flying Jump B. Partiriam do acampamento 4 para o cume mais tarde naquela noite.

Os alpinistas que estavam atrás podiam ter passado, mas os dois xerpas estavam trabalhando com tanto empenho que eles esperaram educadamente. De qualquer modo, era mais fácil esperar que os xerpas fixassem as cordas. Um

dos coreanos tentava escalar a parede com apenas um piolet e escorregava constantemente, então Wilco van Rooijen lhe emprestou o seu.

Alguns alpinistas estavam novamente em dúvida sobre se deviam continuar. Marco Confortola lhes assegurou que se todos trabalhassem juntos e dividissem a tarefa de abrir a trilha, chegariam ao cume.

– Compagnoni e Lacedelli chegaram ao topo em 1954 às seis da tarde! – disse ele em seu inglês vacilante, apontando para o cume. – E eles desceram bem. Se eles puderam fazer, nós também podemos.

Finalmente, Bhote pendurou uma corda na parede de gelo e os dois alpinistas subiram com um grito. Enfim, todos da fila conseguiram seguir. Esquecendo suas frustrações, lançaram-se para o topo do serac e entraram no campo de neve do cume. A partir dali, pelas três ou quatro horas restantes até o topo, não havia mais necessidade de linhas fixas. Passaram a última âncora e se soltaram da corda, sentindo-se livres.

Pela primeira vez, puderam ver a última aresta, embora o cume em si ainda não estivesse visível. Era o que tinham esperado ver, e a paisagem era maravilhosa.

Às vezes a corrente de jato soprava sobre o topo do K2, criando uma impetuosa coluna branca no cume, mas hoje ele estava claro. No fim do grande campo de neve, o cume formava uma corcova contra o céu azul. Os alpinistas começaram a mover-se, em fila, na sua direção. Para os que seguiam atrás, os primeiros alpinistas logo pareceram pontos sobre a superfície branca.

Lufadas de neve varriam os campos nessa parte superior da montanha. Nessa seção, a escalada era menos íngreme; a escarpa tinha cerca de 30 graus. No entanto, a neve era profunda e alguns dos alpinistas preocupavam-se com avalanches ou gretas. Estavam no topo de um glaciar pendente que, conforme se movimentava à frente, deixava enormes fossos para trás. Alguns dos alpinistas carregavam bastões de esqui, como os bastões de neve, e avançavam com eles, cutucando a neve. A área era mortal – um casal francês, Liliane e Maurice Barrard, tinha desaparecido em algum ponto entre este lugar e a parte inferior do Gargalo da Garrafa depois de chegar ao cume em 1986.

Nesse ponto, descobriram que Alberto Zerain tinha perdido a paciência e seguido em frente. A visão do cume, no entanto, deu a muitos deles um novo ânimo. Apesar da exaustão e do cilindro de oxigênio vazio, Hugues d'Aubarède decidiu continuar. Ele se arrastou para o distante pico ao lado de Karim Meherban.

Wilco van Rooijen escalou até o campo de neve e descansou por um instante até que seus colegas da equipe holandesa o alcançassem. Estava cansado, mas insistiu para que eles se apressassem.

– Andem logo! – gritou. – Não vamos hesitar agora!

Rolf Bae, no entanto, tinha emergido da Travessa balançando a cabeça. Não estava se sentindo melhor.

Sempre que Bae liderava uma expedição, sua equipe devia seguir três regras de ferro. Primeira: voltem para casa. Segunda: mantenham a amizade. Terceira: atinjam seu objetivo. Nessa ordem. Hoje a coisa simplesmente não estava funcionando para ele. Bae voltaria para casa; tinha de parar ali.

– Não vou para o topo – disse ele a Skog com relutância.

– Tem certeza? – Skog estava preocupada com ele.

Ele assentiu. Ela percebeu que era uma decisão corajosa. Ele tinha percorrido um longo caminho para chegar até ali, mas não podia continuar. No entanto, em vez de descer imediatamente, disse que esperaria por Skog e a esperaria voltar. Não a deixaria. Ele pretendia subir um pouco mais antes de parar.

Decidido, Bae se despediu de Gerard McDonnell. Os dois tinham se tornado bons amigos dois anos antes, numa expedição à Geórgia do Sul.

– Foi bom escalar com você hoje, parceiro! – disse Bae. Em sua voz havia frustração, mas também certeza, enquanto observava os outros seguirem.

Skog já estava escalando à frente quando ele acenou para ela. O tanque de oxigênio dele estava quase no fim, então Skog deixou o seu na neve ao lado da rota para que ele o pegasse ao subir. Ela podia seguir sem oxigênio. E então ela acenou para ele uma última vez e partiu. Bae, por sua vez, pegou uma lanterna de cabeça extra de dentro de seu casaco e pediu a um xerpa que a entregasse a Skog no cume. Só para o caso de ela precisar na descida.

—

Alberto Zerain seguira em frente e agora estava sentado no cume do K2, olhando para o relógio de pulso. O relógio pertencia a seu pai, um Zodiac com mostrador de ouro. Seu tempo tinha sido excelente, mas os alpinistas abaixo estavam atrasados.

Zerain tinha 46 anos, mas parecia mais jovem. Tinha cabelos escuros curtos e a pele queimada de sol destacava as maçãs do rosto. Era de Subijano, uma terra de montanhas rochosas, pinheiros e casas em pedra amarela no extremo

sul do País Basco, no norte da Espanha. Olhou para a extensão dos campos de neve até a distante saliência da diagonal que dava na Travessa. Os outros certamente apareceriam logo, pensou. E quando aparecessem, o que veriam? Um homem de vermelho, agachado na extremidade de uma crista de neve, bebendo chá.

Mais abaixo, no fim da Travessa, tinha esperado por duas horas. Tinha precisado esperar. Quando começou a escalar a face de gelo, entregou a câmera a um dos xerpas – não lembrava o nome – para que tirasse uma foto de Zerain abrindo a trilha na Travessa. Ele era a primeira pessoa a atravessá-la esse ano. Mas o xerpa não o seguiu imediatamente, e Zerain precisou esperar. Não podia chegar ao cume sem ela; os patrocinadores agora exigiam provas de que o alpinista tinha efetivamente chegado ao topo. E também não queria perder a câmera. Era uma Olympus que comprou em Skardu, na viagem de chegada.

Finalmente ele havia perdido a paciência, se levantado e descido um pouco para olhar ao longo da Travessa. A cena o chocou.

Algum tempo antes, Zerain tinha fixado a corda ao longo da Travessa. No caminho de subida, no topo do Gargalo da Garrafa, outro xerpa havia lhe trazido uma extensão de corda, e embora Zerain a tenha achado velha, inadequada até para amarrar seus sapatos, a tinha fixado ao longo da face de gelo.

Sabia que houve reuniões no acampamento-base, mas não participara delas e por isso não sabia o que tinha sido decidido.

Também tinha três parafusos, embora por um instante tenha achado que havia perdido o terceiro, e teve de se pendurar no piolet até conseguir encontrá-lo na mochila.

Agora cinco pessoas agrupavam-se numa única seção daquela corda velha. Subiam lentamente sob o sol forte, com todo o peso sobre os mesmos parafusos que ele próprio tinha fixado. O xerpa a quem Zerain tinha entregado a câmera estava no fim da fila.

*Que ótimo*, pensou. *Nada de câmera.*

A essa altura eram 11 horas da manhã, e Zerain virou-se e escalou até os campos de neve. Finalmente podia ver o quanto ainda tinha a percorrer até o cume. Era possível alcançá-lo, disse para si mesmo, assentindo com a cabeça e preparando-se psicologicamente. Sentia-se bem, mas tinha de dizer isso para si mesmo. Sentia um ardor por dentro, o *gusanillo*, a paixão por continuar. Parecia tão perto.

Era um homem de peito largo, um andar confiante e empertigado. Quando caminhava, os braços balançavam ao lado do corpo e ele dava a impressão de poder andar para sempre. Participava de maratonas de montanha nos montes bascos. Tinha escalado os Alpes e os Andes, onde havia conhecido a esposa, Patrícia, uma tradutora. Já estivera no Himalaia e criara dois filhos. Agora que eram praticamente adolescentes, podia viajar pelo mundo e escalar novamente. Mas o alpinismo era apenas parte de sua vida, e não o mais importante.

Zerain sentia-se atraído ao K2 por causa de seu formato, uma linda pirâmide. Era possível encaixar sessenta Matterhorn nele. E sentia-se atraído por seus perigos. Somente os mais extraordinários alpinistas ousavam desafiá-lo.

Tinha chegado ao Himalaia em junho, com uma equipe patrocinada, entre outras, pela companhia de vinhos basca Marqués de Riscal. Sua intenção era primeiro escalar o Broad Peak, uma montanha próxima, mas dois amigos foram resgatados por via aérea e Zerain sentiu dores de cabeça próximo ao topo. Sabia quando uma montanha não o queria – uma voz interior lhe dizia quando subir e quando descer –, por isso decidiu mudar para o K2, que ficava a uma hora de caminhada pelo glaciar.

Sozinho entre as outras equipes, aproximou-se dos carregadores paquistaneses da expedição sérvia, que o acolheram. Zerain ajudou a fixar as cordas no esporão de Abruzzi e, em troca, permitiram que ele partilhasse de suas barracas.

Os carregadores trabalhavam duro, carregando nos ombros, todos os dias, as pesadas cargas de cilindros de oxigênio, cordas e comidas para os sérvios no alto da montanha. Na maior parte do tempo, comiam apenas trigo e damascos secos, então Zerain compartilhou o queijo guardado em seu Tupperware e às vezes os agradava com um milk-shake de morango. Uma noite, fez risoto e massa – embora os tenham dado aos clientes sérvios.

Agora, ao atravessar com dificuldade o espesso campo de neve, Zerain descobriu que, apesar de sua expectativa, o cume não estava próximo e o percurso era mais duro e intenso do que havia esperado. Suas botas acumulavam neve fresca a cada passo. Ia de um lado a outro, procurando gelo ou neve mais rígida sobre a qual caminhar. As pernas doloridas se esforçavam, apenas para escorregar para trás. Às vezes não encontrava nada por baixo e era subitamente engolido até a cintura pela neve fria. Rapidamente se punha de pé.

Zerain havia testemunhado a morte numa montanha apenas uma vez. Era o ano 2000 e ele estava fazendo um filme para a televisão espanhola. Estava descendo do topo do Everest quando foi informado de que alguém tinha caído. Pôde ver um corpo 180 metros abaixo, e quando desceu às pressas, o alpinista estava deitado na neve, incapaz de falar, e havia sangue por toda parte. Zerain não sabia quem era. Tentou colocar luvas em suas mãos, mas elas estavam rígidas. Depois tentou tirar a mochila de suas costas, porque as alças o estavam sufocando, mas o alpinista se levantou e depois caiu e começou a escorregar. A mochila saiu nas mãos de Zerain e o alpinista caiu de uma altura de mais de 270 metros sobre o glaciar Rongbuk.

Mais tarde Zerain descobriu que o nome dele era Stolz, e era da Dinamarca.

Zerain ziguezagueava pelo campo de neve do cume, indo da esquerda para a direita, cutucando cuidadosamente o solo com seu piolet. Tinha enrolado o cabo com silver tape para impedir que a pele de seus dedos congelasse contra o metal. Decidiu escapar da neve profunda e pegajosa indo para a extrema direita, na direção do gelo do serac. Ele o atravessou, com as costas curvadas sob o sol. Mas então deixou o serac para trás e foi obrigado a afundar novamente na neve macia.

Como tinha feito desde a base do Gargalo da Garrafa, estava abrindo a trilha sozinho, e a neve era profunda. Seu avanço era tão lento que ele achava que seria apenas uma questão de minutos antes que o grupo atrás dele o alcançasse. Os que estavam usando oxigênio suplementar seriam mais rápidos. Em pouco tempo, estariam avançando rapidamente e então poderiam dividir o trabalho de abrir a trilha.

Mas ninguém tinha aparecido. Continuou, sentindo-se cansado e reduzindo ao mínimo cada esforço desnecessário, porque até mesmo parar para abrir a mochila fazia-o gastar energia. A cerca de 90 metros antes do cume, ele percebeu com atenção a existência de fendas escondidas. Então finalmente escalou a última crista íngreme e diagonal e entrou sozinho no cume do K2. O primeiro alpinista a atingir o topo em 2008.

A tarde estava perfeita. Não havia a mínima nuvem. O cume era uma crista de neve inclinada com 45 metros. Ele subiu a crista para chegar ao ponto mais alto. Cerca de 5 metros abaixo do topo, do outro lado, havia uma área plana confortável com aproximadamente $15m^2$ onde poderia se sentar.

As montanhas ao redor perdiam-se na distância, gigantes menores do Karakoram se comparados ao K2. De um lado elas seguiam para nordeste, entrando na China; do outro, entravam no Paquistão. Índia, China, Paquistão – dali todos eles pareciam tão próximos. E Zerain podia ver as costas do Broad Peak, os Gasherbrums, Nanga Parbat e muitas outras montanhas, todas eram espetáculos magníficos. Maravilhosos também eram os desenhos espiralados dos glaciares, como os desenhos nas asas das borboletas, 3.600 metros abaixo, na base do vale.

Espere até eu contar a meus amigos e familiares, pensou Zerain. Queria estar com sua Olympus. Escancarou os olhos e examinou atentamente o horizonte, para que mesmo sem sua câmera pudesse se lembrar de cada detalhe. Ele apreciou a vista; sentiu que podia ver cada pincelada.

O cume era amplo, mas ele o examinou com cuidado. Não podia ter certeza da segurança da neve. Podia estar andando sobre rocha ou talvez sobre uma saliência suspensa de neve, esperando para se romper debaixo dele. Ele não confiava. Embora seu olhar fosse longe, tomou um pouco de chá e permaneceu sentado, sem se mexer muito.

Abaixo, à borda do grande campo de neve, os outros alpinistas finalmente foram surgindo de baixo do serac. Zerain olhou o relógio e franziu a testa. Estava surpreso de que eles ainda pretendessem seguir até o topo.

Sabia o que estavam sentindo. Lá em cima, nas encostas do cume, você está próximo aos deuses, ou pelo menos sente que está. Mas se esquece de que há trabalho a fazer para subir e descer novamente.

Observando os alpinistas subirem a lateral da montanha na sua direção, Zerain fechou os olhos e sentiu sono. Deitou-se de costas sobre a neve. O chá o aquecia. O sol batia sobre seu rosto. Zerain não dormia havia mais de 24 horas, desde que tinha acordado no acampamento 3.

Para evitar as multidões subindo pelas rotas Abruzzi e Cesen, Zerain tinha escalado diretamente do acampamento 3 na noite anterior, chegando ao acampamento 4 à meia-noite. Sob as estrelas silenciosas, esperou que as pessoas partissem para o cume. Não havia lua, e quando Zerain olhou para o Ombro, mal conseguiu vislumbrar o Gargalo da Garrafa. Não queria estar lá em cima sozinho.

Logo notou movimento, e um xerpa se aproximou de uma das barracas.

– Namastê.

Era Pemba Gyalje, o xerpa forte da equipe holandesa. Gyalje olhou para ver quem estava espreitando próximo às barracas, e Zerain explicou quem era.

Alguns outros alpinistas se juntaram a Gyalje na extremidade do acampamento e então se dirigiram ao Ombro. Zerain juntou-se a eles; era o terceiro na fila. Não muito longe do acampamento 4 – eles já estavam caminhando por aproximadamente quarenta minutos –, os dois alpinistas à frente de Zerain pararam abruptamente e começaram a puxar corda de dentro de suas mochilas.

Zerain ficou confuso. Nesse ponto, o Ombro era tão plano quanto uma campina. Por que estavam fazendo isso agora? Ele não conseguia enxergar os rostos dos outros alpinistas por trás de suas balaclavas e toucas. Talvez, pensou, os xerpas e os carregadores achassem que seus clientes não estavam suficientemente habilitados para esse terreno. Agarrando a corda, se deu conta de que, se os ajudasse, iriam mais rápido.

Atravessou a neve fresca até o Ombro; os outros alpinistas lhe passavam mais corda por trás, enquanto marchavam. Seguiu pela direita, até as rochas, um pouco afastado do brilho forte do serac acima.

Finalmente, quando o sol se levantou mais alto, Zerain fixou dois parafusos perto do topo do Gargalo da Garrafa e depois esperou que os outros trouxessem mais corda para a Travessa. Tinha 30 metros de corda em sua mochila, mas eles disseram que estavam trazendo corda extra, por isso ele esperou, agachado sob o serac, tão perto que pôde estudá-lo adequadamente pela primeira vez.

Isso tinha acontecido horas atrás. Zerain forçou-se abruptamente a abrir os olhos novamente. Ainda estava sentado no cume. Se cochilasse agora, talvez nunca acordasse. Olhou o relógio do pai: 3h40 da tarde. Hora de descer. Forçando-se a se pôr de pé, desceu do cume.

Quando, cerca de uma hora mais tarde, alcançou os outros alpinistas e começou a ultrapassá-los, eles o cumprimentaram calorosamente. Os que estavam usando oxigênio tinham feito o melhor tempo. O xerpa lhe devolveu a Olympus. Kim, o líder dos sul-coreanos, até onde pôde compreender, agradeceu a Zerain por ter fixado a corda no Gargalo da Garrafa e aberto a Travessa.

Zerain, por sua vez, sorriu e agradeceu, mas quis sugerir que voltassem. *Está tarde!*, queria gritar. *Voltem comigo. Será que vale a pena o risco?*

Uma figura na fila estava acenando de modo especialmente entusiasmado. Usava máscara de oxigênio e óculos de segurança e o rosto estava parcialmente coberto pelo capuz. Hugues D'Aubarède tirou a máscara e abraçou Zerain.

– Alberto!

– *Bonjour*, Hugues. – Mas Zerain olhou para D'Aubarède e o pensamento foi de que preferia que ele já estivesse no acampamento-base.

– Como estavam as coisas por lá? – perguntou D'Aubarède em francês. Ele parecia cansado, mas animado.

– Tenha cuidado – disse Zerain. – Não estão nada bem.

Ele queria falar mais. Umas poucas palavras poderiam ter persuadido D'Aubarède a voltar. Mas o carregador robusto do francês espreitava por trás de seu ombro e Zerain não quis interferir. Os carregadores estavam sendo pagos para levar os alpinistas até o topo.

Sentiu pena do amigo, porque a descida seria difícil.

– Boa sorte, Hugues! – disse Zerain.

– Até mais – disse Hugues, sorrindo.

Zerain passou por Cecilie Skog, que lhe perguntou quanto faltava para o cume. Zerain havia se encontrado com ela pela primeira vez três semanas antes, no acampamento 2. Foi pouco depois de ele chegar à montanha, quando mal conseguia falar pelo cansaço extremo após um dia de escalada. Skog tinha entrado no acampamento, cumprimentando seus companheiros de equipe. Sua voz parecia tão feliz! E ele pensou: *Esta é uma mulher forte.*

Skog ainda parecia cheia de energia, mesmo agora. Mas Zerain sabia que tinha de lhe responder com cuidado, porque poderia lhe dar uma falsa esperança ou desencorajá-la sem necessidade.

– Com um bom ritmo, vocês não devem levar mais que duas horas – disse ele.

Ela sorriu, parecendo se animar. Estava tão bonita ao sol.

Depois de se despedir, Zerain desceu na direção da Travessa. Acima dele, a fila de alpinistas se espalhava, ainda ziguezagueando em direção ao cume.

Ele quis gritar:

– Tudo bem se vocês voltarem! – Ele esperava que nenhum deles se tornasse o nome mais recente no Memorial de Gilkey, o monumento no acampamento-base às pessoas que haviam perdido a vida no K2.

Na Travessa, encontrou a velha corda e os parafusos que havia fixado ainda presos ao gelo. Ninguém os tinha substituído, afinal.

A cerca de dois terços do caminho em direção ao Gargalo da Garrafa, seis garrafas de oxigênio cor de laranja pendiam de um dos parafusos, e Zerain ficou imaginando quem as teria deixado ali.

Finalmente chegou ao acampamento 4. Do lado de fora de uma das barracas, havia um único alpinista sentado, preparando chá. Um dos americanos, pensou.

Embora o chá parecesse tentador, Zerain queria continuar a descer. Acenou com a cabeça e aguardou um instante, ainda esperando um convite, porque o chá parecia tão bom. Mas o alpinista não disse nada, então Zerain deixou as barracas para trás. Desceu a crista íngreme até o acampamento 3, onde havia passado a noite anterior, e ali encontrou dois dos carregadores de altitude paquistaneses da equipe sérvia. Ficou contente em poder compartilhar a barraca deles.

# CAPÍTULO SETE

## 17h30

À frente de Cecilie Skog, um dos xerpas dos sul-coreanos escalou a última aresta íngreme e desapareceu acima da crista, chegando ao cume.

Alguns minutos depois, o magro colega norueguês de Skog, Lars Flato Nessa, ultrapassou quatro membros da equipe sul-coreana e seguiu o xerpa até o topo. Alberto Zerain havia dito a Skog que a última extensão dos campos de neve levaria duas horas para ser percorrida, e eles a tinham feito em duas horas e meia. Ela estava aliviada.

Quinze minutos depois, se juntou a Nessa no topo do mundo e relaxou sob o sol quente.

– Parabéns, Cecilie – disse Nessa. A norueguesa de cabelos louros sorria.

– Conseguimos. – Rolf ficaria contente.

O dia estava tão quente que, desde o Gargalo da Garrafa, Skog tinha subido sem as luvas e a jaqueta. Usava as calças de esqui roxas que ganhou de Stein Peter Aasheim, um amigo que havia participado da primeira expedição norueguesa ao Everest, em 1985.

Após o extenuante esforço da subida, as condições no topo estavam perfeitas. Não havia vento. Skog tirou o gorro de lã e se concentrou nos picos à sua volta. Era a primeira vez que ela e Nessa conseguiam ver o lado chinês da montanha. As cordilheiras de picos perfeitamente formados os surpreenderam. Eles podiam estar de pé sobre os Alpes. Acima deles o céu ainda estava azul e brilhante, mas o calor do dia já tinha passado e o ar começava a esfriar.

A aresta do cume estava marcada com pegadas. Com orgulho, Skog e Nessa pegaram a bandeira norueguesa e posaram diante da Sony Cyber-shot de Nessa. Também ergueu uma bandeira cor de laranja do time de futebol de sua cidade, o Alesund. Skog era fã de futebol e uma boa jogadora; tinha feito um intercâmbio no Reino Unido, na cidade de Bromley, condado de Kent, e jogara no Millwall Lionesses, uma das equipes femininas do país.

Eles seguiram mais alguns rituais planejados para este momento especial. Os noruegueses tinham deixado o telefone via satélite para trás, em um dos acampamentos mais baixos – brincavam que ele parecia um tijolo; era como algo saído dos anos 1980 –, por isso não havia como contar a ninguém seu

triunfo, mesmo que quisessem. Pegaram três rosas vermelhas de plástico que tinham usado no acampamento-base para que sua barraca ficasse bonita. Também pegaram um chapéu especial que Bae tinha lhes dado para levarem ao cume – um chapéu de coelho, cor-de-rosa, com orelhas caídas. Bae o tinha levado em suas expedições aos polos Norte e Sul, e quando parou depois da Travessa, pediu a Skog que o levasse. Agora, Nessa o colocou na cabeça com um grande sorriso, e Skog tirou uma foto.

*Esta é para o Rolf.*

Gravaram um vídeo. Skog disse que estava contente por chegar ao cume, mas estava exausta e ansiosa para iniciar a descida. Ainda não estava comemorando.

A essa altura, os outros membros da equipe sul-coreana estavam chegando e se espalhando pelo cume. Algum tempo antes, enquanto esperava por Skog, Nessa conversou com o xerpa dos sul-coreanos, que se apresentou como Pasang; ele parecia ter 20 e poucos anos. Como havia outro Pasang na expedição sul-coreana, ele era chamado de Pequeno Pasang.

Embora estivessem na montanha havia semanas, Nessa nunca havia conversado com ele. Falaram sobre os picos ao redor e o Pequeno Pasang falou sobre a zona rural do Nepal e sua família. Tiraram fotografias e Nessa partilhou um pouco de água com ele.

Skog e Go Min-sun posaram para algumas fotos, lado a lado; eram duas mulheres juntas no pico do K2, uma montanha que em algum tempo de sua história não tinha sido gentil com as mulheres. Das cinco primeiras a escalarem o K2, três tinham morrido na descida, e as outras duas haviam morrido em outras montanhas, pouco depois. Esse era um momento que Skog e Go queriam comemorar.

Os coreanos tiraram fotos de si mesmos com as bandeiras de seus patrocinadores. Telefonaram para o patrocinador, a Kolon Sport, na Coreia, e um comunicado de imprensa foi emitido, anunciando que a Flying Jump tinha chegado ao topo. Esperariam pelos alpinistas mais lentos de sua equipe, que ainda estavam subindo o campo de neve; Skog se despediu. O calor do dia estava se dissipando e o ar esfriava. Ela queria descer para se encontrar com o marido.

—

Ao subir o longo campo de neve desde a Travessa, Wilco van Rooijen não estava certo se conseguiria chegar. Não usava oxigênio suplementar como os coreanos ou noruegueses, então era difícil alcançar os 8.500 metros. Sentia-se vazio. Tudo o que tinha já havia se esgotado.

O que podia fazer era se concentrar nas trilhas na neve profunda e seguir adiante. Em algum lugar perto dali escutou a voz aguda do xerpa da expedição americana, Chhiring Dorje, gritando que eles deviam se apressar. A menos que quisessem ser enterrados num mar de neve.

– Às vezes tem avalanches aqui – gritou Dorje.

Van Rooijen tentou se apressar, mas era difícil. A rota parecia levá-los de um monte de neve profunda a outro. Ela fazia uma curva à esquerda e subia uma aresta íngreme. *Quase lá*, pensou.

Inclinou-se à frente para ver se algum dos pontos adiante já havia chegado ao cume. O topo, ainda a horas de distância, estava envolto num céu azul profundo.

Após a aresta, ele chegou a uma subida íngreme, tão íngreme que já não podia mais ver o topo da montanha. Ao se aproximar, ouviu uma voz encorajando-o de algum ponto fora de seu campo de visão. Ele a reconheceu: era Cecilie Skog.

– Continue!

Os membros de sua equipe holandesa estavam espalhados pela encosta. Reuniu a força que ainda tinha e os seguiu, dando dez passos e depois descansando, inclinando-se contra o cabo de seu piolet ou em seus joelhos na neve, depois recomeçando. Por fim, caiu sobre as mãos e os joelhos e engatinhou.

E então, finalmente, chegou ao topo e, cambaleando, pôs-se de pé.

Era maravilhoso. Olhando ao redor, mal podia acreditar. Anos de frustração chegavam ao fim. Sete e meia da noite. Após 17 horas de escalada.

– K2!

Largando a mochila, lançou os braços ao ar em sinal de vitória. Depois começou a chorar.

Toda a equipe holandesa estava parada à sua frente. Eles se juntaram num abraço de grupo, dançando, um amontoado de roupas de neve e bastões de esqui, emoldurados pela aresta branca do cume e pelo domo azul do céu. Van Rooijen, Van de Gevel, Gerard McDonnell, Pemba Gyalje.

Era tarde, mas a alegria de alcançar o cume estava no rosto de todos. Agora faziam parte de uma elite, os quase trezentos montanhistas no mundo a terem escalado o K2. Ele e Van de Gevel eram apenas o terceiro e o quarto holandeses a chegar ao topo. Gerard McDonnell era o primeiro irlandês. Pemba Gyalje e Chhiring Dorje estavam entre os primeiros xerpas a consegui-lo sem a ajuda de oxigênio extra.

Cas van de Gevel falou com o acampamento-base pelo rádio para dar a boa notícia ao resto da equipe. Eles ouviram gritos e palmas.

Durante a subida, Van Rooijen manteve o telefone via satélite desligado nas dobras de sua jaqueta para mantê-lo aquecido e preservar a bateria. Então se ajoelhou, pegou-o e ligou para Maarten van Eck na base nacional da equipe holandesa em Utrecht.

– Maarten, estamos no topo do Kááá Dooooois! – gritou. A notícia seria imediatamente transmitida ao mundo por intermédio do site da equipe holandesa.

Van de Gevel filmou o amigo e eles fizeram uma filmagem panorâmica pelo cenário com a câmera HD. Ao falarem com o acampamento-base, souberam que Dren Mandic tinha morrido. Era triste, mas não poderiam deixar que sua morte entorpecesse os ânimos por muito tempo. Mal podiam acreditar na beleza do cume.

Gerard McDonnell estava especialmente entusiasmado. Tinha retirado o capacete e chorava. O ar agora estava mais frio, mas ele tirou as grandes luvas de escalada e puxou uma bandeira irlandesa de dentro do bolso do casaco. Arqueando as costas, abriu a bandeira com as mãos acima da cabeça.

Tentou telefonar para a família em Kilcornan, mas por alguma razão o telefone via satélite não funcionou e ele não conseguiu fazer a ligação. Mas falou com a namorada, Annie, no Alasca. Conversaram por alguns instantes.

– Estou me sentindo ótimo – disse ele. Estava exultante.

Enquanto McDonnell celebrava, Van de Gevel foi cumprimentar Hugues d'Aubarède.

– Que bom que você conseguiu isto na sua idade! – disse o holandês a D'Aubarède. Apesar de ficar sem oxigênio, o francês tinha conseguido chegar ao topo e estava tirando fotos da paisagem espetacular.

Ele parecia cansado, mas estava feliz.

– Sim, mas eu usei oxigênio – disse D'Aubarède. – Não tão bom quanto você, Cas.

Depois de conversar com Van de Gevel, D'Aubarède atravessou a pequena aresta para cumprimentar Pemba Gyalje, da equipe holandesa. Os dois homens tinham se encontrado no acampamento-base quando Gyalje o ajudou a arrumar algumas bandeiras de oração ao redor da barraca. Tinham conversado sobre budismo e sobre a situação política no Nepal e no Tibete.

O xerpa era um homem viajado e conhecia o mundo. Morou algum tempo na França, nos Países Baixos e no Reino Unido.

Antes de partirem do acampamento-base para a principal subida para o cume, Gyalje aconselhou D'Aubarède a levar quatro cilindros de oxigênio. Mas D'Aubarède insistiu que duas seriam suficientes. O xerpa agora não disse nada sobre o oxigênio, embora pudesse ver que os tanques de D'Aubarède estavam vazios.

O francês entregou ao xerpa sua câmera de vídeo.

– Você pode me gravar falando com minha família? – pediu.

Enquanto Gyalje filmava, D'Aubarède pegou o telefone via satélite e ligou para a companheira, Mine Dumas, em Lyon.

D'Aubarède tinha começado a escalar tarde. A paixão tinha começado em 1972, quando viu o cume do lindo Kilimanjaro pela janela de um avião ao retornar de Madagascar, a serviço militar. Nunca o esqueceu. Em Lyon, seguiu com a vida, o casamento, duas filhas encantadoras e o emprego na companhia de seguros Audiens. A esposa não aprovava o esporte, por isso ele raramente ia para as montanhas, muito embora o Mont Blanc assomasse logo além do horizonte. Mas em 1993 eles se divorciaram; um ano depois, aos 47 anos, voltou para o Kilimanjaro com Mine.

– O cume é tão lindo – disse ele agora, balançando a cabeça diante de toda aquela beleza. – A paisagem… Estou tão feliz!

D'Aubarède descobriu que tinha uma capacidade excepcional para a escalada em altitudes elevadas. Em 17 de maio de 2004, se tornou o 56º francês a escalar o Everest. Mas a família não escalava com ele em montanhas verdadeiramente altas do mundo, e Mine e suas filhas se preocupavam durante o tempo que permanecia fora. Um dia ele poderia não retornar.

Com o telefone pressionado contra os lábios, prometeu a Mine que esta era sua última escalada.

– Da próxima vez eu estarei próximo ao mar com a família!

Ele disse que a estava beijando pelo telefone, mas ela falou para ele economizar o fôlego e voltar rápido para a França. A filha, Constance, se casaria em setembro, em Chamonix.

– Eu telefono quando estiver lá embaixo – disse ele.

A luz do sol estava diminuindo e a temperatura, caindo. Eles se falaram por mais dois minutos e então D'Aubarède telefonou para o diretor da Audiens, em Lyon, Patrick Bezier. Em anos recentes, o trabalho de D'Aubarède tinha se tornado uma ocupação secundária, comparado a suas escaladas, mas ele era mencionado no boletim da empresa e suas aventuras eram um dos temas preferidos dos clientes. A empresa dava-lhe licença no trabalho para seu esporte e ajudava a patrocinar suas expedições.

A secretária eletrônica atendeu.

– Aqui é Hugues d'Aubarède – disse ele, falando tranquilamente ao telefone. – Estamos com 20 graus negativos. Estou a 8.611 metros. Estou gelado, mas muito feliz. Obrigado.

Quando terminou de falar, ofereceu o telefone a Gyalje, que ainda estava a seu lado.

– Você entrou em contato com sua esposa aqui de cima? – perguntou D'Aubarède. – Devia fazer isso, Pemba. Por favor. Use meu telefone.

Mas o xerpa estava sério e disse que já estavam atrasados.

– É hora de descermos – disse ele.

– Sim, concordo, mas chegamos ao cume!

Com a recusa de Gyalje, D'Aubarède pegou de volta a câmera e passou mais alguns minutos tirando outras fotos.

Um dos xerpas telefonou para casa. Jumik Bhote, o líder xerpa da equipe sul-coreana, tinha deixado o telefone celular com a companheira em Katmandu. Pediu o telefone via satélite dos coreanos para ligar para ela. Quando a ligação se completou, Dawa Sangmu lhe disse que ela tinha tido o bebê, um menino.

Bhote fechou os olhos e lhe agradeceu. *Eu te amo! Mande lembrança para todos. Logo estarei de volta.*

Ele estava tão feliz. Daria ao filho o nome de seu falecido pai, Jen Jen.

—

Após as comemorações, as expedições empacotaram seus equipamentos para a descida: câmeras, telefones, garrafas de água, bandeiras. Os rádios e telefones

via satélite pesavam cerca de 450 gramas cada um. Gerard McDonnell entregou seu telefone a Pemba Gyalje para aliviar sua carga.

Algumas das equipes tinham chegado mais tarde do que as demais e outras optaram por ficar um pouco mais que os outros no cume. A essa altura havia um nevoeiro no ar, e era claro que a noite estava chegando. O céu tinha um azul mais profundo. Nos vales, alguns dos picos rochosos se destacavam no nevoeiro como barbatanas de tubarão. Nuvens cúmulos se alinhavam como trens no horizonte.

As equipes olharam para o acampamento 4. Era um ponto minúsculo distante e sedutor, além do platô do cume, além do serac e do Gargalo da Garrafa.

Os dois alpinistas noruegueses foram os primeiros a descer. Skog sabia que Bae a esperava em algum ponto do campo de neve. Estava impaciente para lhe contar a boa notícia. Ele havia insistido em definir como prazo-limite que estivessem de volta à Travessa e presos às cordas fixas antes do anoitecer. Uma vez que estivessem nas cordas, estariam bem. Seria fácil – bastaria seguirem as linhas de volta até o acampamento 4.

Desde que tinha saído da Travessa, Skog vinha escalando sem o auxílio de oxigênio extra, mas agora sentia que precisava dele. Nessa estava carregando o único cilindro que lhes restava e tirou os dois tubos de seu nariz e os passou para ela. Desse modo, um seguindo de perto o outro, desceram pelo lado leste da aresta do cume.

Bem na frente deles, o sol do fim de tarde lançava a sombra da montanha sobre centenas de quilômetros. A sombra era nítida e imensa, um triângulo perfeito, e tão longa que se estendia além do horizonte.

A visão os fez perceber, subitamente, o tamanho da montanha. *A segunda mais alta montanha da Terra.* E eles estavam no seu pico. Pararam por um instante para que Nessa tirasse uma foto.

—

Já eram quase 8 da noite quando a equipe holandesa deixou o cume. Todos já tinham partido e ele estava vazio.

Iniciaram o que todos sabiam ser uma das partes mais perigosas da escalada – a descida. Era assim em qualquer montanha: os alpinistas estavam exaustos e a luz diminuía. No K2 este fato era ilustrado por uma estatística

impressionante: das 66 pessoas mortas no K2 nas últimas sete décadas, 24 morreram na descida, depois de terem conseguido alcançar o cume.

Agora, estava tarde e o sol mergulhava rápido sob o horizonte. No momento em que a equipe holandesa partia, no entanto, encontraram Marco Confortola, o italiano, ainda subindo. Confortola disse que precisava de alguém para tirar algumas fotografias dele no topo, então pediu que Cas van de Gevel esperasse.

– Você pega minha câmera? – perguntou.

Insistindo para que Confortola fosse rápido, o holandês concordou em ficar para trás. Confortola tirou o chapéu e os óculos de segurança e se ajoelhou no crepúsculo em sua roupa preta e verde. Levantou o bastão de esqui para o alto com duas bandeiras amarradas a ele: a italiana e a paquistanesa. A tarde já estava tão escura que Van de Gevel precisou usar flash para tirar a foto.

Tiraram cinco fotos e então Confortola pegou o telefone via satélite e ligou para seu principal patrocinador, Miro Fiordi, presidente da Credito Valtellinese, um banco italiano local.

– Estou no cume – disse ele. Não podia falar muito. – Preciso ir. Está tarde.

Guardando o telefone na jaqueta, ele seguiu Van de Gevel em direção ao escuro campo de neve do cume.

Parte II

# DESCIDA

**Sexta-feira, 1º de agosto – Sábado, 2 de agosto**

"Não temos tempo para luto."
– Lars Flato Nessa, K2, 2008

"Sem cordas! Gargalo da Garrafa sem cordas.
Grande problema. Muito perigo."
– Chhiring Dorje, K2, 2008

# CAPÍTULO OITO

## Oito horas da noite

Existem diversos tipos de avalanche, mas dois são provavelmente os mais comuns: a avalanche de neve solta e a avalanche de placas.

Ambas são causadas por fragilidades nas camadas de neve acumulada e por alterações de energia, como o calor ou o movimento.

Nas avalanches de neve solta, o ponto de deslize está na superfície ou logo abaixo dela. Solta, a neve pulverulenta desce a encosta num formato de V invertido, como grãos de sal escorregando de um grande monte.

A avalanche de placa é mais perigosa para os montanhistas. A fragilidade está num ponto mais profundo do acúmulo de neve. Uma grande placa de neve coesa, às vezes com centenas de metros de extensão e vários metros de profundidade, se racha com um som característico e desmorona.

Se uma avalanche acelera sobre uma alteração abrupta na encosta, ela se transforma numa avalanche de neve em pó. Esse tipo de avalanche tem uma massa pequena, mas pode viajar a 240 quilômetros por hora, movendo-se ao longo de um vale e chegando a subir a base de uma encosta oposta. Algumas dessas avalanches são seguidas por uma rajada de ar que suga neve, e sabe-se de casos em que soprou pessoas para a morte.

E há outro tipo de avalanche, que pode ser ainda mais letal. Ela não envolve neve, mas gelo glacial, e pode ser causada quando a extremidade da frente de um glaciar se rompe e blocos despencam como bloquinhos de brinquedo caindo do alto de uma torre. O termo técnico é *calving*, e não faz justiça à violência do evento.

Alguns blocos podem ser do tamanho de bolas de futebol, outros podem ser tão grandes quanto geladeiras, carros ou casas. Eles caem depressa, quicando, triturando, despencando de um penhasco ou encosta como rochas em um desmoronamento. (O gelo glacial é um tipo de rocha metamórfica.)

A queda de gelo é seguida por uma turbulenta nuvem de poeira com centenas de metros de altura. A nuvem pode se deslocar por quilômetros além do ponto onde a queda de gelo para.

O mais proeminente glaciar pendente no K2 é aquele acima do Gargalo da Garrafa. É um serac – definido, no dicionário, como um pináculo de gelo de

formato irregular sobre um glaciar, formado pela interseção de fendas ou fissuras profundas. O nome deriva de uma palavra francesa do século XIX que identifica um queijo branco, compacto e friável.

Ao longo dos anos, o serac acima do Gargalo da Garrafa passou a ser chamado de glaciar Balcão ou serac Balcão. Sempre foi uma visão assustadora. Em 1993, um canadense desapareceu debaixo do Gargalo da Garrafa. Os colegas alpinistas se viraram e ele tinha sumido. Acreditaram que tivesse sido atingido por uma queda de gelo.

Ninguém sabe quando um serac desmoronará. Pode acontecer por causa do calor, de uma nevasca ou de um terremoto, mas na maioria das vezes ocorre em virtude da velocidade de movimento do glaciar, o que pode variar de muitos centímetros a metros por ano.

Nos últimos anos, o serac Balcão no K2 estava estável.

—

– Rolf! Rolf!

Descendo do cume atrás de Lars Flato Nessa, Cecilie Skog começou a chamar o marido. *Onde estaria?* Os campos de neve estavam quietos e silenciosos. Sua voz percorreu um longo caminho sobre as ondas de neve.

Em menos de uma hora, Skog finalmente o viu. Estava sentado sobre um dos pequenos montes de neve e ela se apressou para chegar até ele. Eles se abraçaram e ela olhou em seu rosto, sentindo-se orgulhosa. A decisão de Bae de parar após a Travessa provava que estava mais interessado na escalada, no trabalho de equipe, em *apenas estar ali* naquele lugar inóspito, do que em chegar ao cume. Poucos montanhistas teriam voltado depois de chegar tão perto.

Alguns alpinistas no acampamento-base se sentiram ligeiramente intimidados com Bae antes de sua chegada à montanha. Ele tinha um currículo impressionante. Sua reputação como hábil escalador de rochas era conhecida, e temiam que se mantivesse afastado. Mas ele tinha se juntado ao grupo e encorajado os outros, o que alpinistas como os americanos apreciavam. Bae lhes disse que deviam apenas se esforçar ao máximo. Que cuidassem de sua segurança, mas se divertissem.

Bae parabenizou a esposa calorosamente:

– Que bom que você conseguiu – disse ele. A voz ficou mais séria. – Mas agora precisamos descer em segurança.

Bae disse que se sentia melhor do que algumas horas antes. Mas seu cilindro de oxigênio estava quase no fim outra vez. Skog vinha respirando o suprimento de oxigênio de Lars Nessa desde o cume e passou o tanque a Bae. Ele era um líder de expedição cuidadoso; fazia de tudo para reduzir os riscos enfrentados por sua equipe, insistindo para que usassem oxigênio mesmo quando outras equipes criticavam isso, dizendo ser trapaça.

Agora, como sempre, os noruegueses marchavam em fila única, prestando atenção a fendas e montes de neve.

Skog sabia da sorte que tinha por ter a vida com que sempre havia sonhado. Numa expedição com Bae, ela podia estar do lado de fora, sob o céu aberto, com o único objetivo de chegar ao acampamento e se aquecer; e quando estava aquecida, estava feliz. Isso era tudo que queria. Tudo que precisava. Ela e Bae não tinham nenhuma das tensões que outros alpinistas enfrentavam com seus cônjuges que se ressentiam dos meses de distância e dos riscos de morte que corriam. Quando estavam nas montanhas ou em outros lugares selvagens, estavam em casa.

Durante as semanas no K2, quando Bae estava distante escalando as Torres Trango, sentiu falta do marido. Ela havia explorado as encostas ao lado de outras equipes, mas, apesar das multidões, a montanha lhe parecia vazia. Depois de Trango, Bae primeiro foi à Noruega para um curso de guias no norte do país, o que significou um tempo ainda mais longo de afastamento.

De vez em quando, no acampamento-base, Marco Confortola soprava-lhe um beijo e a cumprimentava dos campos rochosos.

– Cecilie! A mais linda mulher do acampamento-base.

Outras vezes, os três sérvios a chamavam, mas ela nem se lembrava do que lhe diziam.

Estava só.

Então uma noite, em julho, desceu de um dos acampamentos mais altos, suada e cansada, e alguém no acampamento-base a chamou:

– Cecilie, tem alguém aqui esperando por você! – Era Rolf, e ela correu até ele.

Entraram em sua grande barraca Bergen, entre malas e esteiras no chão, e ele lhe contou tudo sobre Trango. Ele e os amigos tinham escalado uma rota chamada Pilar Norueguês até o topo e tinham se tornado os primeiros a voltarem vivos. Era uma rota mal-afamada na Noruega; dois noruegueses haviam morrido nela em 1984.

Ao se falarem pelo telefone enquanto Bae estava na Noruega, Skog brincou que ele poderia trazer algum móvel de Stavanger para tornar mais confortável sua barraca no acampamento-base. Agora ela via que ele tinha cumprido a promessa. Trouxe um sofá Ikea de plástico inflável, azul com bolinhas cor-de-rosa. Ela o abraçou. Era um gesto encantador e tão típico de Bae.

No calor do aquecedor a gás de quase 7kg, sentavam-se no sofá. Durante as semanas seguintes, quando o resto do acampamento-base se preparava para dormir, entretinham os amigos de outras expedições. McDonnell aparecia. Eric Meyer também. Eles se sentavam e assistiam a DVDs no Macintosh de Bae, filmes como *Instinto selvagem* e *Legalmente loira*, que Skog tinha comprado em Katmandu. A equipe toda ficou mais feliz após a chegada de Bae.

Depois de caminharem por mais uma hora pelos campos de neve do cume, os três alpinistas noruegueses se aproximaram de um monte de gelo onde, na subida, Skog e Nessa haviam escondido um rolo de corda extra com 36 metros. Nessa o recebeu de um dos xerpas pela manhã, quando estavam cortando as cordas na base do Gargalo da Garrafa. Após a Travessa, calcularam que não precisariam dessa corda nos campos de neve.

Skog precisou lembrar a Nessa que ela estava atrás do monte de gelo.

– Tem certeza de que vamos precisar dela? – perguntou ele, cético.

– Quem sabe se um parafuso não vai falhar ou algo assim – disse Skog. E eles foram buscá-la.

Depois voltaram rapidamente, conscientes de que o oxigênio de Bae estava acabando aos poucos e que o ar ao redor estava ficando mais escuro.

Às oito horas da noite, chegaram ao início das cordas fixadas que conduziam à Travessa. Tinham cumprido o prazo-limite estabelecido por Bae de chegarem às cordas antes de escurecer, mas apenas por alguns minutos. O céu ocidental acima do Karakoram estava com um tom de rosa exuberante.

Os três alpinistas precisaram se prender e desceram de rapel, diagonalmente, por uma corda de cerca de 36 metros até o primeiro descensor antes de poderem mergulhar ao longo da Travessa sob o serac. Logo estariam de volta ao acampamento-base, pensaram.

Nessa soltou a corda primeiro, seguido por Skog e depois por Bae. Skog não pôde deixar de pensar que eles trabalhavam muito bem em equipe.

Pararam por um instante em uma saliência onde podiam ficar de pé com bastante conforto. O ar ao redor ficava cada vez mais escuro e cheio de sombras. Os dois homens ligaram suas lanternas, acopladas ao redor de seus

capacetes com fitas elásticas e grampos. Skog e Nessa esperaram que Bae lhes dissesse o que fazer em seguida.

Skog quis se assegurar de que sua lanterna funcionaria com força total, então desenroscou a parte de trás do aparelho para trocar as pilhas.

Nessa perguntou a Bae se queria que ele fosse primeiro.

A resposta de Bae veio do escuro.

– Não. Eu vou à frente e quero que Cecilie venha entre nós dois – disse ele.

Skog observou o marido mudar de posição na corda e descer rapidamente no poço escuro da Travessa, desaparecendo de vista.

Skog logo terminou de enroscar a parte de trás da lanterna. Desceu de rapel por outra extensão de corda, mas precisou parar novamente quando a corda se retorceu pela força de sua descida pouco antes do próximo parafuso de gelo, e ela levou um minuto para passar por ele. Em seguida, continuou a descer, olhando fixamente para a escuridão à frente com o cone de sua lanterna. Passaram-se outros dez ou 15 minutos antes que ela visse a luz de Bae. Ele estava uns 25 metros à frente dela.

Mantiveram essa distância por cerca de uma hora. Lars Nessa seguia em algum ponto atrás de Skog. Então Bae chegou a um ponto que, pelos cálculos de Skog, ficava no meio da Travessa.

Até aquele momento não houvera nenhum movimento ou som acima deles. Mas naquele ponto a montanha começou a tremer. Houve um nítido estalido e um estrondo. Cecilie balançou sem equilíbrio contra a parede de gelo. Sentiu a corda se retesar e depois se soltar novamente. Na agitação, a lanterna se apagou e ela tateou cegamente pelo gelo, aterrorizada, até que o tremor parou.

Olhou à frente, mas a luz de Bae também tinha desaparecido.

– Rolf?

Ela chamou, vacilante a princípio, mas cada vez mais alto conforme o terror aumentava.

—

Lars Flato Nessa descia cuidadosamente a Travessa, checando a corda ao seguir, quando ouviu o som impetuoso de gelo caindo.

Ele parou, pensando no que poderia ser. Não tinha percepção da distância do som. Poderia ter sido quilômetros abaixo dele, pouco abaixo ou apenas a alguns metros.

Um instante depois ouviu Cecilie gritando por Rolf. Então soube que o que quer que tivesse acontecido, tinha sido perto. Pelo som da voz dela, era grave.

Ele desceu de rapel e encontrou Skog encostada contra uma parede de gelo, no escuro.

– Cecilie, você está bem?

– Onde está ele? – perguntou Skog. – Onde está ele, Lars? Para onde foi? O que aconteceu? Quero vê-lo. Onde ele está?

– Espere aqui – disse Lars.

Nessa não tinha a menor ideia do que encontraria enquanto escalava apreensivamente na escuridão. Seguiu a corda por uns 25 metros até que chegou ao parafuso de gelo onde os sul-coreanos tinham abandonado seu conjunto de garrafas de oxigênio vazias na subida. Mas ali a corda terminava abruptamente, como se tivesse sido cortada com uma faca.

– Você está aí, Rolf? – chamou, olhando à frente com sua lanterna.

Podia ver claramente que tinha havido um grande desmoronamento de gelo nessa parte da Travessa. A violência da queda era óbvia, como se tivesse havido uma batalha. A neve tinha sido compactada novamente; o gelo tinha caído do alto, escondendo qualquer marca de pegadas deixadas anteriormente durante o dia.

Nessa soube que o amigo estava morto. Olhou de cima do precipício, sabendo que seu corpo estava lá embaixo, em algum lugar. Poderiam tentar encontrá-lo, mas morreriam.

Quando reencontrou Skog, ela olhou para ele suplicantemente.

– *Tror du det er haap?* – perguntou ela. *Você acha que há esperança?*

*Não, Cecilie, nenhuma esperança*, ele pensou. Estavam na lateral da montanha, a mais de 7.900 metros de altura, cercados por um cone de escuridão implacável. Bae tinha sido seu líder, mas agora não estava ali para ajudá-los. Nessa quis ter certeza de que Skog tinha compreendido que não havia chance de recuperar o marido.

– *Nei* – disse ele. *Nenhuma esperança.*

– Precisamos encontrá-lo, Lars.

Nessa não era um alpinista de tempo integral, como Skog e Bae. O enfermeiro de 28 anos era o membro menos experiente da expedição. Os dois astros, Skog e Bae, tinham lhe oferecido um lugar na equipe no último minuto. Tinha concordado em vir ao Paquistão quase como um capricho, para ver a que altura conseguia chegar, para ver como era essa grande maravilha, o

K2. Nunca imaginou que fosse chegar tão longe. Mas tinha se saído melhor do que imaginava e agora se surpreendia novamente. Esperava que fosse se sentir esgotado, mas, ao contrário, sentia-se calmo e racional. Olhou para Skog, que ainda se agarrava à parede de gelo, e entendeu que ela precisaria de sua ajuda para chegar viva lá embaixo.

Ele lhe disse que não podiam se dar ao luxo de chorar por Bae.

– Algo terrível aconteceu – disse ele. – Precisamos nos concentrar. Não temos tempo para luto.

Mas o que fariam? Podiam esperar pela luz do dia. Mas na Zona da Morte? Por outro lado, não tinham corda. Qualquer deslize ou passo mal dado significaria a morte.

Nessa se lembrou de que não era incomum estar numa expedição na Noruega e descobrir que tinham esquecido algumas das cordas, descensores ou parafusos. Tinham apenas de ser criativos e encontrar alguma outra forma de resolver esse problema. E então se lembrou do rolo de corda que tinham escondido e pegado novamente no campo de neve do cume e que estava em sua mochila.

Ele a pegou, percorrendo as mãos nela. Na verdade, eram duas extensões de corda presas uma à outra com um nó, uma extensão branca e uma colorida. Também se deu conta de que tinha um parafuso de gelo confiável para prendê-la – aquele que ainda estava fixado no gelo da Travessa. Tinha sido posto à prova por uma avalanche e havia resistido.

Nessa desceu novamente e amarrou a corda; quando voltou, disse a Skog que desceria de rapel para encontrar uma saída. Ela estava em choque, mas assentiu e pareceu compreender o que ele lhe havia dito.

A lanterna de Skog ainda estava sem funcionar. Depois de trocar as pilhas, não a tinha fechado direito e elas caíram durante a avalanche. Descendo pela corda, Nessa viu Skog ser engolida pela escuridão.

Ele desceu de rapel em diagonal para a direita, acima das rochas quebradas, tensionando as pernas para evitar balançar de volta à posição vertical, como um pêndulo, e prestando muita atenção ao fim da corda. Na escuridão, não tinha certeza de para onde estava indo, mas, após uns 35 metros, reconheceu as rochas à sua volta e percebeu que tinha chegado ao Gargalo da Garrafa.

Nessa gritou para Skog e logo sentiu o peso dela se movendo na corda. Ele segurou firmemente a ponta da corda. Cinco minutos depois, as pernas de

Skog apareceram do meio da escuridão e ela logo estava ao lado dele, apenas ligeiramente sem fôlego.

A primeira coisa que disse a Nessa foi:

– Você o encontrou?

Ele balançou a cabeça.

– Quando vamos encontrá-lo? – perguntou ela.

– Cecilie, ele se foi.

– Como você pode ter certeza?

– Olhe, podemos procurar por ele amanhã, quando houver luz. De qualquer modo, você não verá nada agora.

Nessa se lembrou das três regras de ferro de Bae. Sabia que tinha de levar Skog e a si próprio para casa. Não podiam correr o risco de procurar por Bae. Agora perceberam que além de cortar a corda na Travessa, a avalanche tinha varrido ou enterrado as linhas fixadas no Gargalo da Garrafa. A ravina estava coberta por grandes pedaços de gelo. Não havia nada a fazer senão voltar o rosto para a encosta e descer sem corda.

– Temos que ir – disse Nessa.

Skog assentiu.

Nessa foi primeiro, perfurando a neve com seu piolet e com os dentes de seus grampões. De poucos em poucos metros parava e apontava a lanterna para cima, tentando dar a Skog o máximo de luz que podia. Esperava que ela chegasse até onde ele estava e então descia mais alguns metros.

Era um modo lento e trabalhoso de descer a montanha; estavam cansados e com os nervos em frangalhos por causa da morte de Bae. Nessa encorajava Skog e tentava guiá-la, e ela tentava se concentrar e ser paciente, embora os pedaços quebrados de gelo ao redor tornassem o caminho perigoso.

Skog tinha dúvidas de que conseguiria chegar lá embaixo. Escalava automaticamente, movendo um piolet para baixo e depois a bota. Piolet e bota.

Meia hora depois, a ravina de gelo ficou um pouco mais plana e Skog e Nessa puderam se virar, manter-se um pouco mais eretos e caminhar lentamente em fila única. Inclinavam o corpo, cautelosamente, porque o gelo ainda estava escorregadio, e seguraram as lâminas de seus piolets nas mãos e fincaram os cabos na crosta de neve à frente.

Ainda estavam caminhando em meio aos blocos de gelo caídos do serac quando a bota de Skog prendeu num bloco de gelo e ela caiu.

A superfície estava dura e escorregadia, e Skog deslizou rapidamente, tropeçando, rolando e gritando para que Nessa a ajudasse. Estava numa encosta e não conseguia ver para onde estava indo. Após uns 20 metros, lançou seu piolet e fincou a ponta no gelo, o que a deteve.

Ela ofegava, tentando recuperar o fôlego. As calças estavam rasgadas ao longo da perna. Mas ela estava viva.

Nessa se arrastou até ela.

– Achei que fosse o fim – disse ela, ainda com a respiração pesada, enquanto Nessa a ajudava a se levantar.

– Eu também – disse ele.

Ela estava machucada, trêmula e se sentindo mais fraca e exausta que nunca, mas eles continuaram a descer. O vento aumentava.

Depois de uma hora, a linha de corda fixa reapareceu subitamente e eles se prenderam a ela. À frente, uma luz pequena e forte piscava na direção do acampamento 4. Alguém tinha acendido um farol. Eles ajustaram a bússola na direção dele.

Ao se aproximarem do acampamento, Skog se convenceu de que Bae estaria na barraca esperando por ela. É claro que ele estava no acampamento 4, pensou. O marido estava constantemente preocupado com segurança. Nunca se arriscava. *Segurança e certeza. Voltar para casa.* Nada poderia ter acontecido. Ela estava atrasada e ele devia estar preocupado, pensou. *Cecilie, onde você estava?* Skog disse a si mesma que precisava se apressar. Precisava voltar.

No acampamento 4, Skog e Nessa foram direto para a barraca de Oystein Stangeland, o quarto membro da equipe norueguesa. Stangeland tinha voltado logo depois da Travessa. Abrindo a barraca, Skog olhou imediatamente para ver se havia mais alguém, mas ele estava sozinho.

No interior da barraca, Stangeland perguntou onde estava Bae, e Nessa balançou a cabeça.

– Rolf se perdeu – disse Nessa.

Era tudo o que ele tinha a dizer. Era curto, brutal e os três alpinistas sabiam o que significava.

Na noite anterior, Skog e Bae dormiram juntos em uma das barracas do acampamento 4, e Nessa e Stangeland dividiram a segunda barraca. Skog voltou para sua barraca. Bae também não estava lá.

Nessa levou para ela uma garrafa de água que Oystein tinha derretido. Skog estava com sede, mas não com fome. Sentia frio, cansaço e tristeza. Nessa a

ajudou a retirar seus grampões. Continuou com as botas, as grossas roupas de escalada e tudo o mais.

Os dois alpinistas se deitaram sobre a esteira, debaixo do saco de dormir, e Nessa abraçou-a.

# CAPÍTULO NOVE

A natureza violenta e instável do K2 se revelou de forma dramática durante uma expedição à montanha em 1953.

Um ano antes de Desio, Lacedelli, Bonatti e Compagnoni fazerem sua peregrinação da Itália, uma equipe de sete americanos e um britânico chegou às encostas. Eram liderados por Charles Houston, um médico nova-iorquino de 39 anos, pós-graduado por Harvard e uma figura lendária do montanhismo americano, embora essa viesse a ser sua última escalada. Sua equipe incluía um alpinista de 27 anos, Art Gilkey, aluno de pós-graduação em Geologia pela Universidade de Columbia, em Nova York, e por Pete Schoening, 26 anos, de Seattle.

Durante seis semanas a equipe escalou de modo constante, derrotando os mais difíceis marcos do K2, incluindo a Chaminé House e a Pirâmide Negra, e encontrando as barracas vazias da expedição de Wiessner. O famigerado clima já tinha começado a soprar: numa violenta tempestade, a equipe de Houston ficou presa nas barracas do acampamento 8 da expedição, a 7.700 metros de altura e a 900 metros do cume. Não conseguiam acender os fogões facilmente, por isso, tinham dificuldade para derreter a neve para beber e cozinhar. Passavam o tempo lendo em voz alta uns para os outros, pintando ou escrevendo diários. Quatro dias depois, após uma de suas três barracas ser golpeada pela tempestade, o vento diminuiu ligeiramente e eles saíram das barracas. Art Gilkey, no entanto, tinha desenvolvido um inchaço na perna esquerda. Ele caiu e desmaiou.

Quando voltou a si, insistiu que só estava sofrendo de cãibra.

– Eu estou bem, gente; é apenas a minha perna, só isso – disse ele. – Já senti essas dores por alguns dias.

Mas ele tinha desenvolvido tromboflebite, ou coágulos sanguíneos, nas veias da panturrilha esquerda. Certamente não podia subir mais e não conseguiria descer sozinho.

Uma nova tempestade se abateu, confinando a equipe mais uma vez em suas barracas; os coágulos se espalharam para a perna direita de Gilkey e, finalmente, para os pulmões. Gilkey se desculpou por se tornar um fardo, mas seus seis colegas lhe deram uma injeção de morfina e rapidamente montaram

uma maca improvisada com seu saco de dormir, uma barraca, uma mochila e um gancho de corda.

A rota da subida corria grande risco de uma avalanche, então, em meio ao vento uivante seguiram na direção oeste por uma nervura rochosa, arrastando Gilkey, cujo rosto agora estava azul, pela neve profunda. Quando a escarpa se tornou mais íngreme, eles o baixaram com uma corda amarrada à maca e ancorada do alto por Pete Schoening. Para isso Schoening prendeu seu piolet na neve atrás de uma grande pedra, usando uma corda para sustentá-lo e amarrando a ponta da corda uma vez ao redor do cabo e em volta de sua cintura.

Baixaram Gilkey delicadamente até chegarem a um lugar onde começaram a cruzar as pedras para o acampamento 7. Mas, nesse ponto, um deles escorregou e deslizou. Ele estava amarrado a um colega que, com a força da queda, também caiu. Os dois então bateram contra a corda entre Houston e outro alpinista. Em um instante, os quatro estavam deslizando encosta abaixo em direção ao precipício. Ficaram presos a um quinto alpinista que estava preso à corda da maca de Gilkey, e ele também começou a deslizar. Emaranhados, iriam cair milhares de metros, ao que parecia, e iriam morrer.

Mas Schoening ainda estava sustentando Gilkey do alto e o incrível aconteceu. Mesmo com o peso dos seis montanhistas na sua corda, a força de Schoening impediu as quedas.

Enquanto puxava, a fila de homens em queda parou, pendurada acima do despenhadeiro. Lentamente, um a um, os montanhistas se colocaram de pé. Um deles tinha perdido as luvas e as mãos estavam congeladas; outro tinha uma costela quebrada e um grande corte na perna; um terceiro tinha um sangramento no nariz. Houston estava inconsciente e precisou ser reanimado pela lembrança de que se não subisse agora jamais veria a esposa e a filha novamente.

Os alpinistas ancoraram Gilkey na encosta com dois piolets e explicaram que logo voltariam para buscá-lo.

– Eu ficarei bem – disse Gilkey. – Estou bem.

Os montanhistas foram se arrastando até a pequena saliência onde um membro do grupo já estava armando duas barracas. Enquanto faziam isso, ouviram Gilkey chamando-os de sua maca, a 45 metros de distância. Dez minutos depois retornaram para pegá-lo, mas ele tinha desaparecido.

A princípio acharam que uma avalanche o tinha levado, mas nos anos seguintes, alguns ficaram imaginando se Gilkey não teria cortado as cordas para que seus colegas não tivessem de carregá-lo. Teria se sacrificado para que pudessem viver? Ao continuarem a descida ao longo dos próximos dias, não viram sinal de Gilkey, a não ser por um emaranhado de cordas, um saco de dormir rasgado, o cabo de um piolet e rochas manchadas de sangue. Todos analisaram os restos, mas nenhum admitiu, senão anos depois, que os tinham visto.

O K2 tinha conexões italianas íntimas, graças ao duque de Abruzzi e ao triunfo de Compagnoni e Lacedelli. Mas ao longo dos anos, depois de uma expedição americana em 1938, da fracassada tentativa de Wiessner, em 1939, e da expedição de Houston e seus colegas, em 1953, também ficou conhecido como a "Montanha da América".

Em 1953, um dia após o retorno dos americanos ao acampamento-base, os carregadores hunzas erigiram um memorial de pedras, com 3 metros de altura, para Art Gilkey. Era uma pilha de rochas lançadas sobre um espigão de pedra na confluência dos glaciares Savoia e Godwin-Austen, de frente para a face sul do K2.

Era um monumento ao trabalho de equipe e à fraternidade. Era também um monumento à mortalidade e ao perigo da montanha. Ao longo dos anos, outros nomes foram acrescentados ao memorial, nomes gravados em placas metálicas simples, ou vidas homenageadas por meio de fotografias, elaboradas esculturas em pedra ou trabalhos em metal. Quando restos de alpinistas mortos eram encontrados no glaciar, com frequência eram levados e enterrados nas fendas entre as rochas.

Ao longo das décadas, tornou-se uma questão de dever para os montanhistas que vinham ao K2 escalar o rochedo ao lado do acampamento-base e visitar o Memorial de Gilkey. O glaciar recuava e a cada ano o promontório ficava mais alto.

Placas foram colocadas ali para honrar desastres posteriores. Os acidentes de 1995 que custaram sete vidas, incluindo a de Alison Hargreaves, uma inglesa, mãe de duas crianças pequenas, soprada da montanha logo abaixo do cume por ventos súbitos e com a força de um furacão. E as mortes em 1986, quando 13 alpinistas pereceram durante a estação de escalada. Um deles, o italiano Renato Casarotto, escalou a Linha Mágica, uma rota especialmente difícil e famosa, também conhecida como Pilar Sudoeste, embora tivesse voltado antes de

chegar ao cume. Próximo ao acampamento-base, ele caiu numa fenda. Renato telefonou para a esposa, que esperava por ele numa barraca do acampamento, para dizer a ela que estava morrendo e precisava de ajuda urgente. A equipe de salvamento o alcançou na mesma noite e conseguiu resgatá-lo, mas ele morreu logo em seguida e, ao amanhecer, foi devolvido à fenda.

Durante o verão, Gerard McDonnell e a equipe holandesa subiram para fazer suas homenagens. Marco Confortola também visitou o Memorial, bem como Alberto Zerain. Eric Meyer e três outros da equipe americana fizeram a peregrinação e, no silêncio, deram-se os braços e curvaram as cabeças em oração, ignorando o cheiro de carne podre na brisa. Hugues d'Aubarède escalou e examinou atentamente as placas com nomes.

Todos contemplaram o heroísmo e a eternidade, aceitando que a morte era uma possibilidade, um risco – mas sem acreditar totalmente que o Memorial de Gilkey e aquilo que ele representava pudessem fazer parte do futuro deles.

# CAPÍTULO DEZ

## Onze horas da noite

Em sua barraca no Ombro, onde estavam deitados em sacos de dormir, esperando que as pessoas descessem do cume, Eric Meyer e Fredrik Strang não ouviram Cecilie Skog e Lars Flato Nessa chegarem ao acampamento 4.

Monitoravam o rádio, atentos a qualquer transmissão, bebiam o máximo de água possível e tentavam permanecer aquecidos e alertas, para o caso de sua ajuda ser necessária. Tinham cozinhado macarrão, mas era difícil engolir qualquer coisa.

Mais cedo, conforme as pessoas chegavam ao cume, as vozes no rádio eram animadas. Chhiring Dorje era o único membro da expedição a ter continuado até o topo.

– Grande Namastê – disse ele ao telefonar. – Muito feliz por estar no cume, irmão! – Ele e Meyer chamavam-se um ao outro de irmão.

– Parabéns – disse Meyer.

Meyer era cristão, Dorje, budista. Descobriram que espiritualmente tinham muito em comum. Dorje e a esposa tinham visitado Meyer no Colorado, e Meyer o havia ensinado a esquiar. No K2, Dorje tinha construído um *chorten*, um santuário de 2 metros perto das barracas no acampamento-base e encorajado os membros da equipe americana a jogar oferendas de arroz para a montanha; todas as noites ele entoava suas orações.

Meyer e Strang estavam orgulhosos por um membro de sua equipe ter conseguido chegar ao cume. Também era um alívio ouvir uma boa notícia após as mortes de Dren Mandic e Jahan Baig. Lançaram os braços no ar e bateram-se as mãos em comemoração. *É isso aí!*

Mas depois disso o rádio havia silenciado.

Por volta das dez da noite, Meyer notou lanternas descendo do cume. Caminhou no lado de fora para examiná-las, e a visão o deixou inquieto. Os alpinistas já precisavam usar lanternas, embora ainda faltasse muito para chegarem ao acampamento 4.

– Merda, eles estão atrasados! – disse Strang, quando Meyer retornou à barraca. – Onde está Chhiring?

O acampamento 4 estava em silêncio. Os sérvios já tinham descido para um dos acampamentos mais baixos. A uns 10 metros das barracas, a equipe americana havia colocado um sinalizador na neve, prendendo-o no topo de três varas de bambu. Um dos outros membros da equipe americana, Chris Klinke, um alpinista de Michigan, o tinha comprado durante um espetáculo de aventura ao ar livre, em Salt Lake. Era redondo e com apenas 10 centímetros de comprimento, mas emitia uma poderosa luz branca intermitente que cortava a noite e ajudaria a guiar as pessoas em segurança; o acampamento 4 estava cercado por desfiladeiros, ou ravinas, e era muito fácil se perder.

Meyer e Strang aguardaram notícias pelo rádio. A equipe americana tinha rádios Icom de 5 watts. Alguns dos conjuntos, com cerca de 15 centímetros de altura, tinham microfones de mão por controle remoto, de modo que os membros da equipe podiam manter o rádio dentro do bolso do casaco e as pilhas ficariam aquecidas. As equipes tinham concordado que uma boa comunicação era essencial, por isso haviam estabelecido uma frequência comum para todos os rádios que estavam sendo usados pelas expedições na escalada, que os americanos apelidaram de "frequência Nações Unidas". Mas, por alguma razão, os rádios da equipe holandesa nem sempre funcionavam naquele ponto do dial, e os sul-coreanos aos poucos tinham assumido a frequência e ninguém compreendia o que estavam dizendo. Em consequência disso, os americanos tendiam a usar sua própria frequência, assim como os italianos. Meyer agora checava o canal N.U., mas também continuava a girar o botão para ver se alguém mais poderia estar tentando chamar.

De qualquer modo, nem todos tinham rádio. Alguns o tinham deixado para trás para evitar o peso. Outros tinham simplesmente o esquecido nas barracas, e outras equipes haviam se dividido: uma pessoa levava o rádio e outra levava o telefone via satélite para dar o telefonema obrigatório para os familiares e amigos do alto do cume. À luz do dia isso fazia todo o sentido do mundo, mas parecia um pouco estúpido para Meyer e Strang agora que estavam todos atrasados e a meia-noite se aproximava. Por que ninguém dizia nada?

Os dois alpinistas deitaram-se de costas sobre os sacos de dormir e esperaram. Às 22h30 o rádio finalmente chamou. Era Chhiring Dorje. Disse que tinha chegado à Travessa, mas tinha más notícias.

– Sem cordas! Gargalo da Garrafa sem cordas. Grande problema. Muito perigo.

Meyer segurou o rádio e absorveu a notícia.

– Esse é um ponto muito difícil, Chhiring – disse. Sabia que não precisava dizer a Dorje o que fazer, mas disse mesmo assim. – Acho que você deve continuar. Continue descendo, seja qual for o perigo. Mas tenha cuidado.

Dorje disse que estava sozinho, embora estivesse seguindo outros dois xerpas, que estavam em algum ponto à sua frente. Ele informou a Meyer que todos os outros ainda estavam atrás dele e que, portanto, ainda não tinham chegado ao rompimento nas cordas. Seu cordão umbilical tinha sido cortado. Seriam suficientemente bons para descer sem ele na escuridão – ou tinham descido tarde demais? Meyer e Strang começaram a se dar conta de que tinham uma completa catástrofe nas mãos.

—

Chhiring Dorje era um homem forte, de ombros largos, bochechas vermelhas e cabelos bem negros cortados em formato de tigela. O amigo Eric Meyer dizia que ele parecia o Oddjob, o vilão de James Bond.

Dorje tinha descido do cume com um grande grupo de alpinistas. Todos sabiam que tinham começado a descer tarde e que o tempo estava se esgotando. Também estavam receosos de cair sob a luz fraca, por isso a equipe sul-coreana fixou uma corda em um trecho íngreme do campo de neve, começando cerca de 90 metros abaixo do topo. Isso atrasou as equipes mais uma vez.

Dorje tinha ajudado o xerpa, chefe dos coreanos, Jumik Bhote, a carregar e fixar a corda. Passava das nove da noite e, no crepúsculo, os montanhistas prenderam-se na linha e desceram cuidadosa e lentamente em fila única; em alguns pontos, a neve chegava às suas coxas.

A corda ajudava. A descida teria sido mais rápida se os montanhistas estivessem divididos em duas filas. Assim, os mais rápidos poderiam ter avançado. Mas só havia uma corda e, de qualquer modo, criar duas trilhas duplicaria o risco de avalanche.

Dorje acreditava que esse era o modo certo de agir. Todos estavam juntos como grupo. Mas após quatro extensões de corda, os montanhistas de repente começaram a se soltar e partiram independentemente na escuridão.

Dorje era um alpinista forte e seguia primeiro com os dois xerpas, Pemba Gyalje e o Pequeno Pasang Lama. Atrás deles, a lenta procissão de montanhistas descia as escarpas, mal parecendo se mover. Podia ver vagamente

os coreanos – Kim Jae-soo e Go Mi-sun – e Wilco van Rooijen e Hugues d'Aubarède. Seguiam com dificuldade, e Dorje sentiu que se não esperasse para ajudá-los, poderiam se perder. Segurando o piolet, se sentou na neve.

Quando Dorje se virou, Gyalje e Lama tinham desaparecido de vista. Não havia sinal de suas lanternas e ele foi tomado pelo medo de que tivessem sido arrastados por uma avalanche. Os campos de neve estavam aterradoramente vazios. De repente, o xerpa teve dúvida de que alguma das expedições fosse sobreviver. Também se preocupou consigo mesmo. Estava com frio, e ficou imaginando se realmente conseguiria voltar para sua casa no Nepal.

– Oi! – gritou para as pessoas atrás dele. Houve alguns gritos em resposta. – Venham rápido! – chamou.

Dorje partiu sozinho, mas tinha escalado apenas uns poucos metros quando escorregou e caiu rapidamente, trombando e deslizando. Enfiando o cabo de seu piolet por trás de si, conseguiu parar após uns 20 metros. Levantou-se, pensando na sorte que tinha tido e imaginando onde os dois xerpas estariam, e se estariam realmente mortos. Então desceu sozinho para a Travessa, finalmente chegando a um trecho onde a corda pendia sem firmeza do parafuso de gelo. Estava diferente da situação na subida.

Testando a corda, percebeu que estava esticada, provavelmente pelo peso de montanhistas abaixo. Sua esperança aumentou. Seriam os dois xerpas? Ele desceu e, olhando para a escuridão, percebeu um ponto de luz abaixo dele. Era uma lanterna.

– Pemba, espere por mim! – gritou. Alguém respondeu, e ele reconheceu ser a voz de Pemba Gyalje.

– Aqui tem uma avalanche! – gritou Gyalje. – Não tem corda!

– Mesmo assim, espere por mim – disse Dorje em nepalês, a voz aguda ecoando pela escarpa. Ele disse que estava descendo. – *Ma tala jhardai chu!* – acrescentou. – Estou indo.

Agarrou a corda e desceu de rapel por cima das rochas, seguindo na direção da luz, que estava a uns 45 metros abaixo. Olhou para o vulto do serac acima, imaginando que se parecia com a fronte de Deus. Para Dorje, a montanha era divina, uma das mais sagradas; muitos montanhistas ocidentais no acampamento-base tinham mostrado desrespeito. Ao chegar mais perto da luz, Gyalje gritou que não estava só.

– Pequeno Pasang também está aqui – disse ele.

Os dois homens, Gyalje e Pequeno Pasang, estavam agarrados a uma saliência de pedra e gelo. Pequeno Pasang parecia estranho. Ambos olhavam para Dorje com ar de dúvida. O que estavam esperando? Dorje franziu a testa.

– Temos que ir – disse. – Vamos descer. Não há outra opção.

Gyalje fez um gesto na direção de Pequeno Pasang para explicar por que não tinham descido.

– Pequeno Pasang perdeu o piolet – disse ele.

Dorje olhou mais atentamente para o jovem xerpa. Era possível perceber que estava com medo. Seus olhos estavam vermelhos de chorar.

Com a ajuda da lanterna, Dorje olhou para a difícil encosta abaixo, agora cheia de blocos de gelo. *Talvez* conseguissem descer sem um piolet. Mas estava escuro, vinham escalando havia 24 horas e estavam cansados. Pelo menos ele e Pemba tinham seus piolets. Sem ele, o risco de cair era bem maior.

Gyalje disse que desceria para procurar a corda, mas depois de descer algumas centenas de metros, Dorje percebeu que sua lanterna continuava a descer.

– O que você está fazendo? – gritou Dorje. – Encontrou a corda?

– Não! Mas vou descer.

– Pasang não tem piolet – gritou Dorje de volta.

Gyalje disse que os coreanos estavam chegando. Ajudariam Pasang.

Dorje sentiu pena de Pequeno Pasang. Ele não o conhecia bem. Falavam-se ocasionalmente quando se encontravam na rota e de tempos em tempos tomavam chá juntos no acampamento-base, no fim de um dia de trabalho, quando ele, Pemba, Pasang e Jumik Bhote jogavam cartas e apostavam trocados. Conheceu-o no acampamento dos sul-coreanos, quando Dorje foi convencer o cozinheiro nepalês dos coreanos a lhe dar um jarro de *kimchi* picante, uma conserva de repolho coreana, para Eric Meyer.

Dorje achou que se Pasang esperasse ali onde estava morreria congelado em uma hora.

– Tudo bem, Pequeno Pasang – disse ele. – Prenda-se à minha cadeirinha. Eu tenho um piolet. Vamos juntos.

Pequeno Pasang pareceu chocado.

– Não! – disse ele. – Perigoso. Podemos morrer os dois.

Ele conseguiria segurar os dois?, pensou Dorje consigo mesmo. Se escorregasse, os dois mergulhariam para a morte. Se Pequeno Pasang prendesse

uma das botas ou desse um passo fora de hora, arrastaria Dorje consigo. O xerpa se viu caindo do Gargalo da Garrafa.

Em Katmandu, a esposa, Dawa Futi, tinha lhe dito várias vezes para não ir ao K2, pois era perigoso demais. Ela tinha chorado – e nunca chorava quando ele partia em expedições. Pensou em suas duas filhas, Tshering Namdu e Tenzing Futi. Frequentavam uma escola inglesa cara, nos arredores de Katmandu, a Little Angels. O que elas fariam sem ele? E o irmão, Ngawang, e a irmã que tinham se mudado para viver com sua família e dependiam dele? Como sobreviveriam?

Dorje também tinha os próprios sonhos. Não muito tempo atrás, parecia – embora já fizesse dez anos –, quando tinha mais ou menos a idade de Pequeno Pasang, tinha se iniciado na profissão como mero carregador, recém-chegado do vale Rolwaling. Aos poucos tinha ganhado reputação e aberto empresa própria; já havia escalado o Everest dez vezes; sua vida tinha mudado. Não queria jogar tudo fora. Um dia, talvez, ele e sua família pudessem se mudar para perto de Meyer, nos Estados Unidos. As filhas poderiam frequentar uma escola americana.

Agora, na Travessa, Dorje sentiu a voz tremer ao falar com o jovem xerpa que olhava para ele com tanta expectativa.

– Vamos descer juntos – disse Dorje a Pasang. – Temos duas possibilidades. Podemos chegar juntos ou morrer juntos. Não se preocupe. Não vou deixá-lo.

Cada um tinha um pedaço de corda de 1,8 metro preso à cadeirinha e prenderam as duas cordas juntas. Dorje se virou de frente para a encosta e Pequeno Pasang desceu alguns pés abaixo dele, equilibrando-se com as mãos e fincando os grampões de suas botas no gelo. Dorje sentiu o peso extra e então seguiu o outro homem. Tentou manter uma curta distância entre eles e coordenou a colocação de seu piolet e seus grampões com os passos do próprio Pasang, logo abaixo. Ele se concentrou, dando breves comandos e ouvindo a resposta de Pequeno Pasang. Ouvia sua respiração pesada.

– Confortável?

– Sim, e você? – disse Pasang.

– Mantenha o equilíbrio. Se você escorregar, nós vamos embora!

– Apenas se agarre a esse piolet!

Enquanto desciam, podiam ouvir outros desmoronamentos, e pequenos pedaços de gelo do serac choviam à sua volta. A cada vez, os dois paravam e

olhavam para cima, nervosos, a fim de ver para que lado deviam ir para evitar o gelo, até que o ar se acalmasse e eles pudessem prosseguir.

– Estou bem – disse Pequeno Pasang.

Após um desmoronamento de gelo, Pequeno Pasang escorregou e arrastou Dorje para baixo. Dorje segurou a ponta de seu piolet no gelo com as duas mãos, tentando desesperadamente controlar a queda.

– Estamos indo! – gritou por entre os dentes. – Agora é o fim!

Pasang gritou. Escorregaram por 25 metros. Mas a lâmina do piolet se prendeu numa fenda e os segurou.

– Pasang, achei que fosse o fim – disse Dorje.

Quando o declive abrandou, encontraram Pemba Gyalje esperando. O alívio por terem sobrevivido deixou Dorje com uma sensação de leveza. Durante a última hora tinha se obrigado a afastar os pensamentos da família e só agora se permitia pensar nela outra vez. Sentia-se aquecido pela escalada e feliz e com sorte por a montanha ter lhe permitido sobreviver.

Pequeno Pasang permanecia silencioso ao lado de Dorje.

– Obrigado – disse o homem mais jovem.

Dorje assentiu, depois chamou Eric Meyer e Fred Strang pelo rádio e contou-lhes onde estava.

– Passamos o Gargalo da Garrafa – disse ele. – Todos estão bem. Estamos em lugar seguro.

Ele e Pequeno Pasang permaneceram ligados por suas cadeirinhas. Ao se aproximarem do acampamento 4, Dorje viu a luz estroboscópica piscando perto da barraca dos americanos. Ele se virou para olhar para o cume.

A montanha era grande e escura. Viu pequenos agrupamentos de lanternas cintilando bem no alto e ainda descendo do cume. Alguns estavam na Travessa, outros na diagonal, na extremidade ocidental do serac, e outros, ainda no campo de neve do cume. Pensou nos alpinistas exaustos que vinham descendo com dificuldade atrás dele. A essa altura os que estavam na Travessa provavelmente estariam chegando ao lugar onde as cordas estavam cortadas.

Dorje desejou que também tivessem sorte para encontrar um caminho para descer.

Então viu Fredrik Strang sair da barraca e correr para abraçá-lo.

– Chhiring, você voltou em segurança!

—

Quando Dorje entrou na barraca de Meyer e Strang, à 1h30 da manhã, Meyer falava pelo telefone via satélite com a mãe, Joyce, em Billings, Montana. Estava lhe dizendo que ela provavelmente ouviria más notícias no jornal sobre cordas arrebentadas e pessoas presas a 7.900 metros. Mas podia ficar tranquila, disse Meyer, porque ele e sua equipe estavam em segurança agora.

Interrompeu o telefonema para cumprimentar Dorje. O rosto do xerpa estava quase escondido dentro do capuz de sua jaqueta vermelha. Meyer e Strang o ajudaram a abrir o zíper do macacão e lhe deram um pouco do chá quente que lhe tinham preparado. O chá ajudaria a reidratá-lo e aquecê-lo. Meyer o examinou em busca de ferimentos. Após alguns minutos para se recompor, Dorje lhes contou o que tinha acontecido. Eles ficaram surpresos com o modo como ele parecia coerente e com o fato de não ter ulcerações. Ajudaram-no a entrar no saco de dormir ao lado de Meyer. Dorje disse que estava contente por estar vivo e que pela manhã telefonaria para o irmão no Nepal. Alguns minutos depois, pegou a câmera de vídeo e começou a olhar para as imagens de sua bem-sucedida chegada ao cume do K2.

—

Chhiring Bhote e Grande Pasang Bhote deixaram a barraca no acampamento 4 à meia-noite. Carregavam comida, água, sacos de dormir e seis cilindros de oxigênio.

Os xerpas da equipe Flying Jump tinham planejado partir para o cume com o segundo grupo de alpinistas sul-coreanos naquela noite. Mas, depois das nove da noite, como os sete alpinistas do primeiro grupo chegado, a segunda tentativa de chegar ao topo foi adiada.

As barracas dos coreanos estavam a apenas uns 3 metros da dos americanos no Ombro. A preocupação entre os oito alpinistas aumentava constantemente até que os dois xerpas partiram para procurar pelos coreanos desaparecidos e por Jumik, irmão de Chhiring e primo de Pasang.

Chhiring estava ansioso em relação ao irmão. Antes de partir de Katmandu, Jumik tinha admitido que estava nervoso em relação à ida para o K2. Tinham crescido numa família de dez filhos, numa aldeia pobre chamada Hatiya, no distrito de Sankhuwasabha, que ficava a leste do Everest, imediatamente abaixo do Makalu. O pai era fazendeiro, e plantava especialmente batatas e milho. Jumik tinha mais experiência como alpinista. Chhiring tinha adquirido o certificado de conclusão escolar no Pashupati Multiple Campus e depois

estudado educação por um ano antes de se juntar a Jumik, que já estava escalando regularmente com os sul-coreanos. Lembrou-se de como Jumik o tinha tranquilizado e ajudado em sua primeira escalada no Lhotse.

Quando os dois xerpas partiam para o Ombro, três figuras surgiram da escuridão. Era Chhiring Dorje, Pequeno Pasang e Pemba Gyalje.

*Saudações!*

*Por que vocês estão atrasados? O que aconteceu de errado?*

– Partimos tarde demais para o cume – disse Dorje.

Os três alpinistas estavam trêmulos e cansados e contaram aos dois xerpas sobre as cordas desaparecidas e sua difícil experiência para descer o Gargalo da Garrafa.

Os dois xerpas ficaram satisfeitos em vê-los. Entregaram aos três homens frascos de água e esperaram que recuperassem o fôlego antes de lhes perguntarem sobre a localização das outras expedições. Apontando, os três homens disseram que eles estavam em algum ponto atrás deles, mas não tinham certeza de onde. Havia alguns alpinistas descendo atrás deles. Chhiring Dorje parecia preocupado e disse que seria difícil para alguns outros seguirem na escuridão.

*Onde está Jumik?*

Jumik tinha ficado com os coreanos mais lentos. Estavam em algum ponto atrás.

*Não havia cordas. Vocês vão subir para resgatá-los?*

*Vamos procurar por eles.*

Os outros três não estavam bem o bastante para voltar com Chhiring e Grande Pasang. Disseram que tinham de descer para o acampamento 4 o mais rapidamente possível para descansar.

Os três alpinistas desapareceram na escuridão. Chhiring Bhote e Grande Pasang Bhote viraram-se na direção do Gargalo da Garrafa.

Chhiring Bhote e o irmão começaram a trabalhar como guias em Hatiya, quando o irmão mais velho saiu para comercializar óleo de cozinha e querosene e acabou se envolvendo no trabalho de carregamento em Namche, uma cidade próxima ao Everest. Caiu em uma fenda e prometeu aos deuses que se conseguisse sair nunca mais os perturbaria. Quando retornou, levou Jumik com ele para Katmandu, e a irmã, Bhutik, para cozinhar, jurando não querer mais saber das montanhas. Alguns anos depois, no entanto, Jumik juntou-se à equipe coreana.

Meia hora depois de deixar os outros xerpas, os dois ainda estavam no Ombro quando viram uma lanterna. Gritaram, e Kim Jae-soo, o líder dos coreanos, seguiu mancando até eles. Estava sozinho.

Cumprimentando-o, disseram-lhe que não estava longe do acampamento. Kim estava cansado e se ajoelhou na neve. Pediu água e suco.

*O que aconteceu?* Grande Pasang foi educado. *Por que está tão atrasado?*

Kim tirou os cristais de gelo dos olhos. *Todos enlouqueceram.*

Kim escalava porque gostava do potencial de perigo na natureza e de ter a capacidade de vencê-lo; a alegria de testar seu limite e sobreviver. Quando as pessoas diziam que montanhismo era perigoso, retrucava: *Você pode sofrer um acidente de carro, não pode?*

Preparou e treinou sua equipe para o K2 durante um ano. Quando os americanos o encontraram pela primeira vez no acampamento-base, ele estava sentado do lado de fora das barracas dos sul-coreanos, com as pernas cruzadas, e se recusou a encará-los ou discutir estratégia, afirmando que não falava inglês. Algumas semanas depois, no entanto, ficou mais receptivo e se uniu às equipes de cooperação, especialmente depois que Eric Meyer cuidou de um alpinista coreano que passava mal com azia. Kim, afinal, falava inglês bastante bem.

Todos estavam exaustos, disse Kim aos dois xerpas, bebendo de forma voraz. As outras equipes tinham demorado demais para descer do cume.

Além disso, no caminho para o topo, as cordas fixadas no Gargalo da Garrafa tinham se desviado demais para a direita, pensava Kim – alguém no grupo da frente tinha tentado colocá-las fora da linha direta do serac, o que tinha acrescentado uma distância extra, atrasando a todos. Mesmo assim, apesar de tudo, sua equipe tinha chegado ao topo antes da equipe holandesa. Depois, na descida, alguns alpinistas das outras equipes usaram a corda que Kim pediu a Jumik Bhote para fixar no topo dos campos de neve do cume, mais uma vez atrasando seus próprios alpinistas.

Quando chegaram à Travessa, ele e Go Mi-sun deixaram os três coreanos mais lentos para trás, com Jumik Bhote. Com medo de que seus pés congelassem, Kim começou a descer mais rapidamente e se perdeu de Go.

– Didi não está aqui – disse ele, significando "irmã", que era como os xerpas chamavam Go.

*Sr. Kim, procuramos por ela?* Os dois xerpas o observavam, inquietos.

Kim olhou para a grande trilha em curva do Ombro. Ela não devia estar muito atrás, disse ele.

– Ela está vindo – disse Kim, virando-se para eles. – Vocês devem encontrá-la.

Chhiring Bhote e Grande Pasang deixaram Kim e escalaram mais alguns minutos, olhando com as lanternas para a escuridão das rochas e para a neve ao redor e para a ladeira íngreme do Gargalo da Garrafa. Finalmente vislumbraram algo. Não era o que esperavam. Viram um objeto caindo na escuridão, no lado esquerdo da rota.

Os dois homens arrastaram-se à frente.

*Você viu?*

Então viram um segundo objeto caindo na mesma área e ouviram o som sussurrante de um corpo caindo.

*Era Jumik?*

O estômago de Bhote revirou ante a visão dos corpos caindo.

Os objetos tinham desaparecido tão rapidamente. Talvez estivessem equivocados. Talvez fosse apenas gelo caindo do serac?

Mas no fundo sabia que eram alpinistas, com toda a certeza.

Subiram na direção do Gargalo da Garrafa até que viram uma luz, e lentamente um alpinista se aproximou, um homem alto, magro, em roupa cor de laranja.

# CAPÍTULO ONZE

**Sábado, 2 de agosto, uma hora da manhã**

Num momento estavam juntos, em fila, descendo do cume, lembrou-se Cas van de Gevel; em seguida a escuridão caiu como um manto sobre os campos de neve. Cada alpinista concentrava-se internamente em sua própria respiração, exaustão e dores. E havia os pensamentos mais difíceis sobre quantos quilômetros no frio ainda teriam pela frente. Eles se dispersaram.

Quando chegou à descida da Travessa, ficou aliviado ao sentir as botas tocarem a saliência anterior ao serac.

Ficou surpreso ao ver o brilho de uma lanterna não muito longe. Ao escalar junto à face de gelo, reconheceu uma figura curvada de roupa amarelo-escura, presa à corda.

– Hugues!

Van de Gevel perguntou-se como D'Aubarède estava se sentindo. O velho tinha feito um bom tempo desde o cume. Pelo modo como descansava encostado à escarpa, parecia cansado. Já não estava com seu carregador, Karim Meherban.

Os dois homens aproximaram os rostos. D'Aubarède falou primeiro, e gesticulou.

– Você primeiro, Cas – disse ele.

– Você não vem? – perguntou Van de Gevel.

– Sim, sim – disse D'Aubarède. – Mas você é mais rápido do que eu. Eu o seguirei.

A corda descia esticada pela parede de gelo. Van de Gevel achou melhor não colocar muito peso sobre a corda. Isso já tinha acontecido bastante ao longo do dia.

Abaixo da Travessa, a centenas de metros de distância, depois do Gargalo da Garrafa, podia ver, no Ombro, um sinal de luz piscando no acampamento 4.

– Chega de conversa – disse D'Aubarède, incitando-o.

Van de Gevel assentiu e seguiu pela Travessa, deixando o francês para trás.

Quando chegou ao ponto onde a corda estava rompida, viu que uma nova extensão de corda estava pendurada, solta, do outro lado das rochas. O alpinista holandês não tinha qualquer pista do que tinha acontecido a Rolf Bae,

Cecilie Skog e Lars Nessa, nem a Chhiring Dorje ou qualquer outro da equipe Flying Jump. Só podia imaginar que a outra extremidade da corda tinha se soltado do parafuso do outro lado da Travessa e que a corda tinha simplesmente caído. Ou que outros alpinistas tinham tido a ideia de uma rota nova. Só podia ser isso.

A perspectiva de uma nova rota não o preocupava. Nos Alpes, já escalara muitas vezes no escuro, embora o cuidado tivesse de ser redobrado. Às vezes se encontrava cordas puídas, deixadas por expedições anteriores, que só conduziam ao vazio.

Sem alternativa, Van de Gevel agarrou a corda, saltou sobre as rochas e desceu de rapel. Olhava para baixo, girando a cabeça tanto quanto possível, e se concentrava em segurar a corda com os dedos fortes. Quando, por entre as luvas, sentiu um nó e a segunda extensão de linha, notou que ela era mais fina que as cordas normais, e era branca. Era a corda que Gerard McDonnell tinha comprado no Alasca para a equipe holandesa. A sensação de familiaridade o estimulou.

O Gargalo da Garrafa estava em algum ponto abaixo, em direção ao Ombro. Após mais alguns metros, viu que o fim da linha se aproximava. *Cuidado!* Reduziu a velocidade e soltou a corda. Ela seria pega por D'Aubarède, que vinha logo atrás. A essa altura o francês já o estaria seguindo.

Ele se sentia bem por ter chegado ao Gargalo da Garrafa, mas estava inseguro por não contar com a proteção da corda fixa. A encosta ainda era íngreme. Van de Gevel virou o rosto para o gelo, fincou seu piolet e começou a difícil descida.

Alguns metros à direita do estreito canal, algo atraiu seu olhar. Ao se aproximar, descobriu que era a mochila de Wilco van Rooijen, que tinha decidido deixar ali quando subia em meio ao calor e à multidão da manhã, um momento que agora parecia ter ocorrido havia séculos. Foi mais ou menos nesse ponto que o americano Chris Klinke decidiu voltar.

A mochila deu a Van de Gevel uma indicação de sua localização. Também era um sinal de que Van Rooijen ainda não tinha passado por ali. Cas a deixou para que o amigo a recolhesse ao descer.

Ao se aproximar da parte mais inferior do Gargalo da Garrafa, Van de Gevel sentiu as pernas pesadas. Disse a si mesmo que não estava longe do acampamento 4.

Nesse momento, ouviu um barulho acima, no escuro: um som sussurrado de algo escorregando rápido sobre o gelo. Van de Gevel olhou para cima e viu, entre 6 e 10 metros à sua esquerda, um corpo caindo do Gargalo da Garrafa, de cabeça para baixo.

Não houve grito. O alpinista ainda estava com a lanterna ligada. O corpo caiu tão rápido que Cas não conseguiu ver o rosto com a luz da própria lanterna, mas Van de Gevel viu claramente que o alpinista usava roupa amarelo-escura. O corpo desapareceu na noite.

—

A falta de oxigênio pode disparar uma complexa reação fisiológica dentro do corpo humano, cuja gravidade varia consideravelmente de pessoa para pessoa. Conforme os níveis de oxigênio diminuem, as minúsculas artérias que alimentam o cérebro se dilatam. O sangue de alta pressão inunda a rede de frágeis capilares cerebrais, que começam a vazar líquido.

O líquido provoca o inchaço no tecido circundante. O cérebro incha, deslocando o amortecedor do líquido cérebro-espinhal na cabeça até que o cérebro começa a se comprimir contra o interior do crânio. Quando a compressão começa a afetar a área do cérebro responsável pelo equilíbrio e coordenação – o cerebelo –, isso causa ataxia, ou cambaleios e grave falta de coordenação. Conforme a compressão aumenta, o disco óptico incha, causando visão turva.

Além de afetar o cérebro, a falta de oxigênio pode provocar um aumento da pressão sanguínea nas artérias dos pulmões e causar mais vazamento. O líquido inunda os alvéolos, os pequenos sacos de ar com paredes finas dentro dos pulmões, onde o oxigênio se espalha no sangue. Os raios X de um alpinista que esteja sofrendo desse tipo de condição provocada pela altitude elevada revela uma imagem irregular de líquido em áreas do pulmão normalmente cheias de ar. Entre os primeiros sinais ameaçadores estão a falta de ar e a fadiga, uma tosse persistente, depois um gorgolejo e a expectoração de um líquido rosado. Finalmente o alpinista se afoga.

Os efeitos dessas alterações no líquido podem ser sentidos de uma hora para outra, antes que o alpinista se dê conta de que algo está seriamente errado. Como acontece a um bêbado, o raciocínio fica prejudicado muito antes que o alpinista o perceba. Para ajudar na aclimatação ou para aliviar os sintomas, alguns montanhistas de alta altitude usam remédios. O Viagra, por exemplo, às

vezes é usado para drenar o líquido dos pulmões. Muitos alpinistas evitam o risco levando tanques de oxigênio, mas os efeitos podem ser desastrosos se o oxigênio suplementar acabar. Quando isso acontece, o alpinista entra abruptamente num mundo novo, gelado e sufocante da privação do oxigênio. Não há tempo para se ajustar. É um choque enorme para o sistema.

O oxigênio de Hugues d'Aubarède acabou antes de ele chegar ao cume. Quando Cas van de Gevel passou por ele na Travessa, D'Aubarède não tinha certeza se conseguiria prosseguir. Estava exausto e a mente, repleta de dúvidas. Conseguiria descer? Deveria ficar onde estava até o dia amanhecer?

Lembrou-se de que quase tinha perdido a oportunidade de alcançar o cume. O mau tempo chegou ao K2 em meados de julho, forçando todas as expedições a adiar as datas previstas para a subida ao cume. Mas o contrato do principal carregador de altitude de D'Aubarède, Qudrat Ali, expirava no fim do mês. Qudrat trabalhava com D'Aubarède desde que escalaram juntos o Nanga Parbat, em 2005. Foi o guia do francês no K2 em 2006, embora não o tivesse acompanhado à montanha em 2007. Ali era forte e experiente. O segundo guia, Karim Meherban, 29 anos, era primo de Qudrat e estudante na mesma cidadezinha. Eram ambos indispensáveis a D'Aubarède.

O voo de D'Aubarède de Islamabad para a França partiria no dia 8 de agosto e a viagem até a capital paquistanesa poderia levar oito dias. Finalmente concluiu que o tempo não melhoraria. Telefonou e antecipou seu voo e deu ordens para que cinco carregadores de Concórdia fossem buscar seus pertences no acampamento-base.

Gerard McDonnell e Wilco van Rooijen tentaram persuadi-lo a ficar. Disseram que seu serviço de meteorologia mostrava que as tempestades abrandariam por volta do dia 29 de julho. D'Aubarède telefonou para o amigo Yan Giezendanner, que trabalhava para o serviço meteorológico do governo francês, em Chamonix, que confirmou as melhores previsões.

– Será que é possível, Qudrat? – perguntou ele quando encontrou o carregador. – Quero chegar ao cume com Karim.

– Você devia tentar – disse Ali. O guia sabia o quanto significava para D'Aubarède chegar ao cume. – Espero que você consiga.

D'Aubarède telefonou para Mine em Lyon.

– Tenho boas notícias – disse ele.

– Faça o que tiver vontade de fazer – disse Mine.

D’Aubarède ligou para a companhia aérea e remarcou a passagem. Qudrat insistiu que ainda teria de partir – tinha outros clientes esperando em outro pico –, então D’Aubarède contratou um novo carregador para substituir Ali – Jahan Baig –, a quem Ali conhecia de Shimshal.

Mas, no momento em que D’Aubarède acreditou que iria para o topo, uma insidiosa dúvida se instalou. Receava a falta de sono que teria nas altas altitudes, a dificuldade para respirar, o frio.

Em Lyon, o amigo Philippe Vernay tentou fazer D’Aubarède acreditar em Deus: se o K2 era tão belo, devia-se a Deus. Mas não era esse o motivo pelo qual amava escalar. Sim, D’Aubarède apreciava enormemente as maravilhas da natureza. Mas não acreditava em Deus. Lamento, Philippe. Ele acreditava em algo absoluto, e provavelmente era por isso que procurava.

No entanto, esse ano a escalada tinha sido mais difícil que nunca. Era duro para um homem de 61 anos. Sua coluna agora doía nas encostas, especialmente nas escarpas íngremes abaixo do acampamento 2. No fim do dia, era difícil até mesmo se curvar para entrar na barraca. Dormir tornava-se cada vez mais difícil, mesmo no acampamento-base, onde tinha um colchão de 2,5 centímetros entre seu corpo e o glaciar, especialmente nos acampamentos mais altos. Tomava aspirinas para aliviar as fortes dores de cabeça provocadas pela altitude e que esmagavam suas têmporas.

Sabia dos perigos. Sabia tudo sobre a morte. Em julho de 2005, dividiu barraca com o amigo Bernard Constantine em Nanga Parbat. Três meses depois, nas encostas do Kang Guru, no Nepal, Constantine desapareceu sob uma avalanche junto com outros seis franceses e cinco xerpas. No ano passado, no K2, seu amigo Stefano Zavka, exausto e sozinho, se afastou da lateral do Ombro durante a descida e nunca mais foi visto. Este ano, quando D’Aubarède fez a peregrinação ao Memorial de Gilkey, observou as placas gravadas com os nomes dos mortos. Em voz alta, disse que esperava nunca estar lá.

Sentia falta da família e entrava em contato com ela quase todos os dias. Ele tinha uma amiga em Lyon, Raphaele Vernay, esposa de Philippe, que mantinha um blog para ele. E ele se consolava ao ler, em seu saco de dormir, as mensagens de texto que os amigos e familiares mandavam para seu telefone via satélite.

Em julho, a filha mais nova, Constance, lhe enviou uma garrafa de Chartreuse e um bilhete. Ela contava sobre os últimos planos para seu

casamento. O vinho e o champanhe estavam comprados e a igreja em Houches, reservada.

Pediu ao pai que não se atrasasse, pois não queria entrar na igreja sozinha.

Agora, na Travessa, ao observar Cas van de Gevel desaparecer, ele lembrou a si mesmo de que precisava descer das nuvens para partilhar seu sucesso com os amigos e familiares. Tinha de voltar para o casamento de Constance.

D'Aubarède ligou seu Thuraya e tentou falar com a família na França, mas não conseguiu completar a ligação. Um instante depois, levantou-se e seguiu o holandês na corda.

—

No Gargalo da Garrafa, Cas van de Gevel desceu vários metros da encosta íngreme na direção do lugar onde tinha visto o corpo cair. Sabia que era Hugues d'Aubarède.

Olhou à frente com a lanterna, mas não viu qualquer sinal dele.

Quando olhou novamente para o alto, duas luzes cintilavam entre as rochas alguns metros acima. Talvez pertencessem aos coreanos que vinham atrás. Ele se apoiou com o piolet e levou as mãos em concha à boca.

– Alguém caiu! – gritou, na esperança de que eles ajudassem. – Hugues caiu!

Quem quer que o estivesse seguindo, não houve resposta. Estavam muito longe para ouvi-lo.

Não podia perder mais tempo procurando. Alguns minutos depois, a encosta ficou menos íngreme e ele pôde se virar para encarar a montanha enquanto escalava.

Próximo à base do Gargalo da Garrafa, viu duas lanternas aproximando-se lentamente da ravina. Pertenciam a dois xerpas ou carregadores que tinham saído do acampamento 4. Estavam tão escondidos atrás de balaclavas e de óculos de proteção que não conseguiu identificá-los claramente.

Contou-lhes o que tinha visto e apontou para onde o corpo tinha caído.

– Procurem por ali – disse ele. – Vocês podem ajudar?

Os dois homens caminharam no sentido para o qual ele tinha apontado, mas não pareciam estar com pressa.

Ao se aproximar do acampamento 4, Van de Gevel chamou o acampamento-base pelo rádio e falou com Roeland van Oss. Disse-lhe que estava bem.

Van Oss tinha esperado a noite toda para que os alpinistas da equipe holandesa chamassem. Ficou satisfeito em ouvir Van de Gevel.

– Estou abaixo do Gargalo da Garrafa – disse Van de Gevel. – Estou em segurança.

– Tudo bem, Cas – disse ele. – É bom ter notícias suas.

Van de Gevel disse que não tinha ideia de onde estavam os outros integrantes da equipe. Van Rooijen. McDonnell.

– Nós nos dispersamos – disse. Tinha visto algo perturbador, acrescentou. – Acho que vi alguém caindo. Você precisa mandar alguém subir para descobrir o que aconteceu.

– Desça para o acampamento 4 o mais rápido que puder – disse-lhe Van Oss.

Enquanto descia o Ombro, a grande luz do acampamento 4 foi ficando mais forte.

Pensou em Hugues d'Aubarède. Não sabia por que ele tinha caído. Talvez estivesse tão concentrado em descer a corda que não notou quando a linha terminou. Ou então tinha saído bem da corda, mas tropeçou em um dos blocos de gelo espalhados pela encosta.

Quando chegou ao acampamento 4 eram mais ou menos duas horas da manhã. Estava tão exausto que foi direto para sua barraca. Van Rooijen ainda não tinha chegado, percebeu.

Bebeu água sedentamente e desabou em seu saco de dormir.

—

O oxigênio de Go Mi-sun acabou logo depois do cume. Então teve de começar a respirar o ar vazio e gélido do alto da montanha, o que não fornecia nenhuma energia nem calor.

Quando chegou ao fim da Travessa, a corda estava rompida, mas conseguiu descer até o Gargalo da Garrafa. Ficou surpresa com a corda incomumente fina que passava por suas mãos, mas seguiu-a até a ravina. Então, usando os dois piolets, seguiu caminho por entre os desmoronamentos de gelo até chegar ao Ombro.

Seguia Kim Jae-soo, mas já não conseguia ver sua luz. Ele estava em algum lugar adiante, mas sua lanterna estava virada para a frente.

A mulher de 41 anos era pequena, forte e bonita; cresceu numa cidadezinha a cerca de quatro horas de Seul. Era solteira e vivia em Seul, perto da irmã e do

irmão. Seus principais esportes eram *boulder* e escalada em gelo e pedra – foi campeã asiática de escalada por vários anos e participou de campeonatos de esportes radicais, os X Games, em San Diego –, mas quando ficou mais velha e ganhou peso (10kg desde 2003, queixava-se), passou da escalada esportiva ao montanhismo.

Agora a noite estava especialmente escura e o vento começou a aumentar, então decidiu se abrigar, numa grande pedra ou em qualquer lugar que pudesse protegê-la. Aos poucos, percebeu que tinha cometido um grande erro. Tinha perdido a rota ao longo da crista do Ombro e seguido por sua lateral – provavelmente o lado oriental.

Por sorte não tinha ido longe demais – talvez uns 30 metros, mais ou menos. Ela era valente; sabia como sair de situações difíceis. Certa vez, em outra montanha do Himalaia, caíra de uma altura de 60 metros, quebrando um osso nas costas; estava sozinha, mas disse a si mesma que não morreria, e depois de várias horas conseguiu chegar em segurança.

Agora, Go refez laboriosamente seus passos no escuro. Mas quando chegou aonde achava ser a parte principal do Ombro, a noite ainda estava um breu e sem traços característicos, e Go não tinha a menor ideia de onde estava.

Frustrada, chamou o nome de Kim e gritou por socorro. Caminhou vários metros à frente, descendo lentamente a encosta. Mas estava perdida novamente. Havia rochas por todos os lados, pontas negras e feias. Ela se lembrou de quando era jovem e de sua primeira vez na montanha; as folhas eram tão lindas. Mas ali não havia nenhuma beleza, apenas pedras. A rocha dura batia contra seu piolet. Girou a lanterna para todos os lados, percebendo que não tinha ideia de onde estava.

—

Depois de duas horas, Chhiring Bhote e Grande Pasang Bhote viram uma luz distante e ouviram uma voz pedindo socorro, e foi então que os dois xerpas viram Go Mi-sun.

Estava presa nas rochas, a alguma distância da rota principal. Eles gritaram para fazê-la compreender que a tinham visto.

– Didi! – chamaram.

– Estou indo! – gritou de volta.

Ao se aproximarem, no entanto, ela implorou para que eles a ajudassem, e eles lhe asseguraram que estavam a caminho.

Quando a alcançaram, um dos xerpas levantou-a pelos ombros e o outro a segurou pelas pernas, e juntos a tiraram de lá. Com uma corda, prenderam sua cadeirinha à deles e a levaram para baixo.

Quando chegaram ao acampamento 4 após as 4h30 da manhã, Kim estava deitado na barraca, cochilando. Ele acordou quando os dois xerpas ajudaram Go a passar pela aba de náilon. A princípio, quando Kim viu o rosto familiar de Go e percebeu que horas eram, ficou bravo com sua principal montanhista. Ele se preocupava com ela e ela tinha arriscado a vida. Quis saber por que ela tinha demorado tanto para descer. Go, que ainda estava abalada pela experiência, baixou a cabeça e pediu desculpas, até que, aliviado, ele a confortou.

Go ficou surpresa ao ver que a maioria das outras barracas do acampamento ainda estava vazia. Não tinha sido a última alpinista da equipe Flying Jump "A" a retornar. Ainda estvam faltando quatro alpinistas. A bateria do rádio dos coreanos não estava funcionando, então ela e Kim não conseguiam contato. Os dois xerpas que esperavam do lado de fora talvez tivessem de continuar a busca.

Chhiring Bhote e Grande Pasang foram tentar descansar nas barracas. Estavam felizes por terem encontrado Go, que era uma boa amiga. Mas não conseguiram dormir. Beberam água e depois permaneceram do lado de fora, olhando para a montanha.

A noite estava clara. As lanternas ainda brilhavam acima da Travessa. O serac, que tão violentamente rompera as cordas, ainda estava ativo e podia lançar mais gelo na Travessa e no Gargalo da Garrafa.

Os dois xerpas começaram a empacotar novamente os suprimentos. Jumik – o irmão e primo – estava lá, em algum lugar.

Parte III

# SERAC

**Sábado, 2 de agosto**

*Tiocfaidh Ar La.* Nosso dia virá.
– Gerard McDonnell, K2, 2008

# CAPÍTULO DOZE

## Duas horas da manhã

Jumik Bhote conduziu com sucesso a equipe sul-coreana Flying Jump "A", composta por sete homens, na descida do cume, por volta das 19h10, carregando 70 metros de corda em sua mochila.

Quando havia uma trilha clara e a neve estava compacta e segura, ele ancorava uma extremidade da corda no solo com uma estaca de neve e os membros da equipe e outros alpinistas desciam por ela. O bem-preparado xerpa então pegava novamente a corda, descia mais baixo e a fixava novamente na neve.

Bhote repetiu a manobra com a corda quatro ou cinco vezes, curvando-se, fixando e descendo apressado, ajudado por Chhiring Dorje, o xerpa da expedição americana. Finalmente, as equipes se soltaram da corda e desceram por conta própria, dispersando-se na escuridão. No longo campo de neve, os dois líderes sul-coreanos, Kim Jae-soo e Go Mi-sun, rapidamente tomaram a dianteira. Ao desaparecerem nas sombras, Bhote ficou sozinho com os últimos alpinistas da equipe Flying Jump.

Os três estavam tão felizes no cume, lembrou-se Bhote. Antes de partirem para o Paquistão, um deles, Park Kyeong-hyo, um rapaz de 29 anos do clube de montanhismo em Gimhae, na província de Gyeongsang do Sul, escreveu no boletim on-line de seu clube de montanhismo: "Agora já não é mais um sonho. Em 150 dias estaremos escalando esta montanha. Imaginem. Não é fabuloso?"

Tinha conseguido escalar o Everest um ano antes, mas agora Park e os outros dois alpinistas, Kim Hyo-gyeong e Hwang Dong-jin, pareciam estar morrendo. Nenhum deles dizia uma palavra. Hwang fazia parte do grupo avançado que havia partido cedo do acampamento 4 para fixar a corda pelo Gargalo da Garrafa. Eles apenas se olhavam, mudos, os rostos escondidos nas máscaras de escalada.

Bhote os incitava a continuar. Também estava com frio e cansado. *Continuem! Precisamos ser rápidos! Por favor.*

No fim do campo de neve, depois de procurar o caminho mais baixo por algum tempo, Bhote e os três coreanos desceram pela corda fixa, que esperavam que os levasse à diagonal ao redor da extremidade do serac.

Lentamente, desciam pelas cordas em direção à Travessa. Mas após alguns metros pararam.

*Vocês têm que ir!*, gritou Jumik.

Finalmente, pendurados na corda, os três homens abaixo de Bhote pareceram incapazes de descer mais um centímetro, por mais que ele insistisse.

Jumik estava preocupado, sem saber quanto tempo a corda aguentaria o peso deles, e se havia risco de neve ou gelo despencarem.

*Por favor!*

A voz de Bhote ressoava na escuridão fria na lateral da montanha. Tentou se concentrar – na corda, na face de gelo, nas lanternas dos alpinistas abaixo deles –, até que sentiu que a própria mente estava ficando à deriva.

—

Em Katmandu, Jumik Bhote não passou no exame final da escola e começou a trabalhar no ônibus de quarta mão do irmão mais velho nas ruas apinhadas da capital, recebendo, cada um deles, cinco rúpias dos passageiros nepaleses e turistas que seguiam para os hotéis ao redor do anel viário da cidade. Após um ano ou dois, o ônibus estava tão destruído que seu irmão o vendeu. Mais tarde, Bhote se registrou como carregador para os sul-coreanos.

Nawang, o cozinheiro da expedição, era da mesma aldeia de Bhote, e o apresentou à equipe Flying Jump, advertindo-o em voz baixa: "Se você trabalhar para os coreanos, não terá futuro." Mas a taxa de desemprego no Nepal era de mais de 40%. Era um bom trabalho para um homem pobre das montanhas.

Na primavera de 2007, Bhote escalou duas vezes o Everest, uma com os sul-coreanos, e tornou-se o preferido de Go Mi-sun, que lhe deu uma câmera digital. Ele tinha orgulho dessa câmera.

No outono, os sul-coreanos pediram-lhe que subisse com eles o Shishapangma. Tinha receio de avalanches e hesitou. Quaisquer que fossem as bênçãos que ele invocasse, os deuses estariam infelizes. No entanto, o pai tinha morrido de úlcera gástrica em Hatiya, e o irmão mais novo, Chhiring Bhote, estava morando com ele em Katmandu e outras três irmãs já tinham trocado a zona rural pela capital durante a insurgência maoista, na qual os rebeldes vinham reunindo pessoas das aldeias para lutar contra o governo. Jumik precisava de dinheiro.

Também tinha uma companheira, Dawa Sangmu, para sustentar. Ele e Chhiring e as irmãs viviam todos no pequeno apartamento do irmão mais velho no distrito de Boudhanath, próximo à estupa. O apartamento tinha apenas quatro cômodos: uma cozinha, uma sala de jantar, uma despensa e um pequeno banheiro com uma privada turca. Não havia camas, apenas esteiras, que durante o dia guardavam na despensa. Bhote não conhecia outro caminho para o sucesso para um jovem como ele no Nepal. Não queria ser como seu outro irmão, que tinha ficado para trás, na aldeia, embebedando-se de vinho de arroz, e que morrera pouco antes de Jumik vir para o K2.

Bhote foi para o Shishapangma com Kim e os coreanos, e foi um sucesso. Quando retornou a Katmandu, foi promovido a líder dos xerpas. Para comemorar, gastou 2 mil dólares numa grande moto Yamaha preta de segunda mão. Dawa engravidou. Ela e Jumik se mudaram para um novo apartamento, que tinha um só cômodo e uma cozinha partilhada, mas era só deles.

Ainda não sentia grande prazer em escalar montanhas, mas se deu conta de que estava valendo a pena. Aceitou outros trabalhos, guiando um banqueiro de Nova York numa rápida escalada do pico de Mera, no vale Hinku. Aprendeu um pouco de coreano por meio de fitas cassete compradas na livraria Pilgrim's, em Katmandu. Fez um curso de escalada de grande altitude por 250 dólares, na Khumbu Climbing School, nos arredores de Namche Bazaar, perto do Everest.

Na primavera de 2008, escalou o Lhotse com o irmão Chhiring e, em junho, apesar dos receios de última hora, partiram para o K2 com a equipe Flying Jump.

Agora, tudo isso parecia um passado distante. No escuro, esperando os três coreanos, Desejou ter dado atenção ao seu instinto. Sua mente estava tão perturbada pelo frio que não soube dizer ao certo o que aconteceu em seguida. Não sabia se tinha havido uma avalanche, um desmoronamento de gelo ou se o parafuso do alto simplesmente tinha se soltado.

A corda caiu de repente e, num impulso estrondoso e confuso, foi lançado para depois dos sul-coreanos.

Aterrissou dolorosamente sobre o gelo, pouco abaixo deles, e parou. Estava estatelado contra uma pequena saliência horizontal, sustentado na montanha pela corda e por sua cadeirinha.

Se a queda da corda tinha sido causada por um desmoronamento de gelo, ele tinha continuado e os parafusos mais baixos que seguravam a corda no

lugar tinham resistido. Dois outros alpinistas estavam pendurados acima dele.

Bhote conseguiu se sentar, mas mexer-se era extremamente doloroso: as pernas e os braços doíam pela queda e ele estava enroscado nas cordas.

Dois dos alpinistas sul-coreanos estavam pendurados acima dele. O que estava mais acima estava suspenso, de cabeça para baixo, contra a face de gelo, e os braços estendiam-se na direção de Bhote, que não sabia ao certo quem era, embora pudesse ver o rosto ensanguentado.

O segundo também estava caído de ponta-cabeça contra o gelo, mas num ângulo menos acentuado. Podia ver que os dois alpinistas estavam presos à corda e pendurados em suas cadeirinhas, que os sustentavam.

Bhote acreditava que, com esforço, talvez conseguisse continuar. No entanto, não tinha certeza se conseguiria se levantar. Esses dois homens eram seus clientes, e ele tinha o dever de permanecer com eles. Mas estava confuso. Não conseguia ver o terceiro alpinista coreano. Talvez ele tivesse escapado ao rompimento da corda e prosseguido. Ou talvez a queda o tivesse lançado para fora da montanha. Ou talvez Bhote estivesse equivocado e ele nunca estivera na corda e agora estava em algum ponto mais atrás, no alto do serac.

Bhote sabia que ele e os outros dois homens não podiam permanecer onde estavam por muito tempo. Ele gritou, primeiro chamando por socorro e depois por puro pânico, mas ficou cansado. Os dois coreanos presos de vez em quando também gritavam por socorro e gemiam. Bhote queria tranquilizá-los, mas o frio tomou conta dele e logo percebeu que já não tinha força para falar.

Bhote começou a chorar. Não conseguia sentir as mãos, e isso era o que mais o assustava, pois delas dependia seu sustento. Pensou em Dawa Sangmu e Jen Jen em Katmandu. Se ele morresse, pensou, haveria dinheiro de seguro, não haveria? Mais de 5 mil dólares.

Mas não queria morrer. Não queria que seus familiares ficassem de luto, caminhando até o puja da estupa de Buda, levando milho torrado para os macacos e pássaros como oferendas em sua honra.

Imaginou-os parando no caminho para dar notas de uma rúpia aos mendigos de Pashupatinath, a maioria deles agradecida, mas alguns reclamando que as notas estavam velhas e amassadas. Imaginou a família levando frutas para os monges no círculo da estupa, fazendo tinir as moedas nos bolsos dos monges e acendendo velas, antes de o irmão cair prostrado, dizendo o nome de Jumik em meio a lamentos. Imaginou a mãe chorando,

angustiada, porque acreditava que sua morte poderia ter sido evitada se ao menos ela tivesse sido uma mãe melhor.

A mente de Bhote vagava. Sua única esperança era que alguém viesse do acampamento 4 em seu resgate – ou que outras equipes que ainda estavam descendo do cume os encontrassem.

# CAPÍTULO TREZE

## Três horas da manhã

Marco Confortola seguiu sozinho ao longo do declive do campo de neve desde o cume do K2. Depois de mais de uma hora, viu lanternas numa fila algumas dezenas de metros abaixo e foi atrás deles. Achou que pertencessem à equipe coreana, mas seus rostos estavam obscurecidos pelo brilho das lanternas, que lançavam uma nebulosa penumbra no escuro crepúsculo.

Próximo ao íngreme declive antes da borda do glaciar, Confortola se aproximou dos outros montanhistas. Viu que eram da equipe coreana, embora também houvesse outro alpinista com eles, que veio a ser o irlandês Gerard McDonnell.

*Onde estão as cordas?*

McDonnell encolheu os ombros.

O grupo de alpinistas procurou a rota que os levaria à extremidade do gigantesco serac e em direção à Travessa, mas para sua crescente frustração, não encontraram nem sinal das cordas.

O fim do campo de neve fazia uma abrupta curva descendente, um declive de 30 ou 40 graus. Confortola arrastou o corpo cansado para a esquerda e depois de novo para a direita no topo do íngreme declive, decidido a encontrar as cordas. Tinham de estar em algum lugar, embora nem ele nem McDonnell tivessem certeza de que estavam no mesmo caminho que tinham percorrido na subida.

E então, quando a equipe Flying Jump seguiu rumo à borda do glaciar e um após outro subiram para o topo, Confortola segurou McDonnell. Algo na aparência da neve o preocupava.

Os dois homens sabiam dos riscos de passarem a noite toda ali fora. Eram dez da noite. Estavam exaustos. A noite era grande e negra ao redor. Não havia lua e estava absolutamente frio, 20 graus negativos, no mínimo. O altímetro de pulso de Confortola dizia que estavam a 8.382 metros. Não tinham barraca nem sacos de dormir, nem comida ou oxigênio. Sabiam que suas vidas provavelmente dependiam de descerem rapidamente, em meio ao frio, até o acampamento 4.

No entanto, encontravam-se numa encosta íngreme e não tinham ideia de onde estavam nem para onde iam. A luz no acampamento 4 piscava cerca de 750 metros abaixo. Era visível, mas estava além do seu alcance. Seu instinto lhe dizia que não adiantava continuar procurando um caminho para descer. O melhor era esperar pela luz do dia, quando poderiam ver para onde estavam indo.

– Vamos ficar aqui – disse Confortola.

Queria ter certeza de que debaixo de suas botas havia neve e não uma fenda. Além disso, desses campos de neve caíam avalanches constantes, desmoronamentos grandes e poderosos que os esmagariam se fossem pegos por um. E, de fato, alguns minutos depois Confortola ouviu um som de trovão vindo do serac, depois gritos distantes. E em seguida, silêncio.

*O que foi isso?*

*Não sei.*

Confortola não estava inteiramente certo de que o que tinha ouvido era uma avalanche ou gelo despencando do serac, mas agora estava convencido de que estavam certos em ficar onde estavam. Teriam de fazer um bivaque – o termo designa o pernoite a céu aberto, sem abrigo adequado.

Os dois alpinistas se esticaram na íngreme galeria de neve. McDonnell usava roupa vermelha, balaclava cinza e óculos de proteção para escalada. Confortola percebeu que ele estava cansado. Queria ter certeza de que estava tomando a decisão certa para os dois. Queria uma segunda opinião; então, pegou o telefone via satélite e ligou para Agostino da Polenza, o presidente do comitê italiano Everest-K2, amigo e mentor. Da Polenza estava em Courmayeur, Itália. Confortola explicou que não estava seguro sobre a direção que seguiam e que não conseguia encontrar as cordas. Disse que tinha ouvido algo que, provavelmente, seria uma parte do serac caindo.

Não esperava que alguém fosse subir para resgatá-los. Sabia o que estava fazendo. Na Itália, tinha feito um treinamento em segurança de montanha e salvamento e ganhava alguns euros extras resgatando alpinistas suficientemente estúpidos para se aventurarem pelas íngremes escarpas acima de sua casa. Ele os trazia praguejando e, às vezes, quebrando seus bastões sobre o joelho só para reforçar.

Da Polenza concordou com ele. *Seja paciente*.

– Fique aí. Espere pela manhã.

Confortola desligou o telefone e o colocou dentro da jaqueta.

– Jesus, vamos esperar – disse ele a McDonnell, usando o apelido, Jesus, que tinha dado ao irlandês, e McDonnell concordou.

Da Polenza recomendou que ele permanecesse aquecido; havia risco de congelamento dos tecidos, temido por todos os montanhistas, e muito comum nessas regiões geladas de grande altitude. Quando o corpo de uma pessoa esfria, ele direciona o sangue das extremidades para preservar o calor interno; mesmo quando a temperatura da pele cai para 10 graus, os tecidos ficam entorpecidos, as células se rompem. Mãos, pés, nariz e bochechas são os mais vulneráveis. Em 1996, Beck Weathers, um montanhista do Everest, perdeu o nariz e a maior parte das mãos em consequência do congelamento dos tecidos.

Confortola se sentiu melhor depois de falar com Polenza. Para se manterem aquecidos e terem um apoio na lateral da montanha, os dois alpinistas cavaram na neve um lugar para sentar usando um bastão e a ponta de seus piolets. Confortola fez o assento de McDonnell ligeiramente maio para que ele pudesse se deitar. Também arranjaram um lugar para suas botas.

Embora McDonnell estivesse exausto, Confortola sabia que numa encosta tão íngreme não podiam se permitir dormir. A encosta tinha entre 30 e 40 graus e era fácil escorregar.

– Se você quiser descansar, cuido da situação – disse ele.

McDonnell se deitou, a garrafa azul de água pendurada no cinto e as botas amarelas e pretas enfiadas no buraco cavado na neve.

Confortola desligou a lanterna. Era estranho estar ali no alto sozinho. Estava escuro e gelado. O mundo inteiro estendia-se na escuridão abaixo deles. Observou as luzes distantes do acampamento 4 e a poderosa luz piscando perto das barracas. O acampamento parecia tão perto. Só não podiam chegar até ele. Confortola estava convencido de que na manhã seguinte conseguiriam encontrar facilmente as cordas.

Conheceu McDonnell no acampamento-base durante as últimas semanas de mau tempo. Quando as tempestades chegavam, o italiano normalmente não fazia nada de especial além de ficar na barraca para duas pessoas, ouvindo disco music no iPod, mascando chiclete para ajudar com a altitude, ou dando longas caminhadas pelo glaciar para manter o condicionamento. Começou a aparecer na barraca holandesa para discutir estratégia, às vezes levando *bresaola* para compartilhar, enquanto Wilco van Rooijen ou Cas van de Gevel preparavam os cappuccinos básicos.

Gostava de todos eles, mas se dava melhor com McDonnell, o belo irlandês de sorriso bonito. McDonnell tinha deixado o cabelo e a barba crescerem, então Confortola o apelidou de Jesus. McDonnell convidou Confortola para sua barraca e lhe mostrou algumas fotografias no laptop – da lua crescente sobre o K2 ou da namorada, Annie, no Alasca, ou da Irlanda. McDonnell levava a fotografia muito a sério. Nenhum falava muito bem a língua do outro, mas entendiam de escalada.

Do lado de fora, sobre uma fileira de bandeiras de oração tibetanas, McDonnell pendurou uma grande bandeira irlandesa. Ele a tinha mandado confeccionar à mão por um alfaiate, em Skardu. Confortola gostava de brincar com ele: "É só a bandeira italiana, embaralhada", dizia ele, cutucando o amigo nas costelas.

Agora, conforme a noite ficava cada vez mais escura, Confortola forçava-se a tremer para permanecer aquecido, sacudindo delicadamente os braços e as pernas e batendo palmas. O corpo de Confortola carregava a história de sua história no montanhismo. Ao redor do pulso havia tatuada uma oração tibetana de sua escalada do Everest em 2004. Outra tatuagem na parte de trás do pescoço dizia *Salvadek*, ou animal selvagem, que era como ele gostava de se ver. Sempre usava um brinco na orelha esquerda. Um autodenominado "pirata das montanhas", em casa era conhecido como um cara que corria riscos, um obstinado. Gostava de bicicletas velozes e de esqui de velocidade. Na comunidade de montanhismo era conhecido como um sobrevivente, um homem com um grande coração e boas intenções, mas também um pouco convencido. Na Itália, alguns alpinistas o chamavam, meio na zombaria, de "Santa Catarina Homem de Ferro". Ao redor do bíceps direito tinha seis estrelas tatuadas, simbolizando os seis picos com mais de 7.900 metros de altura que já tinha escalado até aquele momento – em breve haveria uma sétima para o K2.

À esquerda estendia-se o topo ondulado do Grande Serac. À direita, a encosta fazia uma curva até um grande e cinzento espigão de rochas e para o lado norte do K2. À frente estendia-se o imenso vazio para além do serac.

Em algum lugar abaixo estava o caminho de descida até a Travessa. Ainda podia ver a luz piscando no acampamento 4. Todos que haviam chegado ao cume já deviam ter descido pelas cordas e provavelmente estavam em suas barracas, pensou. Os alpinistas lá embaixo não tinham ideia de onde estavam

nem se estavam vivos ou mortos. Ele e McDonnell estavam sozinhos. Não sabia se ainda havia alguém atrás deles, sobre o campo de neve do cume.

Confortola não estava preocupado. Não iriam morrer. Deixariam seu ninho pela manhã. A situação era desconfortável, só isso. Gelada. Para manter o sangue circulando, Confortola se levantou algumas vezes e caminhou em volta dos dois buracos que ele e McDonnell tinham cavado na neve.

O tempo passava devagar. Estavam com tanto frio e tão exaustos que Confortola receava que caíssem no sono. Para mantê-los acordados, Confortola começou a cantarolar uma de suas músicas preferidas, uma canção das montanhas da Itália. "La Montanara".

*Lassu' per le montagne* (Lá em cima nas montanhas)
*fra boschi e valli d'or* (entre matas e vales de ouro)
*fra l'aspre rupi echeggia* (entre os ásperos penhascos há ecos)
*un cantico d'amor* (um cântico de amor).

Ao lado dele, McDonnell parecia responder ao canto e mexia o corpo.
– Não desista, Jesus – disse Confortola, e o dizia também para si mesmo.

—

McDonnell também era cantor. Durante o mau tempo no acampamento-base, quando muitos dos alpinistas temiam ter de cancelar as escaladas, o administrador do acampamento da equipe holandesa, Sajjad Shan, um endiabrado motorista de táxi em Islamabad, de 29 anos, organizou uma festa para levantar os ânimos deprimidos. Juntou três grandes barracas-refeitório e pagou um cozinheiro-assistente para cantar, embora ele só conhecesse duas músicas, uma em urdu e outra em balti. Os carregadores começaram a fazer os barris de comida de tambor. Alguns alpinistas começaram a dançar. Uma expedição tinha chegado ao acampamento com sete caixas de cerveja e uísque. Os sérvios pagaram um corredor para buscar 24 latas de cerveja de meio litro em Askole. Preenchendo o silêncio, McDonnell cantou uma balada gaélica que levou às lágrimas alguns dos cinquenta alpinistas amontoados na barraca aquecida.

Disseram que a canção só podia ser sobre o amor de um rapaz pela donzela. Mas McDonnell disse: "Não, é sobre a saudade de um pastor por seu bode."

McDonnell gostava de Confortola, mas também gostava da maioria das pessoas no acampamento-base. Amava a beleza e o isolamento da montanha, mas a camaradagem da vida em expedição também mexia com ele. As barracas em forma de bulbo da equipe holandesa estavam armadas nas rochas, próximas aos acampamentos de Hugues d'Aubarède e Cecilie Skog. McDonnell carregava frequentemente a câmera de vídeo pelo acampamento-base, com seu pequeno suporte de microfone, e filmava as reuniões de estratégia das equipes.

Nas tardes livres, normalmente conversava com Rolf Bae ou com Deedar, o cozinheiro da expedição americana. Deedar tinha cuidado de McDonnell quando bateu violentamente com a cabeça nas pedras, em 2006, no K2. Entre a equipe holandesa, era especialmente próximo a Pemba Gyalje e tinha ajudado o xerpa a construir um pequeno altar de pedra para uma cerimônia puja, quando chegaram ao K2. Ouviam cânticos em um MP3 player.

Por um pequeno computador enviava mensagens para a família na Irlanda e para Annie que, por algumas semanas durante esse período, estava escalando o monte McKinley, o pico mais alto da América do Norte. Ele postava alguns pensamentos em seu blog. Sozinho à noite, se deitava na barraca, ouvindo os estalos e gemidos do glaciar Godwin-Austen, que esse ano se movia mais do que o comum, achava ele.

"É noite agora", escreveu em uma mensagem, "e às vezes se pode ouvir o glaciar gemer e se acomodar ao som de tiros distantes. As estrelas abundam e silhuetas nos rodeiam. Muita sorte no Denali, Annie".

Annie mandava pilhas de cartas para ele no acampamento-base, trazidas Islamabad pela companhia que tinha organizado sua expedição, a Jasmine Tours. Ligava para a mãe todos os domingos. Ela lhe enviou água benta.

McDonnell agora sentia fome, sede e cansaço. Sob o estresse dessas altitudes, o corpo não funciona normalmente em vários aspectos, e fazia dias que não conseguia comer de maneira adequada. Quando tentou, não conseguiu manter nada no estômago.

—

Para Wilco van Rooijen, a alegria do cume logo se evaporou em meio às dificuldades do pesado campo de neve. Estava tão cansado que tinha ficado para trás, e acabou perdendo as lanternas dos outros de vista.

Deitou o corpo exausto e dormiu na neve. Quando acordou, desceu por longos minutos, mas não conseguia afastar a vaga sensação de que tinha feito

uma curva errada. As neves pareciam desconhecidas e ele não estava chegando à queda abrupta que levava às cordas fixas. Então voltou várias centenas de metros pelo topo do serac. Foi então que ouviu o som de alguém assobiando estridentemente.

A uns 90 metros de distância, avistou uma lanterna. Ao se aproximar, viu, com a luz própria lanterna, Marco Confortola, de pé, gritando a plenos pulmões. Sentado a seu lado, curvado, estava Gerard McDonnell.

Ele percebeu que estavam tentando atrair a atenção das pessoas no acampamento 4. Ficou imaginando onde estavam todos os outros e por que Confortola e McDonnell estavam ali sentados. Por que não estavam procurando as cordas? Mas logo Van Rooijen percebeu que estavam em dificuldade. Confortola estava massageando os joelhos de McDonnell.

– Gerard está gelado – disse o italiano em seu inglês vacilante. – Não conseguimos encontrar o caminho de descida. Confortola esperava que Van Rooijen fosse poder lhes mostrar o caminho de descida e ficou desapontado com o fato de o holandês também estar perdido. – Lá não está seguro – acrescentou.

Confortola disse que achava estarem no lugar errado. Descreveu o som de desmoronamento que tinha ouvido. Olhando para a parte do campo de neve de onde Van Rooijen tinha vindo, perguntou se não deviam tentar seguir nessa direção. Van Rooijen balançou a cabeça e disse que também não era o caminho certo.

– Estou perdido – disse ele através do barulho do vento, que ganhava intensidade. – Precisamos ver algo que possamos reconhecer.

Os três começaram a explorar novamente as neves. A galeria de gelo estendia-se à frente e para baixo por algumas centenas de metros antes de desaparecer. Investigando o caminho por uma distância um pouco maior, Van Rooijen foi para a direita, Confortola, para a esquerda, ambos ziguezagueando neve abaixo. McDonnell permaneceu onde estava, no centro.

Com a ajuda da lanterna de cabeça, Van Rooijen olhou por uma queda íngreme. Vendo o espesso ar negro acima de um abismo, se deu conta de que, afinal de contas, Confortola estava sendo sensato, pois não havia como descer por ali. Onde estavam as cordas fixas?

Muito abaixo, lanternas moviam-se em direção ao acampamento 4. Elas o deixaram tentado. Ele se virou e começou a descer, mas tinha descido apenas

alguns metros quando ouviu Confortola atrás dele, dizendo que a neve não estava segura. Parou e subiu de novo. Confortola estava certo; não valia a pena.

Quando alcançou os outros dois alpinistas, com a lanterna iluminando os refletores em suas roupas, ele disse:

– Vamos ficar.

Mas foi a vez de Gerard McDonnell ser tomado pelo pânico, advertindo-os que não podiam passar a noite ali. Tinham de tentar, uma última vez, atrair a atenção das pessoas no acampamento 4, disse ele. Elas indicariam o caminho que deveriam seguir para descer. Mas, depois de um ou dois minutos de gritos, se deram conta de que não adiantava. Não havia alternativa senão fazer um bivaque para a noite.

Era arriscado – alguns diriam estúpido – ficar em uma montanha como o K2, a 7.900 metros de altitude. Sendo montanhistas hábeis, deveriam ser capazes de descer a Travessa e o Gargalo da Garrafa mesmo sem cordas fixas. Para começo de conversa, jamais deveriam estar nessa situação. No entanto, estavam decididos, e se acomodaram na neve.

McDonnell se sentou no meio; Confortola, a seu lado esquerdo; e Van Rooijen, à direita. Ficaram de costas para o vento. Não estava nevando. Mas, ao se curvarem, os casacos logo ficaram cobertos pela neve soprada pelas rajadas de vento.

Van Rooijen já tinha feito bivaques inúmeras vezes nos Alpes, e com frequência na face norte, mais perigosa, dos grandes picos; a neve que caía ininterruptamente preenchia o espaço atrás de suas costas até você sentir que estava sendo empurrado. Em comparação a isso, achava ele, era fácil. Além disso, estava em boa companhia. Olhou para os outros dois homens: o especialista em resgate de emergência em montanha e McDonnell, a quem confiaria a própria vida.

Van Rooijen nem se deu ao trabalho de tirar o telefone via satélite para ligar para alguém. Quando o sol saísse, agiriam rápido e desceriam depressa. Em poucas horas estaria no acampamento 4. Então contariam a todos sua aventura.

—

Marco Confortola observou o céu começar a clarear por volta das quatro ou cinco da manhã.

– Vamos – disse ele, sacudindo-se.

Wilco van Rooijen já estava de pé, caminhando pela neve até o lado esquerdo do esporão. McDonnell atravessou para a extremidade direita enquanto Confortola seguiu para a frente para olhar diretamente para a ponta do serac.

Estavam impacientes. Queriam baixar de altitude e aliviar os corpos, que já estavam acima de 7.900 metros havia mais de 36 horas. Queriam se aquecer outra vez.

Passaram cerca de meia hora procurando as cordas ou um meio de descer da ponta do serac, até que, um a um, desistiram e retornaram.

Quando encontrar os outros dois homens, Van Rooijen murmurou algo, mas Confortola e McDonnell não conseguiram entender o que ele estava dizendo.

Então, para sua surpresa, Van Rooijen se virou, seguiu em frente e começou a voltar para a extremidade da crista.

## CAPÍTULO CATORZE

**Seis horas da manhã**

Wilco van Rooijen resolveu descer do topo do glaciar em linha reta, baixando lentamente, segurando o piolet e sentindo cada passo com as pontas dos grampões.

Enquanto procurava pelas cordas fixas, à esquerda do bivaque, se deu conta de que havia algo de errado com seus olhos. O olho é especialmente vulnerável às grandes altitudes, onde a luz ultravioleta é mais intensa do que ao nível do mar. Sem proteção, a radiação ultravioleta inflama a camada externa do globo ocular, resultando em cegueira da neve extremamente dolorosa.

Reconheceu os sintomas porque já tinha sofrido do mesmo problema nos polos Norte e Sul. Estava convencido de que a desidratação piorava o problema, e ele estava desesperado de sede. O dia tinha sido quente e, tolamente, ele tinha deixado a garrafa na Travessa durante a subida. Desde então, não bebia nada.

Agora sabia que tinha de descer imediatamente. Se não descesse e seus olhos lentamente piorassem, ficaria preso ali.

Esforçou-se para não entrar em pânico. No K2, a altitude acabaria por matar alguém. E finalmente o estava matando. *Merda*. Bastava um pequeno erro para escorregar e cair. Não podia esperar que Confortola e McDonnell o carregassem, e nenhum helicóptero conseguiria chegar a essa altura para salvá-lo. Era imprescindível que descesse rapidamente. Não podia esperar por Confortola e McDonnell – não tinham reagido quando lhes contou, pois estavam cansados demais e totalmente concentrados em achar as cordas. Ele precisava se salvar.

Agora descia, sem saber onde estava ou para onde ia. A encosta era tão íngreme que os outros dois alpinistas desapareceram de vista poucos metros depois.

Sabia que em algum lugar estavam as grandes ravinas mais baixas do K2 e os distantes glaciares no fundo do vale, todos se abrindo sob o céu escuro da manhã. Suspeitava de que ao se perderem no campo de neve, ele, Confortola e McDonnell tinham seguido para um lado completamente diferente do K2.

Não achava que estava próximo à Travessa e às cordas fixadas pelas outras equipes durante a subida.

No entanto, a 90 metros de descida, Van Rooijen avistou uma corda alguns metros à frente. Não a reconheceu; alguma outra expedição devia tê-la fixado em uma rota alternativa, pensou. Mesmo assim, prendeu-se a ela, o que lhe deu algum ânimo encorajamento.

Então, com a face voltada para a montanha, ele olhou para a direita e viu uma cena pavorosa, a menos de 2 metros do outro lado da face de gelo.

Três alpinistas estavam pendurados em cordas contra a lisa parede de gelo que descia do glaciar. Estavam presos em duas cordas, uma das quais ainda estava atada a suas cadeirinhas. Elas os impediam de cair para a morte.

A princípio pensou estar delirando. Precisou de alguns instantes para aceitar que eram reais. *Quem eram? Como tinham chegado ali?* Não sabia em que parte da montanha estava, por isso, até onde sabia, esses desconhecidos pertenciam a uma expedição completamente diferente daquelas com quem tinha escalado no dia anterior. Poderiam ter escalado o K2 pelo lado chinês.

Ele se concentrou nos alpinistas presos. Estavam machucados, ensanguentados e irreconhecíveis.

O primeiro estava pendurado de cabeça para baixo, a cadeirinha enrolada nos pés. Ele gemia de dor e frio. Seu rosto estava tão destruído que Van Rooijen não conseguiu identificá-lo. De seu peito pendia uma enorme câmera.

Uns 10 metros abaixo, o segundo também estava de cabeça para baixo, mas num ângulo menos acentuado. Parecia estar se apoiando com uma das mãos numa saliência, e estava quase deitado, o olhar indiferente, como se tivesse desistido. Apenas alguns metros abaixo, o terceiro alpinista estava sentado, desperto e parecendo aterrorizado.

Era uma visão horrível. Os três tinham sofrido uma queda brutal e deviam estar pendurados ali havia horas, em temperaturas abaixo de zero. Estavam congelando lentamente para a morte. Van Rooijen se compadeceu especialmente do homem no alto, com o sangue correndo pela cabeça e mal conseguindo respirar.

Mas, embora parecessem desesperados, Van Rooijen – ele próprio agarrado à lateral da montanha – perguntou-se o que poderia fazer. Se tentasse desenredar as cordas ou cortá-las, os alpinistas cairiam. Mesmo que conseguisse soltá-los, não conseguiriam caminhar sozinhos, pensou. Não lhe restavam

forças para levantá-los, a cada minuto que permanecesse com eles, sua visão pioraria e ele ficaria cada vez mais confuso pela altitude.

Quando desceu até o terceiro alpinista, ele pediu ajuda. Tinha perdido as luvas. Van Rooijen entregou-lhe então seu par extra.

– Eu preciso ir – disse Van Rooijen. – Está bem? Estou ficando cego pela neve.

– Já passei um rádio – disse o alpinista. Van Rooijen não reconheceu o sotaque. O alpinista acrescentou que já havia gente subindo para salvá-lo.

Suas palavras fizeram Van Rooijen sentir-se melhor em relação a prosseguir. Ainda assim, hesitou. Deixar os alpinistas ali ia contra todos os instintos de seu corpo. Se os deixasse e o pessoal do resgate não aparecesse, estariam sendo abandonados à morte. Mas tinha de se salvar. Teria de enfrentar sua própria luta pela sobrevivência. Não podia ajudar esses homens.

Mais uma vez, hesitou. Permaneceu com os alpinistas por mais alguns minutos. Depois os deixou e continuou a descer a lateral da montanha.

—

A sede de Rooijen era tão desesperadora e ele estava tão aflito com sua visão que não tinha tempo para se preocupar se seria sábio descer por uma rota não experimentada pela lateral do K2 e se ela o levaria a um solo mais seguro ou a um beco sem saída.

O gelo e as rochas eram íngremes, e suas luvas estavam molhadas. Testava cada passo com os dentes de seu grampão direito.

Numa extensão de rochas cobertas por gelo não conseguiu encontrar onde colocar a bota. Mudando de posição, desceu com o pé esquerdo, mas se atrapalhou, e a bota escorregou e raspou contra a rocha; ele só conseguiu se salvar agarrando-se à face da montanha com os dedos.

Algumas dezenas de metros depois, a corda terminou e ele continuou a descer sem seu auxílio. A escalada tornou-se mais íngreme até que, finalmente, depois de mais alguns metros, ele parou no topo de uma extensão de rochas marrons íngremes e percebeu que não havia como ultrapassá-las. Tentou desesperadamente manter o equilíbrio enquanto o mundo girava a milhares de metros abaixo. Van Rooijen encostou a testa contra a rocha. Todos os seus instintos lhe diziam para descer para respirar oxigênio e, quando chegasse ao acampamento, beber água. A ideia de ter de subir novamente era abominável, mas não havia escolha. Percebeu que teria de fazê-lo.

Subir em meio a gelo e neve era muito mais difícil do que descer, porque ele estava exausto e porque a cada três dolorosos passos para cima, escorregava dois para baixo. Contava os passos e depois parava para encher os pulmões.

O sol agora estava mais alto, sentia calor. Forçava-se a respirar pelo nariz e não pela boca, para manter a umidade dentro do corpo.

Num momento, ao parar, curvou-se para a frente sobre o piolet e, sem querer, dormiu. Quando acordou, piscou ao sol.

Percebeu que estava se aproximando do lugar onde os três alpinistas estavam pendurados. Forçando os olhos, achou que distinguia duas figuras com eles agora. Marco Confortola e Gerard McDonnell deviam ter descido e estavam tentando ajudá-los, pensou. Ainda estavam a algumas centenas de metros dele.

Acima, à esquerda, havia imensos blocos de rochas negras e à direita, uma possível rota sob um serac. O serac parecia tão assustador e perigoso quanto aquele sob o qual tinha passado a caminho do cume. Não conseguiria chegar até o ponto onde tinha começado, então ou seguiria as rochas ao redor da extremidade ocidental da montanha, embora não tivesse a menor ideia de onde esse caminho o levaria, ou iria por baixo do serac.

Van Rooijen chamou McDonnell e Confortola, na esperança de que conseguissem ver qual direção deveria tomar.

– Marco! Gerard! – Sua voz estava rouca. – Qual caminho? Vocês podem ver? Esquerda ou direita?

Ele se agarrou às rochas e repetiu a pergunta, mas sua voz estava fraca, e eles não o ouviram. Então foi para a direita, deslocando-se sob o serac.

Abaixo dele havia uma queda de centenas de metros e ele ainda não sabia para onde estava indo. No entanto, após mais algumas dezenas de metros, viu outra corda presa a um parafuso. Era uma boa notícia. Foi até ela, prendeu-se à corda e a seguiu.

A corda o levava a uma espécie de rota, embora não lhe parecesse familiar. Quando viu quatro garrafas de oxigênio penduradas no parafuso seguinte, começou a reconhecer onde estava. Achou que só podia ser a Travessa. Essa era a mesma rota que tinha seguido na subida. Mas parecia completamente diferente. A neve foi soprada de certos trechos da escarpa e houve avalanches.

Van Rooijen chegou a um local onde a corda pendia em diagonal sobre uma imensa saliência de pedras. Desceu de rapel, e após uns poucos minutos

reconheceu a corda Spectra de 5mm de Gerard McDonnell. Em seguida viu o Gargalo da Garrafa e ficou exultante.

Soltou a ponta da corda e desceu com cuidado até que o chão começou a se nivelar. A essa altura, no entanto, as nuvens tinham começado a baixar à sua volta.

Em altitude mais baixa, a visão de Van Rooijen começava a melhorar, pelo menos temporariamente. Seu próximo objetivo era chegar ao acampamento 4. Logo ficou desapontado. As nuvens tinham ficado mais espessas à sua volta e não conseguia enxergar o caminho ao longo do Ombro.

Desceu mais alguns metros, mas o branco total o forçou a parar. Não conseguia ver nada. Abaixo dele, em algum ponto, estava o Ombro e a segurança do acampamento 4, mas também havia fendas e quedas íngremes em ambos os lados da longa aresta. Era um risco grande demais, não podia continuar.

Enfrentando um gélido muro de neblina, se sentou. Estava frustrado e desapontado consigo mesmo. Tinha estudado a história do K2, e sabia como era difícil encontrar o acampamento superior ao descer. Por essa razão tinha trazido um GPS leve e uma luz de estrobo para a montanha. Mas quando partiu, no dia anterior, o tempo parecia perfeito, e as outras equipes tinham prometido instalar bandeiras, varas de bambu e linhas de pesca para guiar os alpinistas no Ombro – tudo parte do acordo de cooperação. Decidiu, então, deixar o GPS e a luz para trás, na barraca. Agora pensava em como seria bom ter um GPS ou uma linha de pesca para guiá-lo.

*Que confusão!* Apesar dos esforços de Van Rooijen para reunir uma equipe digna de ser levada ao K2, pensou, a expedição holandesa tinha se misturado a alpinistas inferiores. Tinham esquecido os equipamentos que prometeram levar, tinham subestimado as grandes dificuldades dessa escalada. Não estava dizendo que os outros alpinistas eram incompetentes. A maioria deles era bastante boa, mas a tendência que tinha afligido o Everest anos antes começava a acontecer no K2. Alpinistas despreparados pagavam muito dinheiro para subir uma montanha. Com apenas um clique na internet arranjava-se um lugar numa excursão.

Van Rooijen se lembrou de seu telefone via satélite, enfiado no casaco, e foi tomado por uma nova esperança. Pegou o telefone, quase derrubando-o, e o manuseou com cuidado. Mas quando segurou a tela brilhante do Thuraya a

alguns centímetros do rosto para ler os números guardados na lista de contatos, não conseguiu enxergá-los.

O polegar se movia desesperadamente pela lista. Queria ligar para o principal homem de ponta da equipe holandesa nos Países Baixos, Maarten van Eck. Ele saberia o que fazer, achava Van Rooijen.

Tentou teclar o número do amigo, mas não conseguia se lembrar, e a ligação não se completou. Finalmente, entendeu que o único número que sabia de cor era o seu, em Utrecht, onde a esposa estaria esperando, embora talvez estivesse na creche onde trabalhava.

Teclou o número e Heleen atendeu. Ela estava sentada no sofá, com o filho, Teun. Heleen não recebia notícias do marido havia três dias e tinha começado a perder a esperança de que ele estivesse vivo.

– Onde você está? – perguntou ela.

Aliviado por ouvir sua voz, Van Rooijen falou rapidamente, contando a Heleen sobre o bivaque e que tinha deixado Confortola e McDonnell.

– Estou vivo – disse ele. – Mas não consigo enxergar e estou perdido. Não sei onde estou.

Van Rooijen descreveu sua sede, mas tentou tranquilizá-la e disse que achava que conseguia enxergar o acampamento-base, portanto sabia que logo poderia beber alguma coisa. Mas no momento em que falava se deu conta, em outra parte da mente, de que ele estava falando tolices sem sentido. O acampamento-base estava, na realidade, aproximadamente 3 mil metros abaixo dele.

Então, enquanto falava com Heleen, viu sombras se movendo a distância, e achou que fossem alpinistas na névoa. Contou a Heleen, que gritou no telefone para ele ir na direção deles. Mas em um instante as sombras tinham desaparecido, e Van Rooijen se deu conta de que não podia confiar nos próprios sentidos.

– Ouça, escreva isto – disse ele, tentando parecer o mais prático possível. Ele estimava que estava a 180 metros acima do acampamento 4. – Estou a 7.800 metros no lado sul. Abaixo do Gargalo da Garrafa. Telefone para Maarten e peça que ligue para o acampamento-base.

Disse a Heleen que voltaria a ligar para ela em até 24 horas.

– Não se preocupe – tranquilizou-a. – Estou em segurança.

Depois que ela desligou, percebeu o quanto estava sozinho. A impressão era de que ela estava tão perto, e agora tinha desaparecido.

—

Maarten van Eck, um homem de negócios de 51 anos, cabelos grisalhos e óculos quadrados e prateados, estava sentado na cozinha de sua casa flutuante de dois andares, o *Archimedes*, no canal de Merwede, em Utrecht, quando Heleen lhe telefonou para contar sobre Van Rooijen.

Ali, naquele barco, que Van Eck montara o que gostava de chamar de acampamento-base do K2 nos Países Baixos – essencialmente, uma mesa de cozinha com três computadores e uma bancada de telefones. Passara as noites anteriores no sofá para estar pronto para dar telefonemas e atualizações de Wilco e do grupo no K2. A combinação era que durante a descida Van Rooijen telefonaria em pontos específicos – o início das cordas fixas, o Gargalo da Garrafa, o acampamento 4 –, mas não recebia notícias desde a chegada ao cume.

Depois de tranquilizar Heleen, Van Eck ligou para os alpinistas holandeses nas barracas do verdadeiro acampamento-base do K2 no Paquistão e eles entraram em contato, por rádio, com Pemba Gyalje, que esperava no acampamento 4.

No oceano branco acima do acampamento superior, o Thuraya de Van Rooijen tocou e ele deu alô a Gyalje.

O xerpa pediu que ele descrevesse sua localização.

– Não sei exatamente onde estou – disse Van Rooijen. Ele apertou os olhos em meio à névoa. Havia neve e grandes maciços de pedras, mas nada que lhe parecesse familiar.

– Acho que estou próximo ao acampamento 4.

Gyalje disse que ele e Cas van Gevel estavam subindo para encontrá-lo. Disse a Van Rooijen para descer na direção deles.

– Desça, mas se mantenha à esquerda – disse Gyalje. – Não vá para a direita, porque é a face sul. Estamos subindo. Vamos gritar.

Van Rooijen desceu em meio à neve, agora animado. Certamente não se desencontrariam. Não sabia o que faria se esse plano falhasse. Gritou seus nomes.

– Cas! Cas! Pemba! Pemba!

Já podia imaginar o encontro.

Uma figura escura apareceu na distância em meio à névoa móvel, que acabou por se revelar uma rocha. Van Rooijen viu outro contorno, e desceu na

direção dele.

– Cas! – Mais uma vez, a montanha lhe pregava peças.

Depois de descer mais alguns metros, parou abruptamente, sentindo-se inquieto.

Com a névoa mudando de direção, ele viu que estava logo acima de uma queda íngreme. Virou-se lentamente e voltou depressa encosta acima. Tinha quase caído. Ele viu um caminho para a direita e desceu nessa direção, embora ele o levasse para o meio de rochas imensas.

Começou a ter a perturbadora sensação de que tinha se desencontrado de Van de Gevel e Gyalje. Parou e compreendeu que era verdade. O mundo ao seu redor era gelado e vazio. Estava perdido e sozinho outra vez.

A sensação era devastadora. E agora receava que ao tentar chegar a seus salvadores tinha seguido para a grande face sul, para o lado errado do Ombro. Continuar nessa direção significaria se perder ainda mais ou, em algum ponto, deslizar despercebidamente para as ravinas de centenas de metros abaixo dele. Mas seria um esforço grande demais escalar pelo caminho por onde tinha vindo. Não poderia suportá-lo, então continuou.

Enquanto descia, ligou novamente para Heleen. Tinha receio de que a ligação não se completasse, porque a conexão muitas vezes era difícil, mas ela atendeu ao primeiro toque.

– Onde você está? – ouviu-a dizer. – Consegue ver outras montanhas? Consegue ver o Broad Peak?

– Tenho certeza de que estou no acampamento 4 – disse ele abruptamente. – Apenas diga ao Maarten. Estou no acampamento 4 – insistiu. Ao desligar, lamentou seu tom áspero.

Continuou a descer. Queria respirar o ar de altitudes mais baixas e água. Olhou com desejo para a neve. Ele sabia que a neve não tinha calorias, e além disso perdia-se energia ao derretê-la dentro do corpo. E uma vez que começasse a comê-la, a sensação seria tão boa que não conseguiria parar. Mesmo assim, cortou um pedaço com seu piolet, esfregou-o contra os lábios e engoliu alguns flocos. Eles queimaram sua boca, mas por alguns momentos gloriosos, mataram sua sede. Para evitar as bolhas e entorpecer a garganta, da vez seguinte soltou a neve diretamente na garganta.

Sempre que via uma extensão segura de gelo ou rocha à sua frente, Van Rooijen punha sua bota ali e descia mais alguns centímetros. *Descer, descer*, dizia para si mesmo, apesar da exaustão. Ele adormeceu, depois acordou

irritado e se forçou a prosseguir. Então chegou a um ponto onde a face da montanha mergulhava abaixo dele na névoa e não havia lugar onde colocar a bota. Nem para a direita nem para a esquerda, e nem mesmo à frente.

Dobrou as pernas, se sentou e agarrou os joelhos junto ao corpo, tentando manter o calor. Achava que era o fim.

Sentado acima do precipício, ele apoiou a cabeça na pedra e refletiu como o K2 era lindo, mas agora, em meio às rochas escuras e às nuvens, tinha se tornado feio. Van Rooijen estava preso em outro mundo aterrorizador de névoas móveis e vazios sem fundo. Esse era um lugar em que nenhum homem ou mulher jamais deveria estar.

Tentou ligar outra vez pelo Thuraya, mas as baterias estavam geladas demais ou tinham acabado. Viu um grupo de alpinistas próximo e gritou-lhes por socorro, mas eles desapareceram.

# CAPÍTULO QUINZE

**Sete horas da manhã**

No fim do campo de neve do cume, Marco Confortola e Gerard McDonnell seguiram a rota que Van Rooijen pegou mais abaixo, ao redor da borda do serac. Enquanto desciam, mal podiam acreditar que o holandês os tinha abandonado. A altitude, a falta de oxigênio e a exaustão deviam ter feito Van Rooijen perder a cabeça.

Recuando vários metros, Confortola viu três alpinistas à direita. Estavam presos em cordas e pendurados a vários metros de distância um do outro contra o gelo irregular da lateral da montanha. Havia também outras extensões de corda velha penduradas entre as rochas. Confortola se lembrou dos gritos que tinha ouvido na escuridão na noite anterior.

McDonnell estava a aproximadamente 5 metros acima dele e Confortola gritou para o alto, chamando-o para ver o que tinha encontrado.

– Venha aqui, Gerard! – gritou, sua voz parecendo mais alta. – Venha aqui!

Ele não conseguia identificar o alpinista do topo, que estava pendurado de cabeça para baixo. Mas Confortola reconheceu a grande câmera pendurada no pescoço. Era uma Rollei alemã; um dos sul-coreanos da Flying Jump tinha uma câmera semelhante.

Conseguiu reconhecer o alpinista que estava mais abaixo. Era um xerpa. Ele tinha perdido uma das botas, e o pé esquerdo do homem estava exposto ao ar, coberto apenas por uma meia.

Os três alpinistas pareciam vivos, embora Confortola achasse que mal se aguentavam. Ficou se perguntando por que Van Rooijen não tinha parado para ajudá-los. Talvez o holandês não os tivesse visto, embora devesse ter passado perto ou talvez tivesse concluído que não podia fazer nada.

Quando olhou para baixo, viu Van Rooijen a uns 120 metros abaixo deles. Tinha descido rapidamente, mas agora estava parado e parecia olhar de forma hesitante para uma extensão de rochas íngremes. McDonnell se aproximou de Confortola, e os dois assobiaram para Van Rooijen com o propósito de lhe dizer que mudasse de rota, mas ele aparentemente não ouviu.

Confortola também teve dúvidas sobre o que fazer para ajudar os homens presos. Ficaram pendurados a noite toda, e Confortola e McDonnell tinham de

pensar em si mesmos. Mas, ao mesmo tempo, pensou Confortola, se os três iam morrer, que morressem de forma respeitável, e não pendurados de cabeça para baixo como carcaças.

McDonnell já estava levantando a cabeça do alpinista do alto, tentando deixá-lo mais confortável. Tinha um histórico de auxílio a montanhistas em perigo – foi condecorado com a medalha Denali, em 2008, por bravura no monte McKinley, e em 2003 ajudou um alpinista irlandês a descer de um ponto próximo ao topo do Everest, depois que seu oxigênio acabou.

Confortola só precisou de um instante para se decidir a ajudar seu amigo. Sabia que jamais poderia abandonar aqueles homens.

A primeira coisa a fazer era aliviar o sofrimento do coreano do alto, com a câmera, colocando-o de cabeça para cima. Também precisavam ajeitar sua cadeirinha, que estava enrolada nas pernas. Então poderiam baixá-lo até os outros dois alpinistas, onde a encosta era menos íngreme.

Os três alpinistas estavam pendurados numa face íngreme de gelo e neve. Confortola e McDonnell estavam a alguns metros de distância, num declive levemente menos íngreme, entre 30 e 40 graus. Se conseguissem desemaranhar ou cortar a corda, poderiam levantar os alpinistas e deixá-los mais estáveis.

– Me dá uma ajuda para que eu possa socorrer essa gente – disse Confortola. – Se você segurar a cabeça do primeiro cara, posso tentar tirar sua cadeirinha.

Precisavam ter cuidado, porque os alpinistas estavam perigosamente entrelaçados. Quando tentaram puxar um dos homens para mais perto, outro balançou, ameaçando derrubar todos os três e eles. Também precisavam pensar em si mesmos porque não estavam protegidos por cordas. Seria um aterrorizante procedimento de estabilização.

McDonnell se apoiou e segurou a cabeça do primeiro alpinista. Confortola desceu alguns metros para testar o estado das cordas e ver se conseguia desenredá-las ou se seria seguro tentar cortá-las. Percebeu, no entanto, que as cordas estavam apertadas demais para serem desamarradas, e estavam sustentando os alpinistas; cortá-las faria com que os homens caíssem. Procurou um pedaço extra de corda solta que pudesse usar e cilindros de oxigênio sobressalentes.

Viu que os dois alpinistas de baixo tinham cilindros de oxigênio, que estavam próximos a suas mochilas, entre as cordas. Mas estavam sem máscaras de oxigênio, que deviam ter se soltado na queda.

Confortola viu que o segundo alpinista estava inconsciente. Quando chegou até ele, achou, inicialmente, que fosse um xerpa. Mas depois se deu conta de que era Park Kyeong-hyo, um dos alpinistas sul-coreanos. De sua cadeirinha, Confortola pegou uma faca amarela e cinza. Alguns metros à frente, havia um piolet Grivel caído sobre o gelo. Confortola pensou em usar a faca e um piolet para fazer algo com as cordas. Segurando ambas como se fossem armas, subiu até alguns metros depois de McDonnell e do coreano do alto. Ali cortou 9 metros de corda velha de uma das extensões sobressalentes.

Soltando alguns metros, cravou o piolet Grivel numa fenda no gelo e prendeu a corda. Atou a outra extremidade na cintura do coreano e depois abriu a cadeirinha do homem. Tirou o peso do coreano de McDonnell e começou a baixá-lo.

Isso levou um longo tempo, mais de uma hora, ao que parecia, embora Confortola não tivesse certeza de quanto. Ele e McDonnell trocavam apenas umas poucas palavras enquanto trabalhavam e Confortola agora se dava conta de que McDonnell tinha ficado quieto.

Quando olhou para cima, viu que McDonnell estava subindo a face de gelo rumo ao topo do glaciar.

– Aonde você está indo? – chamou.

A princípio achou que seu amigo estivesse subindo para tirar uma foto como prova. Mas, quando o irlandês continuou a subir para além das cordas, Confortola ficou alarmado. Não sabia para onde o amigo estava indo.

– Jesus! Volte! Jesuuus!

Não houve resposta. Sem se virar, McDonnell escalou a encosta e desapareceu na borda do serac.

Confortola ficou atormentado. A altitude devia ter afetado o cérebro de McDonnell. Não era de admirar, depois de tudo o que ele tinha passado. O bivaque. A falta de oxigênio. A falta de água. O horror dos alpinistas presos. A mente tinha mergulhado no delírio e talvez achasse que ainda tinha de chegar ao cume.

Parou para refletir sobre o que poderia fazer agora que estava sozinho. Olhou para o topo do serac, mas McDonnell tinha realmente desaparecido. Não podia ir atrás do amigo. Deveria descer agora? Será que perderia o juízo como McDonnell?

O sol agora brilhava, mas ele estava com frio, fome e muito cansado. A raiva, no entanto, lhe deu uma nova energia. Desceu até o primeiro alpinista,

que estava numa encosta menos íngreme, e o segurou e o escorou com um bastão de esqui para que pudesse respirar mais facilmente. Também levou o segundo alpinista, colocando-o em posição sentada. Não o tinha tirado inteiramente das cordas porque eram elas que o mantinham preso.

Desceu os últimos poucos metros até o xerpa, que estava desperto. Confortola não sabia seu nome. O homem estava confuso, mas dos três era o menos machucado. O pé tinha ficado exposto a noite inteira, e numa voz fraca implorou ao italiano que o ajudasse.

Confortola insistiu que se mantivesse calmo. Tirou a mão direita da luva externa de altitude elevada e colocou-a sobre a meia do homem.

– Vou chamar o resgate pelo rádio – disse ele ao xerpa.

Tinha visto um microfone de rádio enrolado na jaqueta de um dos alpinistas e pensou ter visto o aparelho na encosta, onde devia ter caído. Confortola desceu lentamente, com cuidado para não escorregar, e recuperou-o.

Com o aparelho na mão, gritou no bocal e ouviu as vozes de dois xerpas respondendo. *Emergência!*, gritou. Confortola explicou onde estava e o que tinha acontecido. *Mas estou exausto. É impossível, para mim, continuar a ajudar. Venham rápido.*

Mais ou menos nesse momento, o estrondo de uma avalanche soou em algum lugar na montanha e Confortola percebeu que tinha de ser rápido. O serac estava instável.

Passara três horas com os alpinistas presos. E levaria outras quatro para chegar ao acampamento 4. Agora ultrapassou os três homens e fincou o piolet no gelo para dar mais apoio para as cordas. Depois os deixou e seguiu em direção à Travessa, que se abria sem as cordas fixas. Pensou no estrondo que tinha ouvido e imaginou que o gelo devia ter caído do serac e varrido as cordas.

Desceu na vertical, arrastando-se para a encosta sob o serac nas pontas de seu grampão. Só tinha uma luva externa. Os pés pareciam pesados e entorpecidos. Como tinha deixado o piolet nas cordas com os três alpinistas presos, precisava usar a ponta do bastão de esqui para se apoiar, fincando-o como uma adaga no gelo. Dessa forma ele dava impulso, olhando diretamente para a face, sentindo a saliência de gelo acima dele e não se atrevendo a olhar para a queda abaixo.

Ficou aliviado ao se aproximar do fim da Travessa. Queria sair de perto do serac.

Ali encontrou uma extensão de corda velha. Parecia a mesma que ele tinha seguido até o Gargalo da Garrafa. Ainda era difícil escalar, e ele estava exausto, mas era mais fácil do que tinha sido na Travessa. Sentiu certo alívio.

Ao sair da corda, Confortola parou, com calor e sede. Desejava poder se livrar da roupa pesada para tomar algum ar. Vários metros abaixo, na ravina, avistou um piolet largado na neve. Outro alpinista provavelmente tinha deixado cair. Seria inestimável para ele, mas, para pegá-lo, teria de descer e atravessar o gelo por 20 metros. Ao sair para buscá-lo, a bota prendeu em um pedaço de gelo e ele tropeçou.

Escorregou rápido pela ravina, batendo forte contra o gelo, gritando e lançando os braços para fora e batendo as pernas, desesperado para interromper a queda. Era o fim. Ele sabia que ia morrer.

Confortola escorregou por cerca de 10 metros antes de conseguir parar. Ficou deitado de costas na neve, respirando com dificuldade. Estava vivo.

Levantando-se lentamente, percebeu que as pernas e os braços estavam rígidos, mas não estava ferido. Mas tinha perdido a outra luva.

Desceu mais alguns metros, embora não soubesse exatamente até onde tinha ido. Já não tinha certeza das distâncias. Estava próximo ao Ombro, mas ainda dentro do alcance de qualquer avalanche do serac, quando ouviu uma explosão.

A várias centenas de metros, no topo do enorme glaciar, uma imensa nuvem provocada por uma avalanche explodiu da extremidade do serac. O gelo e a neve desceram pela Travessa e colidiram nas rochas da lateral do Gargalo da Garrafa.

Grandes pedaços de gelo tombavam e saltavam por cima das rochas, seguidos por nuvens de neve suspensas, rolando num canal ao lado do Gargalo, mas também começando a se espalhar ao longo da ravina.

Confortola assistia, paralisado, os ouvidos tomados pelo grande gemido impetuoso da avalanche. O rio de gelo corria e se precipitava na sua direção: em poucos segundos, certamente, seria engolido. Mas o ímpeto da avalanche diminuiu, a nuvem de neve desvaneceu, e apenas alguns afluentes passaram perto, parando a uns 10 metros dele.

Enquanto a avalanche descia da Travessa, percebeu algo amarelo envolvido pelo gelo, que achou reconhecer. Gerard McDonnell estava de botas amarelas e pretas.

Agora, a alguns metros de distância, havia uma mancha escura na neve. Ao se aproximar, viu manchas de sangue pelo gelo e restos humanos, pedaços de cérebro e um olho humano, azul. Pegou o olho e o segurou por um instante, examinando-o; depois o largou.

Confortola se ajoelhou na neve, sentindo-se impotente. Pensou em McDonnell, nos bons momentos que tinham passado no acampamento-base. *Gerard*. *Jesus.* Não tinha certeza, e sua mente se esforçava para funcionar adequadamente na altitude, mas imaginou que McDonnell provavelmente tinha subido até o topo do glaciar depois de deixar os três alpinistas presos e foi pego pela avalanche.

Após alguns minutos, forçou-se a se levantar e desceu.

Agora odiava a montanha e queria ir para casa. Mas estava tão cansado que, vários minutos depois, parou e se deitou de costas na neve.

Disse a si mesmo que não podia adormecer e que precisava lutar contra a sensação de que a montanha o tinha finalmente vencido. Mas era tão bom descansar, deitar a cabeça contra a encosta e fechar os olhos, esquecendo o que tinha testemunhado.

As mãos queimavam com o frio, então ele as colocou atrás da cabeça, dentro do capuz.

As nuvens foram se aproximando da montanha e lentamente a neve começou a cair. Confortola não se mexeu.

Minutos depois, acordou com um sobressalto.

– Marco! Marco!

Alguém estava de pé acima dele, chamando seu nome e tentando colocar uma máscara de oxigênio em seu rosto.

# CAPÍTULO DEZESSEIS

## Oito horas da manhã

Eric Meyer e Fred Strang foram surpreendidos pelo aparecimento de Pemba Gyalje à porta de sua barraca. O homem, geralmente estoico, estava quase histérico.

Abriram o zíper da porta de náilon da barraca e o ajudaram a entrar e subir na esteira.

– Entre – disse Meyer em voz suave, percebendo que o xerpa precisava de conforto. – O que houve? Sente-se.

Os dois estavam descansando em seus sacos de dormir. Ajudaram Gyalje a se sentar entre alguns equipamentos, fizeram-lhe chá e lhe disseram para se acalmar. O chá o ajudaria a se reidratar.

Gyalje parecia exausto e mal conseguia levantar a cabeça.

Desde que descera do Gargalo da Garrafa, praticamente não tinha descansado. Usava sua roupa de escalada azul-escura Feathered Friends. Sua respiração formava nuvens no ar gelado.

Gyalje começou a chorar ao contar a Meyer que tinha encontrado as cordas cortadas na Travessa e como tinha conseguido descer. Gyalje era um sobrevivente, Meyer podia ver, mas teve de usar reservas profundas para descer e isso tinha pesado sobre ele.

Meyer e Strang tiveram a impressão de que Gyalje também estava se sentindo culpado porque, embora estivesse em segurança, os amigos Wilco van Rooijen e Gerard McDonnell ainda não tinham descido. A ideia de retornar ao Gargalo da Garrafa o aterrorizava.

– O que posso fazer? – disse ele, esfregando os olhos com as palmas das mãos. – Estou me sentindo mal.

Pouco mais cedo, antes do amanhecer, insistiu que Grande Pasang Bhote e Chhiring Bhote não voltassem ao Gargalo da Garrafa para procurar sobreviventes. Era perigoso demais. Suspeitava que Kim, o líder sul-coreano, os pressionava a subir porque os três coreanos estavam desaparecidos – Park Kyeong-hyo, Kim Hyo-gyeong e Hwang Dong-jin. Mas os dois xerpas tinham lhe dito que estavam subindo por vontade própria. Queriam ir porque Jumik Bhote também não tinha retornado.

Agora, ao conversar com Meyer e Strang, Gyalje disse categoricamente que todos eles deviam descer logo do acampamento 4. Nenhum deles podia ficar naquela altitude por mais um período de muitas horas, disse ele.

– Precisamos descer – disse Gyalje. – Antes que a gente perca mais energia. O tempo também está piorando.

Meyer se deu conta de que Gyalje também se beneficiaria de seus auxílios médicos. Colocou alguns comprimidos na mão de Gyalje: dexametasona, dextroanfetamina e 200mg de Provigil. As cápsulas pareceram ajudar, pois Gyalje logo pareceu mais alerta e voltou para sua barraca para descansar.

O sol se levantou, e Meyer e Strang saíram da barraca. A essa altitude, o amanhecer era rápido e os raios de sol já brilhavam no Gargalo da Garrafa e no glaciar suspenso. A temperatura do ar, que tinha caído acentuadamente durante a noite, tinha voltado a subir e estava alguns graus acima do congelamento. Podiam ver as escarpas. Havia doze ou mais alpinistas ao redor das barracas, incluindo Go, Kim e os seis ou sete membros da equipe B coreana, e outro grupo de montanhistas que pretendia subir ao cume nesse dia, mas que agora tinha cancelado.

Todos encaravam a montanha. Meyer percebeu que o dia seria novamente maravilhoso. O ar estava tão claro, e o céu se curvava acima do cume. Cristais de neve pareciam saltar pelas ondas do Ombro, onde os bastões e as bandeiras vermelhas que Marco Confortola havia fincado no dia anterior se agitavam na brisa.

Por volta das sete da manhã, Cecilie Skog e Lars Nessa foram até a barraca dos americanos. Skog pediu emprestado o telefone via satélite de Strang para ligar para seu gerente na Noruega, que informaria aos pais de Rolf Bae sobre sua morte.

Falou em subir até o Ombro para uma pequena cerimônia de despedida do marido. Mas por volta das oito horas, ela, Nessa e Stangeland partiram para o acampamento-base, deixando suas duas barracas de pé.

Os que ficaram para trás tentavam localizar alguém além do Ombro. O Gargalo da Garrafa e o serac tinham um lindo tom azul-acinzentado. À esquerda do serac, na extremidade ocidental, onde os alpinistas tinham visto lanternas na noite anterior, os observadores no acampamento 4 agora podiam ver pontos pretos na neve. Apontaram, conseguindo enxergar os pontos a olho nu, mas também olhavam por binóculos. Eles se deram conta de que os pontos podiam ser corpos, mas não estavam se movendo, a não ser um. A pessoa

estava de pé sozinha sobre os campos de neve acima do serac. Enquanto observavam, ela se moveu lentamente pela neve para a direita, ziguezagueando mais para o alto e descendo novamente na direção da borda do serac. Devia ter perdido o juízo, ou estava em pânico, pois ia na direção errada se pretendia descer até a Travessa e chegar ao Gargalo da Garrafa. Pouco tempo depois, quando as nuvens começaram a baixar, os montanhistas no acampamento 4 perderam a figura de vista.

Alguns alpinistas tiraram fotografias e Strang filmou um pouco. A noite foi tão fria e escura que se tornou impossível formar um retrato claro do que havia acontecido. Mas agora contaram quem estava faltando: Van Rooijen, McDonnell, Confortola, Jumik Bhote, Hwang, Kim e Park. Também havia alguma incerteza quanto a Hugues d'Aubarède. Seu carregador, Karim Meherban, também não foi contabilizado.

Do lado de fora de sua barraca, Meyer pegou um dos rádios dos americanos e tentou fazer contato com alguém que ainda estivesse na montanha e vivo. Elevava e baixava as frequências, girando o botão do rádio, mesmo sem saber ao certo quem entre os desaparecidos possuía um rádio e quem não. Achavam que Gerard McDonnell não estava carregando rádio nem telefone via satélite porque o tinham visto entregar seu telefone a Pemba Gyalje no cume. Wilco van Rooijen tinha apenas seu Thuraya.

– Aqui é o acampamento 4 – disse Meyer. – Vocês me ouvem?

Girou o disco e ouviu estática. Alguns mantinham seus binóculos voltados para os pontos.

E se alguém estivesse vivo e não conseguisse falar? E se estivessem congelados ou em tal estado de hipoxia que não conseguissem falar?

– Pressione o botão de falar se puder nos ouvir – disse Meyer com esperança.

Mas nada.

Strang tinha acendido três queimadores e estava derretendo neve fora da barraca para preparar água para qualquer um que chegasse. Os sobreviventes precisariam de líquido rapidamente.

Estavam preparados para subir e resgatar pessoas se houvesse qualquer sinal de vida, mas até agora não tinham tido nenhum. Não poderiam trazer uma pessoa que não conseguisse se mexer por conta própria.

Entre os alpinistas reunidos ao redor das barracas crescia a sensação de que algo grave acontecia, uma tragédia que não tinham como enfrentar. Cas van de

Gevel saiu de sua barraca. Parecia exausto. Os olhos estavam injetados. Disse que iria à procura de Wilco van Rooijen e Gerard McDonnell, mas Strang argumentou que ele não podia simplesmente correr para o Gargalo da Garrafa sem ter a menor ideia de onde poderiam estar.

– Isto não é uma excursão guiada – acrescentou Meyer. – Se fosse uma só pessoa poderíamos subir para buscá-la. Mas estão faltando nove.

No acampamento-base, o holandês Roeland van Oss e o americano Chris Klinke, que agora conduziam juntos o levantamento de informações e a montagem de operações de emergência, fizeram planos para que as pessoas ainda no acampamento 4 organizassem e enviassem uma equipe de resgate até o Gargalo da Garrafa. No acampamento do alto, no entanto, havia uma grande relutância em subir. Pelo que Meyer e Strang sabiam, não tinham cordas, a não ser as que fixavam as barracas, e tinham apenas uma garrafa de oxigênio, aquela de 6kg que Chhiring Dorje levou ao cume e trouxe de volta sem usar.

O tempo mudou, e por volta das dez horas da manhã, o serac e o Gargalo da Garrafa desapareceram de vista. Nuvens cinzentas tomavam o cume e subiam ao redor da grande face do K2, tapando-a como uma cortina. A temperatura caiu novamente para 20 graus negativos ou menos.

Ao meio-dia, a maioria dos alpinistas decidiu que já tinha esperado o suficiente. Quem poderia saber o que aconteceria com o tempo em seguida? Para não falar do fato de que já estavam acima de 7.900 metros por quase 48 horas.

– Vamos descer – disse Meyer. Sabia que já estaria escuro quando chegassem à base da montanha.

A equipe americana arrumou suas coisas, mas deixou a barraca. Uma segunda expedição americana tinha chegado ao acampamento-base e tinham um acordo para usar a barraca de Meyer.

Van de Gevel ainda estava deitado. Esperaria no acampamento 4. Pemba Gyalje disse que também ficaria por mais algum tempo, em caso de algum sobrevivente, mas não esperaria muito.

– Vou ficar só mais algumas horas, mas desço hoje – disse ele.

Os coreanos também ficariam.

Um grupo de cinco alpinistas liderados por Meyer e Strang se reuniu na encosta fora do acampamento 4 para iniciar a descida. Alguns dos que tinham subido um dia mais tarde para a estirada da segunda noite até o cume estavam desapontados, porque não tinham tido a chance devido às pessoas que não

haviam retornado quando deviam. Não iriam para o cume enquanto ainda houvesse alpinistas faltando.

Os montanhistas tinham uma grande descida à frente e Meyer distribuiu mais alguns remédios – Provigil, dextroanfetamina – para dar uma revigorada em seus sistemas. Deixaram a garrafa de oxigênio de Chhiring Dorje e um saco de pílulas de ressuscitamento com Gyalje. Um a um desceram as últimas centenas de metros do Ombro até o esporão de Abruzzi.

—

Na grande corcunda do Ombro, os dois xerpas, Chhiring Bhote e Pasang Bhote, examinavam a área abaixo do Gargalo da Garrafa atrás dos alpinistas coreanos desaparecidos.

Logo após o meio-dia, notaram algo a distância, em meio à névoa. A 30 ou 40 metros dali, um alpinista arrastava-se.

Quando o alcançaram, não falava coisa com coisa. Pasang, que carregava o rádio, chamou Pemba Gyalje mais abaixo na montanha. *Encontramos alguém! Ele desmaiou.*

Disseram que o alpinista usava roupa verde e preta e, ao ouvir essa descrição, Gyalje concluiu que só podia ser o italiano, Marco Confortola.

Disse aos dois xerpas para saírem rapidamente do Gargalo da Garrafa e levarem-no para baixo. Mas Pasang disse que o alpinista estava fora da área mais perigosa e que ainda planejavam subir mais para procurar Jumik Bhote e os coreanos.

*Você sobe para pegar este?*

Gyalje pensou no Gargalo da Garrafa e no inferno a que tinha sobrevivido na noite anterior.

*Pemba?*

Grande Pasang e Chhiring disseram que estavam partindo.

Pemba cedeu. Os colegas da expedição holandesa ainda estavam desaparecidos. Queria encontrá-los. *Tudo bem. Eu vou. Levo oxigênio.*

—

Pemba Gyalje e Cas van de Gevel empacotaram suas coisas e subiram com cautela para a desolação do Ombro. Estavam seguindo a mesma rota sobre a neve que haviam subido um dia antes. Desta vez, pensou Van de Gevel, sem

Wilco van Rooijen e Gerard McDonnell. Ele olhava para todos os lados, mas não conseguia ver os colegas em parte alguma.

De vez em quando, as névoas se abriam, revelando as grandes escarpas do cume. Em certo ponto, viram duas figuras pretas se movendo várias centenas de metros acima. Eram os dois xerpas da expedição sul-coreana que tinham ido investigar as escarpas.

Então as nuvens baixaram novamente e Gyalje e Van de Gevel não viam mais nada.

Van de Gevel sentiu que seu corpo estava esgotado. Aqueles poucos dias tinham sido longos. Ele parou e disse a Gyalje:

– Se eu subir até o Gargalo, não volto nunca mais.

Não podia continuar, nem mesmo por Wilco.

– Não devemos nos separar – disse Gyalje.

– Será mais seguro – disse Van de Gevel. – Sinto muito.

As nuvens estavam se tornando mais espessas e os dois homens concordaram que Van de Gevel devia ficar onde estava e marcar o caminho de volta ao acampamento 4 para Gyalje. Ambos tinham um rádio e podiam se comunicar se tivessem qualquer problema. O xerpa se virou e subiu para o meio da névoa.

—

O homem vestido com roupa preta e verde-limão estava deitado na neve, inconsciente. As mãos estavam cruzadas atrás da cabeça. Não usava as grandes luvas de escalada e a cadeirinha estava metade para fora. Pemba Gyalje viu que a neve estava cortada e remexida ao redor dele.

Gyalje tirou uma fotografia para registrar o estado do alpinista e depois pegou o cilindro de oxigênio que tinha levado, tentando reanimar Confortola. Quando o gás começou a fluir para dentro de seu corpo, Confortola lutou e tentou tirar a máscara. Tinha chegado ao cume do K2 sem usar oxigênio suplementar, e mesmo agora não queria diminuir o valor de sua façanha.

Gyalje forçou a máscara sobre a boca de Confortola. Ele parou de lutar. Após alguns minutos inalando o ar, conseguiu se levantar.

A prioridade de Gyalje era levar o homem exausto até o acampamento 4 o mais rápido possível. O avanço era difícil – os pés de Confortola estavam congelados e Gyalje tinha de ficar atento a cada passo que ele dava. Sabia que

tinha de fazê-lo andar num ritmo constante para garantir que ficassem longe do alcance do serac. Insistiu para que Confortola continuasse.

Enquanto os dois alpinistas se esforçavam para descer do Ombro em meio à névoa, Gyalje recebeu outro chamado de Grande Pasang pelo rádio, que ainda estava 180 metros acima deles. Pasang tinha outras notícias.

Havia subido até o topo do Gargalo da Garrafa, contou Pasang a Gyalje, e lá encontrou o xerpa Jumik Bhote e os dois montanhistas sul-coreanos, que tinham ficado presos nas cordas. Estavam feridos, mas tinham conseguido cruzar lentamente a Travessa. Por incrível que parecesse, ainda estavam vivos. Grande Pasang agora os ajudava a descer.

– Nós nos encontramos na parte superior da garganta e agora estamos descendo juntos – disse-lhe Pasang. – São três. Dois coreanos. Um xerpa.

Gyalje ouviu o relato e mal pôde acreditar. Era a melhor notícia do mundo! Jumik e os coreanos tinham sobrevivido!

– Vamos descer, apesar de não termos cordas – disse Bhote pelo rádio.

Gyalje olhou na direção da montanha, mas a névoa estava tão densa que ele não conseguia enxergar nada além de 10 metros à frente. Em algum lugar Grande Pasang agora ajudava os alpinistas feridos a descer.

O rádio continuou a estalar. De forma desajeitada, Gyalje parou com Confortola no Ombro e segurou o aparelho próximo ao ouvido. Grande Pasang tinha algo mais a dizer ao amigo.

Bhote disse que tinha visto, em partes mais baixas da Travessa, um quarto alpinista a aproximadamente 10 metros atrás dos dois coreanos e Jumik Bhote. Mas disse que uma parte do serac tinha desmoronado e o matado.

– Ok, Pemba, tem outro membro caindo da Travessa, da parte mais baixa, porque foi atingido pelo serac – disse Pasang pelo rádio.

Pasang disse que tinha visto o alpinista cair para a morte.

Gyalje quis saber quem era.

– Você consegue identificá-lo? – perguntou Gyalje.

– Ele usava roupa vermelha e preta.

Gyalje ouviu a descrição e ficou desconsolado. Soube imediatamente quem era.

Podia ter sido Karim Meherban, o carregador de altitude de Hugues d'Aubarède, mas a lembrança que tinha era de que Meherban usava uma roupa toda vermelha, como muitos outros alpinistas na montanha. Alberto Zerain também usava roupa vermelha, mas ele já tinha descido. E os coreanos

também, mas ele não achava que a descrição se aplicasse a eles. Só uma pessoa usava roupa vermelha com detalhes pretos, e essa pessoa era Gerard McDonnell.

– Uma roupa vermelha e preta. Definitivamente, é Gerard.

O amigo estava morto. Gyalje estava arrasado. Era demais. A montanha estava cobrando um preço muito alto.

Segurando Confortola firmemente na escarpa, Gyalje levou o rádio à boca e disse a Grande Pasang para descer do Gargalo da Garrafa e trazer Jumik Bhote e os dois coreanos o mais rapidamente possível. Era perigoso demais permanecer mais tempo ali.

*Estamos abaixo de você. Desça.*

Seria uma tarefa difícil para o xerpa levá-los em segurança e com o mínimo de equipamentos, e ele esperava que ficassem bem.

—

Cinco minutos depois do chamado de Pasang pelo rádio, Marco Confortola se concentrava em descer a escarpa abaixo da parte inferior do Gargalo da Garrafa quando sentiu a mão de Pemba Gyalje em seu braço, empurrando com mais força.

Próximo a ele, Gyalje gritou que algo terrível estava a ponto de acontecer:

– Corra, corra! Rápido!

Confortola moveu suas pesadas pernas mais rapidamente. Estava exausto, mas tentou se apressar. Percebeu que Gyalje sabia algo que ele desconhecia.

Então o mundo explodiu. O serac estava desmoronando outra vez.

Como as escarpas estavam cobertas pelas nuvens, os dois homens a princípio não conseguiram enxergar nada. Mas o estrondo foi ficando mais alto e eles se deram conta de que uma avalanche avançava na direção do Gargalo da Garrafa. Houve uma segunda explosão, e outra, e eles compreenderam que havia várias quedas de gelo. As avalanches perfuravam a névoa seguindo na direção dos dois alpinistas, cuspindo uma enorme chuva de gelo e neve que era afunilada e multiplicada pelo Gargalo da Garrafa.

Descendo com dificuldade a escarpa íngreme, Confortola sentiu algo bater forte na parte de trás de sua cabeça e jogá-lo para a frente. Uma garrafa de oxigênio tinha sido arrastada pela avalanche e lançada com a mistura de gelo e neve. Desequilibrado pelo choque, Confortola estava convencido de que cairia para a morte, mas ao tombar para a frente, Gyalje, que ainda estava a seu lado,

o puxou e imprensou-o contra a neve, cobrindo-o com seu próprio corpo até que o estrondo parou e a avalanche passou. Por apenas 2 metros não haviam sido atingidos.

Tinham sobrevivido, e Confortola devia sua vida à ação rápida e corajosa de Gyalje. Mas vários metros abaixo, visíveis em meio à neblina gelada, havia quatro corpos espalhados sobre o gelo que havia desmoronado.

Era mais uma cena de morte. Gyalje e Confortola desceram em direção aos corpos, Gyalje ajudando o italiano a se desviar dos grandes pedaços de gelo espalhados pela escarpa. A poucos metros deles, Confortola se sentou na neve enquanto Gyalje atravessou a escarpa até onde estavam os corpos.

Ao vê-lo se aproximar, Confortola percebeu que eram os alpinistas que tinham ficado presos na outra ponta da Travessa. Os alpinistas que ele e Gerard McDonnell tinham tentado salvar. Estavam presos em cordas e deitados sobre o gelo, amontoados inertes em grandes casacos e equipamentos de escalada, os grampões das botas apontados para o ar.

Grande Pasang também estava entre eles, morto. Gyalje tinha falado com o xerpa apenas alguns minutos antes de o serac desmoronar.

Pegou a câmera e tirou algumas fotografias dos mortos. Depois foi até Confortola e o ajudou a se levantar. Os dois começaram a descer o Ombro em meio à neblina.

Após andarem vários metros, Confortola ouviu uma voz chamando do Gargalo da Garrafa. Uma pessoa descia, acenando os braços para atrair sua atenção.

Esperaram por Chhiring Bhote. Ele tinha acompanhado Grande Pasang no esforço de resgate, mas ele e o outro xerpa tinham se separado; enquanto Grande Pasang subia para o Gargalo da Garrafa, Chhiring tinha parado para apanhar algumas das cordas fixas das partes mais baixas da escarpa para o caso de precisarem delas. Estava mais ou menos 25 metros abaixo de Grande Pasang quando houve a avalanche. Quando ouviu o estrondo, gritou e soltou a cadeirinha da corda enquanto o gelo era varrido. Dessa forma, tinha conseguido se salvar. Estava próximo a uma saliência de rochas, que o tinha protegido.

O jovem xerpa chorava ao passar cautelosamente pelos escombros da avalanche e juntar-se a Gyalje e Confortola.

Desceram juntos e, mais abaixo da escarpa, dois alpinistas coreanos e Pequeno Pasang foram ao seu encontro. Perto do acampamento 4,

encontraram-se com Cas van de Gevel.

– Vem comigo – disse o holandês a Confortola, pegando seu braço.

Van de Gevel ficou desapontado por seu amigo Wilco van Rooijen não ter sido localizado, mesmo assim ficou feliz em ver Confortola.

Enquanto era ajudado, Confortola estava bastante consciente de que a montanha poderia tê-lo matado três ou quatro vezes até aquele momento. E sabia que ela ainda podia levá-lo. Só queria sair de suas escarpas.

A neve agora caía mais forte, as nuvens cingindo ainda mais intensamente o pico. O K2 parecia estar se fechando em si mesmo.

No acampamento 4, Confortola foi diretamente para as barracas da equipe Flying Jump falar com os líderes coreanos. Contou a Go Mi-sun e Kim Jae-soo sobre sua tentativa de livrar os alpinistas coreanos e Jumik Bhote das cordas e o que sabia sobre as mortes dos alpinistas na base do Gargalo da Garrafa. Mas Confortola não conseguia falar muito, pois estava aos prantos, e ao ouvirem a notícia, Kim e Go também choraram.

Chhiring Bhote tinha se acalmado, mas ainda parecia em choque pela perda do irmão. Agora retornaria a Katmandu sem Jumik. E temia o momento em que teria de contar à mãe e ao irmão mais velho sobre sua morte. Ficou pensando em como sustentariam Dawa Sangmu e Jen Jen. Grande Pasang, que também tinha filhos em Katmandu, também estava morto.

Van de Gevel quis levar Confortola para a barraca, mas o italiano se recusou a entrar. Após 36 horas na parte alta da montanha, sua condição era péssima e ele estava muito abalado com todo o sofrimento e violência que tinha testemunhado. Falava rápido, sem coerência, querendo contar o que tinha visto.

Van de Gevel, no entanto, insistiu que Confortola precisava dormir. Foi obrigado a empurrá-lo para dentro da barraca e ajudá-lo a entrar no saco de dormir. Então Confortola quis ligar para seu irmão Luigi. Precisava contar que estava vivo. Buscou desesperadamente em seu equipamento por uma bateria para seu telefone via satélite, mas não conseguiu encontrar. Afinal cedeu e pediu que o deixassem sozinho e dormiu.

# Parte IV

# RESGATE

**Sábado, 2 de agosto – Segunda, 4 de agosto**

– Sim, sim – sussurrou ela.
*Você consegue, Cecilie. Continue.*
– Sim, eu consigo.
– Cecilie Skog, K2, 2008

– Ali! Estou vendo alguma coisa. Estou vendo alguém se mexendo na face sul.
– Chris Klinke, K2, 2008

# CAPÍTULO DEZESSETE

## Três horas da tarde

No amontoado de barracas no glaciar Godwin-Austen, a 5 mil metros de altitude, Chris Klinke e Roeland van Oss estavam ocupados coordenando o levantamento de informações e as operações de emergência. Na noite anterior, após a chegada dos primeiros relatos sobre os atrasos e o primeiro desmoronamento do serac, Van Oss ficou trabalhando na barraca de comunicações dos sul-coreanos. Mas essa manhã se mudaram para a barraca-refeitório dos holandeses, que ficava mais próxima ao centro do acampamento e de onde se tinha uma melhor linha de visão das rotas.

Tentaram identificar quem sabia o quê, quem ainda estava faltando e onde os alpinistas tinham sido vistos pela última vez. Montaram uma mesa com uma fila de quatro rádios, um para cada frequência sendo usada na montanha. Tinham também um telefone via satélite, baterias adicionais e papel e caneta para anotações de emergência. Havia fotografias das rotas presas às paredes da barraca. Os painéis solares para o telefone via satélite foram afixados nas rochas do lado de fora, embora Van Oss estivesse ansioso sobre como obteriam energia quando a noite caísse.

Van Oss era um homem magro, de 29 anos, com cabelos castanhos encaracolados. Durante junho e julho se esforçou para se acostumar a altitudes elevadas, escalando constantemente em direção a acampamentos mais altos, mas um dia, escalando na altitude, sentiu algo estalar dentro dele e percebeu que jamais conseguiria alcançar um cume tão alto quanto o K2. Sentiu-se aliviado por estar livre da pressão e das expectativas e, em vez disso, tornou-se o principal homem de ponta no acampamento-base para a subida final para o cume.

Sempre que recebia alguma notícia, a transmitia para Maarten van Eck, na Holanda, que postava as atualizações no site. Alguns dos outros alpinistas mantinham blogs – Nick Rice também postava atualizações em seu site –, mas era principalmente pelo site da equipe holandesa que as informações sobre a crescente tragédia estavam se espalhando para as famílias dos alpinistas e para o restante do mundo.

Chris Klinke tinha escalado até o Gargalo da Garrafa com todos os outros na manhã anterior, mas tivera uma dor de cabeça alucinante, em consequência de alguns dias antes ter sido atingido na cabeça por um pedaço de gelo do tamanho de uma bola de beisebol, e tinha voltado. Ao descer, ficou desidratado e começou a urinar sangue, da cor de suco de tomate, e ficou preocupado. Agora mantinha uma lista das pessoas com morte confirmada. Era uma bola de papel que guardava no bolso. Rolf Bae estava nela, e também Dren Mandic e Jahan Baig. Klinke a chamou de "lista da morte", embora também incluísse os nomes de todos os que tinham conseguido descer em segurança.

Alberto Zerain chegou ao acampamento-base. Dormiu no acampamento 3 na noite de sexta-feira e depois desceu o Abruzzi, recolhendo lixo nos acampamentos pelos quais tinha passado – um cilindro de oxigênio vazio, latas de presunto e atum.

Não sabia dos problemas que estavam acontecendo acima dele. Quando chegou ao acampamento-base, no entanto, encontrou um cenário lúgubre no glaciar Godwin-Austen. Havia uma grande quantidade de pessoas sobre as rochas cinzentas falando em seus telefones. O lugar parecia um cemitério. Ele se dirigiu ao grupo de barracas abrigadas sob as escarpas do Broad Peak, a 1,5 quilômetro de distância, onde poderia descansar.

Mais acima, Cecilie Skog e seus dois colegas noruegueses ainda desciam o esporão de Abruzzi. No caminho, encontraram a expedição de Cingapura e um alpinista da equipe americana, Mike Farris, que interrompeu a subida por causa de um problema no ouvido. Eles lhes ofereceram xícaras consoladoras de chá quente e café.

Quando se preparavam para seguir, Skog disse que não queria descer.

– Quero ficar com Rolf – disse ela. Skog estava cansada, os quadris doíam por causa da queda e ela não conseguia parar de pensar em Bae na montanha.

Lars Nessa estava a seu lado, ele disse que ela precisava continuar.

Skog esvaziou a mente e tentou parar de pensar no marido. Foi então que ouviu uma voz falando dentro de sua cabeça, baixinho, a princípio, e depois mais insistentemente. *Cecilie.* Ela se deu conta de que a voz estivera ali o tempo todo. Era Bae falando com ela. Ele estava com ela, estava convencida disso.

*Vamos*, disse ele. *Desça.*

– Sim, sim – sussurrou ela.

*Você consegue, Cecilie. Continue.*

– Sim, eu consigo.

No acampamento 2, onde deixaram barracas para dormir na descida, incluindo uma para Rolf Bae, e onde estava seu telefone via satélite, Skog reuniu coragem para ligar para os pais de Bae na Noruega. O pai de Bae era piloto aposentado e a mãe, enfermeira. Rolf era filho único, e agora não teriam netos.

– Jacob – disse Skog. – Eu sinto muito.

– Está tudo bem – assegurou-lhe o pai de Bae. – Nós agora só temos você. Desça em segurança.

Eles dobraram as barracas e lançaram-nas do alto de uma longa encosta abaixo da Chaminé House. Recolheram-nas ao chegarem ao acampamento-base avançado, a cerca de 5.300 metros, onde tinham planejado passar a noite antes de caminharem os 4.800 metros até o acampamento-base, no domingo.

Outro alpinista, Nick Rice, o jovem americano amigo íntimo de Hugues d'Aubarède, chegou ao acampamento-base. Como Zerain, Rice tinha dormido no acampamento 3 na noite de sexta-feira sem saber dos problemas que estavam acontecendo acima dele. Acordou no sábado de manhã às 6h43 com uma mensagem de texto da mãe em Hermosa Beach, Califórnia: O desastre no K2 estava em todos os noticiários, dizia ela.

– Um grande pedaço de gelo despencou do cume, levando consigo grande parte das linhas fixas – ela contou. – Doze membros estão presos no alto da rota. Fiq…

A última frase foi cortada, mas Rice tinha certeza de que ela tinha dito "Fique em segurança".

Quando Rice finalmente desceu sobre as rochas do acampamento-base, outro montanhista de uma expedição diferente correu até ele e declarou, nervoso, que todos que ainda estavam no alto da montanha estavam mortos, mas Rice se recusou a acreditar.

A sensação era de que o mundo estava enlouquecendo. Mais tarde, em uma das barracas pelas quais passou, alguém falava ao telefone, negociando a venda de uma fotografia de um desmoronamento de gelo no serac. *Vamos ganhar algum dinheiro*, ele ouviu o alpinista dizer. *É uma cena memorável!* Rice foi tomado de exaustão e emoção.

—

No começo da tarde, Eric Meyer chamou por rádio, do acampamento 4, para informar Klinke e Van Oss de que estava iniciando a descida.

Algumas horas depois, Klinke recebeu uma atualização de que Cas van de Gevel tinha provavelmente visto Hugues d'Aubarède caindo na noite anterior. Com tristeza, Klinke passou o nome do francês da lista dos "supostos desaparecidos" para a dos "supostos mortos". Pemba Gyalje chamou por rádio, do acampamento 4, para relatar o que tinha testemunhado no Gargalo da Garrafa. Klinke foi informado de que era provável que os três coreanos desaparecidos e dois de seus xerpas estivessem mortos, mas que Marco Confortola estava de volta e em segurança.

Havia nove alpinistas supostamente mortos: D'Aubarède, Dren Mandic, Jahan Baig, Rolf Bae, Jumik Bhote, Kim Hyo-gyeong, Park Kyeong-hyo, Hwang Dong-jin, Grande Pasang Bhote.

Ainda havia três pessoas faltando: Gerard McDonnell, Wilco van Rooijen e o carregador de altitude de D'Aubarède, Karim Meherban. Klinke ainda não sabia da convicção de Pemba Gyalje de que McDonnell era o alpinista de vermelho e preto que tinha caído da Travessa; nem da crença de Confortola de que os restos que tinha encontrado na queda de gelo eram de McDonnell.

No acampamento-base, receberam a informação de que Wilco van Rooijen telefonou para a esposa em Utrecht para lhe dizer que estava perdido. Quando Klinke soube dessa notícia, pensou: *Merda*, porque sabia da história do alpinista Rob Hall no cume sul do Everest, em 1996, que tinha feito um último telefonema para a esposa grávida na Nova Zelândia pouco antes de morrer de hipotermia. Van Rooijen tinha um bebê em casa.

As coisas também não estavam boas para Gerard McDonnell, na verdade. Estava ficando tarde e a chance de alguém mais sair da montanha era pequena. Mas ninguém sabia absolutamente ao certo o que tinha acontecido, e sua família na Irlanda ainda tinha esperança de que tivesse sobrevivido. Em Kilcornan, quando a mãe e as irmãs foram se deitar na noite de sexta-feira, souberam que ele havia chegado ao cume. Mas na manhã de sábado não tiveram mais notícias dele e não havia nenhum novo avistamento. O jornal local, o *Limerick Leader*, noticiou o triunfo de McDonnell em seu site, mas as ligações para seu telefone via satélite não estavam se completando. Os cunhados de McDonnell enviaram mensagens de texto aos amigos em Kilcornan para informar que ele havia chegado ao cume, mas advertiram que a parte mais difícil era a descida. Então receberam a notícia do desmoronamento de gelo, da morte de Rolf Bae e de que as cordas fixas tinham sido varridas.

Conforme o sábado avançava, a família se reuniu na casa de fazenda de sua mãe, Gertie, em Kilcornan. Trocaram lembranças de McDonnell para manter o ânimo e reforçar a crença de que em algum lugar, a cerca de 6.500 quilômetros de distância, ele estava vivo. Riram e tomaram chá.

Atrás deles, sobre o aparador, o bastão de *hurling* tinha lugar de destaque em um estojo ao lado de uma foto dele no Everest. McDonnell o tinha vendido num leilão de caridade, mas a família lhe comprou de presente. J.J., irmão mais velho de Ger, estava de férias em Lanzarote e devia retornar à Irlanda na manhã seguinte.

Após algum tempo, foram para a casa da irmã de Gerard e esperaram. Mantinham os laptops abertos, checando o e-mail e o site dos holandeses em busca de novas informações.

—

Por volta das quatro horas da tarde no K2, Eric Meyer e os quatro alpinistas que desciam do acampamento 4 para o acampamento-base chegaram ao topo de uma escarpa íngreme, com 60 graus, acima do acampamento 1.

Duas cordas já tinham sido fixadas paralelamente pela escarpa. O alpinista australiano, Mark Sheen, desceu primeiro, de rapel, e esperou na âncora, 45 metros abaixo. Era a vez de Meyer.

As duas cordas lhe pareceram um pouco desgastadas. Havia outras cordas parcialmente enterradas na neve, mas essas duas provavelmente fossem as melhores que os alpinistas poderiam encontrar. Pareciam ter sido fixadas por alguma das expedições anteriores desse ano. Escolheu a que lhe parecia a mais nova e prendeu-a no mosquetão especial de descida. Enquanto descia, via a corda correr rapidamente pelo mosquetão em sua cintura.

Depois de descer aproximadamente 35 metros viu três fios da corda que passava pela boca do mosquetão se enrolarem e, um segundo depois, se desintegrarem e a corda se romper. Meyer caiu de costas da montanha.

O corpo ficou de cabeça para baixo e o mundo à sua volta de repente uma fantástica câmara lenta. Podia ver o Broad Peak e algumas das outras lindas montanhas do Karakoram estranhamente de cabeça para baixo.

Meyer pensou: *Acho que é assim que se cai. Vou morrer.*

Antes de começar a descer de rapel, prendeu à segunda corda fixa uma fita de segurança tubular de náilon, com 60 centímetros de comprimento. Agora, deu cambalhotas e caiu sobre o gelo, mas parou 3 metros abaixo de Mark

Sheen quando a fita agarrou. Tinha caído 12 metros, mas poderia ter sido lançado no ar sobre uma queda de 1.200 metros não fosse pela fita.

– Não acredito que você conseguiu parar! – gritou Sheen do alto.

A adrenalina de Meyer estava a mil.

– Não acredito que estou vivo – disse ele.

Seu peso – e ele não era um cara pesado – deve ter encontrado uma fragilidade na corda, fazendo-a romper; provavelmente já estava enfraquecida pelo piolet ou grampão de outra pessoa. No ar, enquanto caía, estendeu o braço direito e enganchou a fita de segurança na curva do cotovelo na tentativa de parar. Estava com uma forte queimadura de corda na pele, mas, de resto, estava bem.

Lembrou-se de ter pensado, enquanto caía, que seria um lindo jeito de morrer. Os outros três alpinistas ainda no topo da escarpa – Chhiring Dorje, Paul Walters e Fredrik Strang – desceram cuidadosamente depois dele.

—

Klinke e Van Oss estavam fora das barracas no acampamento-base observando atentamente, milhares de metros à frente, as ravinas e os esporões da imensa face sul do K2. Para observar as escarpas, tinham três binóculos e um telescópio, emprestado pelos sérvios ao esforço de resgate e montado sobre um tripé nas rochas.

Pouco antes o sol estava quente, mas a temperatura agora caía. As nuvens movimentavam-se no céu. Os dois estavam cercados por outros montanhistas cheios de esperança. Ainda não havia informações sobre Wilco van Rooijen, e todos rezavam para que ele e os outros desaparecidos voltassem antes de a noite cair. Era improvável que conseguissem sobreviver mais uma noite a céu aberto.

Os alpinistas reunidos no acampamento-base tinham dividido a montanha em uma grade, e cada um tinha ficado com uma parte para observar. Examinando atentamente pelo binóculo, os olhos de Klinke iam para cima e para baixo na área de sua grade, que ficava à esquerda da rota Cesen. Após algum tempo passou para o telescópio dos sérvios.

Por volta das três horas, as nuvens se abriram e Klinke teve a impressão de ver um objeto se movendo na face sul, mas ninguém mais conseguiu distinguir alguma coisa – apenas a névoa e a silhueta das rochas em meio aos nublados campos de neve. Então as nuvens se fecharam novamente. As escarpas estavam ficando mais escuras. O sol se poria em três ou quatro horas.

Nos Países Baixos, em Utrecht, Maarten van Eck teve uma ideia para localizar Wilco van Rooijen. A essa altura Van Rooijen já tinha telefonado um punhado de vezes pelo Thuraya. Talvez pudessem rastrear as coordenadas GPS de suas ligações via satélite?

Entrou em contato com a empresa no Colorado que tinha alugado o telefone para Van Rooijen e pediu a posição de suas últimas cinco ligações. A princípio o pessoal da Thuraya disse que a informação era confidencial e se recusou a fornecê-la. Mas, ao serem informados das circunstâncias pelo furioso Van Eck, cederam, e Van Eck marcou as coordenadas em um modelo 3-D do K2 no Google Maps que tinha em seu desktop.

As primeiras três ligações estavam por toda parte. Mas as últimas duas mostravam a mesma posição. Van Eck ligou para o acampamento-base.

– Onde ele está? – perguntou Van Oss.

– A 7.500 metros, próximo à Pirâmide Negra! – declarou Van Eck, confiante de que o tinham encontrado.

No K2, Klinke ainda observava a montanha e por volta das 17h30 as nuvens se abriram e ele viu um pequeno ponto cor de laranja descendo a face sul.

Então pegou o binóculo, que tinha um campo de visão maior.

– Ali! Estou vendo alguma coisa. Estou vendo alguém se mexendo na face sul.

Todos olharam para onde ele apontava. Tinha certeza? Não era aconselhável que nenhum alpinista se aproximasse dessa área da montanha.

Klinke também estava confuso. A Pirâmide Negra e as coordenadas de Van Eck não ficavam próximas daquela parte da face sul em que ele tinha avistado a figura cor de laranja. Finalmente se deu conta de que Van Eck estava equivocado e que ele tinha confundido a verdadeira Pirâmide Negra com outra área da rocha negra onde o alpinista em cor de laranja tinha sido visto.

– É um alpinista – Klinke foi categórico. – Não tenho certeza, mas acho que é Wilco.

A essa altura, os outros também já tinham localizado a figura. E comemoraram quando o viram. Achavam que era um alpinista de laranja, embora a cor pudesse ser outra. Quem quer que fosse, estava aproximadamente 450 metros à esquerda da rota Cesen e 550 metros abaixo do Ombro. E estava em movimento.

Havia 12 montanhistas no centro do acampamento-base, próximos à barraca sérvia, olhando para o alto da face sul da montanha.

Van Oss ligou para Van Eck nos Países Baixos, que postou um relatório no site:

*O acampamento-base do K2 (Roeland) consegue ver uma pessoa em roupa cor de laranja entre o A3 e o A4. Essa pessoa está descendo lentamente.*

Quem seria?

A equipe holandesa esperava que fosse Van Rooijen. Quando a notícia chegou a Kilcornan, a família de Gerard McDonnell rezou para que fosse ele.

No entanto, logo as nuvens se fecharam novamente, ocultando o alpinista.

Para tentar ter certeza da identidade do alpinista em cor de laranja, Van Eck ligou para a empresa de roupas North Face, que fornecera equipamentos para muitos dos alpinistas no K2. Da lista de montanhistas usando trajes cor de laranja, somente Van Rooijen estava desaparecido.

Klinke não estava descartando McDonnell ou Karim Meherban ou mesmo Hugues d'Aubarède, mas aos poucos se formou um consenso. Tinha de ser Wilco.

Por volta das 18h30, as nuvens se afastaram, e por uma abertura viram novamente a figura com roupa cor de laranja. Ele ainda estava lá, e dessa vez parecia estar sentado. Quem quer que fosse, era um sobrevivente. O ânimo no acampamento-base era de exultação. Van Oss e Klinke pulavam de alegria nas rochas.

Eles se deram conta de que ainda tinham de buscar o alpinista vivo. Para trazê-lo em segurança antes do anoitecer, teriam de agir rapidamente. Se fosse Van Rooijen, não sabiam em que condição estava. As nuvens tomaram novamente as ravinas e o céu escurecia.

Três mil metros acima do acampamento-base, Cas van de Gevel e Pemba Gyalje descansavam no acampamento 4. Não queriam descer enquanto Van Rooijen estivesse desaparecido. Klinke e Van Oss decidiram chamá-los pelo rádio para dar a notícia e pedir que tentassem o resgate.

Sabiam que precisavam ser rápidos, pois a noite estava caindo, mas levou algum tempo para conseguirem contato. Finalmente Klinke e Van Oss conseguiram lhes contar que um alpinista tinha sido visto em algum ponto entre os acampamentos 3 e 4. Era provável que fosse Wilco van Rooijen.

– Desçam pelo Cesen e sinalizem – disse Van Oss.

Não seria fácil para os dois alpinistas exaustos descerem pelo Cesen. A escarpa rochosa era íngreme a qualquer hora do dia; no escuro, era mortal.

– Vamos descer – disse Pemba.

Os dois levaram cerca de uma hora para comer alguma coisa, se vestir e pegar a garrafa extra de oxigênio de Chhiring Dorje. Então Klinke viu duas lanternas saírem das barracas no Ombro e começarem a descer.

– Cas e Pemba vão descer do A4 em direção ao A3 para tentar localizar o alpinista isolado – relatou Van Eck no site. – Mais notícias assim que soubermos de algo.

# CAPÍTULO DEZOITO

## Sete horas da noite

Quando Wilco van Rooijen acordou na saliência de rocha, estava vivo, mas preso a 7.700 metros de altura.

Embora ainda houvesse luz, percebeu que algumas horas tinham passado. Ele estava rígido e gelado.

Ligou novamente para a esposa e a bateria funcionou. Deixou o telefone ligado para que Maarten van Eck pudesse contactá-lo. Essa era a primeira vez que Van Eck conseguia falar diretamente com o amigo. Van Rooijen disse a Van Eck que estava preso no topo de uma grande ravina. Seus olhos estavam péssimos, agora mal conseguia enxergar. Tinha tanta sede que mal conseguia falar. Tudo o que queria fazer, disse ele, era dormir novamente.

– Você não pode dormir – disse Van Eck. Van Rooijen ouviu as palavras pelo telefone via satélite, e sabia que o amigo estava certo.

A essa altura, como tinha as coordenadas do telefone, Van Eck acreditava saber a localização de Van Rooijen. Disse a ele para continuar a subir para a esquerda.

– Esse é o único caminho de volta ao Cesen.

Era imperativo, disse ele.

Quando Van Rooijen desligou o telefone, se sentou por alguns minutos. Então, quando as nuvens ficaram menos espessas, viu uma estreita vala de neve algumas centenas de metros à esquerda estando de costas para a montanha. Se conseguisse alcançá-la, poderia descer 180 metros.

Ele se levantou e escalou a saliência. Então escorregou, deixando-se levar, correndo o risco, e conseguiu. Depois disso, o percurso seria mais fácil.

No entanto, logo viu que havia fendas imensas dividindo a neve no fundo da ravina. Eram como bocas sem dentes, e ele ficou aterrorizado de cair em uma delas.

O único outro caminho era na direção leste até uma grande aresta de rochas marrons. Mas as rochas eram íngremes e Van Rooijen não tinha a menor ideia para onde elas o levariam.

A essa altura o sol tinha se posto. Uma linha brilhante cortava o horizonte. Estava desesperado para continuar, mas descobriu que sua lanterna tinha caído

do bolso. Procurou no casaco, mas ela e a câmera tinham sumido.

Van Rooijen levantou os olhos para o sol e praguejou. Não podia continuar. Se tropeçasse no escuro, correria o risco de cair para sempre dentro de uma das fendas.

Logo percebeu que não havia outra opção senão parar e fazer um bivaque por uma segunda noite. A perspectiva o apavorava. Pelo menos no bivaque da primeira noite tinha a companhia de Marco Confortola e Gerard McDonnell. E aquele bivaque tinha começado depois da meia-noite e durado apenas algumas horas. Agora eram 19h30; tinha muitas horas à frente, sozinho na escuridão congelante.

Considerava o bivaque algo terrível, mas necessário. Antes de parar, subiu mais alguns metros em direção às rochas. Ali, no crepúsculo, fez mais uma descoberta terrível. Alguns metros à frente, havia um alpinista morto, de casaco amarelo, caído num leve declive. Estava amarrado a um segundo alpinista morto, estendido um pouco acima. Van Rooijen não sabia quem eram, embora devessem pertencer a um dos grupos desse ano.

Sentou-se ao lado do corpo com o casaco amarelo. A essa altura, depois de ver tantas coisas terríveis, estava insensível, e o corpo não o afetou. Além disso, a mente já não estava funcionando adequadamente. Não se concentrou no cadáver. Ajoelhando-se ao lado do corpo, usou seu piolet e subiu para uma parte mais alta da escarpa. Sentando-se, cruzou as pernas compridas e fincou o piolet na escarpa íngreme para que pudesse prender uma corda.

O vento batia contra seu rosto, e agora estava realmente frio. Van Rooijen tentou manter as costas voltadas para ele e, de vez em quando, levantava-se e se virava para esticar o corpo e manter o sangue circulando, especialmente nos pés, que já pareciam insensíveis. A insensibilidade era mau sinal, mas Van Rooijen não tinha energia para tirar as botas e massagear os dedos.

Fechou os olhos, mas pouco tempo depois os abriu novamente e se concentrou na linha do horizonte, nas nuvens escuras dos topos das montanhas e no imenso vazio do céu. Com o vento, o frio e as cãibras, era impossível dormir. Esperou. Pegou um tubo de gel energético que lembrou ter em um bolso e comeu-o com um pouco de neve. O fato de só ter se lembrado dele agora era outro sinal da deterioração de suas faculdades mentais. Evitou olhar para o relógio. Não queria ficar desapontado com a lentidão com que os minutos passavam.

Em um momento, durante a noite escura, achou ter visto um flash de luz brilhante a menos de 300 metros de distância. Acompanhou seu progresso com os olhos, mas de repente ela se apagou. Lembrou-se de seu Thuraya e o pegou. Tentou ligá-lo duas vezes, mas ou a bateria estava fria demais para funcionar ou a carga tinha acabado. Esperando que o calor do corpo pudesse reativá-lo, colocou o telefone de volta no casaco, mais perto de sua pele.

Por fim, deve ter adormecido. Não tinha certeza. Não tinha certeza de mais nada. Finalmente, o céu acima do K2 clareou. Era manhã de domingo, 3 de agosto de 2008. Ainda estava vivo.

Finalmente, permitiu-se checar o relógio. Cinco horas da manhã. Mais de dois dias depois de partir das barracas do acampamento 4 liderando a equipe holandesa gloriosamente rumo ao Gargalo da Garrafa. E fazia mais de 36 horas desde que seus lábios não tocavam em água.

*Vou descer*, disse a si mesmo.

Decidiu que poderia abrir um caminho pela lateral das rochas, evitando, assim, tanto a corcunda da aresta como as fendas que o assustavam. Levantou-se do bivaque e desceu vacilantemente.

—

Na noite de sábado, quando receberam o alegre chamado pelo rádio de Klinke e Van Oss, no acampamento-base, Cas van de Gevel e Pemba Gyalje partiram o mais rapidamente que puderam do acampamento 4.

A ideia era descer até o acampamento 3 da rota Cesen. Van Oss e Klinke tinham lhes dado orientações sobre onde poderiam enxergar o alpinista em cor de laranja. Sabiam que estavam arriscando a vida e queriam sair da rota Cesen antes que escurecesse, embora já estivesse quase breu.

O xerpa desceu à frente pelas fendas rochosas. Van de Gevel movimentava-se mais lentamente e viu o amigo aos poucos se distanciar pela rota íngreme.

Os flocos de neve sopravam pelo Cesen, mas de tempos em tempos Van de Gevel podia ver alguma distância à frente. Gritou o nome de Van Rooijen, mas a voz era sugada pelo vazio cinzento da neve e das rochas. Tudo o que podia ver dentro do alcance de sua lanterna eram as escarpas escuras e vazias, pontilhadas de rochas e saliências de pedra silenciosas.

– Wilco! Wilco!

Van de Gevel tinha descido apenas algumas centenas de metros quando sua lanterna perdeu a potência e apagou. As pilhas tinham acabado. Estava

carregando um rádio, que também tinha pilhas. Agachando-se na escarpa, chamou Gyalje pelo rádio para dizer que iria passar as pilhas para a lanterna e ficaria fora do ar por algum tempo. Abriu a parte de trás do rádio, mas, quando tirou-as, estavam envoltas em plástico e não conseguiu separá-las. Cutucou-as com o piolet, mas se atrapalhou e as deixou cair. Escorregaram pela montanha abaixo. Tinha sido um grande erro. Sozinho, sem comunicação nem luz, Van de Gevel se deu conta de que estava preso.

Mas não desistiria. Agarrou uma das cordas que desciam a escarpa, seguindo-a por vários metros, mas chegou a um beco sem saída e parou abruptamente. *Não é por aqui.*

Afundou na neve para esperar pelo amanhecer; a rocha e a neve debaixo dele estavam geladas. Tirando as luvas, desdobrou um saco de dormir. Deitou-se na neve e esticou o saco de dormir sobre a cabeça como uma coberta. Pelo menos havia algum calor para seu corpo.

Mais ou menos uma hora depois, piscou os olhos e se deu conta de que tinha dormido sem recolocar as luvas. Uma dor aguda corroía suas mãos, e percebeu que elas estavam congeladas. Rapidamente pegou as luvas e as enfiou nos dedos rígidos, mas parecia ser tarde demais. Ainda estava escuro e tudo o que podia fazer era se sentar quieto e esperar.

Tinha partido para resgatar o amigo, mas ele próprio estava perdido na noite. A essa altura, Pemba provavelmente já tinha chegado ao acampamento 3. Van de Gevel ficou imaginando quantas horas faltavam até que o sol se levantasse, o que tinha acontecido a Wilco van Rooijen e o que aconteceria com ele agora. Avaliou a sua sorte. *Ninguém sabe onde estou*. O pensamento era aterrorizante.

—

Quando a noite envolveu a montanha, como uma mão se fechando, os alpinistas em frente ao agrupamento de barracas no acampamento-base observaram a figura em roupa laranja ser engolida pela escuridão.

Van de Gevel e Gyalje não o tinham alcançado antes do anoitecer.

Então uma das duas lanternas cintilando pela rota Cesen de repente se apagou. A outra lanterna desceu por uma hora ou mais antes de desaparecer em uma barraca no acampamento 3. Pouco depois, Chris Klinke recebeu um chamado alarmado de Pemba Gyalje pelo rádio dizendo que Cas van de Gevel não tinha chegado.

– Eu o perdi – disse Gyalje, soando ao mesmo tempo assustado e exausto. – Cas não está aqui!

Gyalje também não tinha conseguido localizar o alpinista em cor de laranja, disse ele, embora tivesse gritado por mais de uma hora.

O xerpa disse que enquanto estava do lado de fora, ouviu um telefone tocar. Achava que só podia ser o de Van Rooijen. Mas ele tinha parado. O toque vinha de uma área propensa a avalanches e Gyalje estava receoso de continuar procurando, embora tenha se oferecido para ir.

– Não quero que você saia – disse Klinke, preocupado com o rumo dos últimos acontecimentos. – Não sabemos onde Wilco está. A luz de Cas desapareceu. Isso está ficando assustador!

Disse a Gyalje para permanecer onde estava e dormir.

Conforme a noite caía, a falta de localização do alpinista com roupa laranja abateu os ânimos dos montanhistas no acampamento-base. Roeland van Oss, que só tinha dormido três horas nos últimos dois dias, entrou em sua barraca para descansar. Wilco van Rooijen passaria uma terceira noite no K2, acima ou perto de 7.900 metros. Van Rooijen era resistente, achava Van Oss, mas poucas pessoas podiam sobreviver a isso.

Depois que Van Oss partiu, Chris Klinke permaneceu do lado de fora em vigília, sentado sobre uma grande rocha e olhando para a escurecida face sul. A rocha era do tamanho de uma mesa de jantar e plana no topo. Klinke, um homem de 38 anos, largara o emprego como vice-presidente de uma empresa de consultoria financeira, a Ameriprise, para se dedicar ao montanhismo. Agora tinha dobrada no bolso a folha de papel com a "lista da morte". Procurou os distantes pontos das lanternas, mas não viu nenhum. Prestou atenção a qualquer voz pelo rádio, mas só havia um silêncio sinistro. Tremeu. *Droga, estava frio.* Usava casaco e botas acolchoados e calças isolantes, mas a rocha e as pedras debaixo de seus pés pareciam sugar seu calor.

De vez em quando, o cozinheiro da expedição americana, Deedar Ali, ou seu assistente, levava chá quente e biscoitos para ele e parava para observar também. Pouco depois das nove horas da noite, Klinke recebeu pelo rádio a notícia de que o resto da expedição americana, incluindo Eric Meyer, Fredrik Strang e Chhiring Dorje, estava descendo as últimas centenas de metros do Abruzzi e estava no acampamento-base avançado.

Por volta da uma hora da manhã, Deedar lhes trouxe chá quente e mais biscoitos. Aceitaram com prazer. Klinke caminhou algumas centenas de metros

do acampamento-base para encontrá-los e ficou aliviado quando finalmente viu suas lanternas, e Meyer e a equipe atravessaram, cansados, as grandes pedras rumo às barracas. A descida tinha sido dura. A queda de Meyer pela escarpa de gelo de 60 graus tinha sido um lembrete do quanto qualquer um estava perto de perder a vida nessa montanha.

Outros membros da equipe, Paul Walters e Mike Farris, juntaram-se a eles e a equipe inteira entrou na barraca-refeitório para se sentar e descontrair. Beberam uísque em canecas de estanho. Os ânimos estavam sombrios porque ainda havia pessoas desaparecidas. Klinke contou-lhes que Van Rooijen estava vivo. Se o holandês sobrevivesse até a manhã, precisaria de tratamento médico.

Klinke voltou para as rochas. Passava das duas da manhã. De vez em quando tocava a lista de desaparecidos e mortos em seu bolso. Tinha feito contato com o exército paquistanês para arranjar um avião para sobrevoar o K2 e localizar algum sobrevivente. Mas o avião que poderia fazer o voo baixo e lento estava retido na pista de pouso em Skardu devido ao mau tempo. Para fazer um voo baixo e lento o tempo precisava estar perfeito.

## CAPÍTULO DEZENOVE

**Domingo, 3 de agosto, cinco horas da manhã**

Enquanto a luz da manhã começava a clarear a vasta neve branca e cinzenta acima de Chris Klinke, as nuvens ainda sopravam nos imensos promontórios do K2, mas a maior parte da montanha estava visível. E foi então que ele viu novamente a figura com roupa cor de laranja.

Às 5h15, acordou Roeland van Oss, que estava aquecido no saco de dormir na barraca.

– Roeland, ele está se mexendo! – gritou com urgência. – Acorde! Ele está se mexendo!

O alpinista com roupa cor de laranja estava agora aproximadamente 270 metros à esquerda da rota Cesen e cerca de 90 metros acima do acampamento 3, que por sua vez estava a 7.300 metros de altitude. Ele seguia para a direita.

Vários outros alpinistas se juntaram a eles nas rochas e um alpinista sérvio independente conseguiu ver outra figura abaixo do acampamento 3, esforçando-se para descer pelas cordas fixas do Cesen. Só podia ser Cas van de Gevel. Estavam aliviados por ele ter sobrevivido, embora não soubessem que problemas poderia ter depois de passar a noite toda ao relento.

Pelo rádio, chamaram Pemba Gyalje, que estava em uma das barracas do acampamento 3, mas não houve resposta. Talvez estivesse dormindo ou seu rádio estivesse desligado. Alguns minutos depois, no entanto, a voz do xerpa de repente quebrou o silêncio. Ele parecia agitado.

*Aqui é Pemba, câmbio.*

Uma rocha tinha sido desalojada do alto, talvez por Van de Gevel ao descer, e tinha batido contra a barraca de Gyalje, acordando-o com um susto. Mas tinha colocado a cabeça para fora e visto o colega holandês vindo em sua direção.

– Estou vendo Cas – disse Gyalje. – Ele está 20 ou 30 metros acima de mim.

Em poucos minutos, Van de Gevel chegou à sua barraca e os dois homens voltaram a falar pelo rádio com o acampamento-base. Klinke e Van Oss sugeriram que os dois saíssem da barraca e começassem a gritar para atrair a atenção do alpinista de laranja.

– Ele deve estar entre 75 e 90 metros de onde vocês estão – disse Van Oss.

Havia grandes saliências de gelo e promontórios atravessando a face sul, então ainda não conseguiam vê-lo. Van Rooijen estava a oeste de um deles. Ninguém que olhasse do acampamento 3 conseguiria enxergá-lo, também não seriam visíveis a ele.

– Daqui a pouco vocês o enxergam – disse Van Oss. – Ele vai ter que dar a volta no canto de gelo.

Gyalje colocou sua roupa acolchoada e as botas e derreteu água no aquecedor. Depois ele e Van de Gevel saíram. Assim que começaram a chamar, os alpinistas no acampamento-base, observando pelo telescópio dos sérvios e por binóculos, viram a figura de laranja responder. Ela se levantou e começou a se mover mais rápido.

Klinke e Van Oss viram que Van de Gevel e Gyalje estavam muito perto de alcançar o alpinista de laranja. Rezaram para que eles não perdessem a chance de salvá-lo.

—

Cecilie Skog, Lars Nessa e Oystein Stangeland foram recebidos no acampamento-base avançado por seu cozinheiro, que os ajudou a carregar os equipamentos pelos últimos 4.500 metros até as barracas, onde três ou quatro montanhistas de outras expedições os cumprimentaram. Pouco antes do acampamento, um alpinista tentou pegar a mochila de Skog, mas ela insistiu em levá-la, porque era de Bae.

Depois de ter desejado ficar na montanha, Skog agora estava decidida a deixar o K2 o mais rápido possível. Era um lugar de muito sofrimento e morte.

No acampamento-base, ela entrou em sua barraca, a barraca que tinha dividido com Rolf.

Dentro dela, Skog olhou para seus pertences, deitou-se em seu saco de dormir e de repente sentiu, mais uma vez, que não podia deixá-lo para trás. Era difícil pensar que ele ainda estava lá em cima, seu corpo largado na neve.

Nos dias seguintes, saía da barraca por algumas horas, mas ficava inconsolável. À noite, membros da expedição ouviam-na chorar.

Skog se sentia paralisada. Não conseguia voltar para a Noruega, para o pequeno apartamento onde ela e Bae moravam em Stavanger, de volta à sua vida, de volta aos amigos e familiares, de volta à Fram Expeditions, de volta a todas as coisas – não sem Rolf.

Ficava sozinha dentro da barraca, mas logo se deu conta de que Bae, na verdade, já não estava no K2. Ele tinha partido. Ela sabia disso o tempo todo, então quis arrumar as coisas e partir antes que a mídia norueguesa ficasse em cima dela.

Nessa e Stangeland disseram que ficariam mais alguns dias para reunir os equipamentos da equipe, chamar carregadores e ajudar no resgate, mas Skog começou a se preparar para partir rapidamente.

—

No alto, na face sul, Wilco van Rooijen escolheu seu caminho pelas rochas no fundo da baixada. O mundo se estendia diante dele na luz da manhã – centenas de quilômetros de picos surpreendentes e belíssimos, embora não estivesse interessado em mais nada que não fosse sua sobrevivência.

Surpreendentemente, se sentia melhor depois do descanso e parecia que o gel energético tinha funcionado.

Passou por algumas das grandes fendas, caminhando por entre elas e algumas das imensas corcundas de rochas marrons que se estendiam para a esquerda.

O sol provavelmente aqueceu o telefone de Van Rooijen em seu casaco porque começou a tocar. Percebeu que o tinha deixado ligado depois de tentar usá-lo durante a noite. Era Heleen. Ela havia aguardado seu telefonema, mas finalmente desistiu de esperar e, na escuridão de Utrecht, às 2h30 da manhã, tentou ligar. Não esperava que ele atendesse.

– Wilco! – gritou ela.

Ele disse que estava confiante. O terreno estava ficando mais fácil. Ele estava quase chegando.

– Acho que posso ver o acampamento 1 – disse ele.

– Continue! – Heleen estava radiante com a positividade que ele transmitia. – Estou aqui no sofá com Teun – disse a esposa. – Faça isso por nós – disse ela, falando tão alto que acordou o filho. – Você tem que continuar! Continue!

Ele disse que lhe telefonaria novamente quando chegasse ao acampamento.

Fez a curva e viu algumas linhas fixas serpenteando mais abaixo. Chegou a uma rota, embora não soubesse se era a Cesen. Bem abaixo viu o que lhe pareceram duas barracas amarelas da North Face.

Percebeu que duas figuras seguiam na sua direção, entre ele e as barracas. Elas pareciam se apressar. Quando as viu, ficou exultante de alegria. Alpinistas

significavam um fogão, e isso significava derreter neve para obter água e o fim de sua sede. Van Rooijen seguiu lentamente, parando a cada poucos passos e inclinando-se sobre um dos joelhos para se firmar no piolet e tomar fôlego.

Os dois homens ainda estavam a cerca de 90 metros de Van Rooijen quando ganharam foco. O que estava atrás usava uma roupa azul-escura e o que liderava estava vestido como Van Rooijen, em cor de laranja. *Caramba! É Cas!*

Quando alcançou Cas van de Gevel, se abraçaram. Peito contra peito, gritaram sua alegria um no rosto do outro. Choraram, desesperadamente felizes por terem se reencontrado e enganado a morte.

– Não achei que fôssemos nos encontrar novamente – disse Van de Gevel.

Ele olhou para o rosto magro e queimado de Van Rooijen. Os lábios estavam feridos e com bolhas e os olhos, injetados. O vento e o frio tinham marcado suas bochechas com vasos sanguíneos vermelhos.

Van de Gevel ajudou Van Rooijen a descer o Cesen, então entraram em uma das barracas holandesas. Van Rooijen estava em estado de choque e eles o ajudaram a se recompor. Gyalje já tinha derretido na panela 2 litros de água, que Van Rooijen bebeu vorazmente. Também respirou um pouco de oxigênio do tanque que Gyalje tinha trazido e tentou engolir um biscoito Sultana.

Van de Gevel pegou sua câmera e filmou Van Rooijen falando para as lentes sob o teto baixo da barraca. Os cabelos grisalhos estavam desgrenhados. Mesmo depois de sua aventura, estava suficientemente bem para dar uma entrevista para a posteridade. Mas quando lhe explicaram que estavam no acampamento 3, primeiro, não acreditou, depois ficou irritado.

– O que vocês querem dizer? – perguntou. Estava convencido de que tinha descido por tanto tempo que já devia ter passado ao largo dos três acampamentos do alto. – Não tem graça nenhuma.

Depois de todo o esforço, havia ainda 2 mil metros entre ele e o acampamento-base.

– É verdade!

Van de Gevel lhe contou sobre as mortes. Tinham resgatado Marco Confortola, mas Hugues d'Aubarède estava morto. Também achavam que Gerard McDonnell tinha morrido. Van de Gevel e Gyalje não sabiam de mais detalhes, pois era Chris Klinke quem tinha a lista no acampamento-base.

Van Rooijen ficou arrasado, e balançou a cabeça com pesar, compreendendo apenas parcialmente. Acreditava ser o único atingido por esse

pesadelo.

Disse que não conseguia sentir os pés e pediu a Van de Gevel e Gyalje para darem uma olhada. Tiraram a parte exterior das botas e depois a interior. Pareciam estar em mau estado. Os dedos, inchados e rígidos, tinham se tornado cinzentos e azul-claros, e estavam seriamente congelados.

Chamaram o acampamento-base por rádio para dar a notícia de que o alpinista perdido tinha sido encontrado. Foi um momento incrível de alegria. Depois de todas as más notícias, finalmente havia um alívio. As vozes pelo rádio eram de congratulação.

Van Rooijen agradeceu a todos.

– Agora vocês precisam se concentrar em encontrar Gerard e trazer Marco – disse ele. O italiano, ainda no acampamento 4, a 7.900 metros de altitude, não estava em bom estado.

Discutiram o estado dos ferimentos de Van Rooijen. A voz grave de Eric Meyer surgiu na ligação e lhes disse que tinham de baixar de altitude o mais rapidamente possível se quisessem salvar os dedos de Van Rooijen. Algumas das equipes no acampamento-base tinham montado um plano de resgate e se ofereceram para subir levando cordas e tanques de oxigênio para descer com Van Rooijen. Mas Gyalje recusou, dizendo que fariam isso sozinhos. A montanha era perigosa e já tinha havido mortes suficientes.

Van Rooijen insistiu que podia caminhar, então, com o tanque de oxigênio nas costas, os três homens desceram em direção ao acampamento 2. Cas van de Gevel chegava a estar mais exausto que Van Rooijen, se é que isso era possível. Enquanto desciam, seu colega lhe passou o cilindro de oxigênio, e a inalação do gás extra lhe deu nova energia, embora a garrafa tenha se esvaziado em poucos minutos.

No acampamento 2, Gyalje derreteu mais neve para fazer água. Van de Gevel estava tão cansado que caiu num sono profundo do lado de fora da barraca. Quando acordou, disse aos outros que queria passar a noite no acampamento. Suas mãos pareciam meio congeladas, e os dedos estavam ficando rígidos e doloridos.

– Você precisa se levantar – disse Gyalje insistentemente. Os outros dois homens obrigaram-no a ficar de pé e começaram a descer a rota outra vez.

Van de Gevel ficou para trás. Descendo sozinho, se esforçou para continuar. Mais tarde pensaria no que o K2 tinha feito a ele e seu amigo. Van Rooijen tinha perdido quase 10kg e Van de Gevel, 13,5kg. Tinham quase morrido. Ele

pensaria no quanto seria terrível encarar a família de Gerard McDonnell. Conhecera o irlandês nessa expedição, na trilha de Askole. Agora McDonnell estava morto. A mãe, as irmãs e o irmão os odiariam por terem permitido que isso acontecesse.

A tragédia sem dúvida afastaria alguns alpinistas do K2. Mas certamente não afastaria Van de Gevel das montanhas. Se desistisse de escalar, sabia que não seria a mesma pessoa. Quando estava escalando, sentia-se à vontade, mais confortável que nunca.

Não conseguia deixar de pensar no momento, no cume, em que os três – D'Aubarède, McDonnell e Van Rooijen – tinham se abraçado sob a abóbada absolutamente azul do céu da tarde.

Era disso que se tratava. Mesmo esse desastre não poderia lhe roubar isso.

À frente de Cas, Van Rooijen, por sua vez, refletia que para ele o K2 estava acabado. Após três tentativas, tinha conquistado seu cume. O K2 era uma montanha que se subia apenas uma vez na vida. Tentar novamente seria uma estupidez. Enquanto descia mancando, sabia que não voltaria mais.

—

Marco Confortola tinha acordado sozinho na manhã de domingo no acampamento 4 apenas com seus dois carregadores de altitude baltis para auxiliá-lo. O restante do grande contingente sul-coreano tinha partido sem esperar para ajudá-lo a descer.

O sol estava alto no céu. Estava tonto. Após as horas que passou desprotegido na montanha e de sua queda no Gargalo da Garrafa, a mão esquerda e os pés queimavam de dor, mas ele escalou a aresta enevoada até as rochas do Abruzzi. Estava familiarizado com ele, embora a rota Cesen lhe fosse desconhecida.

Os dois carregadores seguiram-no, mas ficaram a alguns metros de distância, como se Confortola representasse má sorte ou trabalho demais. Praguejou, sabendo que não podia confiar neles.

O Abruzzi estava deserto. Ele seguiu as cordas sozinho. Quando desceu para as neves recortadas do acampamento 3, não encontrou ninguém. Ninguém para lhe acenar ou para correr ao seu encontro e trazê-lo para dentro.

Os alpinistas que esperaram para ajudar os noruegueses abandonaram o acampamento, mas ele encontrou um Sprite em uma das barracas e o bebeu, e

encontrou duas barras energéticas em outra barraca e as comeu. Encontrou uma bateria para o telefone e ligou para Luigi em seu banco em Valfurva.

– Aqui é Marco! – disse ele, pressionando ansiosamente o telefone na boca.

Mas a sorte de Confortola não estava melhorando. Luigi não estava lá. O irmão estava fora.

Confortola assentiu.

– Está bem.

Então desligou e dormiu.

—

Quando Wilco van Rooijen, Cas van de Gevel e Pemba Gyalje chegaram à trilha íngreme próxima à base da montanha, foram recebidos por alpinistas do acampamento-base. Antes não havia cordas ao longo dos últimos mil metros da rota Cesen, então a equipe de resgate fixou cordas novas para ajudar os alpinistas feridos a descer.

Roeland van Oss e os outros da equipe holandesa, incluindo o administrador do acampamento-base, Sajjad Shah, se juntaram ao redor dos homens. Trouxeram água, Pepsi, Coca-Cola e barras de Snickers e Kit Kat.

Um dos trabalhos de Sajjad no acampamento-base foi conservar o estoque de biscoitos e pasta de amendoim de Van Rooijen. Era uma de suas guloseimas preferidas, e na metade da estação Shah tivera de mandar buscar outra dúzia de potes em Skardu. Então, quando Van Rooijen viu o paquistanês, gritou:

– Sajjad! – Depois acrescentou com um sorriso: – Cadê minha pasta de amendoim e meus biscoitos?

Shah percebeu que o entusiástico líder holandês tinha vencido suas provações com ânimo intacto.

Ao se reunirem, Van Rooijen, Van de Gevel e Pemba Gyalje perguntaram aos alpinistas do acampamento-base se Gerard McDonnell tinha sido avistado. Enquanto conversavam, ficou claro que, se tinha havido alguma chance de o irlandês estar vivo, a essa altura já não existia mais.

Roeland van Oss pegou o rádio e o telefone via satélite para dar a notícia de que a equipe de resgate tinha alcançado os alpinistas feridos.

– Wilco, Cas e Pemba estão salvos – disse com sobriedade. – Mas agora estamos bastante seguros de que Gerard morreu no Gargalo da Garrafa.

Em Utrecht, Maarten van Eck ligou para Heleen assim que Van Rooijen chegou ao acampamento 3. Postou a notícia do salvamento bem-sucedido no

site da equipe holandesa:

> WILCO ESTÁ VIVO, EXAUSTO, MAS PARECE BEM. PROBLEMAS APENAS COM OS PÉS. ESPERAMOS DAR NOVAS INFORMAÇÕES EM BREVE.

Na Irlanda, a esperança da família de Gerard de que ele fosse o alpinista solitário sobrevivente finalmente se extinguiu. Na manhã de domingo, os McDonnell convocaram uma coletiva de imprensa na escola local, a apenas algumas centenas de metros da casa de fazenda. Era um dia cinzento. Seu cunhado parou no estacionamento para anunciar que a família aceitava que ele estava morto. Alguns dias depois, a família fez uma declaração à imprensa:

*Estamos profundamente orgulhosos pelas muitas façanhas heroicas e corajosas de Gerard, cuja morte deixou um imenso vazio em nossas vidas. Ele honrou não apenas a nós, sua família, mas todo o país ao se tornar o primeiro irlandês a chegar ao cume do K2.*

No K2, a decisiva conclusão de que McDonnell estava morto pareceu ter um efeito mais poderoso sobre Pemba Gyalje. A partir desse momento, notaram os outros alpinistas, ele ficou cabisbaixo e em silêncio.

Ele agora estava convencido de que o alpinista com roupa vermelha e preta que Grande Pasang informou ter sido atingido por gelo e caído da Travessa era mesmo McDonnell. Isso significava que o irlandês não tinha abandonado Jumik Bhote e os dois alpinistas coreanos feridos nas escarpas, no fim da Travessa. Ele tinha ficado para trás depois que Marco Confortola partiu e os tinha ajudado a descer, antes de ser varrido para a morte.

No acampamento 4, outro xerpa, Pequeno Pasang Lama, recebeu um chamado por rádio de Grande Pasang Bhote antes da avalanche final. Grande Pasang disse mais uma vez que tinha alcançado os coreanos e Jumik Bhote perto da Travessa. Jumik chegou a falar pelo rádio e dizer que os dedos estavam congelados e que os coreanos feridos estavam sofrendo de cegueira da neve, mas que podia andar e que quando chegasse ao acampamento-base esperava ser levado de helicóptero para Islamabad e para casa.

Então Grande Pasang, Jumik e os coreanos morreram na queda do serac.

Mas já estava ficando complicado. Outro xerpa, Chhiring Dorje, da equipe americana, achava que Gerard McDonnell provavelmente fosse a figura

solitária vista por volta das dez horas da manhã de sábado, presa acima do serac e subindo e descendo os campos de neve. Ele ou tinha caído sobre o serac, achava Dorje, ou escalado para a Travessa, onde foi atingido pela avalanche e não tinha a ver com o salvamento de Jumik e dos coreanos.

No Cesen, os três alpinistas feridos e seu séquito levaram mais algumas horas para chegar ao acampamento-base. Estava escuro, já próximo das nove horas da noite, quando Pemba Gyalje chegou primeiro, auxiliado por um membro da equipe de resgate. Algum tempo se passou antes que os dois outros homens atravessassem as pedras escuras do glaciar Godwin-Austen, afastando-se, capengando, da boca do K2 e entrando na bem-aventurada segurança do acampamento-base.

Os grandes esforços agora se voltaram para tentar salvar os dedos congelados dos homens. Os americanos tinham convertido a barraca-refeitório dos holandeses em um pronto-socorro para receber os alpinistas feridos. O lugar logo ficou movimentado. Os cozinheiros ferveram água e colocaram bacias azuis para os pés dos homens. No canto, o aquecedor dos noruegueses emitia algum calor. Eric Meyer e Chris Klinke mantinham as lanternas presas na testa. Suas luzes iluminavam as figuras inclinadas dos dois alpinistas holandeses feridos, deitados em acolchoados, recostados contra o sofá inflável Ikea que Rolf Bae tinha trazido da Noruega para Cecilie e que os noruegueses também haviam doado para o esforço de resgate.

Em seus *fleeces* cor de laranja, da North Face, os dois alpinistas holandeses pareciam anos mais velhos. Cas van de Gevel, particularmente, parecia encolhido e grisalho, sua pele estava enrugada e pendendo das bochechas. Klinke e Chhiring Dorje serviram Pepsi em canecas de estanho e, junto com Lars Nessa, esfregaram e aqueceram as mãos e os pés de Van Rooijen e Van de Gevel, enquanto Meyer se preparava para aplicar os remédios disponíveis. Roeland van Oss foi liberado para que Meyer assumisse e avaliasse se a descida tinha sido suficientemente rápida para salvar os dedos das mãos e dos pés dos alpinistas.

Meyer inseriu tubos plásticos nas veias da parte superior das mãos e injetou um coquetel de remédios. Primeiro, morfina e Valium para aliviar o doloroso descongelamento da carne. Também tinha dois frascos de uma droga nova, APt, ou ativador do plasminogênio tecidual. Usada normalmente para tratar de ataques cardíacos, ela tinha revelado, em experiências universitárias, que podia ajudar no tratamento de ulcerações, embora nunca tivesse sido testada em

grandes altitudes e tivesse efeitos colaterais como hemorragia interna. Meyer estava preocupado com a dosagem que deveria tentar, então ligou para um especialista da escola de medicina de Denver, que recomendou que ele não a usasse. A droga também tinha de ser injetada dentro de 24 horas após a exposição inicial. Isso se aplicava apenas a Van de Gevel, mas Meyer estava ficando tão preocupado com a condição dos dois que a injetou em ambos. Em seguida ministrou outra droga, heparina, para interromper a coagulação do sangue nas minúsculas veias de seus dedos das mãos e dos pés.

Fredrik Strang entrou na barraca e ligou a câmera. Wilco van Rooijen pareceu desorientado quando os americanos o informaram da extensão total do desastre.

– Quantas vítimas? – perguntou.

– Onze – disse Meyer. – Onze pessoas.

– Desaparecidas?

– Não, mortas. Rolf, Gerard.

Bufando, Van Rooijen ficou olhando de forma vaga ao redor da barraca.

Eles lhe disseram que Marco Confortola tinha deixado o acampamento 4 e que outra equipe de resgate estava subindo para encontrá-lo no Abruzzi. No acampamento-base, Roberto Manni, colega italiano de Confortola, estivera desesperado atrás de voluntários que ajudassem Marco e tinha oferecido dinheiro a qualquer xerpa que estivesse disposto a subir, encontrá-lo e trazê-lo. Finalmente, com um dia de atraso devido à necessidade de reunir equipamentos, outro alpinista americano, George Dijmarescu, partiu pela rota de Abruzzi com os dois xerpas de sua expedição.

Deitado ao lado de Van Rooijen, Van de Gevel afundou-se ainda mais no colchão. A princípio, Meyer ficou mais preocupado com o congelamento de Van Rooijen. Tinha dormido duas noites ao relento, a primeira a 8.200 metros de altitude, a segunda por volta de 7.600 metros. Mas as mãos de Van de Gevel também estavam em péssimo estado. Contou a Meyer que havia acordado sem as luvas. O holandês era carpinteiro, Meyer sabia disso, e seus dedos eram importantes. Mas os dedos de sua mão esquerda eram blocos cinzentos e moles, com estrias púrpuras nas partes medianas. Meyer podia ver bolhas hemorrágicas, o que indicava graves danos causados pelo congelamento.

Mergulharam suas mãos em uma bacia com água morna e encharcaram seus pés em uma tigela, mas ele com frequência cochilava, e ao tentar se esticar, tirava as mãos e os pés da água. Chris Klinke tinha de recolocá-los nas bacias.

Olhando preocupado para os dois homens, Meyer disse:

– Espero que consigam conservar os dedos.

Algumas horas depois, a única coisa que Meyer podia fazer era enfaixar os dois homens e prepará-los para a partida. Eram 3h30 da manhã, aproximadamente. A informação era de que helicópteros viriam de Skardu para transportá-los.

# CAPÍTULO VINTE

**Segunda-feira, 4 de agosto, oito horas da manhã**

"O transporte por helicóptero para os alpinistas feridos está sendo organizado para amanhã de manhã", escreveu Maarten van Eck numa atualização em seu site, tarde na noite de domingo.

No K2, na manhã de segunda-feira, Roeland van Oss achou que os helicópteros fossem demorar para chegar, mas às oito horas um dos oficiais de ligação no acampamento-base correu para sua barraca com a notícia de que eles estavam a apenas quarenta minutos dali. O exército paquistanês tinha montado uma empresa particular exatamente com o objetivo de resgatar montanhistas feridos do Karakoram, e mantinha helicópteros pousados no aeroporto militar de Skardu. Van Oss falou com o proprietário da Jasmine Tours, a organizadora da expedição holandesa, e eles tinham feito os arranjos.

De repente, Van Oss tinha muito a fazer. Correu para recolher as sacolas de Van Rooijen e Van de Gevel. O líder holandês se sentou na barraca-refeitório dando instruções para Van Oss sobre tudo que ele precisava fazer depois que Van Rooijen partisse, como pagar aos carregadores e cuidar dos barris de comida restantes.

Longe das barracas, descendo o glaciar por mais ou menos um quilômetro, no sentido da base sudeste da montanha, o oficial de ligação da equipe sérvia e uma equipe de ajudantes deslocavam pedras do lugar para construírem um ponto de pouso para os helicópteros. Marcaram-no com bandeiras e uma biruta.

Às nove horas, dois velhos Eurocopters Ecureuils militares paquistaneses, ou helicópteros Esquilos, surgiram do sul, lançando sombras contra a parede da montanha. Chegaram em silêncio, a princípio, mas depois rugiram acima do glaciar, próximo às barracas.

Quase todos os que estavam no acampamento-base se revezaram nas atividades, ajudando a puxar Wilco van Rooijen sobre as rochas numa maca vermelha. Depois que o baixaram, Chris Klinke protegeu a cabeça do holandês com os braços enquanto as lâminas do helicóptero sopravam rajadas de vento sobre as rochas. Então levantaram Van Rooijen até a porta do helicóptero, que se ergueu no ar e partiu.

Roberto Manni persuadiu o piloto do segundo Esquilo a fazer um desvio por sobre o esporão de Abruzzi para tentar um resgate de Marco Confortola usando um cabo e a cadeirinha. O acerto era que Confortola desceria até um espaço plano abaixo da Chaminé House, mas quando o helicóptero chegou a 5.800 metros, o piloto não conseguiu vê-lo. Confortola ainda não tinha conseguido descer até esse ponto. O tempo forçou o helicóptero a partir sem esperar.

O Esquilo desceu novamente até o glaciar Godwin-Austen para buscar Cas van de Gevel. Com as mãos enfaixadas, o holandês saiu da barraca e foi para a faixa de pouso.

A viagem levou uma atordoante hora até o glaciar de Baltoro, passando pelo Masherbrum e as Torres Trango até Skardu. Lá, Van de Gevel reencontrou Van Rooijen e os dois homens foram ligados a monitores no hospital militar, um complexo de edifícios térreos degradados e de cor creme sob as montanhas quentes e arenosas na periferia da cidade, onde oficiais militares circulavam e alto-falantes chamavam as pessoas, repetidamente, para a oração.

—

No K2, outros carregadores chegavam para buscar os equipamentos das equipes. As mulas esperavam nas rochas. A grande equipe sul-coreana desceu até o acampamento-base, e Nawang, o cozinheiro do Nepal, preparou uma refeição especial na barraca-refeitório. Seu *bibimbap* – arroz morno misturado com vegetais, pimenta e carne (quando havia alguma) – tinha se tornado um dos pratos preferidos da equipe Flying Jump. Ele agora preparava a refeição apesar de ter perdido dois amigos de sua região, Jumik Bhote e Grande Pasang. Do lado de fora, as pessoas o ouviam chorar.

Chhiring Bhote se preparava para retornar à sua aldeia perto de Makalu para cumprir dois meses de luto por Jumik.

Os alpinistas coreanos beberam *suji*, que trouxeram ao K2 com a intenção de comemorar o aniversário de Go Mi-sun. Em vez disso, estavam registrando as mortes de seus dois xerpas e três de seus alpinistas. Os coreanos não iriam esperar. Estavam arrasados com as mortes. Enrolaram suas bandeiras e seus equipamentos. Os sobreviventes partiram do acampamento-base deixando as barracas de pé para que os carregadores as desmontassem. Caminharam por duas horas até o acampamento-base do Broad Peak, que ficava numa altitude

mais baixa para os helicópteros que haviam contratado. Então o céu se encheu de helicópteros, que partiram do Karakoram rumo a Islamabad.

Antes de partirem, Lars Nessa falou com Go Mi-sun. Estava perturbada com as mortes na equipe coreana e apresentou seus sentimentos por Rolf Bae. Mas ela não desistiria de escalar, e estava de partida para o próximo pico em sua busca por chegar ao topo de todas as 14 montanhas com mais de 7.900 metros. Morreria um ano depois em Nanga Parbat, outra montanha difícil no norte do Paquistão.

Nessa pensou no que tinha aprendido no K2. Os custos humanos do montanhismo. Não apenas os sofridos por um alpinista apanhado numa tragédia como essa, mas o sofrimento para as famílias que ficavam para trás.

Os sérvios de Vojvodina estavam partindo. Sem Dren Mandic. Predrag Zagorac e Iso Planic pretendiam vender os cilindros de oxigênio extra e dar o dinheiro à família de Jahan Baig.

Cecilie Skog já havia partido na segunda-feira, sozinha com um único carregador para chegar o mais rapidamente possível a Askole, planejando mal parar para comer. Dezesseis meses depois atravessaria a Antártica. Seu amor pela imensidão não tinha diminuído, mas seu fardo era pesado. E Nessa pensou se seria justo com sua própria família, com seus pais, fazendeiros perto de Stavanger, ou com sua namorada. Decidiu que voltaria a escalar, mas nunca numa montanha assassina como o K2.

—

Depois que Van Rooijen e Van de Gevel partiram, Roeland van Oss deixou boa parte do que não conseguia carregar para ser queimado pelos carregadores. Papéis usados, seus romances de Alistair MacLean e Tom Clancy, e o resto do lixo. Nunca mais voltaria ao K2, nunca mais enfrentaria aquelas semanas de escalada, todo aquele perigo, apenas para chegar ao cume. Que sentido tinha isso? A maioria dos mortos tinha sido vítima de má sorte, achava ele. Estavam no lugar errado na hora errada.

Ao empacotarem os equipamentos na barraca de Gerard McDonnell, os últimos alpinistas holandeses encontraram uma garrafa de cerveja entre seus pertences. Naquela noite, um grupo se reuniu na barraca-refeitório dos americanos para brindar ao irlandês. Um a um trocaram lembranças sobre ele.

– Ele foi uma dádiva ao mundo – disse Eric Meyer durante o brinde. – Tinha uma natureza delicada, gentil.

Um alpinista pegou dois pratos de estanho na barraca da cozinha e levou cinco horas gravando os nomes dos mortos neles. Cometeu um erro em um prato e teve de buscar um terceiro.

Lars Nessa também fez um prato para Rolf Bae, usando martelo e formão.

Antes de deixarem o K2, os alpinistas desceram os despenhadeiros marrons na extremidade oeste do acampamento-base para pendurar os pratos no Memorial de Gilkey.

Um dos pratos ovais era para Dren Mandic, e dizia:

**DREN MANDIC**
13.12.1976-01.08.2008
SUBOTICA
SÉRVIA

Os sérvios borrifaram uísque no prato e beberam um pouco em homenagem a Mandic.

Outra placa foi para Gerard McDonnell.

**GERARD McDONNELL**
20.01.1971-02.08.2008
LIMERICK
IRLANDA

O prato de Rolf Bae tinha uma cruz forjada acima de seu nome:

**ROLF BAE**
19.01.1975-01.08.2008
NORUEGA

—

Na manhã de segunda-feira, Marco Confortola tinha acordado só no acampamento 3, nervoso por ter de percorrer sozinho a Pirâmide Negra. Seus pés latejavam como se estivessem com pregos. Temia que sua mão esquerda tivesse queimadura de frio, e seu pênis estava congelado.

Ouviu o som de um helicóptero e viu-o subindo, mas então ele se afastou e o som desapareceu. Enquanto descia a Pirâmide Negra, nuvens e neve sopravam, e em meio à névoa viu surgir três figuras do grupo de resgate do acampamento-base. Eram George Dijmarescu e dois xerpas do vale Makalu,

Rinjing Sherpa e Mingma Sherpa. Eles lhe deram oxigênio extra. Ajudaram Confortola a chegar ao acampamento 2, onde pegou emprestado o telefone via satélite de Dijmarescu e finalmente pôde ligar para Luigi. Disse ao irmão que estava vivo.

Mancou até uma área abaixo da Chaminé House, onde Dijmarescu e os dois xerpas limparam a área para o pouso do helicóptero. Estava excitado por finalmente se livrar daquele tormento. Mas então o rádio de Dijmarescu deu a desalentadora notícia de que o helicóptero tinha sido cancelado por causa do mau tempo. O sofrimento de Confortola não acabaria tão rapidamente e ele percebeu que teria de encontrar ainda mais energia – não sabia onde – para continuar a descer.

Os quatro homens desceram até o acampamento 1, onde passaram a noite.

Na manhã seguinte, terça-feira, desceram até o acampamento-base avançado, onde um grupo de recepção, vindo do acampamento-base, foi ao seu encontro, levando Red Bull, Coca-Cola e salame. No grupo estavam Eric Meyer, Chris Klinke, Chhiring Dorje e os membros de outra expedição americana recém-chegada. Carregavam uma maca, mas era extremamente difícil caminhar com ela sobre as rochas. Souberam que ele tinha sido atingido por uma garrafa de oxigênio e, informados no rádio por Dijmarescu, que ele também tinha sido atingido por uma queda de gelo. Mas Confortola não estava nas condições em que temiam encontrá-lo e seu ânimo melhorava, agora que estava convencido de que iria sobreviver.

O tempo estava virando novamente. Estava frio e úmido e caía uma mistura de neve e chuva. Confortola sentou-se nas pedras. Os outros se reuniram à sua volta enquanto Meyer tentava avaliar suas queimaduras e todos tentavam decidir como o carregariam até o acampamento-base. Mas Confortola logo perdeu a paciência e, dez minutos depois, se levantou e começou a caminhar. Os outros correram para acompanhá-lo.

Seguiram lentamente pelo caminho entre as paredes mutiladas da queda de gelo. Apesar da ansiedade, Confortola tinha as pernas instáveis e o grupo teve de incentivá-lo pelos 4.500 metros até o acampamento-base.

A meio caminho, encontrou outro alpinista italiano, Mario Panzeri, que tinha vindo do Broad Peak depois de saber do desastre no K2. Ao ver um conhecido, algo dentro de Confortola explodiu – assim pareceu aos outros – e ele fraquejou. Bebendo Red Bull, sentou-se por meia hora com Panzeri.

Quando o grupo chegou ao acampamento-base, mais tarde na terça-feira, Confortola ficou surpreso com a quantidade de barracas que tinham sido desarmadas. A longa faixa de rochas estava muito mais vazia. Então finalmente soube do número de pessoas que tinham morrido.

Os americanos o ajudaram a entrar na barraca grande e confortável que ele dividia com Roberto Manni, e Meyer o tratou ali, medicando-o com analgésicos. Tirou suas botas, e uma linha púrpura atravessava seus dedos, como se tivessem sido queimados. Seus piores temores, o estrago causado pelo congelamento, vieram à tona.

Confortola olhou para o médico.

– Que desastre – disse ele, assombrado.

Meyer sacudiu a cabeça.

– Não sei – disse com incerteza.

Confortola estava bravo com seus carregadores e com todo o Paquistão. Um deles foi à barraca e falou com os outros alpinistas. O xerpa dos americanos, Chhiring Dorje, o repreendeu por não ter feito o bastante, por não ter mostrado respeito pelas pessoas que o haviam contratado. O carregador foi embora parecendo constrangido.

Meyer não tinha mais APt, porque tinha usado as duas doses em Wilco van Rooijen e Cas van de Gevel. De qualquer modo, não o teria aplicado em Confortola, em razão do golpe que o italiano tinha levado na cabeça na base do Gargalo da Garrafa, que aumentava o risco de hemorragia interna. Em vez disso, a única coisa que pôde fazer foi limpar a pele de Confortola e tentar aliviar ao máximo a dor.

Klinke descongelou os pés de Confortola em água quente, tomando cuidado com as tiras de pele que descamavam. Os pés não pareciam em tão mau estado quanto os de Van Rooijen ou Van de Gevel, mas se a geladura piorasse, poderia expor tendões e ossos. Eles enfaixaram seus dedos com gaze embebida em iodo.

Enquanto cuidavam dele, Confortola tentou falar sobre algumas das coisas que tinham lhe acontecido acima do acampamento 4. Os alpinistas percebiam que a história de sua terrível experiência fervia dentro dele. Começando a chorar, falou da experiência de ter de parar de ajudar os coreanos e mencionou Jesus. Mas estava tão emocionado e exausto que Meyer e Klinke não conseguiram compreender muita coisa. Sentiram pena dele.

– O que você sabe sobre Gerard? – perguntou Meyer.

– Sou grato por vocês me ajudarem – disse Confortola.

No dia seguinte, quarta-feira, 6 de agosto, um helicóptero chegou ao vale e levou Confortola. Ele passou a noite no hospital militar em Skardu, onde contou a história do resgate dos coreanos à equipe da embaixada italiana. Depois pegou um voo da Pakistani Airways até Islamabad. Dali voou para Milão, via Londres.

Nas semanas seguintes, foi ficando cada vez mais perturbado. Em alguns dias dirigia sem rumo pelas estradas próximas à sua cidade natal, às vezes em lágrimas, incapaz de aceitar as mortes do K2. Acabou procurando a ajuda de um amigo. Seus pés ainda estavam em mau estado. Mais ou menos seis semanas depois de deixar a montanha, foi tratado em uma câmara hiperbárica em um hospital de Pádua. Era um dos melhores hospitais da Itália no tratamento de geladuras e queimaduras. As pessoas à sua volta lhe asseguravam que ficaria bem, mas sabia que sua condição era ruim. No fim, todos os seus dedos dos pés foram amputados.

—

Depois de empacotar suas coisas, o restante da equipe holandesa partiu em fila, descendo o glaciar de Baltoro, passando rapidamente pelos acampamentos em Concórdia, Goro II e Paiju, e ladeando a grande rocha em Korophone, até que, alguns dias depois, chegou aos enlameados acampamentos em Askole.

Dali seguiram rapidamente pela estrada da montanha, em jipes azuis e sujos. Iam apertados, sacolejando por entre as nuvens de poeira levantadas pelas rodas dos Toyotas. Sajjad Shah, o barbudo administrador da equipe no acampamento-base, tinha ido para o K2 com a equipe por essa mesma estrada, dois meses e meio antes. Agora ele olhava para o banco vazio de Gerard McDonnell.

Pemba Gyalje, antes educado e falador, observava sombriamente as ravinas. Quando um desmoronamento de pedras bloqueou a estrada, Sajjad ficou com o equipamento enquanto os alpinistas passavam para os jipes enviados do lado ocidental. Seguiram por quatro horas até o hotel em Skardu, onde encontraram duchas frias, camas duras – o que eram prazeres após o tempo passado na montanha – e a atenção da imprensa internacional. Wilco van Rooijen já estava divulgando livremente à imprensa suas conclusões sobre o que tinha dado errado. Ao retornar à Europa, ele perderia todos os dedos do pé

esquerdo e quase todos os do outro pé. Mas um ano depois ele diria às pessoas que estava pensando em retornar ao K2.

Para os alpinistas que ficaram no acampamento-base, a crista de rochas onde as barracas tinham estado parecia sinistra e silenciosa. As rochas estavam pontilhadas com o esterco dos jumentos. Desde as evacuações de emergência dos helicópteros, a multidão de cinquenta ou mais pessoas tinha se reduzido, em poucos dias, a menos de 12. Os carregadores estavam desarmando as barracas dos coreanos e queimando o lixo. A equipe de Eric Meyer e Chris Klinke foi uma das últimas a partir, e antes de sair, Klinke deixou Meyer e Fredrik Strang e subiu algumas centenas de metros até o Memorial de Gilkey.

Do alto do promontório solitário, olhou para o pé do K2; pedras negras e marrons esparsas se estendiam até o cascalho do glaciar vazio. O ar estava frio e parado sob o som do grasnido dos corvos. No memorial, as placas de metal em homenagem aos mortos estendiam-se pela parede, amarradas umas às outras com arame e tilintando debilmente na brisa.

Klinke preparava-se para retornar aos Estados Unidos e para o mundo real. Antes de ir para o Paquistão, tinha rompido com a namorada e não estava certo de onde viveria quando retornasse. Procuraria emprego ou se juntaria a outra expedição para algum outro lugar do mundo.

Agora que estava deixando o K2, pensava nas pessoas que ficaram para trás.

Antes de viajar para o Paquistão e para o K2 nessa estação, os nomes nessas placas eram apenas isso, nomes. Mas agora havia pratos novos. Alguns dos nomes pertenciam a amigos. Tinham escolhido se aventurar para conquistar o prêmio máximo, o cume do K2, e tinham pagado um preço terrível. Tinham se tornado parte de sua história.

Ao voltar, viu seus rostos, ouviu suas vozes e se lembrou de suas gentilezas.

# OS MORTOS

Dren Mandic
Jahan Baig
Rolf Bae
Hugues d'Aubarède
Karim Meherban
Gerard McDonnell
Jumik Bhote
Pasang Bhote
Park Kyeong-hyo
Kim Hyo-gyeong
Hwang Dong-jin

# EPÍLOGO

Minha própria viagem ao K2 começou em Kilcornan, no oeste da Irlanda. Peguei um voo de Nova York para Limerick e, atordoado pelo jet lag, dirigi 160 quilômetros até as montanhas do sul para me encontrar com o mentor de escalada de McDonnell, Pat Falvey, um irlandês de fala rápida, com 50 e tantos anos, que organizava expedições de alpinismo e tinha levado Gerard em sua primeira escalada ao Everest. Sentamo-nos diante de seu computador e ele me mostrou o Gargalo da Garrafa e o serac nas fotografias do K2. Sua casa era amontoada de equipamentos de escalada. Um capacete. Botas. Na cozinha ele amarrou uma corda entre duas cadeiras de madeira e segurou nela, demonstrando como os alpinistas do K2 tinham subido o Gargalo da Garrafa e como Dren Mandic tinha se soltado da linha fixa. O próprio Falvey teve a vida prejudicada por sua paixão pela escalada, explicou. Sua esposa o deixou; seus filhos o xingavam por arriscar a vida. Na parede atrás dele, Falvey pendurou um quadro de McDonnell ao lado do de Ernest Shackleton – "outro herói irlandês", disse ele.

Em meio ao falatório dos clientes de Kate Kearneys, um pub próximo, Falvey equilibrou uma carteira sobre um copo de cerveja e derrubou-a, fazendo-a cair sobre a mesa para demonstrar o efeito da queda do serac. Enquanto voltávamos em seu Land Rover, perguntei a ele se Gerard McDonnell havia pensado que iria morrer. Eu esperava que Falvey dissesse: *É claro que não.* Mas ele encolheu os ombros e, com um ar de resignação, disse: "Todo mundo que se aventura na Zona da Morte sabe que está jogando com a morte."

Na manhã seguinte, voltei de carro para o norte, para a cidade de McDonnell, para ir a seu funeral. Uma grande barraca branca cobria um estacionamento molhado de chuva, atrás da escola de Kilcornan. Dentro dela, havia mais de mil pessoas vestidas em suas melhores roupas de domingo, de pé nas extremidades ou sentadas em cadeiras enfileiradas diante de uma longa mesa branca. Era a primeira vez que muitos deles ouviam falar no K2. Por trás da mesa havia um retrato emoldurado de McDonnell – camisa e gravata azuis, uma mecha de cabelos castanhos, seu sorriso enigmático.

Fiquei impressionado com a perturbação das pessoas do vilarejo de McDonnell. O que exatamente tinha motivado seu filho e irmão a viajar quase

6.500 quilômetros para arriscar a vida numa montanha?, pensavam. Valia a pena pagar esse preço?

O padre Joe Noonan disse algumas palavras pelo microfone.

– Sabemos que estamos aqui para homenagear Gerard, para exaltá-lo e recebê-lo em seu lar celestial. Gerard, que morreu no K2. Lá ele foi enterrado e, em certo sentido, era lá que desejava morrer.

A mãe de McDonnell, Margaret, uma mulher pequena, vestida de preto, foi ajudada a sair da primeira fila e ir até a mesa para acender uma única vela que representava o corpo ausente de seu filho. Ao voltar, sua incompreensível perda parecia atravessar a face de toda a comunidade.

– Foi numa montanha que Moisés se comunicou com Deus – continuou o padre Noonan. – Foi numa montanha que Jesus foi transfigurado. Foi numa montanha que Gerard realizou uma das ambições de sua vida. Era uma experiência tão espiritual que ele chegava a dizer que seria uma honra morrer numa montanha.

Um amigo de McDonnell leu um poema de William Butler Yeats, "Aedh anseia pelos tecidos bordados dos céus".

*Fossem meus os tecidos bordados dos céus,*
*Ornamentados de luz dourada e prateada,*
*Os azuis, negros e pálidos bordados*
*Da noite, da luz e da meia-luz,*
*Eu os estenderia sob teus pés.*
*Mas eu, sendo pobre, tenho apenas meus sonhos;*
*Estendi meus sonhos sob teus pés;*
*Pisa suavemente, pois pisas sobre meus sonhos.***

Então, um a um, os conhecidos de McDonnell levaram presentes até a mesa. Um tambor, uma foto de sua casa em Kilcornan, uma bandeira de Kilcornan para ilustrar o amor de Ger por sua paróquia, um passaporte. Uma bandeira irlandesa, um livro, representando seu amor pela literatura, o relógio de pulso de seu falecido pai. Annie Starkey, sua namorada do Alasca, uma jovem elegante com cabelos encaracolados e negros, levou bandeiras de oração tibetanas.

– Ger era corajoso – disse seu irmão mais velho, J.J., que também se levantou para falar. – Ger, sentimos sua falta e o amamos. Será difícil enfrentar

o futuro sem você. Ger, Deus o abençoe e tenha misericórdia de sua alma corajosa.

Era visível que as pessoas presentes não compreendiam o que tinha atraído McDonnell ao K2, ou assim me pareceu. Encontrei o mesmo anseio de compreensão, o vazio no centro das coisas, quando visitei a família de Hugues d'Aubarède em Lyon, França. Nas elegantes salas de jantar de seus amigos, ouvi histórias sobre seu amor pelas montanhas e pude compreender o fascinante alter ego que ele havia construído tão cuidadosamente por meio de sua busca por conquistar picos distantes. Mas assim como o amor testemunhei raiva – em sua companheira, Mine, uma mulher incrivelmente robusta que a princípio se recusou a falar, mas depois passou horas descrevendo Hugues, e em sua filha Julia, de 31 anos. Julia, que permaneceu em silêncio, ouviu atentamente as perguntas que fiz aos outros sobre a morte de seu pai, apenas cinco meses antes, enquanto o neto de Hugues brincava em seus joelhos.

Visitei os mortos, mas também tive de confrontar os vivos. Numa manhã, no fim de novembro, aterrissei em Milão para me encontrar com Marco Confortola. Naquela noite ele deveria voar para Roma para receber uma medalha da Associação de Atletas Olímpicos da Itália. Meu voo para Malpensa atrasou duas horas, e enquanto eu corria pela principal plataforma da estação de Milão, o trem partia com ele dentro. Meu telefone sinalizou uma mensagem de texto de sua agente, Barbara Baraldi, explicando que ele não podia esperar mais porque seus pés estavam doendo muito. Seus dedos tinham sido amputados apenas um mês antes.

Em Roma, mais tarde naquela noite, no Hotel Torre Rossa, finalmente tive a chance de me encontrar com Confortola. O jovem surgiu do meio da multidão, andando desajeitadamente com as muletas. Seus ombros eram largos e ele usava camiseta branca e jeans. Sua cabeça estava raspada, e o rosto estava queimado de sol. Um brinco brilhava em sua orelha esquerda.

– Sou Marco – disse ele.

No mesmo instante ele se virou e voltou desajeitadamente para o meio da multidão, cumprimentando simpatizantes e arrancando as meias para mostrar os pés enfaixados. Durante o jantar, foi tratado como uma estrela do rock. As mulheres iam aos bandos até a mesa. Quando finalmente lhe perguntei como tinha sido no cume do K2, ele me fitou com seus olhos castanhos e sombrios, como se já esperasse minha pergunta.

– Encheu-o de alegria?

– Não. Pessoas morreram – respondeu em seu inglês ruim. A conversa acabou antes mesmo de começar.

Na manhã seguinte, no Estádio Olímpico de Roma, ele fez um discurso para quinhentas pessoas. Elogiou Gerard McDonnell.

– É importante que eu diga que o Gerard perdeu o juízo porque ficou tempo demais acima de 8 mil metros. Ele já não está conosco. Ele deu sua vida. Eu tive a sorte de não perder o juízo. Parte dessa medalha também é dele.

Quando começava a ficar interessante, ele encerrou. Os aplausos foram ruidosos e, para minha surpresa, fui chamado à frente para fazer minha avaliação da escalada de 2008 e dos atos heroicos de Confortola. Enquanto eu falava, olhando para as fileiras de rostos atentos, ansiosos por novos elogios a seu herói nacional, pareceu-me implausível que eu ao menos estivesse falando. Confortola estava ao meu lado, ouvindo também, como se esperasse algum tipo de julgamento sobre ele e a montanha.

Na viagem de volta a Milão, ele não quis falar. Franzindo o rosto, colocou os pés sobre a mesa e os massageou por cima das meias. Fez isso com os fones de seu iPod nos ouvidos, insistindo que queria dormir. Barbara parecia constrangida. Disse que ele tinha sido bombardeado pelas entrevistas da mídia. Senti que ele estava desperdiçando meu tempo e que eu estava me intrometendo numa lembrança terrível. Mas, quando eu pensava em desistir, Confortola tirou os fones de ouvido. Estendeu as pernas e, pelo resto do caminho para Milão, desenhou cenas detalhadas da montanha num guardanapo e me fez um relato minucioso de sua luta para salvar os dois alpinistas coreanos e Jumik Bhote. Seu humor melhorou. Terminamos nossa viagem na *Stazione* de Milão, comendo mistos-quentes, enquanto ele apontava para os saltos altíssimos das mulheres que passavam e sorria para mim.

Confortola falou por horas, mas havia perguntas às quais ele não respondia, e partes de seu relato já soavam ensaiadas, como se não estivesse contando a história toda. Dois dias depois, viajamos para o norte, até o vilarejo alpino onde ele tinha crescido, e conheci o outro lado de Confortola. A essa altura estava claro para mim que ele era um sobrevivente astuto, um montanhista em tempo integral que escalava para ganhar dinheiro. Conheci seu pai, um homem simples e agradável. Marco era querido no vilarejo, embora fosse considerado um tanto irascível. Sentamo-nos no gramado em frente à sua casa em Via Uzzi. Ele não me convidou a entrar. No telhado, bandeiras de oração tibetanas balançavam ao vento. Seu sobrinho, que tinha síndrome de Down, brincava

com um cachorro, e Confortola de vez em quando exibia sua força lutando com eles. Voltou a ficar taciturno e balançava a cabeça quando eu fazia perguntas, por exemplo, se seus carregadores de altitude eram culpados de esquecer equipamentos essenciais no acampamento 4, pouco antes da principal investida para o cume. Baraldi disse que ficaria sem escalar por algum tempo e que precisava encontrar outros meios de ganhar dinheiro. Quando nos despedimos, fez uma piada sobre a incrível força de seus braços. Eu esperava um aperto de mão esmagador, mas foi surpreendentemente leve. Ele rapidamente soltou minha mão.

—

Fiquei aliviado ao retornar a Nova York e receber um e-mail de uma amiga de Cecilie Skog, dizendo que ela falaria comigo. Ela não tinha dado nenhuma outra entrevista. Eu esperava ter de voar para a Noruega, mas fui informado de que deveria me encontrar com ela em Denver, Colorado. Ali, duas semanas depois, uma pequena e linda mulher vestida com uma blusa branca com punhos rendados entrou no Holiday Inn Crowne Plaza.

Apenas 16 semanas após a morte do marido no K2, ela tinha viajado aos montes rochosos para retornar às montanhas. Tinha trazido seu piolet e planejava escalar em neve perto de Boulder.

– Vou ver como me sinto – disse ela, encolhendo os ombros ao se sentar do outro lado da mesa do restaurante do hotel, explicando que ela apenas queria se afastar da Noruega.

Skog começou a chorar ao contar as lembranças de como a montanha havia sacudido naquela noite no escuro sob o serac, como ela havia chamado por Rolf Bae até que Lars Nessa insistiu para que descessem; e ela falou de seu sentimento de culpa por deixar Bae para trás.

– Nós procuramos por ele – disse ela, enxugando os olhos em seu guardanapo vermelho. – Por muito tempo eu me arrependi de ter prosseguido. Às vezes ainda me arrependo. Às vezes me pergunto. Não sei como desci.

Apesar da tristeza, Skog transmitiu algo que achei contagiante. Era uma poderosa alegria pela vida ao ar livre – ela chamava isso de "devoção ao ar livre" –, um amor pela vida em espaço aberto. Senti essa mesma alegria física no alpinista espanhol Alberto Zerain quando o visitei em sua casa, numa pequena aldeia a cerca de 60 quilômetros de Bilbao. Conversamos por horas no sofá de

sua sala de estar, assistindo a um filme caseiro de sua viagem ao K2 – que bizarramente tinha como trilha sonora o "Baba O'Riley", do The Who.

Depois pegamos o carro e fomos até um restaurante numa estrada próxima para um almoço tardio. Ele era um homem gentil, educado, que, na montanha, tinha se ligado mais fortemente aos carregadores paquistaneses; disse que queria escrever um livro sobre a região a partir da perspectiva deles. Eu disse que lhe enviaria *A terceira xícara de chá*, de Greg Mortenson.

Como todos os alpinistas que conheci, Zerain estava extremamente bem preparado fisicamente, e quando lhe perguntei quanto tempo ele levaria para se preparar caso desejasse voltar ao K2, ele empurrou a cadeira para trás e fechou os punhos convincentemente.

– Eu voltaria agora mesmo! – disse ele, numa voz surpreendentemente alta, olhando pela janela como se a montanha já o estivesse chamando.

Mas embora Zerain exalasse a mesma paixão física que Skog, havia algo que Skog e Bae partilhavam em seu amor pela vida ao ar livre e que os outros não tinham. As montanhas eram lugares onde Skog e Bae podiam estar juntos. Era onde e como eles expressavam seu amor um pelo outro. Em contraste, a esposa de Zerain, Patricia, uma professora, lançava olhares inquietos quando ele falava de seus planos para passar meses em Kanchenjunga; e no caso de Hugues d'Aubarède, os atritos com as pessoas queridas que ele deixou para trás tinham atravessado toda a sua vida. Quando Skog falou de sua vida no acampamento-base – as conversas com amigos, os dias passados um ao lado do outro na escarpa –, me fez pensar que o casal havia levado seu relacionamento para o descampado e o fixado ali, uma ânsia muito humana. O cruel foi que o K2 não tinha se importado com isso e o tinha varrido alegremente de lá.

—

Numa manhã de janeiro, voei para os Países Baixos, para o que eu achava que seria minha entrevista mais difícil – com Wilco van Rooijen. Eu havia falado com ele no velório em Kilcornan, onde havia permanecido sentado, ereto, numa cadeira de rodas, com os pés enfaixados estendidos à frente. Sua esposa, Heleen, estava sentada a seu lado, parecendo aborrecida com a atenção e um pouco ressentida. Ele havia me dito que não tinha tempo para explicações complicadas sobre o que dera errado no K2.

– Besteira – disse ele. – É o K2. Você sabe que vai acontecer – disse, referindo-se ao desmoronamento do serac. – Algumas pessoas não tiveram

sorte.

Seus e-mails seguintes eram abruptos, embora tivesse acabado por apresentar uma hora e data para outro encontro. Uma noite, vi-me no leste dos Países Baixos, perto da fronteira com a Alemanha, atravessando um campo arado, no escuro, na periferia de um vilarejo chamado Voorst. Eu ainda temia que Van Rooijen batesse a porta na minha cara. Como eu me atrevia a indagar sobre as experiências internas de sua profissão? Um Land Rover branco, respingado de lama e cheio de logotipos de patrocinadores, estava estacionado do lado de fora da casa de fazenda com telhado de palha, para a qual ele havia se mudado recentemente.

Quando abriu a porta, de chinelos e acompanhado de um golden retriever, me olhou de cima a baixo e pareceu surpreso e impressionado por eu ter conseguido encontrá-lo. Botou a chaleira no fogo para fazer chá, mas ela ficou intacta por quatro horas, enquanto ele, à minha frente, fazia um relato febril e ininterrupto de suas horríveis experiências no K2. Sentou-se no chão de pedra, de pernas cruzadas, para demonstrar como tinha feito o bivaque e caminhou pela sala como se estivesse andando com dificuldade pela neve profunda e no Ombro. Ouvi com fascínio e gratidão pelo tempo que ele estava me dedicando.

À uma hora da manhã, com meu chá gelado, Van Rooijen parou. Meu notebook estava cheio de informação quando ele chamou um táxi para mim.

Ouvi um choro vago e, quando abrimos a porta do corredor, seu filhinho estava aos berros.

A essa altura, meu motorista de táxi – um homem do Afeganistão – já havia chegado.

Perguntei a Van Rooijen se sua esposa estava com seu filho, mas ele disse que não; era a noite de folga dela. Ele estava encarregado.

– Mas ela deve estar em casa.

– Não, em Utrecht.

Fiquei imaginando por quanto tempo o garotinho, de aproximadamente um ano, estivera chorando.

Van Rooijen me vendeu um livro sobre sua expedição ao K2 em 2006 e fui embora.

O motorista de táxi, um médico, tinha assistido a tudo.

– Ele é um homem concentrado; se me permite dizer, egocêntrico – disse ele enquanto nos afastávamos em direção à estrada, no escuro. Tive de concordar.

Ainda assim, Van Rooijen tinha me feito entender um pouco a psicologia do montanhismo. Antes de eu partir, disse algo perturbador. Recostando-se em sua cadeira, ele abanou a cabeça.

– Lamento por Marco; ele entendeu tudo errado. Estava exausto. Ele obviamente tinha perdido a razão. Ele talvez tenha… exagerado.

Ele se referia à história que Confortola havia relatado durante a viagem de trem de Roma a Milão: o esforço, junto com Gerard McDonnell, para libertar os dois sul-coreanos presos e Jumik Bhote; o subsequente afastamento de McDonnell em estado de atordoamento hipóxico; e sua subsequente morte na avalanche. Era um dos capítulos mais devastadores de toda a tragédia. Mas, recentemente, a família de McDonnell tinha começado a contestá-la.

Confortola agarrava-se tenazmente à sua história, mas a família de McDonnell apresentou um relato distinto, uma versão apresentada por Annie Starkey, companheira de McDonnell no Alasca. Ela não acreditava que McDonnell pudesse se afastar dos alpinistas presos, qualquer que fosse a pressão que sua mente e seu corpo estivessem enfrentando. Na verdade, insistia que McDonnell tinha ficado e que Marco Confortola havia descido. Não era McDonnell que Confortola havia visto morto na avalanche, mas outro alpinista, Karim Meherban, carregador de Hugues d'Aubarède. Tinha fotos que acreditava mostrarem Karim no topo do serac antes do desmoronamento. McDonnell tinha libertado os montanhistas presos e estava descendo atrás deles quando foi atingido mortalmente por outra avalanche.

Como evidência, Starkey se baseava, entre outras coisas, em um chamado por rádio que Pemba Gyalje dizia ter recebido de Pasang Bhote. No chamado, segundo Gyalje, o xerpa relatava ter chegado aos alpinistas presos e que os estava guiando de volta ao acampamento 4, apenas poucos minutos antes de serem varridos pelo desmoronamento do serac. Pasang também disse que tinha visto um alpinista com roupa vermelha e preta seguindo atrás. Na visão de Gyalje e Starkey, aquele era Gerard McDonnell, que tinha acabado de libertar os coreanos e Jumik Bhote.

Quando perguntei a opinião de Chris Klinke, o alpinista americano que havia estado intimamente envolvido na coordenação do esforço de resgate no acampamento-base, ele disse: "Não acredito que Gerard tenha libertado os coreanos; eles tinham ficado pendurados lá por 24 horas, e depois disso você simplesmente não se levanta e desce, embora ele talvez tenha resgatado Jumik Bhote. Acho, no entanto, que foi Gerard que Marco viu morto."

Também liguei para Michael Kodas, um alpinista e autor que escreve sobre montanhismo e que conhecia algumas das pessoas envolvidas na tragédia. Ele disse que havia estudado as fotografias do serac e do Gargalo da Garrafa na manhã do dia 2 de agosto, tiradas supostamente por Pemba Gyalje e publicadas no site ExplorersWeb, que Starkey dizia mostrar Gerard se esforçando para libertar os alpinistas. Mas Kodas não estava convencido. A narrativa que Starkey e o ExplorersWeb tinham associado às fotos era simplesmente "perfeita demais". Em um e-mail seguinte, ele disse que as "evidências" – a suposição de Pemba de que o homem descrito numa chamada por rádio feita por um colega agora morto era Gerard, os minúsculos pontos em fotos que não podem ser identificados com segurança como alpinistas, muito menos como alpinistas específicos trabalhando num resgate, e uma linha tênue no topo do glaciar – uma entre muitas marcas semelhantes – eram inadequadas para "contradizer a descrição da única testemunha ocular dos acontecimentos", Marco Confortola.

É possível que McDonnell tenha ficado ou retornado depois que Marco Confortola desceu e ajudado os dois alpinistas coreanos e Jumik Bhote a começar a descida. Se isso for verdade, talvez tenha sido uma das mais abnegadas tentativas de resgate na história do montanhismo de grande altitude. Confortola estaria certo em seu discurso em Roma ao dizer que McDonnell merecia pelo menos parte de sua medalha. O simples fato, relatado por Confortola, de que McDonnell ficou, por uma hora e meia, junto com o italiano para tentar libertar os alpinistas é inimaginavelmente corajoso. Soma-se a outros atos de heroísmo durante aqueles três dias, como a descida de Chhiring Dorje amarrado a Pequeno Pasang, a subida de Fredrik Strang e Eric Meyer para tentar ressuscitar Dren Mandic, a decisão de Pemba Gyalje de buscar Marco Confortola. E, talvez mais que todos, a pronta subida de Grande Pasang Bhote e, atrás dele, de Chhiring Bhote para os aterrorizantes perigos do Gargalo da Garrafa para encontrar seu primo e irmão, Jumik, apenas para Grande Pasang perder a própria vida.

É muito triste que McDonnell tenha morrido. Pior ainda porque jamais saberemos ao certo o que aconteceu durante aqueles últimos minutos de sua vida, assim como jamais saberemos com certeza o que Grande Pasang encontrou no alto do Gargalo da Garrafa.

Foi esse o ponto da história em que houve discordâncias mais pronunciadas, mas não foi o único. Ao recompor a tragédia, eu esperava uma

narrativa clara, mas me encontrei numa fragmentada história pós-moderna. Por exemplo, eu disse aos sérvios que na subida final para o cume seu carregador de altitude tinha retornado e que equipamentos importantes que ele estava carregando tinham ficado para trás, abaixo do acampamento 4. Retorquiram que isso era ridículo. A falta de equipamento para chegar ao cume era culpa de outra pessoa. Chhiring Dorje, o xerpa da expedição americana, me contou como ele havia pegado Wilco van Rooijen quando o holandês escorregou a caminho do Gargalo da Garrafa, e vários outros corroboraram essa versão dos acontecimentos; mas Van Rooijen reagiu com surpresa quando lhe perguntei sobre o incidente. Muitas pessoas a quem entrevistei afirmaram que as cordas tinham sido colocadas abaixo do Gargalo da Garrafa por influência da equipe coreana e que seus alpinistas tinham sido responsáveis pelo progresso extremamente lento pela Travessa. Mas, quando me encontrei com Go Mi-sun e Kim Jae-soo em uma pousada em Islamabad, afirmaram que as cordas tinham sido fixadas muito para a direita – isso não tinha nada a ver com a equipe coreana e tinha sido essa a causa do atraso. E a verdadeira razão para a descida tardia foi que alpinistas exaustos de outras expedições estavam usando suas cordas durante sua descida e retendo todos os outros lá em cima.

Houve muitos outros pontos de discordância – o que não é de surpreender, já que havia tantas personalidades fortes na montanha, com diferentes pontos de vista, e havia o detalhe da falta de oxigênio, que 6 mil metros acima do nível do mar pode pregar uma peça na memória.

Felizmente, as diferenças, na maioria dos casos, eram uma questão de graduação. A maioria das pessoas concordou sobre pontos significativos e uma história clara surgiu.

Dez meses após os acidentes, voei para o Paquistão, pretendendo viajar até o K2, ainda sem entender, após todas as minhas conversas, o motivo de as pessoas arriscarem a vida nessa montanha. O Talibã estava intensificando sua insurgência e o país parecia um tumulto. Escalar o K2 nesse período exigiria atravessar um país em guerra.

Numa noite quente, saí de Islamabad numa minivan Toyota branca, sentado ao lado de seis alpinistas que também estavam indo para as montanhas ao norte – no caso deles, Gasherbrum I e II, dois picos próximos ao K2. Seguimos pela estrada do Karakoram, ladeando o vale Swat, onde o exército paquistanês estava lançando sua ofensiva mais sangrenta. De Askole seguimos

para leste a pé, por seis dias, cercados pela solidão fria do glaciar de Baltoro até o acampamento-base do K2.

Na manhã gelada, com o coração batendo loucamente por causa da altitude e da exaustão, olhei 3 quilômetros acima no céu, tentando identificar o contorno cruel e recortado do serac. Meus sete carregadores, receosos das avalanches e cheios de superstições sobre o lugar, tagarelavam impacientemente à minha volta, ansiosos para deixar aquelas altitudes. Finalmente, na presença dessa montanha assombrosa, refleti sobre sua reputação de morte, sobre o grupo de pessoas que a tinham desafiado e sobre as perguntas que tinham enchido minha mente desde que escrevi a primeira história sobre o desastre para o *New York Times*.

O K2 era incrivelmente lindo – sua beleza excedia tudo o que eu tinha esperado. Ainda assim, as perguntas continuavam. Por que eles tinham vindo? Por que eu tinha vindo? Para mim, a história deles tinha uma força arquetípica, específica de seu tempo e lugar e das personalidades envolvidas, mas também fundamental e eterna.

Eles tinham saído de suas vidas confortáveis para se aventurarem em um lugar a que poucos de nós nos atrevemos a ir. Tinham confrontado sua mortalidade, de súbito e de perto. Alguns tinham até voltado ao K2 após ferimentos sérios anos antes, atraídos, como mariposas pela luz, por algum sentido mais profundo sobre si mesmos, sobre a experiência e a realização humanas.

Em troca, o K2 tinha exigido deles heroísmo, abnegação e responsabilidade. Também tinha exposto erros fatais e equívocos surpreendentes.

Pensei em Rolf Bae esperando abaixo do cume por sua esposa – agora esperando para sempre.

Pensei em Pasang Bhote, cumprindo seu dever ao lado de seus clientes e retornando à Travessa para encontrar Jumik Bhote e outros homens presos.

Alguns tinham escapado da provação, outros, perecido. Todos tiveram a vida profundamente marcada.

**Had I the heaven's embroidered cloths,/ Enwrought with golden and silver light,/ The blue and the dim and the dark cloths/ Of night and light and the half light,/ I would spread the cloths under your feet:/ But I, being poor, have only my dreams;/ I have spread my dreams under your feet;/ Tread softly because you tread on my dreams.

# AGRADECIMENTOS

Tenho uma enorme dívida de gratidão para com as muitas pessoas que graciosamente dedicaram muitas horas a me contarem sua história ou as histórias de seus entes queridos que faleceram.

Agradeço especialmente a Cecilie Skog, Annie Starkey, Mine Dumas e Raphaele Vernay.

Para discussões históricas sobre o Himalaia e descrições de escalada técnica, agradeço a Phil Powers, Kurt Diemberger, Agostino da Polenza, Maurice Isserman e Qudrat Ali, bem como aos seguintes livros: *Fallen Giants*, de Maurice Isserman e Stuart Weaver; *K2: The Story of the Savage Mountain*, de Jim Curran; *Going Higher*, de Charles S. Houston; *The Avalanche Handbook,* de David McClung e Peter Schaerer; e *Wilderness Mountaineering,* de Phil Powers. Esses livros dão uma boa introdução às montanhas e seus perigos.

Também gostaria de agradecer às seguintes pessoas: Halyna Freeland; Andrea Kannapell, que trabalhou comigo lado a lado na editoria internacional no *New York Times* no dia em que escrevi a primeira história e que é uma conselheira tão sensata; e Andrew Ensslen, que arriscou sua vida ao aventurar-se comigo no norte, além de Concórdia, e foi retirado das montanhas de helicóptero. Também estou em dívida para com meus excelentes editores, Jennifer Barth e Joel Rickett, e para com meu maravilhoso agente, Andrew Wylie.

Meus agradecimentos também a John Makinson, Mary Boies, David Boies, Bruce Nichols, Gillian Blake, Rick Gladstone, Greg Winter (pela melhor introdução), Susan Chira, David Gillen, Jim Roberts, Chris Conway, Mike Nizza, David Smith, Marc Charney, Dexter Filkins, Alberto Zerain, Patricia Prevost Zarate, John Elsen, Mick Sussman, Mark van de Walle, George Semler, Hannah Semler, Santiago Lyon, Rob Lerner, Kim Jae-soo, Go Mi-sun, David Hamilton, Peter Truell, Jerry del Missier, Rosa Shipley, Alan Cowell, Su-jin Chu, às famílias e aos amigos de Philippe Vernay e Hugues d'Aubarède, Hervé Perouse, Nick Rice, Roeland van Oss, Jelle Staleman, Lars Flato Nessa, Bjorn Sekkesaeter, Tom Sjogren, Alisa Dogramadzieva, Predrag Zagorac, Milivoj Erdeljan, George Martin, Chuck Boyd, Andy Selter, Virginia O'Leary, Judy Aull, Natalka Chomiak, Chrystia Chomiak, Anne Freeland, Justine Simon, Eric Meyer (por muitas coisas, especialmente pelas muitas horas que ele me

dedicou e por sua bondosa paciência), Fredrik Strang, Chris Klinke, Chhiring Dorje, Marco Confortola, John Fisher Burns, Wilco van Rooijen, Cas van de Gevel, Tilak Pokharel, Donatella Fioravanti, Enrico Dalla Rosa, Barbara Baraldi, Asghar Ali Porik, Sajjad Shah, Erika Koning, Alan Terry, Douglas Bowley, Audrey Hintzy, Nicolas Mugnier, Yan Giezendanner, Nazir Sabir, Dirk Grunert, Jacek Teler, Paulo Roxo, Daniela Teixeira, Michael Kodas, Maarten van Eck, Jon Yellen, Jack Reilly, Elisabeth Rosenthal, David Roberts, Mike Farris, Pat Falvey e Gary Landeck.

Igualmente, a Chris Warner da Earth Treks (que me ajudou a ter cuidado), Bruce Normand, Len Kannapell, Liz Alderman, Miguel Helft, Carol Bowley, Matt Ericson, Alexis Gelber, Bill Brink, Stuart Emmrich, Jawaid Iqbal, Anup Kaphle, Jerome O'Connell, Eelco Jansen, Paul Golob, Mike Oreskes, Paul Walters, Julian Curnuck, Karrar Haidri de Saltoro Summits, Chhiring Bhote, Tim O'Brien, Christian Trommsdorff, Yannick Graziani, capitão Shan-ul-Haq, Katarzyna Sklodowska, Pavel Wojas, Serge Civera, Alex Friedman, Salman Masood, Jane Perlez, Katherine Ensslen, Elettra Fiumi, Peter Chang, Choe Sang-hun, Joe Bowley, Jane Bowley, Anya Stiglitz, Tilak Pokharel, Jason Sack, Alan Arnette, Au Bon Pain na Port Authority Bus Station, em Nova York (pela mesa no canto), Natalka Freeland, David Goodhart, John Lloyd. E finalmente, mas não menos importantes, a meus maravilhosos filhos, Natalka, Halyna e Ivan Bowley.

# NOTAS

Durante as pesquisas para *Morte e Vida no K2*, apoiei-me fortemente em entrevistas com os alpinistas e suas famílias, amigos e colegas. A menos quando expresso em contrário, todas as seguintes entrevistas foram conduzidas pessoalmente.

Qudrat Ali, Skardu, Paquistão, em junho de 2009, e também por e-mail em abril e junho de 2009; Judy Aull, por telefone, em fevereiro de 2009; Alan Arnette, em julho de 2009; Barbara Baraldi, Roma, Milão, Valfurva, em novembro de 2008, e por telefone em janeiro, março e junho de 2009; Chhiring Bhote, entrevista pelo correspondente local, Tilak Pokharel, Katmandu, em janeiro de 2009; Chuck Boyd, por telefone, em dezembro de 2009; Serge Civera, por telefone, em abril de 2009; Marco Confortola, Roma, Milão, Valfurva, em dezembro de 2008, também por telefone em agosto de 2008, e pela apuradora Elettra Fiumi, em Nova York, via telefone, em dezembro de 2009; Agostino da Polenza, por e-mail, em dezembro de 2009; Kurt Diemberger, por telefone em dezembro de 2009; Chhiring Dorje, Nova York, em janeiro de 2010, e Katmandu, em janeiro de 2009, com o correspondente local Tilak Pokharel, e por telefone, em dezembro de 2008; Mine Dumas, Lyon, França, em janeiro de 2009; Milivoj Erdeljan, entrevista por e-mail em dezembro de 2008, e em Belgrado, Sérvia, pela repórter local Alisa Dogramadzieva; Mike Farris, em janeiro de 2010; Pat Falvey, Irlanda, em agosto de 2008, e por telefone, em julho de 2009; Donatella Fioravanti, por e-mail, em maio de 2009; Yan Giezendanner, Chamonix, França, em janeiro de 2009; Go Mi-sun, e em Seul, janeiro de 2009, pelo repórter local Peter Chang (Islamabad, em junho de 2009); Yannick Graziani, por telefone, em dezembro de 2009; Maurice Isserman, por telefone, abril de 2009; Kim Jae-soo, Seul, em 2008, pelo repórter local Peter Chang, e Islamabad, em junho de 2009; Chris Klinke, entrevistas por telefone, novembro de 2008, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2009; Michael Kodas, por telefone e e-mail, em outubro de 2009; Eric Meyer, Denver, Colorado, em dezembro de 2008, e por telefone e e-mail, dezembro de 2008, abril, outubro e dezembro de 2009, e janeiro de 2010; Nicolas Mugnier, Chamonix, França, em janeiro de 2009; Lars Flato Nessa, Stavanger, Noruega, em janeiro de 2009, e por telefone e e-mail, em outubro, novembro e dezembro de 2009 e em janeiro de 2010;

Bruce Normand, por e-mail, em janeiro de 2010; Jerome O'Connell, Kilcornan, Irlanda, em agosto de 2008; Virginia O'Leary, Nova York, em abril de 2009, e por telefone e e-mail em janeiro, julho e dezembro de 2009; Asghar Ali Porik, Islamabad, Paquistão, em junho de 2009; Phil Powers, Denver, Company, em dezembro de 2008, e por telefone e e-mail, em maio de 2009; Nick Rice, entrevistas por telefone, do acampamento-base do K2, em 5 de agosto de 2009, e por telefone em novembro de 2008 e janeiro de 2009; Nazir Sabir, entrevista por e-mail, em dezembro de 2009; Bjorn Sekkesæter, entrevista por e-mail, em dezembro de 2008 e dezembro de 2009; Andy Selter, por telefone, dezembro de 2009; Sajjad Shah, Islamabad, em junho de 2009; Cecilie Skog, Denver, Colorado, em dezembro de 2008; Jelle Staleman, por telefone, em dezembro de 2008; Annie Starkey, por e-mail, em outubro e novembro de 2009; Fredrik Strang, entrevistas por telefone, em dezembro de 2008, abril de 2009 e junho de 2009; Christian Trommsdorff, por telefone, em dezembro de 2009; Cas van de Gevel, Utrecht, Países Baixos, em janeiro de 2009 e por e-mail e telefone, dezembro de 2009; Maarten van Eck, Kilcornan, Irlanda, em agosto de 2008, e por telefone, dezembro de 2008; Roeland van Oss, Lyon, França, janeiro de 2009; Wilco van Rooijen, Voorst, Países Baixos, em janeiro de 2009, e por e-mail, dezembro de 2009; Philippe Vernay, Lyon, França, janeiro de 2009; Raphaele Vernay, Lyon, França, janeiro de 2009; Paul Walters, por e-mail, dezembro de 2009; Chris Warner, por telefone, fevereiro de 2010; Predrag Zagorac, por telefone, dezembro de 2008, e pessoalmente com a repórter/correspondente local Alisa Dogramadzieva, Belgrado, Sérvia; Alberto Zerain, Subillana-Gasteiz, perto de Bilbao, Espanha, em janeiro de 2009, e por e-mail, dezembro de 2009.

Talvez por motivos compreensíveis, dois dos alpinistas, Pemba Gyalje e Pasang Lama, não aceitaram ser entrevistados. Gerard McDonnell, amigo de Pemba, havia morrido e Pequeno Pasang tinha perdido amigos. Em consequência, algumas partes da história lhes atribuem menor peso do que eu gostaria, especialmente no caso de Gyalje, que foi uma figura central. Contudo, consegui ver evidências filmadas em um vídeo que Gyalje entregou em Islamabad em agosto de 2008 e que me foi fornecido por Annie Starkey.

## PRÓLOGO

A confusa partida do acampamento 4 nas primeiras horas do dia 1º de agosto me foi descrita por muitas pessoas, incluindo Eric Meyer, Nick Rice, Alberto Zerain e Chhiring Dorje. Esses momentos, e outras partes da história, foram registrados em diferentes graus por algumas das primeiras e excelentes abordagens dos acidentes de 2008 por parte de revistas. Estes primeiros relatos incluem: "A Few False Moves" [Alguns movimentos em falso], de Michael Kodas, *Outside Magazine* (setembro de 2008); "Perfect Chaos", de Freddie Wilkinson, *Rock and Ice* (dezembro de 2008); e "K2: The Killing Peak", de Matthew Power, *Men's Journal* (novembro de 2008).

A máscara de frio de Talus de Meyer aquecia e umidificava o ar que ele respirava, e isso é importante porque em altitudes elevadas o ar é especialmente frio e seco. O volume de ar respirado por minuto aumenta com a altitude, e isso também aumenta a secura das vias respiratórias do escalador – provocando a bem conhecida "tosse de Khumbu" dos alpinistas.

A descrição do estado das cordas é retirada de entrevistas com Wilco van Rooijen, Chris Klinke, Cecilie Skog e Lars Nessa, entre outros.

Meyer e Fredrik Strang forneceram detalhes sobre sua escalada ao Ombro e suas deliberações sobre se deveriam ou não retornar, que também foram registradas no filme de Fred Strang, *A Cry from the Top of the World* (Mastiff AB, Estocolmo, Suécia, 2010).

A descrição de seu retorno ao acampamento 4 baseia-se em entrevistas com Strang, Meyer e Rice.

O filme documentário *Desastre no K2*, exibido no Discovery Channel em março de 2009, fornece uma boa configuração da escalada e inclui tomadas das semanas em torno da última subida, assim como entrevistas com os alpinistas.

Os dados estatísticos das escaladas foram extraídos de adventurestats.com ou www.alpine-club.org.uk; explorersweb.com; 8000er.com, e do Himalayan Index.

## CAPÍTULO UM

Os detalhes da viagem ao Karakoram desde o lado paquistanês são de minha própria viagem ao K2 em junho de 2009. Para análises históricas do K2, baseei--me em: Jim Curran, *K2: The Story of the Savage Mountain* (Seattle: Mountaineers, 1995); e Maurice Isserman e Stewart Weaver, *Fallen Giants: A History of Himalayan Mountaineering from the Age of Empire to the Age of*

*Extremes* (New Haven, Conn.: Yale University Press, 2008). Outra resenha é fornecida pelo livro de Kenneth Mason, *Abode of Snow* (Nova York: Dutton, 1955).

Para mais detalhes sobre a expedição inicial do duque de Abruzzi, veja a obra de Mirella Tenderini e Michael Shandrick, *The Duke of the Abruzzi: An Explorer's Life* (Seattle: Mountaineers, 1997).

Para conhecer a tentativa bem-sucedida de chegar ao topo em 1954, o livro *K2, The Price of Conquest* (Seattle: Mountaineers, 2006), de Lino Lacedelli e Giovanni Cenacchi, fornece o relato de Lacedelli. David Roberts também oferece uma considerada avaliação dessa expedição em "K2: The Bitter Legacy", *National Geographic Adventure* (setembro de 2004); Ardito Desio faz um relato de sua escalada em *Victory Over K2* (Nova York: McGraw Hill, 1956); bem como Walter Bonatti em *The Mountains of My Life* (Nova York: The Modern Library, 2001).

Kurt Diemberger fornece uma maravilhosa resenha sobre a atração e os desafios do K2 em *The Endless Knot* (Seattle: Mountaineers, 1991).

*Sivalaya, Explorations of the 8000-meter Peaks of the Himalayas*, de Louis C. Baume (Seattle: Mountaineers, 1979), é um bom manual sobre as mais altas montanhas do mundo.

## CAPÍTULO DOIS

Os detalhes da escalada de Dren Mandic no Gargalo da Garrafa são de Predrag Zagorac. Sua vida e as semanas que passou na montanha baseiam-se em entrevistas com Zagorac, Milivoj Erdeljan, e nos relatos do blog da equipe. Os pensamentos e comentários de Zagorac orientam minha descrição sobre o ponto de vista de Dren. O relato da subida da equipe desde o acampamento-base é retirado de entrevistas com Zagorac e Qudrat Ali, e do relato da expedição sérvia: <http://www.vojvodineanexpedition.net/index.php/K2-2008./REPORT-OF-THE-EXPEDITION-SERBIA-K2-2008.php4>.

Detalhes das condições e dos acontecimentos no Gargalo da Garrafa foram fornecidos por Lars Nessa, Cecilie Skog, Zagorac, Wilco van Rooijen, Marco Confortola e Chhiring Dorje.

Há alguma controvérsia sobre se Mandic se levantou ou não antes de cair pela segunda vez.

## CAPÍTULO TRÊS

Eric Meyer, Nick Rice e Fred Strang descrevem a cena no acampamento 4 depois da morte de Mandic. Alguns desses momentos também são mostrados em *A Cry from the Top of the World.*

A subida de Strang, seu encontro com os sérvios e o confronto com Jahan Baig me foram relatados por Strang e Predrag Zagorac. Eric Meyer, Strang e Zagorac também forneceram um relato da morte de Baig. Novamente, houve alguma divergência nos relatos: Strang insistiu que Baig tinha um piolet, mas Meyer relatou que Baig não tinha nenhum para impedir sua queda. Nick Rice fez observações sobre um possível estado hipóxico de Baig no acampamento 4, bem como os motivos de seu comportamento no acampamento-base. Os antecedentes de Baig são fornecidos por Qudrat Ali, numa entrevista em Skardu e em várias trocas de e-mail. Os detalhes do retorno ao acampamento 4 baseiam-se em entrevistas com Strang, Meyer, Zagorac e Paul Walters.

O livro *Going Higher: Oxygen, Man and Mountains*, de Charles S. Houston, David E. Harris e Ellen J. Zeman, oferece um excelente resumo dos efeitos da grande altitude sobre o corpo.

## CAPÍTULO QUATRO

A história da tentativa de Fritz Wiessner em escalar o K2 é contada com brilhantismo nos livros a seguir mencionados: *K2: The Story of the Savage Mountain* e *Fallen Giants*. Ver também *K2: The 1939 Tragedy* (Seattle: Mountaineers, 1992), de Andrew J. Kauffman e William L. Putnam.

## CAPÍTULO CINCO

As condições no Gargalo da Garrafa e na Travessa no K2 parecem ter mudado algo com o passar do tempo. Algumas décadas antes que as equipes chegassem em 2008, a neve era tão pesada na Travessa que em alguns anos as expedições não precisavam de nenhuma corda fixa, apenas de seus piolets, e subiam ao topo e desciam sem linhas fixas, segundo Chris Warner, um experiente alpinista americano que chegou lá em cima em 2007.

A definição do que constitui a Travessa e o Gargalo da Garrafa também mudou. No começo da história da montanha, o "Gargalo da Garrafa" pode ter se referido apenas à passagem muito estreita no topo do desfiladeiro, mas em

2008 a maioria das pessoas o entendia como a trilha inteira que subia do Ombro até a Travessa. A Travessa propriamente dita é o curto, mas íngreme, cruzamento horizontal por baixo do serac. O nome, todavia, também é muitas vezes ampliado para incluir a diagonal ascendente, mas menos íngreme, que os alpinistas seguem em redor da orla do serac até o topo da geleira suspensa.

Há relatos divergentes sobre o tempo gasto na avaliação de se deveriam prosseguir até o topo. Marco Confortola, Lars Nessa e Wilco van Rooijen descreveram a frustração vivida pelos alpinistas que tiveram que aguardar na Travessa. O livro de Confortola, *Giorni di Ghiaccio* (Milão: Baldini Castoldi Dalai, 2008), transmite isso e também fornece um resumo de sua escalada. Como Michael Kodas destacou, o grupo decisor que lidera as expedições é frequente e regularmente citado como uma causa dos acidentes nas montanhas. Para perspectivas sobre a equipe sul-coreana, me apoiei em entrevistas com Go Mi-sun e Kim Jae-soo. É uma característica de muitas temporadas de montanhismo que algumas expedições cheguem tarde para usufruir os recursos colocados no lugar pelas expedições maiores. A espera pelos coreanos foi relatada, entre outros, por Lars Nessa, Van Rooijen e Alberto Zerain. A dinâmica da equipe norueguesa e detalhes da vida de Rolf foram retirados de entrevistas com Cecilie Skog, Bjorn Sekkesæter e Lars Nessa. Jelle Staleman, Chhiring Dorje e Lars Nessa contribuíram com a história do iaque. Lars Nessa e Marco Confortola forneceram pormenores sobre a condição de Hugues d'Aubarède; o blog de D'Aubarède, mantido por Raphaele Vernay, também serviu como um excelente recurso em relação à equipe de Hugues na montanha. Outras informações sobre Hugues vieram de Yan Giezendanner, Serge Civera e Nicolas Mugnier. Para descrições físicas da Travessa, estou grato a Nessa, Van Rooijen, Confortola, Phil Powers e a Chris Warner. Detalhes sobre a equipe holandesa foram providenciados por Cas van de Gevel, Roeland van Oss, Jelle Staleman, Maarten van Eck, Nick Rice e Van Rooijen. Perspectivas sobre sua dinâmica também foram obtidas dos blogs da empresa Norit e de Nick Rice, http://www.nickrice.us/index_files/k2dispatch.htm, que providenciaram uma boa exposição sobre as semanas no acampamento-base. Informações adicionais sobre a vida de Marco foram fornecidas por Donatella Fioravanti e Enrico Dalla Rosa.

As informações sobre Gerard McDonnell nesse ponto da escalada foram fornecidas por Lars Nessa e por Van Rooijen. Os detalhes sobre a vida anterior de McDonnell e a preparação para o K2 foram obtidos de entrevistas com Van

Rooijen, Annie Starkey, Pat Falvey, Jacek Teler, Alan Arnette, Chris Warner e Jerome O'Connell.

## CAPÍTULO SEIS

Detalhes sobre a subida de Alberto Zerain e sua experiência são retirados de uma entrevista em sua casa e de sua esposa, Patricia Prevost Zarate. A ordem dos alpinistas que ele passou em sua descida varia em outros relatos.

## CAPÍTULO SETE

A informação sobre a subida dos noruegueses ao topo foi providenciada por Cecilie Skog e Lars Nessa. O relato sobre a subida dos sul-coreanos ao topo foi obtida de uma entrevista com Go Mi-sun em Islamabad. Para a chegada da equipe holandesa, recorri a entrevistas com Wilco van Rooijen, Cas van de Gevel, Maarten van Eck e ao blog da Norit, e ao livro de Van Rooijen, *Overleven op de K2* (Países Baixos/Bélgica: National Geographic/Carrera, 2009). A chamada telefônica de Gerard McDonnell a partir do topo foi confirmada por Annie Starkey. As conversas de Hugues d'Aubarède no topo foram relatadas por Raphaele Vernay, Mine Dumas, Chhiring Dorje e a agência France Presse. Virginia O'Leary e Go Mi-sun forneceram motivos para a chamada de Jumik Bhote a partir do topo. Marco Confortola e Cas van de Gevel descreveram sua tomada de fotos derradeiras.

## CAPÍTULO OITO

Boas e detalhadas descrições de avalanches são fornecidas por David McClung e Peter Schaerer no livro *The Avalanche Handbook* (Seattle: Mountaineers, 2006); *Wilderness Mountaineering* (Mechaniscsburg, Filadélfia.: Stackpole Books, 1993), de Phil Powers, é um excelente relato dos perigos das montanhas. Os detalhes da descida dos noruegueses vêm de entrevistas com Cecilie Skog e Lars Nessa.

## CAPÍTULO NOVE

A expedição de 1953 é recontada no livro de Curran, *K2: The Story of the Savage Mountain*, no de Isserman e Weaver, *Fallen Giants*, assim como no de

Bernadette McDonald, *Brotherhood of the Rope: The Biography of Charles Houston* (Seattle: Mountaineers, 2007).

Veja o livro de Jim Curran, *K2: Triumph and Tragedy* (Nova York: Mariner Books, 1987) para a história completa da tragédia de 1986.

## CAPÍTULO DEZ

Eric Meyer e Fredrik Strang providenciaram o relato do tempo que passaram em sua tenda no acampamento 4; Chris Klinke forneceu pormenores de sua luz estroboscópica. Chhiring Dorje e Meyer forneceram informações sobre a descida de Dorje e sobre sua experiência. Chhiring Bhote ofereceu um relato de sua escalada do Ombro com Pasang Bhote; detalhes da vida de Chhiring Bhote foram obtidos de entrevistas com ele, assim como com Virginia O'Leary e Judy Aull. Os pormenores da escalada de Kim Jae-soo vieram de entrevistas com Kim e Chhiring Dorje e de relatos na imprensa sul-coreana.

## CAPÍTULO ONZE

A descida de Cas van de Gevel desde o topo e seu encontro com Hugues d'Aubarède na Travessa foram-me descritos por Van de Gevel. Estou em dívida a Raphaele Vernay pelo uso do blog como fonte. Nick Rice, que ficou com D'Aubarède por muitos dias no acampamento-base, e Serge Civera, que o visitou no acampamento-base, deram luzes sobre seu caráter e estado de espírito, assim como Mine Dumas. Qudrat Ali também ofereceu experiências e discernimento. Chris Warner descreveu a morte de Stefano Zavka. Van de Gevel descreveu seu avistamento da queda de Hugues. Sua descrição de seu encontro com os dois xerpas, ou carregadores, confirma o relato de Chhiring Bhote de sua descida até o Ombro com Pasang Bhote. A conversa telefônica entre Cas e Roeland van Oss foi relatada por ambos. Para detalhes sobre os efeitos da altitude elevada, consultei a obra *Climbing Higher*, de Charles Houston, e *The Altitude Experience: Successful Trekking and Climbing Above 8,000 Feet* (Guilford, Connecticut: Globe Pequot Press, 2008), de Mike Farris, assim como outros peritos médicos.

Detalhes do resgate de Go Mi-sun por Pasang Bhote e Chhiring Bhote foram relatados por Go e Chhiring Bhote.

## CAPÍTULO DOZE

A descrição de Jumik Bhote conduzindo a equipe coreana desde o topo foi obtida de entrevistas com Go Mi-sun e Chhiring Dorje. Marco Confortola descreveu o que é aparentemente o colapso do serac ou uma avalanche que apanhou Bhote e o restante dos alpinistas coreanos. Tanto Wilco van Rooijen como Confortola ofereceram descrições dos alpinistas coreanos e a provável sequência de eventos que levou a terem ficado presos nas cordas. Virginia O'Leary e Judy Aull providenciaram esclarecimentos da vida e do caráter de Jumik e sua relação com a equipe coreana. O blog de O'Leary foi outro maravilhoso recurso: <http://ginnynepal.blogspot.com>. No blog, ela descreveu a cerimônia puja para Jumik em Katmandu, na qual se baseou minha própria descrição.

## CAPÍTULO TREZE

Os detalhes do bivaque de Marco Confortola e Gerard McDonnell foram relatados por Confortola e Agostino da Polenza. Wilco van Rooijen providenciou o relato de seu encontro com os outros dois homens e sua decisão de permanecerem durante a noite acima do serac. Annie Starkey, Sajjad Shah (o administrador do acampamento-base da equipe Norit em 2008), Eric Meyer, Cecilie Skog, Wilco van Rooijen, Cas van de Gevel, Roeland van Oss e Jelle Staleman, todos ofereceram luzes sobre o tempo de McDonnell no K2, como seu breve blog.

## CAPÍTULO CATORZE

Os detalhes da descida de Wilco van Rooijen foram obtidos de minha entrevista com ele em Voorst, suas conversas com meu próprio apurador, Mark van de Walle, assim como de entrevistas que ele deu a canais privados e revistas na onda do desastre. Ele também descreve sua longa escalada em seu próprio livro. Maarten van Eck, Roeland van Oss e Chris Klinke forneceram descrições de suas chamadas telefônicas da montanha.

## CAPÍTULO QUINZE

A descrição da luta de Gerard McDonnell e Marco Confortola para salvarem os alpinistas coreanos encurralados e Jumik Bhote foi fornecida pelas

declarações oficiais de Confortola após o acidente, em seu livro e em diversas entrevistas que realizei com ele. Para a controvérsia em torno do relato de Confortola, por favor, veja o Epílogo.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

A cena no acampamento 4 na manhã de sábado, 2 de agosto, foi obtida de entrevistas com Eric Meyer, Fredrik Strang, Paul Walters, Lars Nessa, Cas van de Gevel, Chhiring Dorje, Chris Klinke e Roeland van Oss. Meyer também trouxe esclarecimento sobre a condição de Pemba Gyalje e sua conversa com ele. Diversos alpinistas, incluindo Walters e Dorje, lembram-se de ver a figura acima do serac. A decisão tomada pelos cinco alpinistas de descerem para o acampamento-base foi recontada por Meyer.

Cas van de Gevel relatou o retorno até o Ombro com Pemba Gyalje. O progresso de Chhiring Bhote e Pasang Bhote até o Ombro e ao Gargalo da Garrafa foi descrito por Chhiring Bhote e Chhiring Dorje. Pemba Gyalje ofereceu um relato de sua descoberta de Marco Confortola, o qual Annie Starkey confirmou com registros das chamadas por rádio; ela também ofereceu esclarecimento sobre o pensamento de Pemba no fundo do Gargalo da Garrafa. Para as descrições das avalanches, apoiei-me em testemunhos de Gyalje e entrevistas com Chhiring Bhote e Marco Confortola. O italiano detalhou o retorno ao acampamento 4.

## CAPÍTULO DEZESSETE

A cena no acampamento-base e a localização do alpinista com roupa cor de laranja na face sul da montanha foi obtida a partir de entrevistas com Chris Klinke, Roeland van Oss, Jelle Staleman e Maarten van Eck. As descidas dos diversos alpinistas vieram de Alberto Zerain, Nick Rice, Cecilie Skog, Lars Nessa, Mike Farris, Chuck Boyd e Andy Selter. Jerome O'Connell e Pat Falvey providenciaram informações sobre a vigília da família McDonnell na Irlanda. Eric Meyer descreveu sua queda acima do acampamento 1.

## CAPÍTULO DEZOITO

A descrição da tentativa adicional de Wilco van Rooijen para descer e do esforço da parte de Cas van de Gevel e Pemba Gyalje para o localizarem foi

baseada em entrevistas com Van Rooijen, Van de Gevel, Roeland van Oss, Chris Klinke, Jelle Staleman e Maarten van Eck. Chuck Boyd e Andy Selter também forneceram informações sobre o esforço de resgate no acampamento-base.

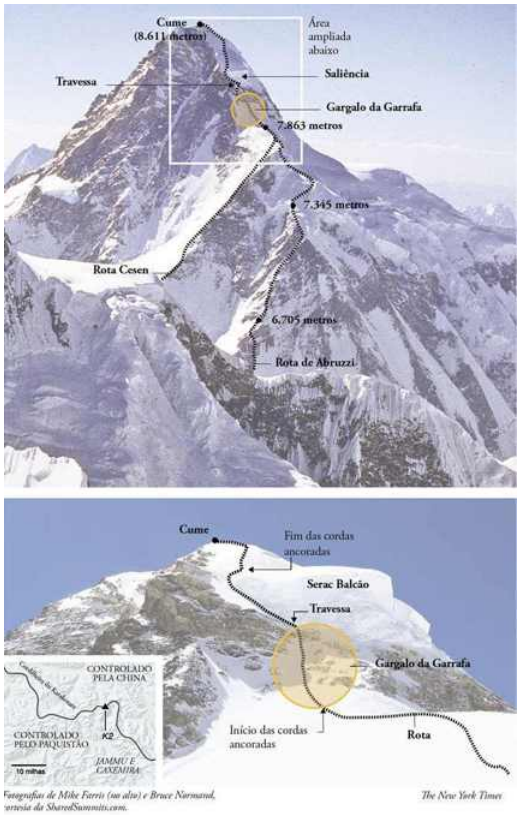
## CAPÍTULO DEZENOVE

O relato do resgate de Wilco van Rooijen foi feito pelo próprio e por Cas van de Gevel, Chris Klinke, Roeland van Oss e Maarten van Eck. Marco Confortola forneceu detalhes de sua descida. A descrição de Cecilie Skog no acampamento-base foi baseada em entrevistas com Skog, Lars Nessa, Chuck Boyd e Andy Selter. A descida de Van Rooijen, Van de Gevel e Pemba Gyalje foi descrita por Roeland van Oss, Jelle Staleman, Van Rooijen, Van de Gevel e Sajjad Shah.

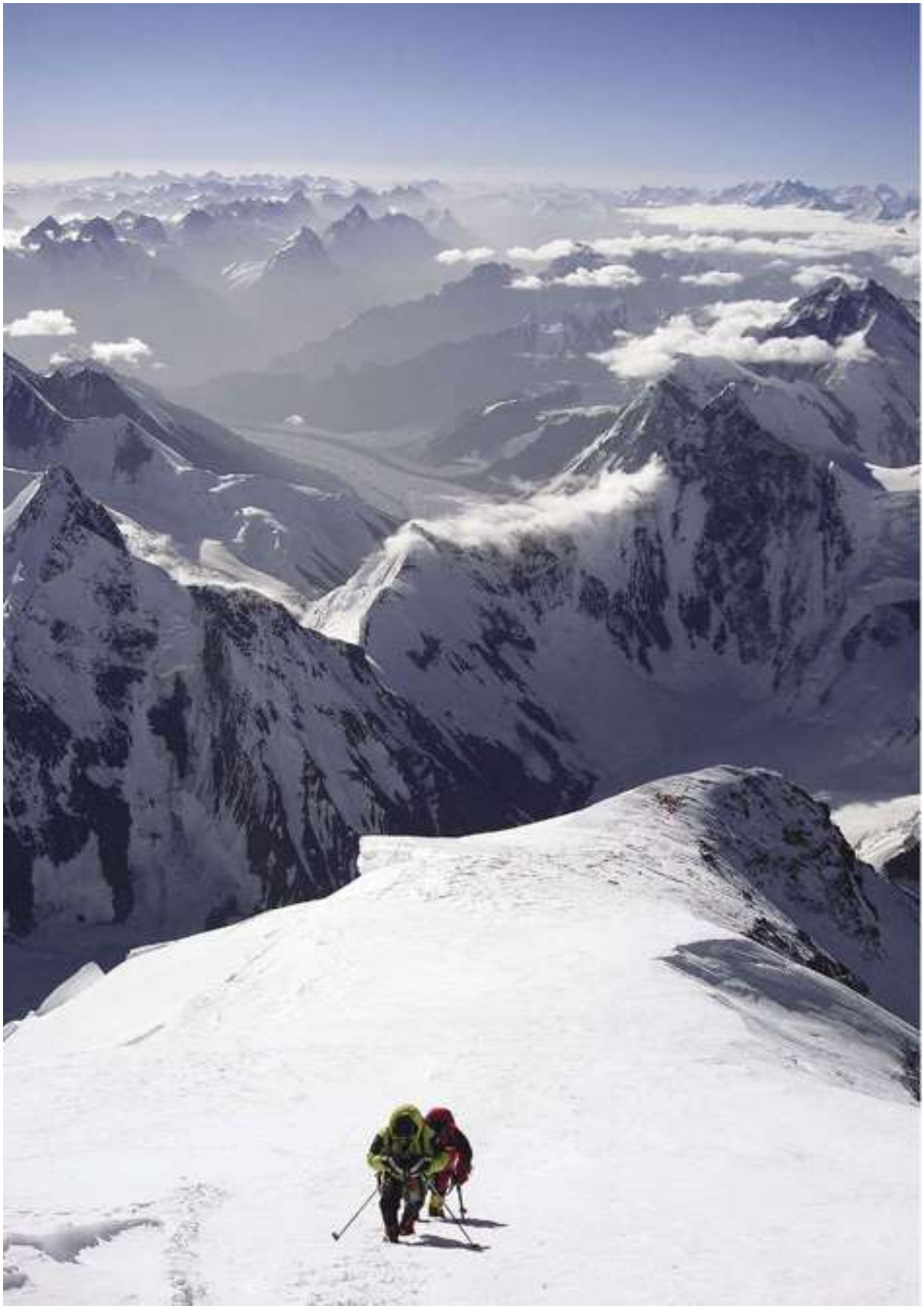
Os detalhes da cena na tenda médica foram obtidos de Eric Meyer, Chris Klinke, Lars Nessa, Wilco van Rooijen, Sajjad Shah, Fredrik Strang e do filme de Strang, *A Cry from the Top of the World*.

## CAPÍTULO VINTE

Para o relato das partidas dos alpinistas da montanha, apoiei-me no blog da equipe Norit e em entrevistas com Roeland van Oss, Wilco van Rooijen, Cas van de Gevel, Chris Klinke, Eric Meyer, Chuck Boyd e Andy Selter. Lars Nessa, Sajjad Shah e Chris Klinke descreveram as visitas ao Memorial de Gilkey. Para o relato da partida dos coreanos, apoiei-me em várias reportagens da imprensa coreana, assim como nas minhas próprias entrevistas com Eric Meyer, Lars Nessa, Chuck Boyd e Andy Selter. A descrição da viagem de helicóptero e do hospital militar em Skardu (onde Gerard McDonnell se recuperou em 2006, e Wilco van Rooijen, Cas van de Gevel e Marco Confortola foram tratados em 2008) foi baseada nas minhas experiências no Karakoram em 2009.




Os dois principais acessos ao cume do K2, as rotas de Abruzzi e Cesen, convergem no Ombro. Dali, os alpinistas devem percorrer o Gargalo da Garrafa e o Serac Balcão, um glaciar suspenso, antes de chegar ao topo. (*The New York Times* / *Michael Farris* / *Bruce Normand*)



Na manhã do dia 1º de agosto de 2008, dois montanhistas, Marco Confortola e Gerard McDonnell, escalam o Ombro rumo ao Gargalo da Garrafa. Ao fundo está o acampamento 4, o último antes do cume. Em poucas horas, a aglomeração de alpinistas no topo do Gargalo da Garrafa levaria à primeira morte. (*Lars Flato Nessa*)





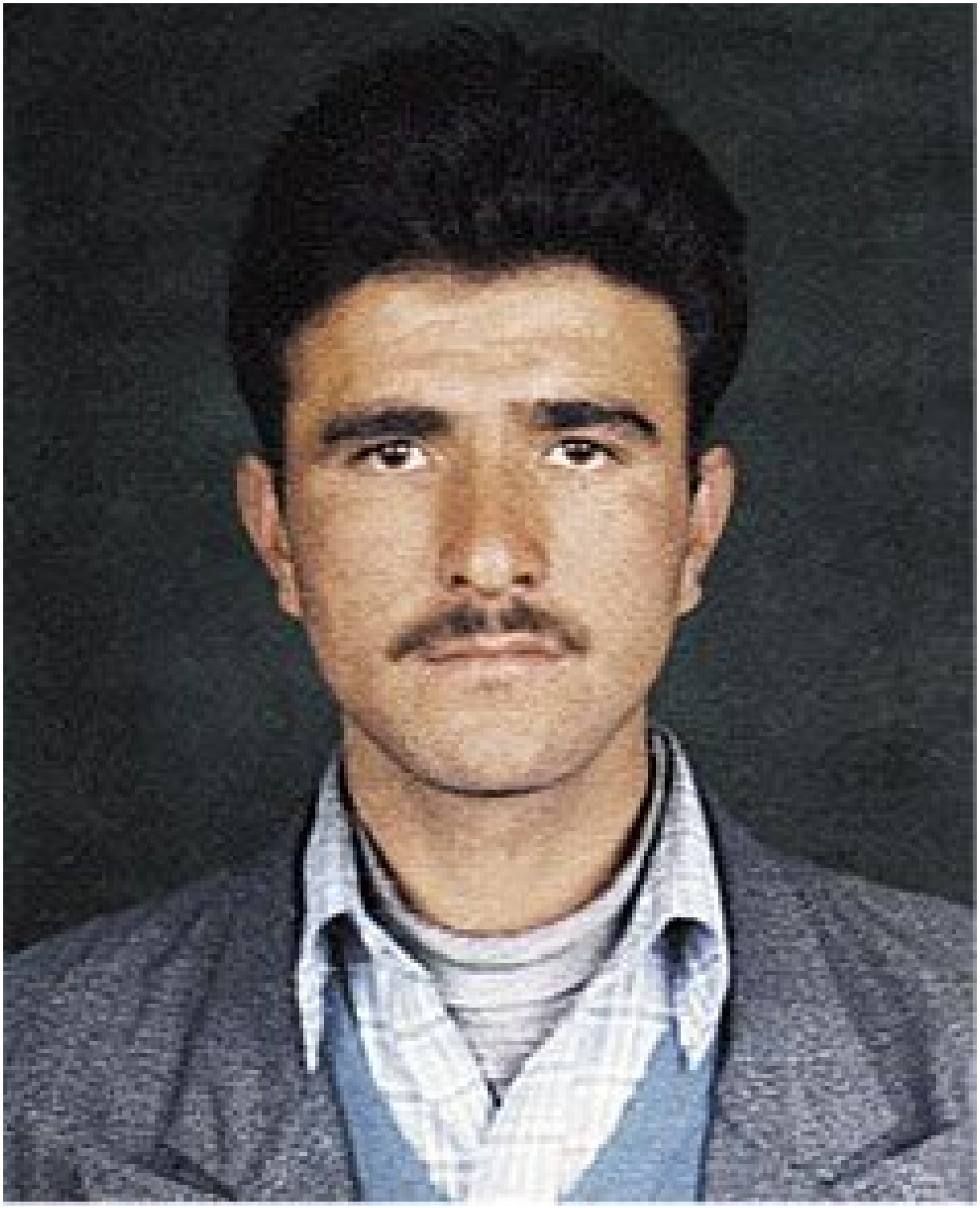
Alpinistas se agarram a cordas para subir o Gargalo da Garrafa, uma ravina íngreme e perigosa, e depois descansam antes de prosseguir em direção à Travessa. A aproximadamente 7.900 metros, as expedições entram na chamada Zona da Morte, onde o equilíbrio, a concentração, a visão e outras funções do corpo humano são rapidamente afetados sob os dolorosos efeitos da altitude. (*Lars Flato Nessa*)



O Gargalo da Garrafa e a íngreme face de gelo da Travessa conduzem os alpinistas por baixo do serac saliente, que brilha ameaçadoramente ao sol do meio-dia. Em anos anteriores, desmoronamentos do serac lançaram imensos blocos de gelo contra a Travessa e o Gargalo da Garrafa abaixo. Os alpinistas não gostavam de imaginar o que aconteceria se fossem pegos no caminho. (*Lars Flato Nessa*)



O alpinista sérvio Dren Mandic, que aparece à frente e à direita em uma das barracas-refeitório do acampamento-base em 2008. Do meio da multidão no topo do Gargalo da Garrafa, Mandic despencou para a morte na manhã de 1º de agosto. (*Predrag Zagorak*)



Jahan Baig, um carregador de grande altitude. Vindos de vilarejos do norte do Paquistão, além de carregadores, esses homens eram empregados por expedições estrangeiras como guias na montanha. Com frequência eram alternativas mais baratas aos xerpas nepaleses. (*Hasil Shah*)

Após as primeiras duas mortes, a fila de alpinistas continua pela subida diagonal sob o serac rumo aos campos de neve do cume. O montanhista basco Alberto Zerain, o primeiro a chegar ao cume e o único alpinista a descer ainda com luz do dia, é visível no alto à esquerda. (*Chris Klinke*)

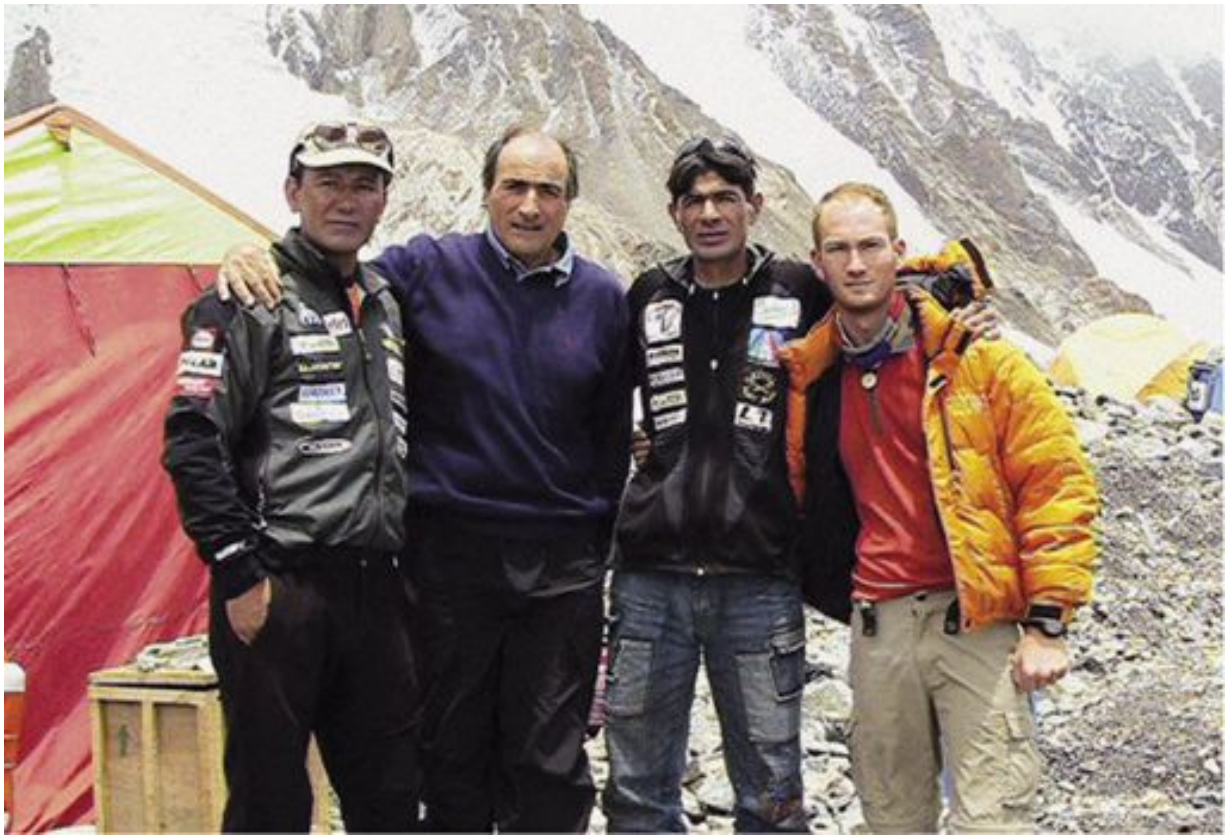


Dois alpinistas sul-coreanos se esforçam para escalar a última borda de gelo da rota sob o serac e sobem para o campo de neve do cume. Três membros da expedição sul-coreana e um de seus xerpas nepaleses morreriam durante a descida; outro xerpa perderia a vida tentando resgatá-los. (*Lars Flato Nessa*)



Alpinistas chegam ao cume do K2 no fim da tarde do dia 1o de agosto. Após 15 horas ou mais de escalada contínua, a descida é uma das partes mais perigosas de qualquer tentativa no K2 –

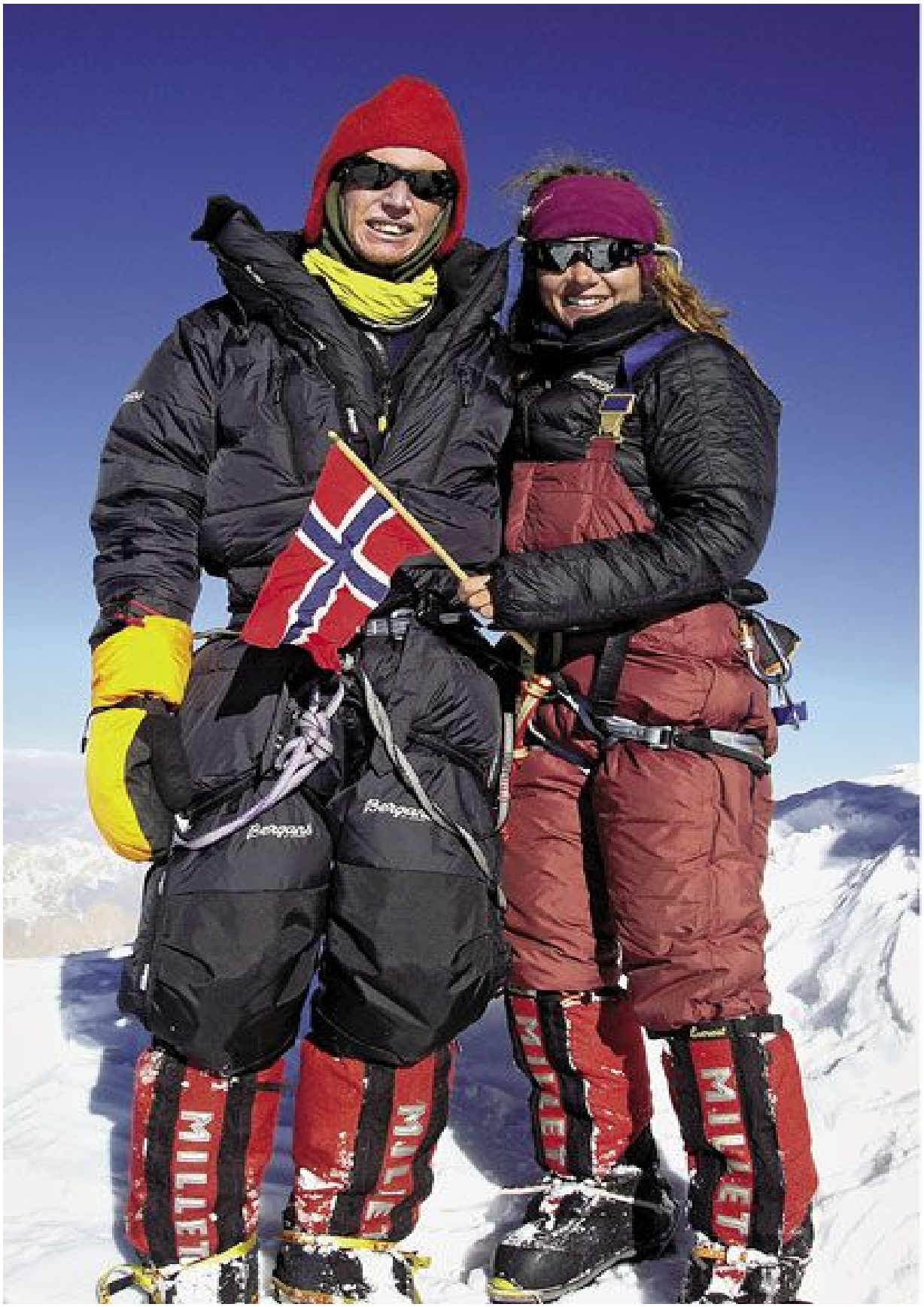
dos quase setenta homens e mulheres mortos no K2 ao longo de sua história anterior a 2008, mais de um terço morreu durante a descida, depois de ter chegado ao cume. (*Lars Flato Nessa*)



O francês Hugues d'Aubarède fotografado no acampamento-base do K2 com Qudrat Ali (à esquerda), o alpinista americano Nick Rice (direita) e Karim Meherban. A maioria dos alpinistas trabalha como membro de uma expedição maior. D'Aubarède foi ao K2 como alpinista independente, embora tivesse contratado três carregadores de grande altitude e unido forças com Rice no acampamento-base. (*Raphaele Vernay*)



Representantes de diferentes expedições posam para uma foto da equipe após um dos encontros de cooperação no acampamento-base. Wilco van Rooijen, o líder holandês, está ajoelhado na fileira da frente, o quarto da direita para a esquerda. O americano Eric Meyer está na fileira do meio, o terceiro da esquerda para a direita; Chhiring Dorje está à sua esquerda. Go Mi-sun está ajoelhada na fileira da frente, a terceira da esquerda para a direita. Rolf Bae, da Noruega, está de pé na fileira do fundo, na extremidade direita. Após o encontro, Bae comentou com Lars Nessa que ele tinha a sensação de que algo ia dar errado. (*Lars Flato Nessa*)


MILLET
MILLET
MILLET
MILLET

Cecilie Skog e seu colega de equipe, Lars Flato Nessa, posam juntos no cume do K2. Skog foi a primeira mulher a atingir o cume dos picos mais altos de todos os sete continentes e chegou aos polos Norte e Sul. (*Lars Flato Nessa*)



O alpinista basco Alberto Zerain olha para o serac ao alto. Ao descer do cume, Zerain passou pela fila de alpinistas que ainda subiam. Ele os advertiu de que a subida seria difícil. (*Alberto Zerain*)



Começo da noite do dia 1º de agosto: da esquerda para a direita, Hugues d'Aubarède, Karim Meherban, Gerard McDonnell e Wilco van Rooijen comemoram no cume. Apenas um dos quatro sobreviveria. (*Wilco van Rooijen*)



Aos 61 anos de idade, Hugues d'Aubarède foi a segunda pessoa mais velha a chegar ao cume do K2. Do topo da montanha ele ligou para casa, em Lyon. "Estamos com 20 graus negativos. Estou a 8.611 metros. Estou gelado, mas muito feliz." (*Raphaele Vernay*)



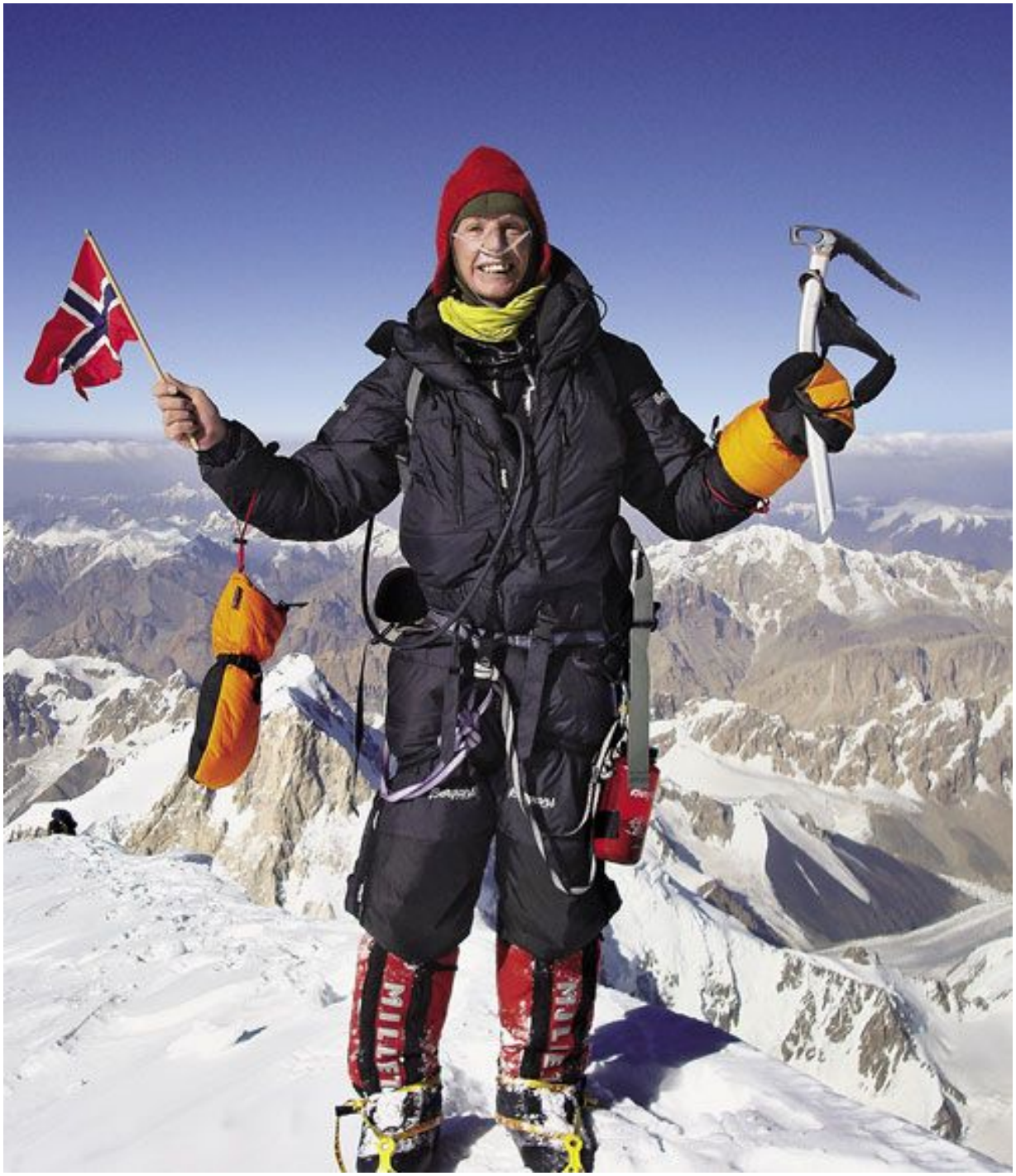

O alpinista italiano Marco Confortola. A Itália tinha uma longa relação com o K2: em 1954, dois alpinistas italianos foram os primeiros a chegar ao cume. (*Marco Confortola*)



No cume, Gerard McDonnell segura uma bandeira irlandesa no alto. Em 2006, durante uma escalada anterior no K2, ele foi atingido por uma queda de gelo e precisou ser resgatado da montanha pelo ar. (*Família de Gerard McDonnell*)



Cecilie Skog e Rolf Bae estavam casados havia pouco mais de um ano quando foram para o K2. Ao contrário de outros montanhistas, que deixam esposas ou companheiras para trás por meses a fio durante as expedições, o casal via as explorações e viagens como um modo de ficarem juntos. (*Cecilie Skog / cecilieskog.com*)




O alpinista norueguês Lars Nessa foi ao Karakoram por curiosidade de ver o K2, mas sem planos estabelecidos para chegar ao cume. No fim, conseguiu chegar ao topo da segunda maior montanha da terra. (*Lars Flato Nessa*)



Kim Jae-soo, líder da expedição sul-coreana Flying Jump. A equipe coreana, a maior na montanha, tinha 15 membros. (*Karrar Haidri / saltorosummits.com*)



Kim Jae-soo e a estrela do montanhismo Go Mi-sun. Go morreria um ano depois em Nanga Parbat, outra montanha no norte do Paquistão. (*Karrar Haidri / saltorosummits.com*)




Jumik Bhote, em foto tirada em Katmandu, tinha sido promovido recentemente a xerpa principal da equipe sul-coreana Flying Jump. Seu filho nasceria durante sua escalada ao K2. (*Virginia O'Leary*)



Jumik com o irmão, Chhiring. Ele e outros parentes de seu vilarejo no Nepal também trabalhavam como xerpas para a equipe sul-coreana. (*Virginia O'Leary*)



Membros de diferentes expedições no acampamento-base carregam Wilco van Rooijen numa maca até a pista de pouso do helicóptero no dia 4 de agosto. (*Chris Klinke*)




Oficiais do exército ajudam Marco Confortola a descer do helicóptero em Skardu, no norte do Paquistão. Com geladuras graves, todos os seus dedos dos pés seriam amputados mais tarde. (*The Associated Press*)



O montanhista holandês Cas van de Gevel aguarda a retirada do helicóptero do acampamento-base do K2. Na tentativa de ajudar a resgatar o amigo Wilco van Rooijen, ele passou a noite em um bivaque a 7.300 metros de altitude. (*Chris Klinke*)




O líder da equipe Norit holandesa, Wilco van Rooijen, sobreviveu a duas noites ao relento na montanha e ligou para a esposa nos Países Baixos para que ela o ajudasse a encontrar o caminho de descida. Ele perdeu quase todos os dedos dos pés em consequência de geladura. (*Wilco van Rooijen*)



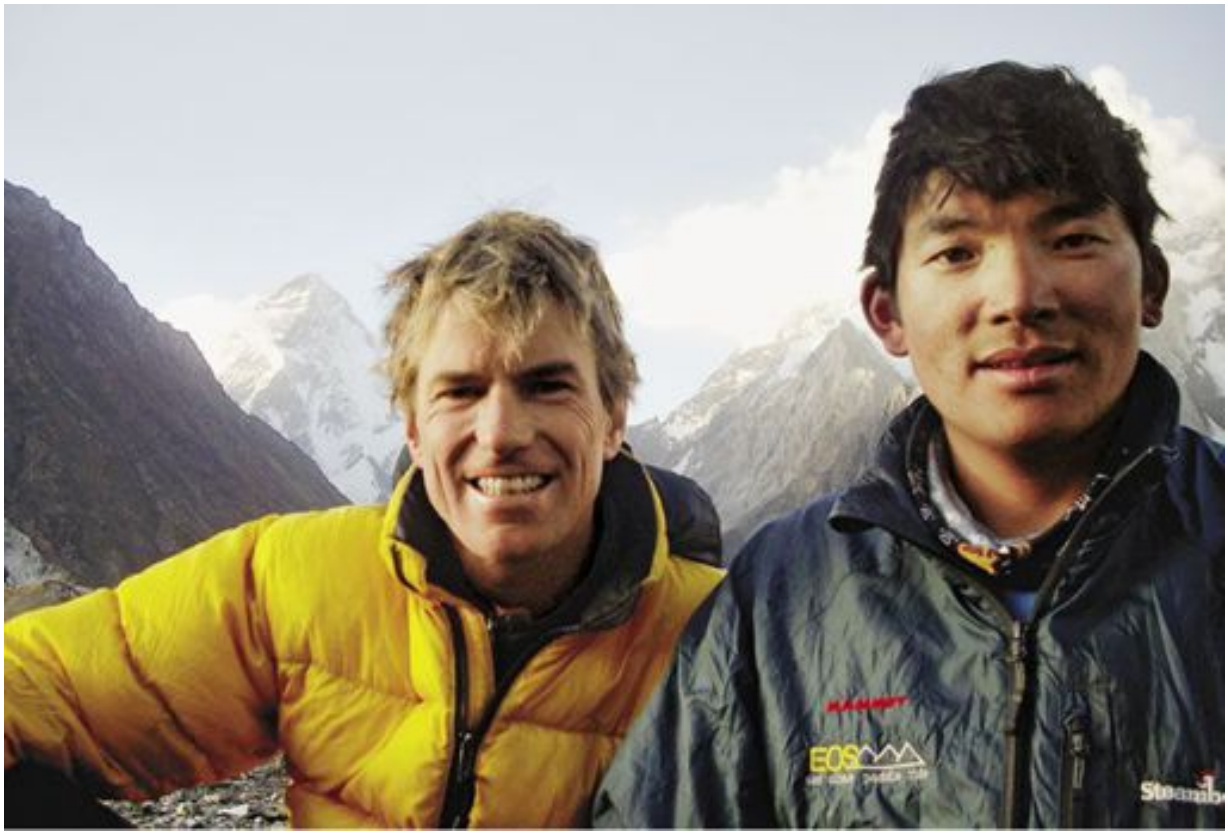

O xerpa Pemba Gyalje. Guia comercial de montanha originário do Nepal, tinha se juntado à equipe holandesa como alpinista independente. Ele queria se tornar um dos primeiros xerpas nepaleses a chegar ao cume do K2 sem o auxílio de oxigênio suplementar. (*Wilco van Rooijen*)



Do alto do cume, o sociável Gerard McDonnell ligou para a namorada no Alasca. Ele foi o primeiro irlandês a chegar ao topo do K2. (*Wilco van Rooijen*)



Fredrik Strang em Concórdia, a caminho do K2. O alpinista sueco retornou de sua subida ao cume quando percebeu a demora no Gargalo da Garrafa. Mais tarde, ajudou a trazer o corpo de Dren Mandic. (*Chris Klinke*)



O americano Eric Meyer posa com Chhiring Dorje, um xerpa do Nepal, membro da equipe americana. Meyer, um anestesista do Colorado, quase morreu quando sua corda se rompeu durante a descida. Dorje ajudou outro xerpa a descer do Gargalo da Garrafa na escuridão. (*Chris Klinke*)



Usando binóculo e telescópio, o alpinista americano Chris Klinke avistou Wilco van Rooijen vagando pela face sul do K2 na tarde do dia 2 de agosto, o que possibilitou seu resgate. (*Chris Klinke*)



Um close dos pratos de metal no Memorial de Gilkey, localizado algumas centenas de metros acima do acampamento-base do K2. O memorial foi batizado em homenagem ao alpinista americano Art Gilkey, que morreu na montanha durante uma expedição em 1953. A maioria dos alpinistas o visita, mas poucos imaginam que eles próprios acabarão imortalizados ali. (*Graham Bowley*)